

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

PATRÍCIA RAFAELA OTONI RIBEIRO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA FALA RURAL: UMA ANÁLISE DE
DOIS MUNICÍPIOS DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS**

JUIZ DE FORA

2017

PATRÍCIA RAFAELA OTONI RIBEIRO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA FALA RURAL: UMA ANÁLISE DE
DOIS MUNICÍPIOS DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

JUIZ DE FORA

2017

PATRÍCIA RAFAELA OTONI RIBEIRO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA FALA RURAL: UMA ANÁLISE DE DOIS
MUNICÍPIOS DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Submetida, em 31 de março de 2017, à seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Stella Maris Bortoni de Figueiredo Ricardo – Membro externo
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Silvia Vieira Rodrigues – Membro externo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Ana Cláudia Peters Salgado – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Sueli Maria Coelho – Suplente externo
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Joyce Elaine de Almeida Baronas – Suplente externo
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Fernanda Cunha Sousa – Suplente interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida – Suplente interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter iluminado cada passo em minha trajetória e possibilitado trilhar os caminhos da pesquisa sociolinguística.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, por ter acreditado nesta pesquisa, por confiar em meu potencial e por não me deixar desistir.

Agradeço à professora e amiga Lucia Furtado de Mendonça Cyranka, por ter sido a primeira pessoa disposta a ouvir minhas inquietações sobre a fala rural e me motivar à pesquisa.

Agradeço à professora Stella Maris Bortoni de Figueiredo Ricardo, que, tendo participado de minha banca de mestrado, colaborou para o meu crescimento acadêmico e indicou leituras pertinentes que alargaram a minha visão sobre a compreensão da variação linguística no espaço rural. Agora, mais uma vez, colabora com a minha pesquisa de doutorado.

Agradeço à professora Silvia Rodrigues Vieira por trazer suas contribuições sociolinguísticas à defesa.

Agradeço à professora Ana Cláudia Peters Salgado, que, desde o mestrado, aguçou em mim o espírito questionador sobre os aspectos ideológicos que perpassam a língua e me induziu a erguer uma bandeira política em defesa da fala rural. As contribuições na banca de qualificação desta tese foram de fundamental importância para o direcionamento das análises.

Também agradeço ao professor Fábio da Silva Fortes, cuja contribuição vem desde o primeiro contato com sua disciplina no Doutorado, com sua visão ampla e histórica sobre a relação língua e sociedade.

Agradeço às professoras que aceitaram ser suplentes externos e internos da banca de defesa, dedicando-se à leitura e análise de minha pesquisa: Sueli Maria Coelho (UFMG), Joyce Elaine de Almeida Baronas (UEL), Fernanda Cunha Sousa (UFJF) e Sandra Aparecida Faria de Almeida (UFJF).

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora e da Faculdade de Letras.

Agradeço aos companheiros de profissão das escolas estaduais, da Superintendência Regional de Educação em Barbacena (SRE), do Centro de

Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAED-UFJF) e da Universidade do Estado do Amazonas, que acompanharam os desafios desta pesquisa, ao tentar conciliá-lo com a vida profissional ao longo dos quatro anos.

Agradeço a toda a minha família que, mais do que nunca, me deu a força para superar todas as dificuldades. A minha mãe, Suely, por me oferecer todo o suporte para finalizar esta trajetória; ao meu pai, Geraldo, que nunca mediu esforços para incentivar meus estudos; aos meus irmãos, Natália e Higor, e à minha cunhada, Priscila, que, além de melhores amigos, me deram meus sobrinhos, Fellipe, Pedro e Daniel, razões de meu sorriso; ao meu avô, Antônio; e a todos os tios, tias e primos que souberam compreender os meus momentos de ausência. Não posso deixar de agradecer ao meu pai Jamir, que partiu enquanto esta tese estava sendo produzida, mas que teria orgulho de vê-la finalizada.

Agradeço às grandes amigas Carolina Oliveira, Camila Figueiredo, Carolina Paiva, Lívia Arcanjo, Simone Peron, Marianna Paixão, Helena Rivelli, Eriana Torquato, Lia Gonçalves e Inês Falcão, que torcem pelo meu sucesso e se cansaram de me ouvir falando em “tese”.

Agradeço a compreensão de Gabriel Amaral, que me apoiou em cada etapa da pesquisa e ouviu, durante quatro anos, meus desabafos e minhas empolgações com as constatações do estudo.

Por fim, agradeço a cada informante que colaborou para que fosse possível (re)descobrir a fala na zona rural nas duas localidades pesquisadas.

RESUMO

O presente estudo objetiva contribuir para a compreensão da variação linguística na fala da zona rural de duas localidades na microrregião de Juiz de Fora, a qual se localiza na Zona da Mata de Minas Gerais. Trata-se de uma investigação com o respaldo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001) e com contribuições dos estudos sobre Redes Sociais (MILROY, 1980, 1987, 2004; MILROY & MILROY, 1985; BORTONI- RICARDO, 1985, 2011) e Sociologia Rural (ABRAMOVAY, 2000; WANDERLEY, 1994, 1998, 2009). Partindo da hipótese de que as descrições existentes sobre o falar rural não dão conta da complexidade do delineamento sociolinguístico dos espaços rurais na atualidade, a pesquisa analisa dez fenômenos do falar rural elencados por Amaral (1920) e Castilho (2010) e contrasta-os aos dados obtidos através de 24 entrevistas sociolinguisticamente orientadas, com 12 informantes da zona rural do município Oliveira Fortes-MG e 12 informantes da zona rural do município Belmiro Braga-MG. Assim, foram observadas as variações em relação à: i) ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras; ii) perda da vogal átona inicial; iii) perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal; iv) perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais; v) troca de [l] por [r] em grupos consonantais; vi) iodização da palatal /ʎ/; vii) perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal; viii) perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa; ix) simplificação da concordância nominal; e x) simplificação da concordância verbal. Dentre os resultados, constata-se que as duas localidades apresentam variantes tipicamente rurais elencadas nos estudos anteriores, mas a discrepância nos percentuais das variantes conservadoras entre Belmiro Braga-MG e Oliveira Fortes-MG (46,3% e 75,5%, respectivamente) indica um *continuum* de ruralidade entre as zonas rurais, o qual pode ser mensurado por meio da frequência de traços graduais e descontínuos. Entre os moradores das zonas rurais, também há gradações de ruralidade. Verifica-se, ainda, que as variáveis sociais (intensidade, complexidade e distância em relação ao meio urbano; configuração das redes sociais; sentimento de pertencimento; grau de instrução; ocupação; estrato socioeconômico; sexo; idade; e acesso aos meios de comunicação) se correlacionam no delineamento da fala rural, em suas descontinuidades e gradações. Dessa forma, defende-se que o espaço rural é um território linguístico heterogêneo, no qual a investigação sociolinguística precisa ser fomentada para que a diversidade linguística presente nas zonas rurais brasileiras seja respeitada, valorizada, mas, antes de tudo, conhecida.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação Linguística. Fala Rural.

ABSTRACT

This work aims to contribute to the understanding of linguistic variation on rural speech from two places in the microregion of Juiz de Fora, which is located in Zona da Mata of Minas Gerais, in Brazil. This research has as theoretical and methodological support the Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001), contributions of studies on *Social Networks* (MILROY, 1980, 1987, 2004; MILROY & MILROY, 1985; BORTONI-RICARDO 1985, 2011) and Rural Sociology (ABRAMOVAY, 2000; WANDERLEY, 1994, 1998, 2009). Assuming the hypothesis that the existing descriptions on rural speaking do not realize the complexity of the nowadays rural areas sociolinguistic design, this research analyzes ten phenomena from rural speech listed by Amaral (1920) and Castillo (2010), and contrasts them with data obtained through 24 sociolinguistically oriented interviews, with 12 informants from the countryside of Oliveira Fortes -MG city, and 12 informants from the countryside from Belmiro Braga - MG city. Thus, variations were observed with respect to: i) diphthongation on tonic vowels followed by sibilant at the end of words; ii) loss of the unstressed initial vowel; iii) loss of the distinction between diphthongs and vowels in palatal context; iv) loss of nasality and monotongation on the final nasal diphthongs; v) exchange of [l] by [r] into consonant groups; vi) iodization on the palatal /ʎ/; vii) loss of the consonant [d] when preceded by nasal vowel; viii) loss of [l] in the third person personal pronoun; ix) simplification on nominal agreement; and x) simplification on verbal agreement. Between the results, it was found that the two locations present typically rural variants at higher percentages than urban variants listed in previous studies, but the discrepancy in the percentages of conservative variants between Belmiro Braga - MG and Oliveira Fortes - MG (46.3% and 75.5%, respectively) indicates a continuum of rurality between rural areas, which can be measured by the frequency of gradual and discontinuous features. Among the residents of rural areas, there are also rurality gradations. It is also verified that the social variables (intensity, complexity and distance from the urban environment, social networks configuration, sense of belonging, education, occupation, socioeconomic stratum, sex, age, and access to the media) are correlated on the rural speech design, in its discontinuities and gradations. Thus, it is argued that the countryside is a heterogeneous linguistic territory in which the sociolinguistic research must to be fomented so that the linguistic diversity present in Brazilian rural areas is respected and valued, but above all known.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic variation. Rural speech.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo contribuir para la comprensión de la variación lingüística en la habla de la zona rural de dos lugares de la microrregión de Juiz de Fora, que se ubica en la Zona da Mata de Minas Gerais. Se trata de una investigación con el respaldo teórico-metodológico de la Sociolingüística Variacionista (Labov, 1972, 1982, 1994, 2001) y las contribuciones de los estudios sobre Redes Sociales (Milroy, 1980, 1987, 2004; Milroy y Milroy, 1985; Bortoni - RICARDO 1985, 2011) y Sociología Rural (ABRAMOVAY, 2000; WANDERLEY, 1994, 1998, 2009). Partiendo de lo presupuesto que las descripciones existentes sobre el modo de hablar rural no dan cuenta de la complejidad del delineamiento sociolingüístico de las zonas rurales en la actualidad, la investigación analiza diez fenómenos del modo de hablar rural listado por Amaral (1920) y Castillo (2010) y contrastándolos a los datos obtenidos a través de 24 entrevistas orientadas sociolingüísticamente, con 12 informantes de la municipalidad rural de Oliveira Fortes -MG y 12 informantes del municipio rural Belmiro Braga, Minas Gerais. De este modo, se observaron los cambios en relación a: i) diptongación de las vocales tónicas seguidas de la sibilante en el final de las palabras; ii) la pérdida de la vocal átona inicial; iii) la pérdida de distinción entre los diptongos y vocales en el contexto palatal; iv) la pérdida de nasalidad y monoptongación de los diptongos nasales finales; v) el cambio de [l] por [r] en grupos de consonantes; vi) la yodación de la palatal / λ /; viii) la pérdida de la consonante [d] cuando está precedida por vocal nasal; viii) la pérdida de [l] en el pronombre personal de la tercera persona; ix) la simplificación de concordancia nominal; y x) la simplificación de concordancia verbal. Entre los resultados, parece que los dos sitios tienen variantes típicamente rurales que figuran en los estudios anteriores, pero la discrepancia en el porcentaje de variantes conservadoras de Belmiro Braga, MG y Oliveira Fortes-MG (46,3% y 75,5%, respectivamente) indica un *continuum* de ruralidad entre las zonas rurales, que pueden ser medidos por la frecuencia de trazos graduales y discontinuos. Entre los residentes de las zonas rurales, también hay grados de ruralidad. Verificase, además, que las variables sociales (intensidad, complejidad y distancia en relación al entorno urbano; la configuración de las redes sociales; el sentimiento de pertenencia; el grado de estudio; la ocupación; el estrato socioeconómico; el género; la edad, y el acceso a los medios de comunicación) se correlacionan con en el delineamiento de habla rural, en sus discontinuidades y gradaciones. De este modo, se argumenta que el campo (zona rural) es un territorio lingüístico heterogéneo en el que la investigación sociolingüística necesita ser estimulada para que se respete la diversidad lingüística presente en las zonas rurales de Brasil, valorada, pero, sobre todo, conocida.

Palabras clave: Sociolingüística. Variación Lingüística. Habla rural.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO I - O RURAL NO BRASIL: LÍNGUA E VALOR SOCIAL EM DISCUSSÃO	24
1.1. O valor social do falar rural no Brasil: as origens do estigma.....	25
1.2. Isolamento <i>versus</i> tendência à urbanização: o (não) lugar do falante da zona rural	39
1.3. Sociolinguística Rural: uma agenda para o estudo da variação.....	52
CAPÍTULO II - CARACTERÍSTICAS DO FALAR RURAL: ALGUMAS DEFINIÇÕES	57
2.1. O “dialeto caipira” e a variedade popular do PB.....	58
2.2. Estudos (socio)linguísticos em zonas rurais: construindo um mosaico.	64
CAPÍTULO III - CARACTERIZAÇÃO DAS LOCALIDADES E DOS INFORMANTES	72
3.1. Caracterização das localidades	73
3.1.1. Belmiro Braga	74
3.1.2. Oliveira Fortes.....	77
3.2. Informantes	79
3.2.1. Informantes em Belmiro Braga	84
3.2.2. Informantes em Oliveira Fortes.....	96
3.3. Elementos para análise.....	106
CAPÍTULO IV - DISTRIBUIÇÃO DOS FENÔMENOS INVESTIGADOS	108
4.1. Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	110
4.1.1 Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras em Belmiro Braga.....	115
4.1.2. Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras em Oliveira Fortes	117
4.2. Perda da vogal átona inicial	119
4.2.1. Perda da vogal átona inicial em Belmiro Braga	122
4.2.2. Perda da vogal átona inicial em Oliveira Fortes.....	124
4.3. Perda da distinção entre ditongos.....	126
4.3.1 Perda da distinção entre ditongos em Belmiro Braga.....	128

4.5.2 Perda da distinção entre ditongos em Oliveira Fortes	130
4.4. Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	132
4.4.1. Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais em Belmiro Braga	134
4.4.2. Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais em Oliveira Fortes.....	136
4.5. Troca de [l] por [r] em grupos consonantais	138
4.5.1 Troca de [l] por [r] em grupos consonantais em Belmiro Braga ..	140
4.5.2 Troca de [l] por [r] em grupos consonantais em Oliveira Fortes .	142
4.6. Iodização da palatal lateral /λ/	145
4.6.1. Iodização da palatal lateral /λ/ em Belmiro Braga	148
4.6.2. Iodização da palatal lateral /λ/ em Oliveira Fortes	151
4.7. Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal.....	155
4.7.1 Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal em Belmiro Braga	157
4.7.2 Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal em Oliveira Fortes.....	159
4.8. Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	161
4.8.1. Perda do [l] no pronome pessoal da terceira pessoa em Belmiro Braga	163
4.8.2. Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa em Oliveira Fortes.....	165
4.9. Simplificação da concordância nominal	167
4.9.1 Simplificação da concordância nominal em Belmiro Braga	170
4.9.2 Simplificação da concordância nominal em Oliveira Fortes	172
4.10. Simplificação da concordância verbal.....	174
4.10.1 Simplificação da concordância verbal em Belmiro Braga	177
4.10.2. Simplificação da concordância verbal em Oliveira Fortes.....	179
4.11. Conclusões	181
CAPÍTULO V - DELINEAMENTOS DA FALA RURAL: GRADAÇÕES DA RURALIDADE	185
5.1. Convergências e divergências na frequência das variantes nas localidades	186
5.2 A gradação da ruralidade entre os informantes	191

5.2.1. A gradação da ruralidade baseada nos dez fenômenos analisados.....	192
5.2.2. A gradação da ruralidade baseada nos traços descontínuos	195
5.3. Algumas definições	204
CONSIDERAÇÕES FINAIS	209
REFERÊNCIAS.....	211
APENDICE A.....	224

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Continuum</i> de urbanização (BORTONI-RICARDO, 2004)	36
Figura 2 - Caracterização das redes: alta densidade, estrutura multiplex de rede social.....	47
Figura 3 - Caracterização das redes: baixa densidade, estrutura uniplex de rede social.....	47
Figura 4 - Microrregião de Juiz de Fora – Zona da Mata Mineira.....	73
Figura 5 - Localização de Belmiro Braga em relação a Juiz de Fora	74
Figura 6 - Localização de Oliveira Fortes em relação à Juiz de Fora.....	78
Figura 7 - Distribuição da ditongação diante de /S/	113
Figura 8 - <i>Continuum</i> de ruralidade.....	184

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição das ocorrências de não ditongação diante de sibilante <i>versus</i> ditongação nas localidades	114
Gráfico 2 - Ocorrências de não ditongação diante de sibilante <i>versus</i> ditongação por informante – Belmiro Braga	116
Gráfico 3 - Ocorrências de não ditongação diante de sibilante <i>versus</i> ditongação por informante – Oliveira Fortes	119
Gráfico 4 - Distribuição das ocorrências de manutenção da vogal átona inicial <i>versus</i> perda da vogal átona inicial nas localidades	122
Gráfico 5 - Ocorrências de manutenção da vogal átona inicial <i>versus</i> perda da vogal átona inicial – Belmiro Braga.....	123
Gráfico 6 - Ocorrências de manutenção da vogal átona inicial <i>versus</i> perda da vogal átona inicial – Oliveira Fortes	125
Gráfico 7 - Distribuição das ocorrências de ditongo <i>versus</i> monotongação nas localidades.....	128
Gráfico 8 – Ocorrências de ditongo <i>versus</i> monotongação por informante – Belmiro Braga	129
Gráfico 9 – Ocorrências de ditongo <i>versus</i> monotongação por informante – Oliveira Fortes	131
Gráfico 10 - Distribuição da manutenção da nasalidade <i>versus</i> perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais nas localidades	134
Gráfico 11 – Ocorrências de manutenção da nasalidade <i>versus</i> perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais por informante – Belmiro Braga	136
Gráfico 12 – Ocorrências de manutenção da nasalidade <i>versus</i> perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais por informante – Oliveira Fortes	138
Gráfico 13 - Distribuição do rotacismo nas localidades.....	140
Gráfico 14 – Ocorrências de manutenção // <i>versus</i> rotacismo por informante – Belmiro Braga	141

Gráfico 15 - Ocorrências de manutenção /l/ <i>versus</i> rotacismo por informante – Oliveira Fortes	143
Gráfico 16 - Distribuição da palatal /ʎ/ <i>versus</i> iodização /y/ nas localidades analisadas.....	147
Gráfico 17 - Ocorrências da palatal /ʎ/ <i>versus</i> iodização /y/ por informante – Belmiro Braga	150
Gráfico 18 – Ocorrências da palatal /ʎ/ <i>versus</i> iodização /y/	153
Gráfico 19 - Distribuição das ocorrências de manutenção do [d] no gerúndio <i>versus</i> redução do [d] no gerúndio nas localidades	157
Gráfico 20 – Ocorrências de manutenção do [d] no gerúndio <i>versus</i> redução do [d] no gerúndio por informante – Belmiro Braga	158
Gráfico 21 – Ocorrências de manutenção do [d] no gerúndio <i>versus</i> redução do [d] no gerúndio por informante – Oliveira Fortes.....	161
Gráfico 22 - Ocorrências de manutenção do [l] <i>versus</i> perda do [l] da terceira pessoa nas localidades.....	162
Gráfico 23 - Ocorrências de manutenção do [l] <i>versus</i> perda do [l] da terceira pessoa – Belmiro Braga.....	164
Gráfico 24 - Ocorrências de manutenção do [l] <i>versus</i> perda do [l] da terceira pessoa – Oliveira Fortes	166
Gráfico 25 - Distribuição das ocorrências de presença (SN) <i>versus</i> ausência de número no sintagma nominal (SN) nas localidades.....	169
Gráfico 26 – Ocorrências de presença (SN) <i>versus</i> ausência de número no sintagma nominal (SN) por informante – Belmiro Braga.....	171
Gráfico 27 - Ocorrências de presença (SN) <i>versus</i> ausência de número no sintagma nominal (SN) por informante – Oliveira Fortes	173
Gráfico 28 - Distribuição de presença (SV) <i>versus</i> ausência de número no sintagma verbal (SV) por localidade	176
Gráfico 29 - Ocorrências de presença (SV) <i>versus</i> ausência de número no sintagma verbal (SV) por informante – Belmiro Braga.....	178
Gráfico 30 - Ocorrências de presença (SV) <i>versus</i> ausência de número no sintagma verbal (SV) por informante – Oliveira Fortes	181
Gráfico 31 - Percentuais das variantes conservadoras nas localidades	189
Gráfico 32 - Gradação de ruralidade em Belmiro Braga (percentual geral) ...	193
Gráfico 33 - Gradação de ruralidade em Oliveira Fortes (percentual geral) ...	194

Gráfico 34 - Gradação de ruralidade em Belmiro Braga (traços descontínuos)	
.....	196
Gráfico 35 - Gradação de ruralidade em Oliveira Fortes (traços descontínuos)	
.....	197
Gráfico 36 - Gradação da ruralidade – Traços descontínuos	202

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Critérios analíticos para os tipos de rede	48
Quadro 2 - Variáveis sociais dos informantes – Belmiro Braga.....	200
Quadro 3 - Variáveis sociais dos informantes – Oliveira Fortes.....	201

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Representação das diferentes etnias na população brasileira, por período - Brasil - 1538-1890 (MUSSA, 1991, p.163)	27
Tabela 2 - Distribuição rural/urbana da população brasileira (2001 – 2011)	39
Tabela 3 - Percentual de habitantes na zona rural por Unidades de Federação (2011)	40
Tabela 4 - Levantamento de pesquisas (sócio)linguísticas sobre o falar rural no Brasil.....	65
Tabela 5 - População residente na zona rural por faixa etária – Belmiro Braga (IBGE, 2010).....	75
Tabela 6 - População residente na zona rural por faixa etária – Oliveira Fortes (IBGE, 2010).....	78
Tabela 7 – Estratificação dos informantes	81
Tabela 8 - Distribuição das ocorrências de não ditongação diante de sibilante <i>versus</i> ditongação nas localidades	114
Tabela 9 - Itens com ditongação e não ditongação em Belmiro Braga	115
Tabela 10 - Ocorrências de não ditongação diante de sibilante <i>versus</i> ditongação por informante – Belmiro Braga	115
Tabela 11 - Ocorrências de não ditongação diante de sibilante <i>versus</i> ditongação por informante – Oliveira Fortes	118
Tabela 12 - Distribuição das ocorrências de manutenção da vogal átona inicial <i>versus</i> perda da vogal átona inicial nas localidades	121
Tabela 13 - Ocorrências de manutenção da vogal átona inicial <i>versus</i> perda da vogal átona inicial– Belmiro Braga.....	122
Tabela 14 - Ocorrências de manutenção da vogal átona inicial <i>versus</i> perda da vogal átona inicial – Oliveira Fortes	125
Tabela 15 - Distribuição das ocorrências de ditongo <i>versus</i> monotongação nas localidades.....	127
Tabela 16 - Ocorrências de ditongo <i>versus</i> monotongação por informante – Belmiro Braga	128

Tabela 17 - Ocorrências de ditongo <i>versus</i> monotongação por informante – Oliveira Fortes	131
Tabela 18 - Distribuição da manutenção da nasalidade <i>versus</i> perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais nas localidades	133
Tabela 19 - Ocorrências de manutenção da nasalidade <i>versus</i> perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais por informante – Belmiro Braga	135
Tabela 20 - Ocorrências de manutenção da nasalidade <i>versus</i> perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais por informante – Oliveira Fortes	137
Tabela 21 - Distribuição do rotacismo nas localidades	140
Tabela 22 - Ocorrências de manutenção /l/ <i>versus</i> rotacismo.....	141
Tabela 23 - Ocorrências de manutenção /l/ <i>versus</i> rotacismo por informante – Oliveira Fortes	143
Tabela 24 – Ocorrências da palatal /ʎ/ <i>versus</i> iodização /y/ nas localidades analisadas.....	147
Tabela 25 – Itens com iodização da palatal lateral /ʎ/ em Belmiro Braga	148
Tabela 26 - Ocorrências da palatal /ʎ/ <i>versus</i> iodização /y/ por informante – Belmiro Braga	149
Tabela 27 - Itens com iodização da palatal lateral /ʎ/ em Oliveira Fortes	151
Tabela 28 - Ocorrências da palatal /ʎ/ <i>versus</i> iodização /y/ por informante – Oliveira Fortes	152
Tabela 29 - Distribuição das ocorrências de manutenção do [d] no gerúndio <i>versus</i> redução do [d] no gerúndio nas localidades.....	156
Tabela 30 - Ocorrências de manutenção do [d] no gerúndio <i>versus</i> redução do [d] no gerúndio por informante – Belmiro Braga	157
Tabela 31 - Ocorrências de manutenção do [d] no gerúndio <i>versus</i> redução do [d] no gerúndio por informante – Oliveira Fortes.....	160
Tabela 32 - Ocorrências de manutenção do [l] <i>versus</i> perda do [l] da terceira pessoa nas localidades.....	162
Tabela 33 - Ocorrências de manutenção do [l] <i>versus</i> perda do [l] da terceira pessoa – Belmiro Braga.....	163
Tabela 34 - Ocorrências de manutenção do [l] <i>versus</i> perda do [l] da terceira pessoa – Oliveira Fortes	165

Tabela 35 - Ocorrências de presença (SN) <i>versus</i> ausência de concordância de número no sintagma nominal (SN) nas localidades.....	169
Tabela 36 – Ocorrências de presença (SN) <i>versus</i> ausência de concordância de número no sintagma nominal (SN) por informante – Belmiro Braga.....	170
Tabela 37 - Ocorrências de presença padrão (SN) <i>versus</i> ausência de número no sintagma nominal (SN) por informante – Oliveira Fortes	173
Tabela 38 - Ocorrências de presença (SV) <i>versus</i> ausência de número no sintagma verbal (SV) nas localidades.....	176
Tabela 39 - Ocorrências de presença padrão (SV) <i>versus</i> presença não padrão (SV) <i>versus</i> ausência de número no sintagma verbal (SV) por informante – Belmiro Braga	177
Tabela 40 - Ocorrências de presença padrão (SV) <i>versus</i> presença não padrão (SV) <i>versus</i> ausência de número no sintagma verbal (SV) por informante – Oliveira Fortes	180
Tabela 41 - Síntese da variação nas duas localidades, considerando os dez fenômenos analisados.....	183
Tabela 42 - Percentual das variantes conservadoras nas localidades.....	187
Tabela 43 – Percentual das variantes conservadoras por informante.....	192
Tabela 44 - Percentual de traços descontínuos/informante	195

INTRODUÇÃO

O processo histórico de formação do Brasil tem reflexos nítidos no seu delineamento linguístico, especialmente os que estão associados à distribuição da população brasileira pelos espaços rurais e urbanos. Como problematizado por Mattos e Silva (2001, 2004) e Lucchesi (1994, 1998, 2001, 2002, 2006, 2015), a história social do português brasileiro é marcada por uma “polarização sociolinguística”.

Até meados do século XX, o país era essencialmente rural e a língua utilizada pela maior parte da população era resultante dos contatos linguísticos no período de colonização, influenciada pelos escravos africanos, índios e estrangeiros e distinta do português europeu. Com o crescente processo de urbanização, escolarização e globalização, buscou-se uma padronização da língua portuguesa – uma norma culta e urbana – que era difundida no país.

Nesse movimento, a migração rural-urbana produziu uma “mistura” entre as duas variedades do português brasileiro (a de origem rural e a urbana), criando uma área *rurbana* (BORTONI-RICARDO, 2004), formada por migrantes de origem rural e também pelas comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semi-rurais, que estão submetidos à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária.

A identificação das áreas é possível por meio de uma análise contrastiva entre um extremo e outro, considerando as características prototípicas das variedades e/ou os traços “graduais” e “descontínuos” (BORTONI-RICARDO, 1989, 2004, 2005). No que se refere ao extremo rural, sua identificação tende a estar relacionada a usos estigmatizados, tais como: iodização ou despalatização (*muié, cuié*); rotacismo (*vortei, crareza*); alteração de [v] para [b] (*braba*); ausência de concordância nominal e verbal (*us homi vai*); entre outros usos descritos, principalmente, por Amadeu Amaral (1920) em sua obra sobre o Dialeto Caipira. Já o extremo urbano possui maior relação com a escrita e com a norma culta. A área *rurbana* ainda carece de definições, já que é um termo para uma área complexa, que pode ser subdividida em diversos níveis de ruralidade e urbanização.

Nessa direção, os critérios sócio-geográficos não são satisfatórios. A influência das “cidades” pode ser sentida em diversas comunidades rurais, as quais estão cada vez mais próximas da urbanização (ALMEIDA, 2005). Por outro lado, em muitas comunidades rurais não isoladas (geograficamente) e em zonas urbanas de pequenas localidades ou periferia dos grandes centros, encontram-se usos conservadores (BORTONI-RICARDO, 1985, 2011; GONÇALVES, 2007; SANTOS, 2010; RIBEIRO, 2013).

O critério de escolarização, por sua vez, ainda que se coloque como um elemento relevante para a diferenciação entre as variedades (MOLLICA & BRAGA, 2003; CASTILHO, 2010; LUCCHESI, 2015; entre outros), não é definitivo, pois a configuração das Redes Sociais (MILROY, 1980, 1987, 2004; MILROY & MILROY, 1985; BORTONI-RICARDO, 1985, 2011; ALMEIDA, 2005; RIBEIRO, 2013), em uma comunidade, pode ser mais influente do que a escolarização.

O cenário das variedades do português brasileiro é, portanto, complexo, especialmente quando se trata da ruralidade na área *rurbana*, ou seja, de comunidades localizadas em zonas rurais, mas próximas do meio urbano (não isoladas). No âmbito da Sociolinguística, observa-se um considerável número de estudos voltados para a variação linguística no espaço urbano, enquanto as pesquisas nas zonas rurais ocupam um lugar periférico, apesar de serem constatados avanços no que se refere à legitimidade da variedade desprestigiada. O maior número de contribuições sobre o falar da zona rural advém de forma indireta, isto é, por meio de estudos com viés sociolinguístico variacionista que adotam a variável “zoneamento” (zona urbana/zona rural) na investigação de algum município.

Qual é o delineamento sociolinguístico nas zonas rurais no contexto atual? Ou ainda, é possível fazer um delineamento? O sentimento que se tem é de que se conhece pouco sobre a fala dos moradores da zona rural na configuração do século XXI. Se os linguistas, em especial os sociolinguistas, já avançaram no que se refere ao reconhecimento da legitimidade das duas variantes do português brasileiro, ainda há predominância de uma visão conservadora acerca do falar rural em contraposição aos estudos da fala urbana. A maior parte dos estudos recentes se dá no sentido de recuperar o passado linguístico do país e/ou verificar se ele ainda permanece, sem contemplar as variações e as forças

para a mudança linguística dentro das comunidades de fala rural. Nessa direção, acredita-se que ainda há muito a ser explorado sobre a variação nesses espaços, de modo a expandir a descrição e evitar reducionismos.

Com o interesse de contribuir para a descrição e valorização da fala rural, o presente estudo visa a investigar a variação linguística na zona rural de dois municípios situados na microrregião de Juiz de Fora, na Zona da Mata Mineira. Busca-se, com o respaldo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001) e com contribuições dos estudos sobre Redes Sociais (MILROY, 1980, 1987, 2004; MILROY & MILROY, 1985; BORTONIRICARDO, 1985, 2011) e Sociologia Rural (ABRAMOVAY, 2000; WANDERLEY, 1994, 1998, 2009), identificar os aspectos variáveis na fala rural intra e entre as localidades e os fatores condicionadores das variações. Trata-se de um estudo descritivo-analítico específico em localidades rurais, com a proposta de uma agenda para a “Sociolinguística Rural” no Brasil, já que as pesquisas realizadas têm sido isoladas.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a variação linguística na fala da zona rural de duas localidades na microrregião de Juiz de Fora. Os objetivos específicos são: a) verificar como os fenômenos característicos da fala rural (AMARAL, 1920; CASTILHO, 2010) ocorrem nas duas localidades; b) identificar a distribuição das variantes dos fenômenos pesquisados em cada localidade; c) identificar a distribuição das variantes dos fenômenos pesquisados entre as duas localidades; d) discutir a distribuição de traços graduais e descontínuos no espaço rural; e e) fornecer informações para melhor compreensão do falar rural na região estudada e no país.

A seleção das localidades a serem investigadas considerou, primeiramente, a pesquisa já desenvolvida pela autora deste trabalho entre 2011 e 2012 em Oliveira Fortes-MG (RIBEIRO, 2013). A segunda localidade¹ foi selecionada com base na distribuição populacional dos 33 municípios que compõem a microrregião de Juiz de Fora-MG, sendo escolhido o município com maior percentual de população residente na zona rural: Belmiro Braga. Assim, as localidades contempladas nesta pesquisa são: Oliveira Fortes, com

¹ O intuito era realizar o estudo com cinco localidades, mas fez-se necessária a redução tendo em vista os recursos disponíveis (a pesquisa foi realizada com recursos próprios, sem auxílio de nenhuma agência de fomento) e o tempo hábil para sua realização.

população total de 2.123 habitantes, sendo 946 residentes na zona rural (44,5%); e Belmiro Braga, com população total de 3.403 habitantes, sendo 2.304 residentes na zona rural (67,7%).

Após a seleção das localidades, foi realizada uma pesquisa exploratória e foram definidos os critérios de estratificação para a seleção dos informantes. Considerando a experiência na coleta de dados em 2011 e 2012 (RIBEIRO, 2013), houve o cuidado de observar as especificidades do perfil dos moradores e foi definido o grupo de 12 informantes em cada localidade, os quais foram entrevistados por meio de um roteiro sociolinguisticamente orientado, apoiado pela ficha social e pela ficha de redes. Os dados foram submetidos a uma análise qualitativa, observando as ocorrências dos fenômenos variáveis e a distribuição por informante, de modo a delinear a variação linguística nas localidades investigadas.

A fim de cumprir seu objetivo, este trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: no Capítulo I, são tecidas considerações acerca do falar rural no Brasil, abordando aspectos históricos, ideológicos e sociológicos, de modo a evidenciar a necessidade de se ampliarem as pesquisas sociovariacionistas sobre esse falar; no Capítulo II, é realizada uma síntese descritiva dos estudos já realizados sobre o falar rural; no Capítulo III, são esclarecidos os procedimentos teórico-metodológicos para todas as etapas da pesquisa, bem como discutidas as características das localidades investigadas e dos informantes; no Capítulo IV, é realizada a análise sociovariacionista intra e entre as localidades pesquisadas; no Capítulo V, são discutidos os delineamentos da fala rural, pautando-se nas gradações da ruralidade. Ao final, são tecidas considerações acerca dos resultados da pesquisa.

CAPÍTULO I

O RURAL NO BRASIL: língua e valor social em discussão

Neste capítulo, discute-se a desvalorização do falar rural, tanto em seu aspecto social, relacionado à zona rural e a seus falantes, quanto em seu aspecto acadêmico, em função das poucas pesquisas linguísticas sobre esse espaço.

É importante ressaltar que, ao abordar a variação linguística na zona rural, é inevitável assumir uma postura político-ideológica e refletir sobre os aspectos da estrutura social que circundam a língua. Assim, é válido problematizar o valor social que o espaço rural possui dentro da sociedade brasileira e seus reflexos no comportamento linguístico dos falantes.

Labov (2008 [1972], p. 21) defende que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ocorre” e, assim, assume que “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”.

De igual modo, não se pode ignorar que “[...] todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua”, como afirma Marina Yagello na introdução do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Mikhail Bakhtin (1981, p.15)

Tendo isso em vista, a primeira seção deste capítulo aborda o problema da avaliação (*evaluation problem*) (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]) na variação e mudança linguística no Brasil, a partir de um resgate da história social do falar rural. A segunda seção questiona o lugar do falante morador da zona rural atual, evidenciando as lacunas existentes na compreensão da diversidade linguística nas diversas localidades do país. Por fim, a terceira seção traz uma proposição para os estudos sociolinguísticos, dentro de uma agenda para o estudo da variação nas zonas rurais, na qual o presente estudo já se respalda.

1.1. O valor social do falar rural no Brasil: as origens do estigma

O valor social ou o significado social de uma variedade linguística envolve um julgamento (uma avaliação) sobre os usos linguísticos e, normalmente, está associada ao *status* do falante. Essa avaliação que o falante faz dos usos linguísticos é um dos cinco problemas apontados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) para a Teoria da Variação e Mudança Linguística², tendo em vista o papel do indivíduo diante da mudança e diante da própria língua. Além disso, a relevância da avaliação aparece no próprio conceito de “comunidade de fala”, lócus de análise desta teoria, uma vez que

[...] A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso (LABOV, 1972, p. 120- 121)

Para Labov (2008 [1972]), uma variante, em geral, adquire prestígio quando associada a um falante com *status* superior ou, então, quando relacionada a situações de “prestígio encoberto”, isto é, como símbolo de identidade de um determinado grupo que não pertence à elite dominante.

As motivações para a atribuição do valor social à determinada variante não estão, necessariamente, associadas à consciência dos indivíduos, mas, de qualquer modo, “em toda comunidade existem falantes que têm mais consciência do que outros das formas prestigiosas de falar e cujo comportamento é mais influenciado pelos padrões externos de excelência” (LABOV, 2008 [1972], p. 251). A noção de prestígio linguístico, assim, é endossada pelo que afirma Gnerre (1984, p.4): “uma variedade linguística vale o que valem na sociedade os seus falantes”.

Partindo do entendimento de que a língua não é uma entidade abstrata – possuindo sua verdadeira substância na interação verbal (BAKHTIN, 2006, p. 125) – e de que, como defende Calvet (2002, p.12), “as línguas não existem

² Os cinco problemas são: i) o problema da restrição (*constraint problem*); ii) o problema da transição (*transition problem*); iii) o problema do encaixamento (*embedding problem*); iv) o problema da avaliação (*evaluation problem*); e v) o problema da implementação (*actuation problem*) (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968])

sem as pessoas que as falam”, a diferenciação social das variantes linguísticas nada mais é do que a diferenciação social dos falantes.

Na dependência dos falantes, a língua está sujeita às mesmas normas, atitudes e padrões sociais que regem a sociedade e se constitui como um bem simbólico. Para Bourdieu (1994 [1977]), a língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder, um bem simbólico.

A língua, como um bem, evidencia o seu potencial e é, também, identidade. Nesse processo, entram em cena dimensões de poder e prestígio; e, devido ao fato de a língua ser um fenômeno social e ter uma relação intrínseca com a estrutura social e os sistemas de valor de uma sociedade, as diferentes manifestações linguísticas são avaliadas de formas diferentes (TRUDGILL, 2000 [1974]).

Os julgamentos sobre a língua (e seus falantes), de acordo com Labov (1972, 2008), manifestam-se por meio de marcadores, indicadores e estereótipos. Os marcadores correlacionam-se às estratificações sociais e estilísticas e podem ser diagnosticados em testes subjetivos, embora o julgamento social seja inconsciente. Os indicadores também operam no nível abaixo da consciência e dizem respeito aos elementos linguísticos sobre os quais há pouca força de avaliação, podendo haver diferenciação social de uso desses elementos correlacionado à idade, à região ou ao grupo social, mas não quanto a motivações estilísticas. Já os estereótipos são formas socialmente marcadas e reconhecidas pelos falantes e podem ser estigmatizados socialmente, conduzindo à mudança linguística rápida e à extinção da forma estigmatizada. Essas “categorias” de avaliação das variantes linguísticas são importantes para se compreender por que determinados usos são mais “aceitos” do que outros.

Ao analisar a diversidade linguística do português falado no Brasil, observa-se que, no país, a diferenciação das variantes está fortemente atrelada ao *status* social do falante. A origem dessa avaliação perpassa o processo histórico-social de formação da sociedade brasileira e vem se perpetuando ao longo de mais de 500 anos.

Para Silva Neto,

[...] dos princípios da colonização até 1808, e daí por diante com intensidade cada vez maior, se notava a dualidade linguística entre a nata social, viveiro de brancos e mestiços que ascenderam, e a plebe, descendente dos índios, negros e mestiços da colônia (SILVA NETO, 1960, p.89).

Essa dualidade não era numericamente proporcional. Como elenca Castilho (2010, p.180), “entre 1538 e 1855, foram trazidos cerca de 18 milhões de escravos negros para o país, sujeitos a um contato mais intenso com a escassa população branca, em contraposição aos 6 milhões de indígenas”. A tabela a seguir, elaborada por Mussa (1991, p.163), traz o percentual das diferentes etnias brasileiras por período (1538- 1890).

Tabela 1 - Representação das diferentes etnias na população brasileira, por período - Brasil - 1538-1890 (MUSSA, 1991, p.163)

Etnias	1538-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
Africanos	20%	30%	20%	12%	2%
Negros brasileiros	-	20%	21%	19%	13%
Mulatos	-	10%	19%	34%	42%
Branco brasileiros	-	5%	10%	17%	24%
Branco Europeus	30%	25%	22%	14%	17%
Índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%

Embora a plebe fosse a população majoritária, o prestígio era da “nata social”. Sobre essa questão, Elia (1976, p.129-130) considera que:

[...] como portugueses, luso-descendentes, mestiços integrantes das classes dirigentes, eram portadores de uma cultura superior (porque já desenvolvera algum tipo de civilização), os elementos dessa cultura se foram impondo progressivamente e, entre eles, em posição proeminente, a língua.

A diferenciação cultural da plebe e da nata social, assim, era refletida na língua. Para Silva Neto (1986, p.115),

[...] na constituição do português brasileiro há desde o século XVI duas *derivas*: a) uma *deriva* bastante conservadora, que se desenvolve portanto muito lentamente e b) uma *deriva* a que condições sociais próprias imprimem velocidade inesperada. No primeiro caso temos o falar de uma população proveniente de vários pontos de Portugal que, posta em contato num meio tão

diverso, elaborou um denominador comum que não participava das mudanças operadas na metrópole e que, por isso mesmo, era muito conservador. No segundo, pelo contrário, temos o falar de grandes massas que tiveram de aprender a língua dos senhores de modo imperfeito e muito rapidamente.

O autor ainda afirma o seguinte:

[...] Por causa, precisamente, desta falta de prestígio é que a linguagem adulterada dos negros e índios não se impôs senão transitoriamente: todos os que puderam adquirir uma cultura escolar e que, por este motivo, possuíam o prestígio da literatura e da tradição, reagiram contra ela (SILVA NETO, 1986, p.115).

Não há dúvidas de que a língua que se formou no Brasil (o PB) difere do português europeu (PE). As hipóteses e as justificativas para essa diferença têm sido, como afirma Mattos e Silva (2004, p.122), "uma questão muito debatida, ainda não encerrada para alguns", que tem gerado "um debate já secular da criouliização prévia *versus* deriva natural" (op.cit, p.92). De qualquer sorte, cumpre explicitar que:

[...] a língua portuguesa, na sua variante brasileira, predominantemente nas variantes populares e vernáculos, mas não apenas nelas, deve as suas características inovadoras, em geral simplificadoras, em relação ao português europeu, tanto no plano sintático como fônico, à forma como foi aprendida pela massa populacional predominante ao longo do período colonial: como segunda língua; com modelos defectivos da língua-alvo; a do colonizador, mas não tão defectivos que propiciassem a formação de um crioulo estável e generalizado; na oralidade; sem o controle normativo da escolarização. A polarização sociolinguística marca o português brasileiro e, sem dúvida, reflete a nossa história passada e que se projeta no presente. A certa uniformidade constante na heterogeneidade variável de suas realizações [...] é herdeira da forma como foi aprendido o português do colonizador, língua politicamente hegemônica, pela massa dos africanos e afrodescendentes que majoritariamente se espalharam, na dinâmica do movimento migratório geográfico-social, pelo território brasileiro [...]. (MATTOS & SILVA, 2004, p. 107).

Nessa mesma direção, Bortoni-Ricardo (2011) defende que:

[...] pode-se afirmar, com razoável segurança, que o contato de vernáculos e o conseqüente surgimento de interlínguas entre os que aprendiam português como língua estrangeira influenciaram a língua portuguesa falada pela massa colonial. Longe do efeito

padronizador da cultura letrada, cultivada pelas instituições urbanas, agentes letradoras, a variedade linguística usada pelas populações rurais e interioranas era marcada pela radical redução na morfologia flexional e por um léxico de forte influência tupi. (BORTONI-RICARDO, 2011, p.30)

No decorrer dos anos, a distinção clara entre a variedade popular brasileira e o português de Portugal se chocava com o ideário de padronização linguística do colonizador. Em função do prestígio político de Portugal, o projeto padronizador da língua no Brasil foi, paulatinamente, sendo executado, com o argumento de unidade linguística, aproximando as normas de prestígio do português do Brasil às de Portugal. Tal postura contribuiu para reforçar a diferença como “erro” e a crença de que os brasileiros não sabiam português. Assim, a variedade fruto do contato linguístico se tornou subjugada pela variedade que mais se aproximava do português do colonizador.

O século XIX, então, foi o “divisor de águas” nesse contexto, uma vez que ocorreu uma rápida urbanização, e as elites rurais e as grandes famílias do campo migraram em busca dos prazeres da vida urbana, como destaca Elia (1976). A população do Rio de Janeiro aumentou de modo acelerado após a chegada do Príncipe Regente ao Rio de Janeiro e, juntamente com a população, cresceu o movimento intelectual. A cidade viveu o progresso, e o ambiente urbano oferecia, aos brasileiros, uma aproximação com a cultura lusitana, considerada, naquele tempo, superior à brasileira.

Como destaca Elia (1976, p.134),

[...] foi a língua dessa cultura superior que se tornou a língua nacional do Brasil, na sua variante denominada “cultura”. Essa variante culta foi um fenômeno de urbanização, pois nas cidades se centravam a elite do saber.

Naquele contexto, o ideário de uma língua nacional colocou em polos opostos a variedade culta (urbana) e a variedade falada pelo restante da população. A heterogeneidade existente nelas e entre elas foi ignorada em função da padronização desejada. Como expõe Faraco (2008, p. 174),

[...] A fixação de certo padrão responde a um projeto político que visa certa uniformidade onde a heterogeneidade é sentida como negativa (como “ameaçadora de certa ordem”). Foi esse o caso

do Brasil no século XIX, em que uma certa elite letrada, durante das variedades populares (em particular do que veio a chamar pejorativamente de 'pretoguês') e face a um jogo ideológico (em boa parte assentado em seu projeto de construir um país branco e europeizado) trabalhou pela fixação de uma norma-padrão.

A imposição que se buscava, nesse jogo ideológico, reflete o que Bourdieu (1994 [1977]) pondera:

Para que uma forma de linguagem se imponha entre outras (uma língua, no caso do bilinguismo, um uso da língua no caso de uma sociedade dividida em classes) como a única legítima, para que se exerça, em suma, o efeito de dominação reconhecida (isto é, desconhecida), é preciso que o mercado linguístico esteja unificado e que os diferentes dialetos de classe ou de região se comparem praticamente à língua legítima. A integração numa mesma "comunidade linguística" (dotada de instrumentos de coerção necessários para impor o reconhecimento universal da língua dominante: escola, gramáticos etc.) de grupos hierarquizados, animados por interesses diferentes, é a condição de instauração de relações de dominação linguística. (BOURDIEU, 1994 [1977], p. 32)

Sob a ótica elitizante, purista e dominante (ou melhor, dominadora), era necessário ensinar a língua portuguesa aos brasileiros. Entretanto, além do reduzido número de instituições de ensino na época e da exclusividade de oferta na área urbana, o público era formado pelos filhos da elite.

Para se ter uma dimensão da baixa oferta de ensino no final do século XIX, Valdemarin (2000) aponta que

[...] em 1877 os relatórios oficiais apontam que, de uma população livre de 6.858.594 habitantes, sabem ler e escrever apenas 1.563.078. O número de escolas primárias era 70% inferior ao minimamente desejável. O ensino secundário restringia-se a aulas avulsas, com exceção de poucos colégios, e de poucos cursos superiores que, mal aparelhados, atendiam a pequena parcela da população que buscava o título de bacharel, menos pela profissionalização e mais pela reafirmação dos privilégios por ele possibilitados. (VALDEMARIN, 2000, p. 62)

Diante disso, reforçou-se, ainda mais, a diferenciação linguística do país, já que, além da distinção social advinda desde os primeiros anos de colonização (nata social x plebe), passou-se a ter a diferenciação entre o "português culto" e

o “português popular”. Na cidade, encontrava-se a elite, a “nata social”, com poder econômico e com acesso aos bens culturais e à escolarização. No campo, por sua vez, o restante da população se encontrava distante da urbanização e de seus benefícios.

Esse foi o cenário encontrado no Brasil até meados do século XX, até que ocorressem o êxodo rural de forma intensa e a crescente globalização. No início do século XX, apenas 8% da população habitava as cidades; na década de 50, quase 40%; em 1980, aproximadamente 70%; e, no final do século XX, pouco mais de 80%.

Para Lucchesi (2001, p. 107),

[...] já há algumas décadas, **o Brasil é um país eminentemente urbano**, cujas grandes metrópoles exercem uma profunda e extensa influência sobre as demais regiões. Essa influência cultural e linguística passa pela enorme expansão da malha rodoviária, pelo vertiginoso desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e pela massificação do ensino básico, em que pese toda a precariedade do sistema de educação pública. Assim, configura-se a tendência da mudança do português popular em direção aos modelos da norma culta, que atingem e influenciam as camadas mais baixas da população através da televisão, do rádio ou pelo contato direto, ou mesmo através do precário sistema de ensino. (grifo nosso)

A tendência atual de compreender o Brasil como um país eminentemente urbano reforça a importância da urbanização e dos aspectos culturais a ela associados. O ideário de que a “civilização” estava nos centros urbanos originou-se no século XIX e permanece no século XXI – de forma ainda mais difundida pela mídia.

Entretanto, é preciso considerar que o delineamento rural *versus* urbano não se esgota na divisão temporal da mobilidade geográfica acelerada no século XX. Ainda hoje, encontram-se comunidades rurais que não se urbanizaram e que continuam no ritmo colonial, de tal modo que “a língua falada por grupos que habitam no meio rural é passada de geração para geração sem significativas alterações” (ISQUERDO, 1998, p.104).

Diante desse cenário, alguns estudiosos têm destacado a “polarização sociolinguística” (LUCCHESI, 1994, 1998, 2001, 2002; 2006; MATTOS & SILVA, 2004). Nessa direção, Lucchesi (2006, p.86) argumenta que

A identificação de distintos sistemas de avaliação social de variantes linguísticas e processos independentes de variação e mudança dentro do cenário linguístico brasileiro foi o fundamento da visão de uma realidade linguística brasileira polarizada, distinguindo, como unidades autônomas de análise, os padrões de comportamento linguístico dos segmentos funcionalmente escolarizados, que ocupam o topo da pirâmide social, frente às variedades linguísticas da grande maioria da população brasileira, alijada da educação e demais direitos sociais. Define-se, assim, uma oposição entre uma norma linguística culta e uma norma linguística popular, ou vernácula, no grande e complexo diassistema do português brasileiro.

A bipolarização proposta pelos autores abarca a *norma popular* e a *norma culta*: a primeira é fruto de um aprendizado de “oitiva” a partir do contato linguístico e conservada pela maior parte da população brasileira; e a segunda é influenciada pela educação escolar. No plano linguístico,

“[...] as diferenças que separam a norma culta da norma popular no Brasil não são de grande monta, não afetam aspectos centrais da estrutura gramatical, e, salvo em situações excepcionais, não comprometem o entendimento entre utentes de uma e outra. Mas **essas poucas diferenças são mais do que suficientes para que se erga uma barreira social cruel e implacável** [...]” (LUCCHESI, 2015, p.21, grifo nosso).

Castilho (2010), na Nova Gramática do Português Brasileiro, elenca as características de cada uma das normas, denominando-as como “português popular” e “português culto”³. Ao tratar da variação sociocultural existente no PB, o autor produz um quadro comparativo com as características linguísticas entre as duas variedades, abordando aspectos fonético-fonológicos, morfológicos e sintáticos – que serão explorados no Capítulo II.

Ao explicar as características elencadas, Castilho (2010) destaca que não há uma oposição categórica entre a fala popular e a fala culta, já que, embora a fala culta possa excluir, em certos casos, fortemente a preferência popular, em situações informais, pode haver essa aproximação. Outro ponto ressaltado pelo pesquisador é que “as variedades populares flutuam de acordo com a região

³ Os termos “português popular”, “variedade popular” e/ou “norma popular” costumam ser empregados para se referir ao que não é a variedade culta, abrangendo, assim, tanto a zona rural quanto as periferias.

geográfica, mas a fala culta é um pouco mais homogênea, sobretudo em sua forma escrita” (CASTILHO, 2010, p.209).

Castilho (2010, p. 209) argumenta, ainda, que

Várias razões justificam a importância de comparar essas duas variedades:

1) **Tendo a escola a obrigação de ensinar o português culto, e levando em conta o ingresso nela de muitos alunos que praticam a variedade popular**, é evidente que os professores têm de conhecer bem ambas as variedades para desenvolver estratégias de, respeitando a popular, expor os alunos à variedade culta. Ou seja, é preciso que professores e alunos conheçam bem ambas as variedades para escolher com adequação aquela que melhor corresponda à situação de fala: em casa, adota-se a norma familiar, qualquer que seja ela; falando com estranhos, adota-se o português padrão. É nessa espécie de “bilinguismo interno”, manejado com naturalidade em sociedades desenvolvidas, que se assenta uma percepção democrática de uso da língua materna.

2) Do ponto de vista diacrônico, viu-se que é a variedade popular que pode dar origem a outras línguas. Sabemos que o português veio do latim vulgar, não do latim culto. Foi preciso aguardar a escolarização da sociedade e a criação de instituições de cultura elaborada para que criasse espaço para a **variedade de prestígio, que é sempre a variedade culta**. Com isso, pode ser que a língua brasileira se desenvolva a partir do PB popular atual.

3) Por outro lado, **a urbanização crescente do país pôs em contato as variedades popular e culta do PB, até então presas em seus nichos: o PB popular da zona rural, o PB culto das cidades**. Presentemente, contatos entre as duas variedades mostram um forte embate entre elas. Esse embate deve estar plasmado no PB do futuro, além do já mencionado policentrismo cultural e político do país. Nenhum deles fala “melhor” ou “pior” do que os outros. (grifo nosso).

As razões expostas, como se pode observar, são de naturezas variadas e, em certa medida, merecem ser questionadas e problematizadas – conforme será feito ao longo deste trabalho. Ainda assim, é importante ressaltar, aqui, os elementos que se encontram negritados, ou seja, i) o papel da escola em ensinar a norma culta para os falantes da norma popular; ii) a afirmação categórica de que a norma de prestígio é sempre a norma culta; e iii) a urbanização como responsável pelo contato/conflito entre as normas popular (rural) e a norma culta (urbana). Todos esses elementos estão associados a uma mesma origem. Escolarização, urbanização e prestígio fazem parte do significado da norma culta na sociedade brasileira, o qual também agrega distinção étnico-demográfica e

distribuição de renda – todos inter-relacionados –, evidenciando a realidade multifacetada da polarização sociolinguística.

Apesar de se reconhecerem essas distinções claras entre as duas normas, a dicotomização categórica já pode ser relativizada, especialmente em função da diminuição das fronteiras sociais e geográficas entre rural/urbano. Na releitura dos “extremos”, já se encontram, na literatura brasileira, novos critérios de divisão.

Sobre isso, Lobo e Oliveira (2003, p.69) apontam que há, nos estudos da história social do PB,

[...] o ponto de vista que reconhece [o português brasileiro] como uma realidade heterogênea, para a qual, sempre dentro do enfoque sociolinguístico, se distinguem caracterizações que ou o concebem como um diassistema constituído por dois subsistemas, também eles heterogêneos, designados de normas vernáculas e de normas cultas, ou o interpretam como um diassistema constituído por três subsistemas, grosso modo correspondentes a uma variedade rural inculta, uma variedade urbana inculta e uma variedade urbana culta.

O “alargamento” da categorização para “uma variedade rural inculta, uma variedade urbana inculta e uma variedade urbana culta” já reflete os avanços na pesquisa sociolinguística no PB, embora o termo “inculta” sugestione ausência de cultura.

Bortoni-Ricardo (2004, 2005), por sua vez, propõe que a variedade do PB seja analisada a partir de um *continuum* de urbanização⁴. O argumento da pesquisadora parte da crítica às classificações dos estudos dialetológicos no Brasil nas primeiras décadas do século XX, com as denominações de português culto, português popular. De acordo com a autora:

[...] Essas classificações padeciam de dois problemas: não se reconheciam as características comuns às diversas variedades e misturavam-se critérios analíticos, não se fazendo uma distinção entre variedades regionais, socioletais ou até mesmo funcionais [...]. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.39)

Em virtude disso, Bortoni-Ricardo (2005) propõe uma análise a partir de:

⁴ A autora propõe três *continua*, mas, no presente estudo, o foco se concentra no *continuum* de urbanização.

[...] um *continuum* de urbanização, que se estende desde as variedades rurais geograficamente isoladas, conhecidas genericamente como “dialeto caipira” (Amaral, 1976), até a variedade urbana culta, que no processo de formação histórica passou por em estrita padronização de Portugal e, posteriormente, no Brasil, podendo-se situar um falante em qualquer posição ao longo deste *continuum* [...]. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 40)

Assim, em um dos extremos, situam-se as variedades rurais geograficamente isoladas e, em outro extremo, a variedade urbana culta. No espaço entre eles, está a área rurbana⁵, na qual os grupos são formados pelos

[...] migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semi-rurais, que estão submetidos à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária [...]. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.52)

Para a autora, o critério de estratificação social acaba se sobrepondo, parcialmente, ao critério de antecedente rural ou urbano na explicação da variação linguística na área rurbana, ou seja, “a distribuição das variáveis linguísticas explica-se tanto com base nas classes sociais, quanto com base na origem rural/urbana” (BORTONI-RICARDO, 2011, p.21) e seriam “itens de diagnóstico social”, uma vez que se atribui significado social às variantes.

A posição de um falante nesse *continuum* de urbanização está relacionada, conforme defende a autora, à existência de dois tipos de regras variáveis estratificadas, a qual denomina como “traços graduais” e “traços descontínuos”. Os termos são baseados em Wolfram e Fasold (1974), os quais adotaram *sharp* e *gradient*, de forma semelhante a Labov (1966), que utilizou *sharp* e *fine*.

Os traços graduais são aqueles que estão presentes no repertório da maioria dos brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidade que conferem à própria fala. Em outros termos, são as variantes com menor saliência fônica e que não sofrem estigma social. Já os traços descontínuos são

⁵ A autora usa o termo “rurbana”, valendo-se da terminologia da antropologia social (cf. BORTONI-RICARDO, 2005, p.44)

característicos das variedades regionais e sociais mais isoladas e recebem maior grau de estigma na sociedade urbana.

A representação do *continuum* de urbanização, portanto, é a seguinte:

Figura 1 - *Continuum* de urbanização (BORTONI-RICARDO, 2004)

.....
 variedades rurais isoladas área urbana variedade urbana culta

Como defende a autora, trata-se de um modelo funcional que auxilia na compreensão da diversidade linguística brasileira. Considera-se o modelo (e também os outros dois *continua* propostos⁶) bastante pertinente para se analisar a variação a partir da ótica da migração rural-urbana e do ensino de língua materna nas escolas, cujos alunos possuem antecedentes rurais e/ou pertencem a classes sociais menos favorecidas. Por não ser o enfoque dos estudos da autora, o extremo das variedades rurais isoladas acaba sendo pouco explorado. Na definição, considera-se que tais variedades são conhecidas, “genericamente”, como dialeto caipira (BORTONI-RICARDO, 2005, p.40).

Desde o estudo de Amadeu Amaral (1920), há uma tendência em se compreender a fala rural como o falar caipira, de modo categórico e limitado, uma vez que, por ser um estudo dialetológico, apenas descrevia as características linguísticas. Assim, é comum a crença de que todos os moradores das zonas rurais apresentam tais características em sua fala. Pode até ser que as características prototípicas ocorram de forma semelhante, mas, enquanto houver a limitação de estudos que investiguem a variação linguística nas zonas rurais, certamente serão desconhecidas as variações e as possíveis mudanças ao longo do tempo.

Lucchesi (2015), considerando os avanços em relação à discussão da polarização sociolinguística e, especialmente, os resultados da pesquisa do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, propõe uma nova divisão entre as normas linguísticas, considerando que “entre um extremo e outro, vislumbra-se um *continuum* de níveis intermediários” (LUCCHESI, 2015, p.153). Assim, o autor sugere a estratificação das normas, dependendo da

⁶ Bortoni-Ricardo (2004) propõe o continuum de monitoração estilística (formal/infomal) e o continuum oralidade/letramento.

escolarização: norma culta, norma semiculta, norma média, norma média baixa, norma popular rural e norma popular rural, numa revisão de seu argumento de que:

[...] qualquer subdivisão no universo da norma culta ou da norma popular, dentro do enquadramento teórico proposto com base no conceito de norma sociolinguística, só é pertinente mediante a comprovação empírica de que grupos no interior dos conjuntos inicialmente delimitados exibem reações sociais e tendências de mudanças diferenciadas [...]. (LUCCHESI, 2015, p.76)

Assim, considerando os dados do Censo 2010,

[...] Os falantes da norma culta seriam os 7% da população que tem nível superior completo. Os 16% da população adulta que completou o ensino médio constituiriam a norma semiculta. A norma média ficaria com os 13% que concluíram o ensino fundamental (8 anos de escolarização). 31% da população com mais de 25 anos de idade tem de 4 a 7 anos de escolarização somente. Esses foram reunidos em uma norma média baixa. Por fim, a norma popular congregaria todos os que têm menos de 4 anos de escolaridade, incluindo os analfabetos e os que estudam em programas de alfabetização de adultos, que perfazem apenas 0,19% do total da população brasileira com mais de 25 anos de idade. Com essa composição, a norma popular abarcaria um terço da população (33%). (LUCCHESI, 2015, p. 283)

Levando em conta os dados da pesquisa do Projeto Vertentes sobre a variação na concordância verbal, o autor reflete sobre a norma popular na zona rural. De acordo com Lucchesi,

[...] considerando a baixa penetração das formas linguísticas de prestígio na zona rural, bem como as precárias condições de ensino nesse meio, pode-se reunir, em uma norma popular rural, todos os falantes com menos de 8 anos de escolarização. (LUCCHESI, 2015, p. 284)

O avanço observado, a partir dos dados, ainda pode ser alvo de críticas no que se refere à norma popular rural especificamente, pois o critério de definição da proposta de estratificação sociolinguística é pautado apenas na variável linguística concordância de número e nos fatores externos escolarização e zona

de residência. Assim, a norma popular rural seria a norma do grupo de falantes moradores da zona rural com menos de oito anos de escolarização.

Diante do exposto nesta seção, torna-se evidente a necessidade de se ampliarem e se aprofundarem os estudos sobre a fala da zona rural, que se constitui como uma variedade do português brasileiro historicamente marcada pelo desprestígio. No entanto, deve-se reconhecer que o seu espaço nas pesquisas linguísticas recentes tem servido muito mais para explicar o “passado” numa perspectiva sócio-histórica do que para explicar o presente. Além disso, apesar dos esforços de alguns estudiosos para a descrição e melhor compreensão do PB sob a ótica sociolinguística, há uma forte tendência de se observar a fala no espaço urbano, talvez porque a maioria dos interessados na investigação sociolinguística (senão todos) parte do “seu lugar” (culto/urbano/escola). Assim, observa-se um considerável número de estudos voltados para a descrição da(s) fala(s) urbana(s), enquanto a fala rural (ainda no singular) ocupa um lugar periférico.

A questão que se coloca, em virtude desse cenário, é: como compreender a fala da zona rural atual? Ainda que as relações de poder e o estigma associado a essa variedade do PB sejam explicados e justificados pela sócio-história do país – bem como permaneçam de forma semelhante ao longo dos séculos –, há uma carência de estudos voltados especificamente para as comunidades rurais. Ainda que a fala rural possa ser explicada pela mesma origem – ou seja, “os falares rurais se originaram de um falar único, primeiro amalgamado na faixa costeira”, como argumenta Silva Neto (1986, p. 142) –, a fala rural não é a mesma em qualquer lugar, como defende Melo (1971, p.109), porque nenhuma variedade linguística é homogênea e nem se mantém estática, ainda que a mudança seja lenta e gradual (LABOV, 1982).

Compreender a fala rural em sua sincronia atual sob o viés sociolinguístico é o objetivo deste estudo, especialmente porque há um grande número de falantes residentes na zona rural do país, a qual já não apresenta a mesma configuração estudada no século passado, conforme será abordado na próxima seção.

1.2. Isolamento *versus* tendência à urbanização: o (não) lugar do falante da zona rural

A população brasileira, desde meados do século XX, tem ocupado o território urbano e “esvaziado” os espaços rurais, como foi abordado anteriormente. Entretanto, não se pode afirmar que o Brasil é um país totalmente urbano.

Conforme os dados do IBGE (2011), 15,04% da população brasileira ainda reside em áreas rurais, o que representa quase 30 milhões de habitantes. Esse percentual tem sido relativamente estável durante a primeira década do século XX, como se observa nos dados a seguir:

Tabela 2 - Distribuição rural/urbana da população brasileira (2001 – 2011)
(IBGE, 2011)

Período	Área urbana	%	Área rural	%
2001	143.289	83,88	27.532	16,12
2002	145.724	84,11	27.530	15,89
2003	147.960	84,26	27.631	15,74
2004	150.264	82,7	31.425	17,3
2005	151.631	82,46	32.249	17,54
2006	154.140	82,86	31.882	17,14
2007	156.046	82,99	31.985	17,01
2008	158.279	83,33	31.672	16,67
2009	160.261	83,56	31.531	16,44
2011	165.872	84,96	29.371	15,04

A distribuição da população rural entre as unidades da federação é outro fator que merece destaque. Em 19 estados, a população residente na zona rural, em 2011, é superior à média nacional. No Maranhão, por exemplo, há 39,82% da população residente nessa área e, no Piauí, 33,53%. Em apenas seis

estados e no Distrito Federal, o percentual é abaixo da média nacional, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 3 - Percentual de habitantes na zona rural por Unidades de Federação (2011)
(IBGE, 2011)

UF	% população zona rural	UF	% população zona rural
Maranhão	39,82%	Santa Catarina	16,47%
Piauí	33,53%	Roraima	16,25%
Para	30,44%	Rio Grande do Sul	15,6%
Alagoas	28,04%	Mato Grosso	15,57%
Ceara	26,97%	Minas Gerais	15,5%
Sergipe	26,6%	Espírito Santo	14,8%
Rondônia	26,46%	Paraná	13,19%
Bahia	26,29%	Amapá	10,7%
Acre	23,01%	Mato Grosso do Sul	10,45%
Tocantins	22,44%	Goiás	7,86%
Rio Grande do Norte	21,34%	Distrito Federal	3,56%
Amazonas	19,53%	São Paulo	3,22%
Paraíba	18,64%	Rio de Janeiro	2,64%
Pernambuco	17,56%	---	---

Tais números já seriam suficientes para destacar a importância de não se abrir mão dos estudos sociolinguísticos na zona rural. Contudo, acrescenta-se a isso o fato de que muitos municípios brasileiros (em suas zonas urbanas) não preenchem a função de cidade. Para se ter uma dimensão quantitativa, o Brasil

possuía, em 2010, 5.565 municípios, mas apenas 225 apresentavam população superior a 100 mil habitantes. A metade dos municípios brasileiros não ultrapassava 20 mil habitantes, e quase 1400 localidades detinham menos de 5 mil habitantes. Pelo que se conhece do interior do país, sabe-se que os pequenos municípios diferem pouco em seus limites rural/urbano, conjugando características econômicas, socioculturais e, conseqüentemente, linguísticas (cf. RIBEIRO, 2013).

Assim, o número elevado de cidades pode levar à compreensão de que o Brasil é “um país eminentemente urbano”, mas os dados podem ser controversos se considerarmos o número de habitantes nessas áreas “urbanas”. Ao que tudo indica, o processo de criação de municípios no país visou a atender necessidades locais e interesses políticos. A legislação associa a condição urbana à existência de melhoramentos. Para ser considerada zona urbana, é preciso, ao menos: meio-fio ou calçamento, com canalização de águas pluviais; abastecimento de água; sistemas de esgotos sanitários; rede de iluminação pública, com ou sem posteamento para distribuição domiciliar; escola primária ou posto de saúde a uma distância máxima de 3 (três) quilômetros do imóvel considerado, conforme a Lei nº 5172, de 25 de outubro de 1966 - artigo 32, parágrafo 1º). Como afirma Wanderley (2009, p.66),

[...] Estamos diante de um paradoxo: para ser considerada urbana, uma cidade não precisa comprovar sua capacidade para o exercício das funções urbanas, porém, a presença de equipamentos de infraestrutura e de serviços, como os acima indicados, são vistos, legalmente, como a negação da condição rural [...].

Legalmente, tende a prevalecer o critério contrastivo e polarizado: o rural é o que o urbano não é. Ainda que já se encontre, em alguns estudos, a compreensão de que, do ponto de vista espacial, “o rural só pode ser entendido como um *“continuum”* “do urbano” (SILVA, 1997, p.1), predomina o ideário urbano como eixo norteador das definições do rural. Na economia, por exemplo,

[...] já não se pode caracterizar o meio rural brasileiro somente como agrário. E mais: o comportamento do emprego rural, principalmente dos movimentos da população residente nas zonas rurais, não pode mais ser explicado apenas a partir do calendário agrícola e da expansão/retração das áreas e/ou

produção agropecuárias. Há um conjunto de atividades não-agrícolas - tais como a prestação de serviços (pessoais, de lazer ou auxiliares das 24 atividades econômicas), o comércio e a indústria - que responde cada vez mais pela nova dinâmica populacional do meio rural brasileiro [...]. (SILVA, 1997, p.24-25).

Entretanto, é preciso considerar que o delineamento de cada comunidade rural distribuída nos municípios brasileiros é distinto e, sem dúvidas, sofreu alterações ao longo dos anos.

Antonio Candido, na obra “Os Parceiros do Rio Bonito”, aborda a transformação dos meios de vida do caipira paulista, pautando-se em uma investigação realizada entre 1947 e 1952, especificamente na localidade de Bofete. Candido (1975, p.72) afirma que “é preciso notar que as características da vida caipira se prendem à coexistência e interferência dos dois tipos [tipo disperso de povoamento e núcleos concentrados] no comportamento dos homens, devendo sempre reportarmos a ambos para compreendê-lo”; e, ainda, “raro, com efeito, é o caso do morador totalmente imune da influência dos centros de população condensada”.

Diante das transformações no meio rural, a própria definição de ruralidade tem sido revisitada. Nesse sentido, destacam-se as contribuições da Sociologia Rural (ABRAMOVAY, 2000; WANDERLEY, 1994, 1998, 2009).

Wanderley (1994, 1998, 2009), cuja reflexão sociológica dialoga intensamente com o que a presente pesquisa sobre a fala rural atual, problematiza, já em 1998, o espaço dado na ciência brasileira em relação aos estudos sobre o “mundo rural”. De acordo com a autora, se referindo, especialmente, aos sociólogos,

[...] É surpreendente que, desde o início dos anos 70, os cientistas sociais brasileiros tenham abandonado o estudo do mundo (ou meio) rural, enquanto espaço de vida e de sociabilidade destes mesmos agricultores. Teria o impressionante êxodo para as cidades, ocorrido no Brasil, esvaziado o meio rural, a ponto de desqualificá-lo como objeto de estudo? Neste caso, alguém estudou este processo? Ou teria havido uma homogeneização tal dos espaços sociais e das experiências de vida social, a ponto de anular qualquer diferença entre o homem que mora no campo ou na cidade? Novamente, alguém estudou este processo? [...] (WANDERLEY, 1998, p.1)

Em outro estudo, a autora defende que “as relações entre o meio rural e as cidades não podem ser entendidas como relações de oposição ou antagonismo, mas se inscrevem num espaço comum como relações de complementaridade e interdependência” (WANDERLEY, 2009, p.61). Para a autora, “o grande desafio é o de compreender os processos sociais pelos quais estas realidades se interligam em profundidade, reiterando-se mutuamente” (op.cit).

Os processos sociais da distinção rural/urbana no cenário contemporâneo são complexos e paradoxais, visto que

[...] as dinâmicas sociais construídas nos espaços rurais são tributárias desse contexto [histórico-econômico] mais amplo, das suas relações com a sociedade urbano-industrial, mas também das configurações internas ao meio rural, que são direta e profundamente associadas aos modos de ocupação do solo e de utilização social da terra e dos demais recursos produtivos. Neste sentido, a modernização da agricultura, ocorrida a partir dos anos 1960, reiterou o tradicional controle concentrado da terra, que permanece gerando uma grande capacidade de dominação política e de produção de diversas formas de exclusão social [...]. (WANDERLEY, 2009, p.69)

Nessa dinâmica de dominação e exclusão social, o meio rural consiste no espaço da precariedade social. Como pondera Warderley (1998, p.3),

[...] Seu habitante deve sempre deslocar-se para a cidade, se quer ter acesso ao posto médico, ao banco, ao Poder Judiciário e até mesmo à Igreja paroquial. Se a pequena aglomeração cresce e multiplica suas atividades, o meio rural não se fortalece em consequência, pois o que resulta deste processo é frequentemente a sua ascensão à condição de cidade, brevemente sede do poder municipal. Neste contexto, **única alternativa que existe para a população rural se resume em permanecer periférica ou se tornar urbana, através da expansão do próprio espaço rural, ou através do êxodo para as cidades [...].** (grifo nosso)

O que a socióloga identifica é semelhante ao que ocorre com a língua. A falta de descrição e aprofundamento em relação às características do falante rural acaba supondo o “deslocamento” para o urbano. Contudo, isso é um pressuposto. A ausência de uma agenda de estudos sociolinguísticos não permite afirmações dessa natureza. A Sociologia Rural, nesse sentido, já se

encontra mais avançada. A pesquisa realizada por Araújo e Soares (2009), em um distrito rural no município de Araguari-MG, por exemplo, sinaliza que, no que se refere a aspectos sociais, não há uma sobreposição do urbano. Como constata as pesquisadoras, “a presença do rural e sua interação com o urbano ocorre no viver das pessoas, revelando-nos uma complexidade na qual rural e urbano coexistem e não se sobrepõem” (ARAUJO & SOARES, 2009, p.16).

Cientificamente, portanto, “a primeira constatação a fazer é a da permanência do rural enquanto um espaço territorial e social diferenciado. Esse universo, que evidentemente não é isolado, deve se constituir legítima e pertinentemente como um objeto de estudo” (WANDERLEY,1998, p. 5), já que uma grande parcela da população reside nos espaços rurais e

[...] enquanto houver em nossas sociedades indivíduos e grupos sociais que vivam ou desejem viver em conformidade com as formas sociais decorrentes da vida em pequeno grupo, nestes espaços, continuamos devedores à sociedade de um pensamento social sobre o “mundo rural”. Sem esta realidade, uma parte de nossas sociedades seria amputada e sem este pensamento social, as ciências sociais ficariam capengas [...] (WANDERLEY,1998, p. 5)

De igual modo, enquanto não se der o espaço devido para a descrição e a análise da fala dos moradores da zona rural, os estudos sociolinguísticos ficarão “capengas”. É preciso que se saia da zona de conforto, da “conformação” de que o falante rural tende a alterar o seu modo de falar ao entrar em contato com o urbano. Não se trata de uma tarefa fácil, mas é necessário dar os primeiros passos nesse sentido.

O desafio de estudar as relações sociais e as variedades linguísticas, no espaço rural, parte de uma complexidade de indefinições. Para tanto, no âmbito da Sociologia Rural, Wanderley (2009, p. 74) defende a necessidade da “elaboração de uma tipologia da relação rural/urbana das diversas situações rurais no país, levando em conta sua intensidade, o grau de complexidade e a distância – medida em termos de distância física e tempo/condições de deslocamento – entre os locais de moradia e os de oferta de serviços”. Tal tipologia também deve considerar (ou, até mesmo, determinar) o próprio perfil da população rural e o peso relativo das diversas funções do espaço rural.

As três categorias propostas pela autora para a análise de acesso aos bens e serviços pela população rural, isto é, intensidade, complexidade e distância, estão atreladas à mobilidade da população rural. Como ela exemplifica:

[...] A população do campo constrói uma área de circulação – seu espaço de vida – centrada em seu local de moradia, a partir do qual se mobiliza para ter acesso aos bens e serviços necessários. Esta área de circulação apresenta, naturalmente, intensidades distintas, conforme o caso, que expressam os objetivos, a frequência, o tempo e o espaço dos deslocamentos efetuados. O espaço de vida vem a ser, portanto, “o menor território sobre o qual seus habitantes têm acesso aos principais serviços e empregos” (INSEE, 2003). O conceito de mobilidade torna-se, assim, complementar ao de acessibilidade, não como uma ruptura com o mundo rural, mas como uma dimensão intrínseca da experiência dos que nele vivem, como expressão do seu processo de integração ao conjunto da sociedade (MENEZES, 2002) [...].A escolha pela vida no campo não significa a renúncia aos bens e serviços que, neste caso, não são mais identificados como símbolos exclusivos da vida urbana. (WANDERLEY, 2009, p.75).

Destaca-se que a autora pondera sobre o conceito de mobilidade. Como exposto no fragmento anterior, o conceito de mobilidade é complementar ao de acessibilidade e não subentende uma ruptura com o mundo rural. O acesso e o contato com o meio urbano pelo morador da zona rural constituem uma dinâmica natural da integração na sociedade contemporânea e, portanto, devem ser compreendidos como uma dimensão intrínseca da experiência dos moradores. Em outras palavras, o morador da zona rural atual é um novo rural, pelo próprio processo de integração da sociedade. Contudo, não se pode afirmar que o “novo rural” é urbano ou urbanizado, até mesmo porque há uma grande diversidade de perfis de comunidades rurais, sendo necessário tipificá-las para investigação.

De certa forma, ao considerar “o espaço de vida rural” a partir da área de circulação, pode-se interpretar, assim, a importância das relações sociais nesse espaço. As práticas sociais dos moradores da zona rural e as relações que estabelecem merecem ser levadas em consideração. Nessa direção, há aproximações entre as demandas identificadas nos estudos sociológicos e sociolinguísticos, por meio da análise das Redes Sociais (*Social Networks*).

As categorias de intensidade, complexidade e distância elencadas por Wanderley (2009) para tipificar a relação do rural com o urbano são, de certa forma, contempladas na proposta de Bortoni-Ricardo (1985, 2011) para a realidade brasileira, baseada em Milroy (1980, 1987, 2004) e Milroy e Milroy (1985). Isso porque, como constatado por Milroy (1980), em Belfast, quanto mais próxima a rede de um indivíduo da sua comunidade local, mais sua linguagem se aproxima do vernáculo⁷ local. As relações sociais entre os moradores se refletem no nível de integração da comunidade, tal como a intensidade, a complexidade e a distância do espaço urbano interferem no delineamento do espaço rural.

É válido destacar que, para Mitchell (1973, p. 22), uma *rede social* é “o conjunto real de vínculos de todos os tipos no interior de um conjunto de indivíduos.” A princípio, as redes são criadas entre os indivíduos mediante *laços sociais*. Tais laços podem ser caracterizados como fortes ou fracos. Os *laços fortes* são aqueles estabelecidos nos vínculos sociais com parentes, vizinhos e amigos, através de elevado grau de intimidade, cujo contato é contínuo e rotineiro. Já os *laços fracos* são decorrentes de atividades variadas, como as profissionais, com menor intensidade e sem vínculos extremos. Esses laços permitem a distinção entre redes de primeira e de segunda ordem: constituem redes de primeira ordem as formadas pela família e por amigos; e de segunda as compostas por pessoas com as quais o indivíduo passa uma boa parte do tempo, mas não confiando a elas segredos, conselhos etc.

A soma dos laços constitui a tessitura da rede, a qual, nos aspectos estruturais estabelecidos por Milroy (1980), envolve a *densidade* (density) e a *multiplexidade* (multiplexity). Assim, a densidade está relacionada ao número de ligações entre os indivíduos de um grupo, enquanto a multiplexidade está na capacidade dessas ligações.

Nessa direção, Milroy (1987) pondera que a mobilidade geográfica está estreitamente relacionada à densidade da rede e, “em geral, as redes em áreas rurais tendem à densidade e multiplexidade, e em áreas urbanas à uniplexidade e frouxidão” (MILROY, 1987, p.137). Nos termos de Milroy (1980), a densidade

⁷ Para Labov (2008 [1972]), o vernáculo é a língua utilizada no dia-a-dia por membros da ordem social. É o veículo de comunicação a partir do qual os membros da sociedade argumentam com suas esposas, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos.

e a multiplexidade das redes sociais dos falantes nas comunidades rurais, assim, podem ser ilustradas da seguinte maneira:

Figura 2 - Caracterização das redes: alta densidade, estrutura multiplex de rede social, mostrando zonas de primeira e segunda ordem (MILROY, 2004, p. 151)

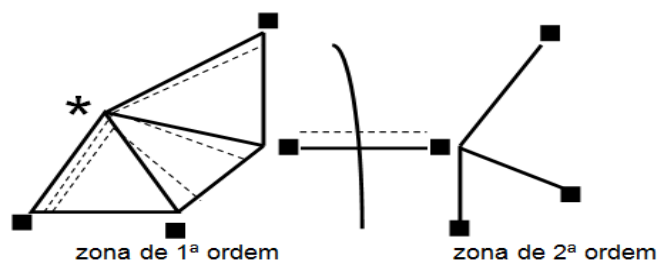
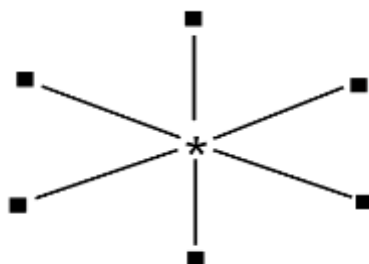


Figura 3 - Caracterização das redes: baixa densidade, estrutura uniplex de rede social (MILROY, 2004, p. 151)



Como se observa nas figuras 2 e 3, uma rede de densidade alta possui pontos interligados, inclusive entre as redes de primeira ordem e de segunda ordem. Já uma rede de baixa densidade apresenta pontos esparsos, sem ligações.

Ainda sobre a questão, Bortoni-Ricardo (2011) considera que as redes que possuem um limite territorial demarcado, restrito à família e a vizinhos, são consideradas isoladas; enquanto naquelas que não há um limite territorial definido, ou seja, em que as pessoas se relacionam em variados contextos sociais, as redes tendem a ser maiores e mais heterogêneas, tornando-se integradas. Logo, associando as definições de Milroy (1980) às de Bortoni-Ricardo (2011), as redes isoladas tendem a ser densas e multiplex, enquanto as redes integradas são frouxas e uniplex.

No tocante a essas considerações, Bortoni-Ricardo (2011) sugere uma tipologia de redes, a qual se encontra representada no quadro a seguir:

Quadro 1 - Critérios analíticos para os tipos de rede
(BORTONI-RICARDO, 2011, p. 138)

Tipos de redes	Critérios analíticos			Características do repertório verbal
	Reforço de normas	Densidade ⁸ de relações de papéis	Participação em grupos	
Redes isoladas	Sanção de grupo/consenso: resistência à mudança	Baixa densidade de relações de papéis: interação com um número limitado de pessoas	Grupo original de amigos como um grupo de referência	- <i>Focalização dialetal</i> - <i>Acesso limitado ao código de prestígio</i>
Redes integradas	Maior exposição às influências externas ao grupo	Alta densidade de relações de papéis: interação com pessoas com diferentes substratos em muitos contextos sociais	Identificação com grupos mais prestigiosos	- <i>Difusão dialetal</i> - <i>Mais flexibilidade em relação ao controle do código e de estilos de prestígio</i> - <i>Hipercorreções</i>

As trocas simbólicas que são realizadas entre o rural e urbano dependem da interação entre esses espaços. No que se refere à língua, a dependência está diretamente atrelada à interação entre os falantes. Nas comunidades de fala, os contatos são estabelecidos por redes familiares, afetivas, profissionais etc., e o sentimento de pertencimento à comunidade passa a ser constituído pelo compartilhamento das interações. Através dos vínculos, a língua passa a marcar a identidade daquela comunidade. Contudo, ao se analisar individualmente,

⁸ Cabe destacar que a densidade de relações de papéis (cf. BORTONI-RICARDO, 2011, p.138) se diferencia da densidade das redes (cf. MILROY, 2004, p.151), pois, na primeira, foca-se o indivíduo e, na segunda, a referência é feita à rede composta por diversos indivíduos.

cada falante pode ter o seu comportamento linguístico com particularidades, as quais tendem a estar condicionadas à configuração das redes sociais que circundam o falante, ao *status* que os falantes querem pleitear e à associação cultural entre variáveis linguísticas e grupos sociais, tal como defende Gal (1979).

Bortoni-Ricardo (2011) sinaliza que a interação com um número limitado de pessoas leva à focalização dialetal e resistência à variedade prestigiada (urbana). Nesse caso, a autora pondera que “essa resistência não opera necessariamente no nível da consciência. Pelo contrário, é consequência do próprio estado de isolamento” (BORTONI-RICARDO, 2011, p.135).

Esse isolamento da zona rural é um dos pontos que merecem ser revisitados nos estudos linguísticos, e a contribuição da Sociologia Rural é bastante válida nesse sentido. A focalização dialetal que ocorre em ambientes isolados é inquestionável, mas como se mensurar o nível de isolamento das localidades rurais nos estudos sociolinguísticos?

Além disso, em função da tendência de associar a fala rural à falta de escolarização, que, equivocadamente, agrega dois fatores sociais como um mesmo elemento de análise – o espaço sócio-geográfico e a escolaridade –, há uma crença de que o falante rural, ao entrar em contato com a norma culta escolar, se associa aos padrões prestigiados e “abandona” a variedade rural, efetuando “correções” em seu modo de falar. Esse tipo de argumento foi defendido, por exemplo, por Silva Neto (1960, p.22) que, ao se referir aos dialetos nas zonas rurais, rotulando-os como crioulos, afirma que:

[...] mas este tipo de dialetos, como se compreende facilmente, é transitório: tende a ser absorvido e reduzido pela ação da escola, que difunde os sistemas fonéticos, morfológicos e sintáticos da língua padrão. O Brasil urbaniza-se com rapidez.

Tal fenômeno provocado pela ação da escola seguiria a lógica das relações de poder que atravessam os usos linguísticos. Para Bourdieu (1983, p.159):

A disposição que leva a "se vigiar", a "se corrigir", a procurar a "correção" através de correções permanentes nada mais é que o produto da introjeção de uma vigilância e de correções que inculcam, **senão o conhecimento, pelo menos o reconhecimento da norma linguística**; através desta disposição durável (que, em certos casos, está no princípio de

uma certa insegurança linguística permanente), se exercem continuamente, sobre aqueles que a reconhecem mais do que a conhecem, a vigilância e a censura da língua dominante. "Vigiando-se", os dominados reconhecem na prática, senão a vigilância dos dominantes (ainda que eles nunca "se vigiem" tanto quanto em sua presença), ao menos a legitimidade da língua dominante. Essa disposição com relação à língua é, 'em todo caso, uma das mediações através das quais se exerce a dominação da língua dominante. (grifo nosso).

Essa "vigilância", como afirma o autor, está relacionada "senão o conhecimento, pelo menos o reconhecimento da norma linguística". Contudo, mesmo que, como já abordado, existam falantes rurais cujo comportamento é mais influenciado pelos padrões externos de excelência (LABOV, 2008 [1972]), há aqueles que, mesmo em contato com a variedade de prestígio, não alteram, significativamente, o seu modo de falar.

A "resistência"⁹ à influência urbana/da escolarização também pode estar associada à influência das redes sociais dos falantes moradores da zona rural. Como constatado no estudo de Ribeiro (2013), o sentimento de pertencimento à zona rural atua como uma barreira à influência da escolarização e da tendência à urbanização. As trocas simbólicas, nesse contexto, por não estarem envolvidas no "mercado" da dominação linguística, contribuem para a manutenção linguística das variantes desprestigiadas.

Em virtude disso, cabe questionar: o acesso e a mobilidade entre rural/urbano são suficientes para motivar a difusão dialetal? O fato de um morador da zona rural ser escolarizado e se apropriar de algumas variantes próprias da zona urbana torna-o um falante não rural (ou urbanizado)? Diante da tendência à urbanização, como se enquadra o falante morador da zona rural? Quais implicações esse tipo de categorização (ainda que seja em um *continuum*, como abordado na seção anterior) traz no que se refere a aspectos identitários?

O estudo de Wanderley (2009), embora seja voltado para aspectos sociais e agrícolas, traz elementos que são basilares para a pesquisa que se propõe neste trabalho sobre a fala rural. Na conclusão do texto, a autora afirma que:

⁹ Utiliza-se o termo "resistência" considerando que os falantes não alteram o seu modo de falar. Contudo, acredita-se que há o conhecimento e o reconhecimento da variante prestigiada. Faz-se necessário investigar o nível de "escolha" dos falantes, o que não será explorado no presente estudo.

[...] Como parte integrante da sociedade brasileira, o mundo rural beneficia-se diretamente dos efeitos virtuosos do seu desenvolvimento. Dentre estes, merecem especial destaque os que resultam dos processos de descentralização municipal, afirmados e reforçados pela Constituição Federal de 1988, a consolidação dos movimentos sociais resultante da redemocratização do país a partir da segunda metade da década de 1980 e os impactos de diversas políticas públicas voltadas para o desenvolvimento rural, sob um enfoque territorial e para a melhoria das condições de vida da população do campo. De todos eles, uma consequência parece evidente, a que **reforça as identidades dos grupos sociais rurais “subalternos”, amplia seu campo de ação coletiva, favorece o seu protagonismo e a capacidade de formular suas demandas.**

É certamente este o sentimento expresso por Octávio Guilherme Velho, ao afirmar, em uma entrevista à revista Carta Capital, o seguinte:

*As pessoas que se sentiam ameaçadas estão se sentindo mais seguras. Os problemas delas persistem. Elas sentem, entretanto, que há mais possibilidades de resistência. Ou, como elas dizem, de reexistência. (...) Não há mais pessoas isoladas e desinformadas. (...) Os grotões não existem mais. **A nossa elite continua a não respeitar as formas de conhecimento da população, das camadas populares, que têm capacidade de se dar conta dos seus interesses concretos** (VELHO, 2006). (WANDERLEY, 2009, p. 81) (grifo nosso).*

O (não) lugar do morador da zona rural atual, assim, tem importantes fundamentos para a transformação social. Os direitos sociais e as políticas públicas estão, cada vez mais, abrindo espaço para discussão e problematização do lugar social das “minorias”.

Entretanto, da mesma forma que a Sociologia Rural apresenta lacunas e desafios no que se refere ao seu objeto de estudo, a Sociolinguística Variacionista brasileira ainda está muito distante de trazer uma compreensão acerca do repertório verbal dos falantes rurais. Como o presente estudo tem o objetivo de avançar nessa direção, a próxima seção visa a trazer alguns fundamentos para o estudo da variação linguística nos espaços rurais brasileiros.

1.3. Sociolinguística Rural: uma agenda para o estudo da variação

A complexidade dos espaços rurais no Brasil contemporâneo tem exigido novas reflexões e novas demandas. Como citado na seção anterior, a *“nossa elite continua a não respeitar as formas de conhecimento da população, das camadas populares, que têm capacidade de se dar conta dos seus interesses concretos”*. Linguisticamente, ainda que se reconheçam os avanços no que se refere ao respeito às identidades e ao combate ao preconceito associado às variedades desprestigiadas, os estudos sincrônicos carecem de descrição e análise da fala rural, ou melhor, dos falares rurais. A carência se dá, especialmente, em virtude do objetivo das investigações, já que há um número considerável de pesquisas que exploram, em alguma medida, as características linguísticas de comunidades rurais.

A primeira limitação advém da tentativa sócio-histórica de se usar o presente para explicar o passado. Conforme exposto na seção 1.1, o fato de o Brasil ter sido um país essencialmente rural no período colonial e hoje se configurar como “um país eminentemente urbano” evidencia que o português brasileiro é fruto de um “conjunto de duas épocas estratificadas”. Essa é a visão predominante nos estudos linguísticos que, em grande medida, tende a colaborar para o entendimento de que o estudo da fala na zona rural é importante, pois reflete as características conservadoras do português brasileiro “pré-urbanização”. Nessa direção, destaca-se a iniciativa do Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa Rural (NELPRU), no interior da Bahia, de modo a verificar se a língua portuguesa falada na zona rural ainda reflete processos linguísticos decorrentes do povoamento (africano e indígena) (ALMEIDA & CARNEIRO, 2003).

Sob esse argumento, a maior parte da descrição que se tem do falar rural no Brasil advém dos estudos dialetológicos, principalmente na obra “O dialeto caipira” (AMARAL, 1920) e em obras subsequentes, nas quais se buscou exatamente o que se podia atribuir à manutenção linguística daquele aprendizado de “oitiva”, distante da escolarização e fruto do contato linguístico.

Em um continuísmo desse objetivo, na agenda da linguística sócio-histórica, por exemplo, Mattos e Silva (2002, p. 457) aponta como essencial para a recuperação da história do português brasileiro

[...] o estudo vertical das variantes populares do português brasileiro, não só as urbanas, como vem sendo feito pela Sociolinguística, mas nas suas variedades rurais de todo o Brasil, conectando o estudo dos usos do presente com a história das comunidades rurais, não só aquelas que têm um passado profundamente marcado pela presença africana e afro-brasileira, [...] mas as outras com histórias diversificadas.

Ainda na mesma obra, a autora destaca a importância de, para a reconstrução do passado do português popular brasileiro, “pesquisar no espaço brasileiro as variedades conviventes hoje sobretudo as dos não escolarizados das diversificadas áreas rurais do Brasil” (MATTOS & SILVA, 2002, p. 461).

É inegável que o estudo da fala na zona rural traz fontes interessantes para se recuperar o passado. Porém, há um presente linguístico que merece ser explorado, com o intuito de explicar a variação linguística internamente nas variedades rurais (no plural).

Outra limitação, já no âmbito da Sociolinguística Variacionista desenvolvida no Brasil, relaciona-se aos estudos da fala em comunidades rurais em comparação à fala urbana. Grande parte dos estudos, conforme será explorado no próximo capítulo, visa à identificação da influência da urbanização na fala rural ou ao contraste entre as duas variedades sob a ótica da inovação *versus* conservadorismo. A observação exclusiva da variação dentro de um grupo de falantes rurais, pelo que se tem conhecimento, ainda não foi explorada no âmbito da Sociolinguística Variacionista¹⁰.

Em contrapartida, os avanços na investigação sociolinguística sobre as variedades cultas ao longo das últimas décadas, em especial com o Projeto Norma Urbana Oral Culta (NURC), foram bastante significativos. Pode-se considerar que a Sociolinguística Variacionista desenvolvida no Brasil é, até então, uma “sociolinguística variacionista urbana”. Preti (1997), por exemplo, organiza uma obra sobre o discurso oral culto, com os dados obtidos por meio do Projeto NURC-SP.

Diante do exposto – e considerando o que será descrito no próximo capítulo, no qual serão apresentados os estudos que se voltam, em alguma medida, para a descrição da fala rural no Brasil –, conclui-se que a maior parte

¹⁰ Há certo avanço, nesse sentido, no que se refere aos estudos descritivos sobre o léxico.

das análises possui, como ponto de partida, os estudos dialetológicos (como o de Amaral, 1920), os quais apresentam critérios metodológicos específicos e distintos da Sociolinguística Variacionista, como o perfil do informante: masculino, analfabeto e idoso. Em outra direção, os estudos sociolinguísticos se voltam para a identificação de pistas de urbanização na fala rural. Assim, o foco estritamente na identificação de regras variáveis na fala rural *per se* ainda não foi difundido entre os sociolinguistas brasileiros. Pode-se dizer que não há, ainda, no Brasil, uma Sociolinguística Rural.

A adoção desse termo é baseada no estudo de Santos (2003) sobre “a variação no espaço rural: a vogal [U] numa comunidade em Baixo Mondego” em Portugal. A autora defende que a Sociolinguística Rural é uma inovação para os estudos nos espaços rurais, tendo em vista as limitações da Dialetologia e da Sociolinguística na investigação sobre a variação na fala rural. Para Santos (2003, p. 49),

[...] à medida que o problema da variação linguística é integrado em quadros teóricos e metodológicos cada vez mais coesos e se torna sistemático o estudo vertical das comunidades linguísticas, torna-se também claro que a investigação das comunidades rurais nos moldes consagrados só podia satisfazer quando o que se pretendia era dar conta da ocorrência de determinados fenômenos; quando o objectivo era dar uma imagem fiel dos hábitos linguísticos da comunidade inquirida, essa postura metodológica revelava-se totalmente inadequada.

O principal argumento da autora é a necessidade de se analisar a comunidade rural a partir de características que lhe são próprias e não previamente estabelecidas pela Dialetologia, pois tendem a não contemplar o perfil da comunidade em sua complexidade. Nessa direção, a autora pondera que, nos estudos da dialetologia tradicional, buscava-se, como informante, o homem do campo com maior idade e preferencialmente analfabeto. Isso não refletia (e nem reflete) o perfil geral das localidades rurais. Ainda que a Dialetologia Pluridimensional¹¹ já tenha avançado nessa direção, ainda são limitados o número de informantes e os critérios de seleção das localidades.

¹¹A Dialetologia Pluridimensional ou Geolinguística envolve, dentre seus aspectos metodológicos, as características de ordem sociocultural dos falantes, como idade, gênero e escolaridade, na busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal, segundo Cardoso (2002).

A Sociolinguística Variacionista, por sua vez, embora forneça subsídios teóricos e metodológicos para o estudo da variação no contexto rural, apresenta-se com muita rigidez no que se refere aos fatores sociais tradicionais (sexo, idade, faixa etária), fazendo necessário ampliar as variáveis de investigação em comunidades rurais. De acordo com Santos (2003),

[...] torna-se por demais evidente que a apresentação da fala de uma comunidade nunca estará completa se não integrar a análise da co-variação social correspondente e é este princípio integrador que obriga à consideração, também no espaço rural, de uma multiplicidade de factores relativos ao estatuto socioprofissional, à religião, à etnia, à formação escolar e cultural, à lealdade do grupo, à situação de discurso (que se traduz em diferentes graus de formalidade) [...].

Sendo assim, nas comunidades rurais, é de fundamental importância levar em consideração múltiplos aspectos sociais, os quais, como já discutido na seção anterior, são distintos em cada uma das localidades. É necessário, assim, ir além da proposta quantitativa sociovariacionista e estudar caso a caso, qualitativamente.

Em sua pesquisa, Santos (2003) considera que as Redes Sociais são base para o estudo da comunidade e para a interpretação dos fenômenos. O caminho escolhido pela pesquisadora, aliás, tem sido uma tendência nas pesquisas sociolinguísticas que buscam o método misto de análise.

Assim, é válido reconhecer que o escopo do estudo da variação linguística já tem sido expandido em diversas investigações através da análise das redes sociais dos informantes. Contudo, em geral, as investigações realizadas objetivam verificar a relação entre as redes sociais e as variedades *standard*. Isso é observado nos estudos de Marshall (2000) e Yohana (2009). No Brasil, como já citado, a principal referência é Bortoni-Ricardo (1985, 2011).

As investigações sobre Redes Sociais (*Social Networks*) têm se mostrado bastante significativas para explicar os mecanismos que operam nas escolhas/usos dos falantes. O grande entrave é que a maior parte dos estudos não se detém no estudo da variação dentro de uma comunidade rural ou entre comunidades rurais. Há sempre a tendência de comparar, contrastar com as variedades urbanas, especialmente com a variedade de prestígio. As

investigações carecem, ainda, da fusão das potencialidades da Sociolinguística no estudo de comunidades rurais.

A Sociolinguística Rural, como proposto neste estudo, não é, necessariamente, uma novidade. As bases teóricas e metodológicas já são reconhecidas e consolidadas no âmbito da Sociolinguística Variacionista. Por outro lado, não se trata de, meramente, um novo rótulo para subdividir a já complexa área de estudo da língua e de sua relação com a sociedade. Nesse sentido, defende-se uma nova agenda para o estudo da variação no português brasileiro, cujo foco se volte para a investigação intrínseca às comunidades rurais ao redor do país. Para tanto, é necessário revisitar o que já se produziu e definir novos caminhos.

Desse modo, no próximo capítulo, serão apresentados os principais estudos já desenvolvidos sobre a fala rural no país, destacando suas contribuições.

CAPÍTULO II

CARACTERÍSTICAS DO FALAR RURAL: algumas definições

O objetivo deste capítulo é revisitar, de modo geral, o que já se produziu acerca do falar rural no Brasil. Como já exposto anteriormente, há pouca clareza sobre a caracterização desse falar, e os estudos descritivos dessa variedade do português brasileiro no âmbito da Sociolinguística Variacionista são reduzidos. Portanto, faz-se necessário ampliar o levantamento para outras áreas de pesquisa afins, como os estudos filológicos, dialetológicos, discursivos e funcionalistas.

A obra de Amadeu Amaral (1920) sobre o dialeto caipira é a principal referência para se referir às características da fala rural no Brasil, como discutido no Capítulo I. Embora alguns estudiosos, como exemplo Bortoni-Ricardo (2011), considerem que caipira e rural sejam sinônimos, é sabido que, ainda que o “rural” contemple o “caipira”, não se pode reduzir a compreensão. Como defende Santos (2004, p.2), “[...] ‘caipira’ é diferente de ‘rural’, sendo este mais abrangente do que aquele”.

Sob a ótica da polarização sociolinguística do português brasileiro (MATTOS & SILVA, 2001, 2004; LUCCHESI, 1994, 1998, 2001, 2002, 2006, 2015), tanto o “dialeto caipira” quanto o falar rural se contrapõem à norma culta, constituindo, portanto, a norma popular (ou melhor, as normas populares, no plural (BAGNO, 2005; CALLOU *et al.*, 2006) ou, particularmente, a norma popular rural – que ainda não foi explorada suficientemente para que se verifique a necessidade do plural, embora se acredite nessa condição.

Na organização deste capítulo, busca-se apresentar a descrição de Amaral (1920) e os estudos sobre variedade popular, na qual se insere “a variedade popular rural”, cuja caracterização é feita por Castilho (2010) em contraposição à variedade culta. Posteriormente, a partir de resultados de algumas pesquisas em zonas rurais no país, inclusive realizadas em Minas Gerais, procura-se

construir, desconstruir e/ou ampliar o delineamento da fala rural, além de apontar os caminhos que serão traçados na presente pesquisa.

2.1. O “dialetto caipira” e a variedade popular do PB

O estudo de Amadeu Amaral publicado em 1920 sobre o dialeto caipira é um registro pioneiro dos estudos dialetológicos no Brasil. Sua obra visou a caracterizar “um aspecto da dialeção portuguesa em São Paulo¹²”, o qual se relacionava com a “velha corrente popular” que, à época, corria o risco de desaparecer, conforme revela a preocupação do autor:

Este [o dialeto caipira] acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve. Legará, sem dúvida, alguma bagagem ao seu substituto, mas o processo novo se guiará por outras determinantes e por outras leis particulares.

Desapareceu quase por completo a influência do negro, cujo contato com os brancos é cada vez menor e cuja mentalidade, por seu turno, se modifica rapidamente. O caipira torna-se de dia em dia mais raro, havendo zonas inteiras do Estado, como o chamado *Oeste*, onde só com dificuldade se poderá encontrar um representante genuíno da espécie. A instrução e a educação, hoje muito mais difundidas e mais exigentes, vão combatendo com êxito o velho caipirismo, e já não há nada tão comum como se verem rapazes e crianças cuja linguagem divirja profundamente da dos pais analfabetos. (AMARAL, 1920, p.2)

Em que pesem as especificidades metodológicas do estudo, no qual não havia a preocupação existente nos estudos linguísticos contemporâneos no que se refere aos critérios de seleção dos informantes, instrumentos de pesquisa, entre outros, Amaral (1920) tece generalizações que foram observadas no interior de São Paulo no âmbito da fonética, da lexicologia, da morfologia, da sintaxe e do vocabulário em contraposição à língua de Portugal. Dentro desses cinco níveis, o autor destaca uma série de características do “dialeto caipira”. A seguir, elencam-se os elementos contemplados pelo autor e seus exemplos para cada nível (exceto vocabulário, devido à extensão). Ressalta-se que a

¹² Amaral (1920) não delimita a região em que a pesquisa é realizada, mas, na segunda edição da obra, Duarte (1982) informa, no prefácio, que as análises foram feitas em Capivari, Piracicaba, Tietê, Sorocaba e São Carlos (CASTRO, 2006).

nomenclatura dos fenômenos utilizada pelo autor foi mantida, de modo a evitar anacronismos em relação à obra.

No que se refere à fonética, Amaral (1920) aponta, dentre outros aspectos, a produção do *r* inter e post-vocálico (*arara, carta*) linguo-palatal e guturalizado, semelhante ao *r* do inglês; e a ausência da palatal *lh*. Para o autor, a consonância palatal molhada *lh* não existe no dialeto.

Em relação às vogais, destaca-se a ditongação diante de ciciante (*s* ou *z*), no final dos vocábulos, pela geração de um *i*: *rapáiz, méis, péis, nóis, láiz*; a supressão da vogal nos vocábulos esdrúxulos (*ridico = ridículo, legite = legítimo, cosca = cócega, musga = música*); a nasalização nas sílabas pretônicas (*inzame <exame, inguá <igual, inzembro <exemplo, inleição <eleição*); alteamento das vogais; redução dos ditongos *ai, ei, ou, oi*, perda da nasalização *ein (em)* no final de vocábulo (*viaje, virge, home, êles corre*). O autor também destaca que, nas palavras *bom, tom* e *som*, a nasalidade é mudada para *bão, tão* e *são*.

No que se refere às consoantes, observa-se que o *d* - cai, quase sempre, na sílaba final das formas verbais em *ando, indo*: *andano = andando, veno = vendo, caíno, pôno*, e também no advérbio *quando*, às vezes. O *l* tende a mudar para *r* em final de sílaba e em encontros consonantais (*quarquér, papér, mér, arma, craro, cumpreto, cramô(r), frô(r)*); enquanto o *lh* vocaliza-se em *i*: *espaído, maio, muié, fiio = espalhado, malho, mulher, filho*.

Algumas modificações isoladas são apontadas, tais como: a) abrandamento, b) assimilação, c) aférese, d) síncope, e) apócope, f) prótese, g) epêntese, h) epítese, i) metátese e j) hipétese.

Em relação à morfologia, Amaral (1920) indica a perda do *s* na indicação de número plural, sendo o plural marcado pelos determinantes. Nas flexões verbais, têm-se que: o plural da 1.^a pessoa perde o *s*: *bamo, fômo, fazêmo*. Quando esdrúxula, a forma se identifica com a do singular: *nóis ia, fosse, andava, andasse, andaria, fazia, fizesse, fzeria*. Nas formas do pretérito perfeito do indicativo dos verbos em *ar*, a tônica muda para *e*: *trabaiêmo - trabalhamos, caminhêmo = caminhamos*.

Já em relação à sintaxe do dialeto caipira, Amaral (1920) aponta que os reduzidos estudos sobre a complexidade dos fenômenos sintáticos não permitem sequer tentativas de sistematização, mas, ainda assim exemplifica o uso de *mim* como sujeito (*Êle trôxe u"as fruita pra mim cumê (r)*); o uso do

pronome *ele/ela* como objeto direto; o uso do verbo *ter* em vez de *haver*; e o uso de *que* como pronome relativo, com ausência de *o qual*, *quem* e *cujo*.

As características evidenciadas por Amaral (1920) continuam sendo objeto de interesse investigativo¹³. Rodrigues (1974) realizou uma pesquisa na zona rural de Piracicaba e constatou a vitalidade do dialeto na região, conforme os dados morfossintáticos e fonético-fonológicos que registrou no desempenho de seus informantes, com destaque para: a ocorrência do “r caipira” em posição intervocálica e em final de sílaba; a alternância entre /b/ e /v/; e a substituição de /a/ por /e/ na 1.^a pessoa do plural do perfeito do indicativo. Além disso, também atestou a consciência dos informantes quanto à identidade e ao valor social negativo do modo de falar próprio da área. Conforme a autora¹⁴,

Os informantes, pela sua maneira de ser e de viver, são representantes de uma cultura caipira, que (sic), embora sobre pressões exteriores, sentem-se unidos por um patrimônio comum – a sua maneira de falar. No consenso dos moradores da área urbana, este dialeto é uma “fala caipira” e os próprios falantes têm consciência disso quando, para fugir à conotação pejorativa que se atribui ao caipira, tentam melhorar os seus recursos de expressão. (RODRIGUES, 1974, p. 170).

Estudos mais recentes sobre a região de São Paulo, especialmente no âmbito do Projeto para a História do Português Paulista (PHPP), ou Projeto Caipira¹⁵, retomaram aspectos elencados na obra de Amaral (1920).

Levado (2006) realizou uma pesquisa sobre o rotacismo em Tietê, a partir da realização de dez entrevistas realizadas com moradores com idade acima de 65 anos, com pouco ou nenhum grau de instrução, com uma genealogia ligada à região do “dialeto caipira”. Todos os entrevistados eram bisnetos de escravos.

¹³ Na realização do levantamento dos estudos que revisitam Amaral (1920), eliminaram-se aqueles com enfoque específico no vocabulário, uma vez que a variação semântico-lexical não será contemplada no presente estudo.

¹⁴ Em virtude da falta de acesso ao original, a citação foi retirada de Castro (2006, p.50).

¹⁵ Conforme informações obtidas na página do Projeto Caipira (<http://phpp.fflch.usp.br/>), o Projeto para a História do Português Paulista (PHPP) é um conjunto articulado de subprojetos situados na Área da Linguística Histórica do Português, centrados nos objetivos de (a) coletar, organizar e disponibilizar *corpora* diacrônicos do Português Paulista, de modo a apoiar pesquisas sobre essa variedade; (b) analisar tais *corpora* em três eixos: (i) estudo da variação e mudança gramatical, dos ângulos funcionalista – cognitivista e gerativista, com ênfase nas classes de palavras e nas construções sintáticas; (ii) estudo da formação das variedades culta e popular e da difusão da popular na região do Médio Tietê, paralelamente ao traçado sócio-histórico do Português Paulista; (iii) estudo de gêneros discursivos e de processos de construção textual, sob as perspectivas crítico-discursiva e textual-interativa.

O seu intuito foi resgatar a história social e analisar o conservadorismo presente na região em comparação com as evidências de Amaral (1920). A partir da pesquisa realizada, constatou-se que o rotacismo ainda se encontra produtivo entre os informantes analisados. Nesse sentido, a pesquisadora encontrou ocorrências como: *mir* (mil), *azur* (azul), *pessuar* (pessoal), *cabocro* (caboclo), *craro* (claro), *brusa* (blusa), *simpre* (simples), *argudão* (algodão), *carça* (calça), *urtimu* (último), *consurta* (consulta), *sortera* (solteira), dentre outras.

Garcia (2009) estudou a formação e a expansão do dialeto caipira em Capivari (cidade natal de Amadeu Amaral) com viés diacrônico e sincrônico das variantes linguísticas, através de *corpora* oral e escrito. O *corpus* oral sincrônico foi composto por quatro informantes, sendo duas mulheres e dois homens, moradores da zona urbana, com faixa etária entre 60 e 91 anos, com pouco grau de escolaridade, pertencentes à classe média-baixa, média e média-alta e residentes na região desde que nasceram. Já o *corpus* escrito foi composto por 72 documentos cartoriais do século XIX. A pesquisadora constatou que muitos fenômenos fonéticos descritos por Amaral (1920) são variáveis no falar da localidade atual. Assim, muitas variantes se conservaram no vocabulário do dialeto caipira, mas há alguns que não aparecem com tanta frequência, como a lateral palatal /h/ e a vibrante alveolar vozeada. Garcia (2009) sinaliza o seguinte:

[...] não foi encontrada a vocalização classificada por Amaral como “explosiva gutural gh”. E a afirmação de que “a consonância palatal molhada lh não existe no dialeto” não foi comprovada, pois, embora tenham sido registrados os exemplos veirada [vɛya'radɛ], trabaia [tra'baya] e óio ['ɔju], os entrevistados pronunciaram vocábulos utilizando a lateral palatal vozeada, fazendo, inclusive, o contrário do comentado pelo autor: o ditongo ia palatiza-se em família [fa'miɫɛ]. (GARCIA, 2009, p.13)

Castro (2006) também revisita a obra de Amadeu Amaral e, ao observar as pesquisas realizadas, afirma que:

[...] Relembrando as informações de Amaral sobre a situação em que se encontrava o dialeto caipira no momento em que o Autor realizou sua investigação, constatamos que a descrição corresponde tipicamente à de uma variedade linguística em retração, ou seja, o dialeto subsiste em “*pequenas localidades*” não alcançadas pelo progresso, e na fala de *peessoas idosas*. Com efeito, Amaral (1982: 42) é pessimista em relação ao futuro da variedade: pondera que o dialeto “acha-se condenado a

desaparecer em prazo mais ou menos breve”, tendo em vista sua concorrência com as outras tendências já atuantes e com as que se prenunciam no cenário paulista (CASTRO, 2006, p.1940)

O pessimismo do autor estava atrelado à influência da urbanização na região. Contudo, os fenômenos apontados por ele, salvo raras exceções – como a concordância em gênero –, são compreendidos dentro das características gerais da variedade popular do PB, fruto do contato linguístico na formação linguística do país.

Nessa direção, Castilho (2010, p. 206-209), na Nova Gramática do Português Brasileiro, elabora um quadro sobre o português popular, contrastando-o ao português culto e elencando as características fonético-fonológicas, morfológicas e sintáticas. Tais características não são apontadas especificamente como fala rural, mas, como já mencionado, fazem parte do português popular, no qual a fala rural se insere. Em virtude da carência de estudos atuais e mais restritos ao interesse do presente estudo, verifica-se, em Castilho (2010), um delineamento mais completo para comparação com Amaral (1920).

Castilho (2010) aponta a ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras (*meis, luiz*); a perda da vogal átona inicial (*marelo, sucra*); a nasalação das átonas iniciais (*inzame, inducação, inleição, indentidade*); a nasalação dos monossílabos tônicos: (*im, vim*); a queda das vogais átonas postônicas nas proparoxítonas (*pezgu, cosca, oculos, arve, figo, por pêssego, cócegas, árvore, fígado*); a perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal (monotongação em *caxa, pexe, bejo, queijo*; ditongação em *bandeija, feichar*); a perda da nasalidade e monotongação dos ditongos finais (*eis comi, os homi, eis falou, viági, reciclági, por eles comem, os homens, eles falaram, viagem, reciclagem*); e a monotongação dos ditongos crescentes átonos em posição final (*ciença, experiência, nogoço*). Em relação às consoantes, têm-se: a troca de [l] por [r] em final de sílaba e em grupos consonantais (*marcado, pranta*); a iodização da palatal lh ([o'reya]. [v'ɛyu]); e a perda das consoantes [b] e [d] quando precedidas de vogal nasal (*andano por andando, emora por embora*).

No que se refere à morfologia, há a perda progressiva do –s para marcar plural, que passa a ser expresso pelo artigo (*os homi, as pessoa*); a perda do

valor do sufixo -ior nos comparativos de superioridade, utilizando-se o advérbio mais (*mais mió, mais pió*); a alteração no quadro dos pronomes pessoais: i) substituição de *tu* por *você* na maior parte do país, o uso de *tu* ocorre em variação com *você*; ii) substituição de *nós* por *a gente*; iii) perda do [-l-] da terceira pessoa: *ey, eys*; iv) o reflexivo perde o traço da terceira pessoa gramatical (*eu se esqueci, nós não se falemo mais*); v) perda do pronome *o*, com generalização do pronome *lhe* como acusativo em referência à segunda pessoa (*eu não lhe vi, eu não lhe conheço*, em que *lhe* é realizado como [lê], [li]); a redução do quadro de pronomes possessivos para *meu/seu/dele*, com perda progressiva de *teu* nas regiões em que desapareceu o pronome *tu*, e de *seu* em referência à terceira pessoa; a generalização do pronome relativo *que*, perdendo-se *cujo, onde*.

Observam-se, ainda, a elevação da vogal temática no pretérito perfeito do indicativo (*fiquemu, falemu, bebeimu*, distinguindo-se do presente *ficamu, falamu, bebemu*); a simplificação da morfologia de pessoa, dadas as alterações no quadro de pronomes pessoais, reduzindo-se a conjugação a apenas duas formas diferentes (*eu falo/você/ele/a gente/eles fala*).

Na sintaxe, há a simplificação da concordância nominal e verbal, havendo manutenção apenas quando há maior saliência fônica entre a forma do singular e a forma do plural; a omissão do objeto direto (*eu vi Ø*); supressão da preposição em alguns complementos oblíquos (*eu preciso Ø isso*), ou quando o complemento preposicionado é movido para a cabeça da sentença: (*isso eu preciso*); uso de *ter* nas construções existenciais (*hoje tem aula*); abundância de construções de tópico sujeito, com retomada pronominal no interior da oração: *a menina, ela chegou agora mesmo*; preferência pela oração relativa cortadora, em que se omite a preposição antes do pronome relativo (*perdi a revista que a capa estava rasgada*) e pela relativa copiadora, em que se insere pronome pessoal depois do relativo (*o menino que ele chegou trouxe a correspondência*) e, por fim, preferência pela oração substantiva “dequeísta” (*ele falou de que não sabia de nada*).

É interessante observar que a maior parte da caracterização feita por Castilho (2010) é comum ao que foi descrito por Amaral (1920). As diferenças devem-se mais aos fenômenos abrangidos, mas naqueles comuns não se observam divergências, corroborando a ideia de que, mesmo após quase um

século, a variedade popular, da qual o dialeto caipira é um representante, se mantém conservadora.

Na próxima seção, após a descrição dos estudos (socio)linguísticos, realiza-se uma síntese das duas obras de referência e de estudos recentes, de modo a elencar os fenômenos prototípicos do falar rural.

2.2. Estudos (socio)linguísticos em zonas rurais: construindo um mosaico

A revisão bibliográfica sobre as características do falar rural no Brasil não é uma tarefa simplória. Trata-se de uma tentativa desafiadora de tentar construir um “mosaico”, permeado por dificuldades, especialmente pela falta de padronização nos estudos em relação às nomenclaturas adotadas, às metodologias e aos enfoques.

O “falar rural”, nomenclatura adotada neste estudo para se referir à fala dos moradores na zona rural, é também utilizada por Silva Neto (1986)¹⁶, Almeida (2005) e Santos (2008). Entretanto, o “falar” pode ser referenciado como “fala”, “norma”, “variedade”, “português”, dependendo da perspectiva adotada. Já o “rural” aparece como “caipira”, “popular”, “não padrão”, “vernacular”, “inculto”, entre outros, que nem sempre se referem a localidades rurais, já que, em geral, os termos se referem à fala “não culta”, como discutido no Capítulo I.

Também relacionada ao uso dos termos, outra dificuldade é como se referir às localidades pesquisadas: a zona rural é mencionada como “comunidade”, “localidade”, “distrito”, “espaço rural”, “campo”. A descrição do tipo de comunidade de fala investigada é mais um elemento dificultador. Há estudos bastante específicos em comunidades rurais isoladas, quilombolas, afrodescendentes/afrobrasileiras. Aliás, esse tem sido o interesse maior dos estudos sociolinguísticos nas comunidades rurais. Salvas as exceções, as comunidades que fogem dessas especificidades só aparecem em pesquisas que contrastam o rural e o urbano.

A metodologia adotada no levantamento dos dados analisados é outro entrave para que se possa tecer algum tipo de comparação entre os estudos. A

¹⁶ Silva Neto utiliza o termo no plural: “vê-se, pois, como no caso brasileiro é importante a distinção entre os falares urbanos e falares rurais” (SILVA NETO, 1986, p. 80).

preferência da Dialetologia Tradicional em relação aos falantes rurais analfabetos ou de pouca escolarização segue refletida em muitas pesquisas.

Ressaltadas as dificuldades, buscou-se, na organização desta seção, uma cronologia das pesquisas feitas no país. A tabela a seguir sintetiza os estudos no Brasil, detalhando ano, autor, localidade pesquisada (rural) e objeto de investigação. Buscou-se contemplar o maior número de estudos, mas não se trata de uma revisão completa, já que, em função da dificuldade de acesso às pesquisas, pode-se ter deixado de inserir algum estudo.

Tabela 4 - Levantamento de pesquisas (socio)linguísticas sobre o falar rural no Brasil

ANO	AUTOR	LOCALIDADE	OBJETO
1974	Jeroslow	Fortaleza - CE	descrição de diversos fenômenos (incluindo concordância nominal e concordância verbal)
1980	Nina	Bragantina - PA	concordância nominal e concordância verbal
1982	Assis Veado	Januária - MG	descrição de diversos fenômenos
1997	Penha	São Domingos- MG	descrição de diversos fenômenos
1999	Coelho	São Francisco- MG	<i>você, ocê e cê</i>
2004	Andrade	Brasília -DF	<i>você, ocê e cê</i>
2004	Santos	Pombal, Acaba Vida, Porto Leocárdio e Traíras -GO	variante retroflexa, iodização, rotacismo e ordenação dos constituintes na sentença (AN ~ NA).
2005	Almeida	São Miguel dos Pretos-BA	sujeito nulo e morfologia verbal
2005	Almeida	Paiquerê - Londrina -PR	iodização, rotacismo, alteração b/v, léxico, concordância nominal e concordância verbal
2006	Peres	Belo Horizonte - MG	<i>você, ocê e cê</i>
2007	Santos	Poções e Santo Antônio -BA	uso do modo imperativo
2008	Santos	Pombal, Acaba Vida, Porto Leocárdi	mudança adjetivo/nome> nome/adjetivo

		o e Traíras - GO	
2008	Carneiro & Magalhaes	Araguari – MG	sistema vocálico pretônico
2008	Mota	São João da Ponte – MG	variação dos pronomes 'tu' e 'você'
2009	Lucchesi, Baxter & Ribeiro	Poções e Santo Antônio -BA	(Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia)
2009	Silva	Mariana – MG	cláusulas adverbiais
2009	Mendes	Abre Campo e Matipó – MG	ausência/presença de artigo definido diante de nomes próprios
2010	Brito	Piabas Caém –BA	objeto direto (ana)fórico
2010	Ribeiro	Passos – MG	vocabulário rural
2012	Negreiros	Picos –PI	apagamento e/ou manutenção da vogal átona final
2012	Guedes	Pará	variação lexical (ALIPA)
2012	Rodrigues	comunidades rurais baianas e Luanda- Angola	concordância nominal de gênero
2012	Maia	Pombal - Belo Horizonte- MG	formas reduzidas de 'a gente'
2012	Braga	Mariana - MG	ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos
2012	Oliveira	Itaúna - MG	haplologia, elisão e apócope
2012	Santos	Papagaios - MG	vocalização da lateral palatal
2013	Trindade & Figueiredo	Helvécia e Cinzento - BA	variação mais ~ e em contexto de coordenação
2013	Ribeiro	Oliveira Fortes - MG	concordância nominal e concordância verbal

Conforme é possível observar nas informações sistematizadas na tabela, as pesquisas que contemplam a zona rural, em geral, possuem um objeto de interesse analítico (pronome de tratamento, concordância nominal, concordância

verbal, aspectos fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos), e a zona rural aparece apenas como um recorte da localidade investigada. A observação da variação linguística na zona rural, propriamente, é foco de poucos estudos.

Dentre os vinte e oito estudos realizados no Brasil que foram elencados, destacam-se: o de Almeida (2005), realizado no distrito de Paiquerê, em Londrina-PR, devido ao fato de contemplar alguns dos fenômenos que serão explorados no presente estudo; e o de Santos (2004), em Goiás, nas comunidades Pombal, Acaba Vida, Porto Leocárdio e Traíras, por trazer problematizações que dialogam com as aqui realizadas. Especificamente em Minas Gerais, focaliza-se a pesquisa de Ribeiro (2013) por ter como objeto o município de Oliveira Fortes-MG e trazer contribuições no que se refere ao papel das redes sociais nas escolhas linguísticas dos falantes rurais.

A pesquisa de Almeida (2005) teve como objetivo a análise da influência da urbanização na fala de informantes rurais residentes em Paiquerê, distrito de Londrina, Paraná. A autora busca verificar as diferenças linguísticas – existentes ou não – entre um morador do meio rural e um morador do meio urbano em função da nova caracterização do espaço rural devido à urbanização.

Para tanto, a pesquisadora compara, na primeira etapa de sua investigação, os dados de 130 entrevistas do Atlas Linguístico do Paraná (aspectos lexicais) às entrevistas realizadas em 2002 com 12 informantes de Paiquerê, com faixa etária de 18 a 45 anos e 46 a 70 anos, de ambos os sexos e analfabetos ou até a quarta série do ensino fundamental. Nessa etapa, destacaram-se as pistas de urbanização na fala dos moradores rurais, sendo encontradas 62 expressões na fala dos informantes do sexo masculino e 10 expressões na fala dos informantes do sexo feminino.

Posteriormente, Almeida (2005) contrasta os dados dos moradores de sítios e dos moradores do distrito em Paiquerê, enfatizando as marcas de tradição rural, as particularidades e as marcas de urbanização, levando-se em consideração o processo de referenciação ao ambiente urbano.

No que se refere às marcas da tradição rural, foram encontrados os seguintes fenômenos fonéticos na fala dos moradores da zona rural: a) monotongação (*ei~e*, *ou~o*, *ai~a*); b) ditongação (diante de sibilantes em coda final); c) iodização; d) alçamento da pretônica; e) alteração de *om* para *ãu* (bãu); f) alteração de *em* e *i* no final de vocábulo; g) rotacismo em encontro

consonantais; h) rotacismo em trava silábica; i) alteração da desinência *ram* para *ru* e *rum*; j) alteração de *v* para *b*; k) apócope; l) síncope; m) aférese; n) metátese; o) assimilação; e p) aglutinação. Já em relação aos fenômenos morfológicos, ela identificou a flexão verbal nas formas do pretérito perfeito do indicativo dos verbos em *ar* com a tônica mudando-se em *e*; no léxico, destacaram-se: *causo*, *ra mó di dexá limpo*. No que se refere à sintaxe, observou a ausência de concordância nominal em número e gênero; a ausência de concordância verbal; verbo *ir* seguido da preposição *em*; e ausência do pronome reflexivo.

Em contrapartida, também foram encontrados usos da norma culta referentes à concordância de número nominal e verbal, ao tempo verbal e ao vocabulário. Além disso, observaram-se pistas de urbanização no léxico, detalhadas na entrevista de cada informante. Diante disso, a autora constata que:

[...] a linguagem dos informantes em questão, que não é inteiramente um *dialeto caipira* – conforme Amaral (1920), mas que também não se constitui num falar urbano, estaria mais próximo do que Bortoni-Ricardo (1998) nomeou de *dialeto rurbano*, ao descrever a linguagem como um *continuum*. (ALMEIDA, 2005, p. 177-178)

Essas alterações no falar dos moradores da zona rural estariam relacionadas à mobilidade interocupacional, bem como à configuração das redes sociais dos informantes. Dessa forma, a autora conclui o seguinte:

[...] O falar atual do camponês difere do de 1920, porque o indivíduo que hoje reside em zonas rurais mudou, sofreu transformações em sua forma de vida. Hoje o trabalho no campo conta com tecnologia, há máquinas que auxiliam o trabalhador rural e até mesmo o substituem em determinadas situações. É o caso do processo de se tirar o leite das vacas por meio de máquinas, por exemplo; um trabalho que seria feito por vários trabalhadores hoje é feito por um só para manusear e controlar máquinas, em algumas regiões brasileiras. Verifica-se, portanto, que houve uma grande alteração no campo e, conseqüentemente, nos hábitos das pessoas que lá residem. Desta forma, é possível compreender o porquê das alterações do falar rural. A necessidade do contato com o meio urbano resultou também no contato com o falar mais próximo da norma culta e de vocábulos relacionados à vida urbana (ALMEIDA, 2005, p. 193).

O estudo de Santos (2004), intitulado “Falares rurais brasileiros”, analisa qualitativamente algumas características linguísticas das comunidades rurais goianas: Pombal e Porto Leocárdio (ex-quilombos), Traíras (remanescente de arraial do Ciclo do Ouro) e Acaba Vida (migrantes mineiros do início do século XX), com dados de 38 informantes, nascidos em suas respectivas comunidades ou nelas residentes há pelo menos 40 anos, do sexo masculino e do sexo feminino, situados em três grupos etários (12-32, 40-58 e 60 ou mais), com baixa ou nenhuma escolaridade, com baixo, médio e alto grau de mobilidade interna e externa e, respeitadas as limitações de cada local, com diferentes ocupações.

Os fenômenos contemplados são: variante retroflexa, iodização, rotacismo e ordenação dos constituintes na sentença (Adjetivo Nome ~ Nome Adjetivo), este último mais explorado em Santos (2008). A autora justifica sua escolha pelo fato de serem fenômenos “socialmente estigmatizados e marcadores da identidade rural ‘roceira’” (SANTOS, 2004, p. 1).

Nos dados analisados, o /R/ foi registrado categoricamente na comunidade de Acaba Vida. Todavia, nas demais comunidades rurais, o fonema foi registrado apenas esporadicamente, na fala de indivíduos do sexo masculino, escolarizados e com maior grau de contato com a sociedade urbana envolvente. Já o rotacismo e a iodização foram registrados em todas as localidades, com abundância de ocorrências. Quanto à ordem Adjetivo Nome, a ordem AN só ocorre em expressões cristalizadas, como “boa pessoa”, “mal ambiente” etc.

A partir de seus resultados, a pesquisadora confronta a ideia de que as áreas rurais são mais conservadoras do que as áreas urbanas, uma vez que, em situação de intenso contato interlinguístico, os processos naturais de mudança linguística ocorrem de forma mais acelerada. Ao observar que alguns fenômenos da fala na zona rural também já foram implementados no francês padrão, Santos (2004) defende que “o processo de inovação está mais adiantado na variedade rural do que na urbana, tanto nos traços fonológicos quanto nos morfossintáticos” (SANTOS, 2004, p. 4). Assim, defende – e reforça sua tese em Santos (2008) – que:

[...] a fala rural pode ser conservadora em muitos aspectos, mas também pode ser inovadora tanto quanto qualquer outra variedade linguística, a despeito do grau mais alto de isolamento geográfico das comunidades rurais [...] (SANTOS, 2008, p.257).

Em uma distinta abordagem acerca do conservadorismo linguístico, Ribeiro (2013) investiga a ausência de concordância de número no sintagma nominal (SN) e verbal (SV) entre os falantes do município de Oliveira Fortes-MG. Através dos dados de entrevistas com 24 informantes, sendo 12 residentes na zona rural e 12 residentes na zona urbana, encontrou-se o predomínio da variante ausência de marca explícita de número em 89,6% dos SN e 80,6% dos SV.

Além da análise quantitativa dos fatores condicionadores da variação, a pesquisadora analisa qualitativamente a distribuição das variantes por informante, associando o fenômeno à configuração das redes sociais. Assim, constata que há “duas forças atuando na configuração linguística do município: uma em direção à ruralidade em função das raízes sociais do município; e outra em direção à escolaridade” (RIBEIRO, 2013, p. 181), com intermédio das redes sociais. Dessa forma, indica que:

- a) para os informantes analfabetos ou semiescolarizados, as redes sociais funcionam como um intermédio para o avanço do falante à direita da seta (rumo ao polo da escolarização). [...]
- b) para os informantes escolarizados, as redes sociais funcionam como uma “barreira” para a sobreposição da variante de prestígio à variante conservadora. Em decorrência de os falantes, em seu dia-a-dia, manterem o seu círculo de interação restrito à comunidade – cuja maioria dos moradores possui ligação com o meio rural –, se sentirem satisfeitos com o ambiente em que vivem e/ou não almejem mudança para um meio mais urbano, a força do apego às raízes direciona-os à ruralidade [...]
- c) para os informantes que apresentam perspectivas de mudança de vida, a qual inclui a saída da comunidade para contato com outro meio urbano, a força da escolaridade tende a ser mais forte do que o círculo social e a ruralidade. [...] Metaforicamente, podemos dizer que “a mudança vai embora”.
- d) para os informantes em que há satisfação com o ritmo de vida e com as raras possibilidades de inserção no mercado de trabalho (o que se aplica aos jovens e aos adultos), a força das redes sociais impera. [...]
- e) para os informantes com faixa etária mais elevada, a força que os move tende a ser a de apego às raízes rurais – que todos possuem, inclusive os “urbanos”. A língua que vem sendo mantida no município conta com grande atuação dos falantes mais idosos, que, em função da não escolarização ou da escolarização precária e distante da vida que levam, conservam a língua de um tempo em que não havia nenhuma escolarização

e/ou nenhuma influência urbana na localidade. (RIBEIRO, 2013, p. 181-183)

Assim, verificou-se que o alto índice de ausência de concordância na localidade é justificado pela configuração das redes sociais dos moradores e ao isolamento sócio-geográfico do município, com tendência à focalização dialetal.

Ressaltadas as contribuições dos estudos acerca da fala rural no país, serão esclarecidos, no próximo capítulo, os procedimentos metodológicos adotados na presente pesquisa, com a apresentação das localidades e dos informantes que constituem o *corpus* de análise.

CAPÍTULO III

CARACTERIZAÇÃO DAS LOCALIDADES E DOS INFORMANTES

O presente estudo focaliza a fala rural em dois municípios situados na região da Zona da Mata de Minas Gerais, especificamente na microrregião de Juiz de Fora. A variação linguística intra e entre as localidades é o interesse de investigação e, portanto, a base teórico-metodológica é a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001). Além das contribuições labovianas no que se refere à obtenção dos dados e à análise, os estudos sobre *Social Networks*, ou seja, Redes Sociais (MILROY, 1980, 1987, 2004; MILROY & MILROY, 1985; BORTONI-RICARDO, 1985, 2011) contribuem para a interpretação dos achados.

Os procedimentos metodológicos para a obtenção dos dados são semelhantes aos que foram utilizados em Ribeiro (2013), já que as entrevistas dos doze informantes residentes na zona rural, as quais compõem o *Corpus Sociolinguístico do Município de Oliveira Fortes-MG*¹⁷, serão analisadas sob novos enfoques, em contraste com outra localidade rural na mesma região. Sendo assim, o desafio foi escolher a segunda localidade, fazer visitas exploratórias, selecionar os informantes e realizar as entrevistas.

Após a transcrição das entrevistas, foi realizada a marcação dos dez fenômenos variantes selecionadas, pautados nos estudos de Amaral (1920) e Castilho (2010). Os fenômenos são: i) ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras; ii) perda da vogal átona inicial; iii) perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal; iv) perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais; v) troca de [l] por [r] em grupos

¹⁷ O *corpus* encontra-se disponível em CD-ROM e anexado à dissertação de mestrado intitulada *O perfil Sociolinguístico do Município de Oliveira Fortes-MG: a Concordância Nominal e Verbal* (RIBEIRO, 2013). O *corpus* é composto por 24 entrevistas sociolinguisticamente orientadas, com informantes nascidos e residentes no município, sendo doze moradores da zona rural e doze na zona urbana. Todas as entrevistas foram realizadas pela autora deste trabalho, nascida no município de Oliveira Fortes-MG.A

consonantais; vi) iodização da palatal /λ/; viii) perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal; viii) perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa; ix) simplificação da concordância nominal; e x) simplificação da concordância verbal. A nomenclatura dos fenômenos pautou-se na terminologia adotada por Castilho (2010, p. 206-209).

Neste capítulo, serão apresentados as localidades e os informantes, bem como os critérios adotados durante a pesquisa.

3.1. Caracterização das localidades

A seleção das localidades a serem investigadas considerou, primeiramente, o município de Oliveira Fortes-MG, em virtude da pesquisa realizada durante o mestrado em 2013 e o *corpus* já constituído. A segunda localidade, então, foi buscada na mesma região, a qual compreende os 33 municípios da microrregião de Juiz de Fora-MG.

Figura 4 - Microrregião de Juiz de Fora – Zona da Mata Mineira



Fonte: SkyScrapercity ¹⁸

Assim, através dos dados do Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, buscou-se a distribuição populacional e selecionou-se o município com maior percentual de população residente na zona

¹⁸ Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1001469>. Acesso em 08 de set. de 2015.

rural¹⁹: Belmiro Braga, com população total de 3403 habitantes, sendo 2304 (67,7%) moradores da zona rural.

Na sequência, será realizada uma caracterização geral dos dois municípios, com ênfase nas informações atreladas à zona rural.

3.1.1. Belmiro Braga

O município de Belmiro Braga-MG teve sua história marcada pela abertura do Caminho Novo, quando surgiu o povoado de Vargem Grande, por volta de 1852. Em 1943, tornou-se distrito de Juiz de Fora, passando a se chamar Ibitiguaia. Em 1962, foi emancipado como Belmiro Braga, em homenagem a um poeta da localidade.

Belmiro Braga, como já exposto, situa-se na mesorregião da Zona da Mata Mineira e na microrregião de Juiz de Fora, com acesso pelas rodovias BR-040 e MG-353. Os municípios limítrofes são Juiz de Fora – do qual dista 28 km –, Matias Barbosa (MG), Simão Pereira (MG), Santa Bárbara do Monte Verde (MG), Paraíba do Sul (RJ), Comendador Levy Gasparian (RJ), Rio das Flores (RJ).

Figura 5 - Localização de Belmiro Braga em relação a Juiz de Fora



Fonte: SkyScraperCity

A extensão territorial de Belmiro Braga é 393,13 km², a qual comporta

¹⁹ Foram identificados três municípios com mais de 60% da população residente na zona rural: Belmiro Braga (67,7%), Bias Fortes (67%) e Santana do Deserto (64%). Contudo, fez-se necessária a escolha de apenas um deles, tendo em vista os recursos disponíveis (recursos próprios) e o tempo hábil para sua realização (início em maio de 2015).

seus 3.403 habitantes (IBGE, 2010), configurando uma densidade demográfica de 8,66 hab./km². O município é constituído por três distritos: Belmiro Braga, Porto das Flores e Três Ilhas.

Sua população, conforme os dados do Censo Demográfico realizado em 2010 (IBGE, 2010), é constituída por 3.403 habitantes, sendo 1.722 homens e 1.681 mulheres. Dentre os 3.403 habitantes, 2.550 são naturais do município (74,9%), enquanto, entre os demais, 596 são oriundos de localidades mineiras e 257 de outros estados. Pela proximidade a Juiz de Fora, uma parte da população belmirense se desloca diariamente para estudar (129 pessoas) ou trabalhar (133 pessoas).

No que se refere à escolarização, 119 pessoas com mais de 40 anos nunca frequentaram a escola, 1949 possuem ensino fundamental incompleto, 429 possuem ensino fundamental completo e médio incompleto, 402 possuem ensino médio completo e 130 pessoas cursaram o ensino superior.

Na zona rural – foco do presente estudo –, residem 2.304 habitantes, ou seja, 67,7% da população, distribuídos nas seguintes faixas etárias:

Tabela 5 - População residente na zona rural por faixa etária – Belmiro Braga (IBGE, 2010)

Faixa etária	n.º	%
de 0 a 5 anos	208	9%
de 6 a 14 anos	346	15,5%
de 15 a 24 anos	379	16,3%
de 25 a 39 anos	487	21%
de 40 a 59 anos	589	25,5%
de 60 anos ou mais	294	12,7%
Total	2.304	100%

O valor do rendimento nominal mediano mensal *per capita* dos domicílios na zona rural é 340 reais, enquanto na zona urbana é 493,33 reais.

No que se refere à economia, em 2014, conforme o Censo Agropecuário realizado pelo IBGE, 556 pessoas encontram-se envolvidas com o trabalho no campo, distribuídas nos 132 estabelecimentos agropecuários, dos quais sete se dedicam exclusivamente à lavoura e 125 à criação de bovinos (14.426 cabeças),

equinos (119 cabeças), suínos (381 cabeças), caprinos (281 cabeças), entre outros, como muares, asininos, ovinos e aves. Na produção de leite, 92 estabelecimentos estão envolvidos, com 3.081 vacas, as quais produziram, em 2014, 5.915 mil litros de leite no ano.

Na lavoura, destaca-se a produção de banana e café como lavoura permanente. E, como lavoura temporária, destaca-se a produção de cana-de-açúcar (5400 toneladas e 432 mil reais), milho (320 toneladas), feijão (56 toneladas) e mandioca (10 toneladas),

É importante destacar que o Produto Interno Bruto (PIB) do município *per capita* é 11.971,93 reais, com valor bruto da agropecuária de 8.534 mil reais, da indústria de 6.582 mil reais e do setor de serviços de 10.659 mil reais. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - 2010 (IDHM 2010) é 0,66.

Na visita à localidade, impressionam a extensão de área verde e as grandes fazendas logo na entrada do município, evidenciando a importância da agropecuária na história de Belmiro Braga. Contudo, há muitos domicílios rurais fechados, aparentemente abandonados, sinalizando o êxodo rural. Ao se adentrar nas comunidades rurais, observa-se que o perfil do morador rural é distinto, uma vez que as fazendas, em sua maioria, conforme relatos dos moradores, foram vendidas para produtores rurais que não residem na localidade. Assim, a agricultura familiar, de subsistência, foi sendo gradativamente substituída e houve a concentração da produção agropecuária nas mãos de grandes fazendeiros. Dessa forma, grande parte dos moradores da zona rural, embora resida “no campo”, não vive da produção agrícola, já que as terras são exploradas por poucos. Nesse cenário, a população rural belmireNSE tende a “prestar serviços” no campo, e são poucos aqueles que possuem cabeças de gado e/ou terra para plantação.

O acesso às zonas rurais também é algo a ser destacado, uma vez que as estradas são patroladas e, mesmo na época da chuva, possibilitam o trânsito de veículos. Todas as comunidades, inclusive as mais afastadas da sede do município, são atendidas pela Prefeitura Municipal com transporte diário (especialmente para os alunos, já que só há escolas na zona urbana).

Nas comunidades rurais onde há maior agrupamento de habitantes, há uma caracterização de arraial, um vilarejo ou um bairro, com posto de saúde, estabelecimentos comerciais (pelo menos, um bar e uma “venda” (como são

chamados os mercadinhos)) e casas agrupadas. Há fortes relações de parentesco (pais, irmãos, tios e primos) nas comunidades, mas também se observam famílias oriundas do período em que havia uma indústria de produção de Caulim, as quais acabaram se fixando no espaço rural após a falência da empresa.

Um maior detalhamento sobre a configuração das relações pessoais na zona rural de Belmiro Braga será feito na seção 3.2.1., quando serão apresentados os informantes da pesquisa.

3.1.2. Oliveira Fortes

Oliveira Fortes-MG é um município com 2.123 habitantes, dos quais 1.080 são homens e 1.043 são mulheres, conforme o Censo Demográfico realizado em 2010 (IBGE, 2010).

Também situado na macrorregião da Zona da Mata de Minas Gerais e na microrregião de Juiz de Fora, a história da localidade associa-se à abertura do Caminho Novo, por volta de 1703, estreitando a ligação entre o Rio de Janeiro e a região mineradora. Em 1831, Oliveira Fortes já aparecia no censo como “distrito da capela do Livramento”, pertencente à comarca de Sabará. Oliveira Fortes – também denominada “Livramento” e “Santana do Livramento”, em alguns períodos da história – foi distrito de Pomba (1941) e de Barbacena (a partir de 1846). Apenas em 31 de dezembro de 1943, passou a se denominar Oliveira Fortes, em homenagem ao capitão Francisco José de Oliveira Fortes, um dos desbravadores e pioneiros da localidade. O distrito foi elevado à categoria de município em 12 de dezembro de 1953, desmembrando-se de Barbacena.

Oliveira Fortes ocupa uma área de 111 km², a qual se limita com os municípios Aracitaba-MG, Barbacena-MG, Paiva-MG, Santos Dumont-MG e Santa Bárbara do Tugúrio-MG. As principais estradas de acesso são a Rodovia BR-040 e MG-452²⁰. Oliveira Fortes está localizada a 71 km de Juiz de Fora-MG, separada pelos municípios de Santos Dumont-MG e Ewbank da Câmara-MG (divisa com Juiz de Fora), como pode ser visualizado a seguir.

²⁰ O trecho da MG-452 entre a cidade de Oliveira Fortes-MG e a BR-040 foi pavimentado em 2000. Antes, o acesso à cidade era precário, com estrada de terra batida.

Figura 6 - Localização de Oliveira Fortes em relação à Juiz de Fora



Fonte: SkyScraperCity

Sua população é majoritariamente nativa (apenas 152 habitantes não são nascidos na localidade, sendo 75 destes residentes na zona rural). Uma parte da população se desloca diariamente para outro município (Santos Dumont, Juiz de Fora ou Barbacena), sendo 83 pessoas para estudar e 120 pessoas para trabalhar (especialmente no setor de construção civil).

Em relação à escolarização, 373 pessoas nunca frequentaram a escola; 1.309 possuem ensino fundamental incompleto; 271 ensino fundamental completo; 218 ensino médio completo; e 49 pessoas fizeram curso superior.

A distribuição populacional no espaço rural representa 43,58%, ou seja, 945 habitantes, sendo 503 homens e 443 mulheres. A zona rural é dividida em comunidades, sendo que algumas apresentam maior concentração de moradores – Campestre e Formoso –, por estarem mais próximas da rodovia; enquanto em outras residem apenas algumas famílias – São Lourenço, Buracão, Araras, Cantarinos (ou Usina) e Boa Vista. A distribuição etária na zona rural é a seguinte:

Tabela 6 - População residente na zona rural por faixa etária – Oliveira Fortes (IBGE, 2010)

Faixa etária	n.º	%
0 a 4 anos	75	7,9%
5 a 9 anos	57	6,0%
10 a 14 anos	75	7,9%
15 a 19 anos	84	8,9%
20 a 24 anos	71	7,6%
25 a 29 anos	72	7,6%

30 a 39 anos	116	12,4%
40 a 49 anos	156	16,6%
50 a 59 anos	133	14,0%
60 a 69 anos	64	6,7%
70 anos ou mais	42	4,4%
Total	945	100%

O valor do rendimento mensal *per capita* é de 277,50 reais e, na zona urbana, é de 380 reais. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - 2010 é 0,635.

Na lavoura, o município produziu, em 2014, conforme o Censo Agropecuário do IBGE, feijão (87 toneladas), milho (240 toneladas), banana (120 toneladas) e pêsego (432 toneladas). Na pecuária, destacam-se os bovinos (6.16 cabeças), os equinos (133 cabeças), os suínos (327 cabeças), os caprinos (16 cabeças) e os galináceos (12.020 cabeças). Na localidade, há também o desenvolvimento da aquicultura de tilápia (1800 kg). A produção leiteira anual foi, em 2014, 4.425 mil litros. Importante destacar que 324 pessoas trabalham com agropecuária (262 homens e 62 mulheres), setor que concentra maior número de trabalhadores na localidade.

O PIB *per capita* de Oliveira Fortes é 10.278,26 reais, sendo 5.890 mil reais relacionados à agropecuária, 1.206 mil reais à indústria e 5.374 mil reais a serviços.

Como detalhado em Ribeiro (2013), o município conserva características essencialmente rurais, configurando-se uma cidade pacata e tranquila. Há pouco fluxo populacional, e os moradores, de um modo geral, conservam seus hábitos atrelados à vida no campo, os quais são transmitidos de geração em geração.

Serão tratados, a seguir, dos procedimentos metodológicos para a seleção dos informantes e será feita a apresentação de seus perfis.

3.2. Informantes

Para a seleção dos informantes em Belmiro Braga, buscou-se utilizar critérios semelhantes aos de Ribeiro (2013), uma vez que as entrevistas dos

doze informantes rurais do município de Oliveira Fortes já compunham o *Corpus Sociolinguístico do Município de Oliveira Fortes-MG*, cujos dados foram coletados entre novembro de 2011 e março de 2012.

Considerando a experiência anterior (RIBEIRO, 2013), teve-se o cuidado em observar as especificidades do perfil dos moradores da zona rural em Belmiro Braga e optou-se por realizar a estratificação dos informantes apenas por meio das variáveis sociais sexo e faixa etária, deixando em segundo plano a variável escolarização, também considerada como uma variável clássica da Sociolinguística Variacionista (TARALO, 1994; MOLLICA & BRAGA, 2003). A escolarização não foi, portanto, utilizada como critério de seleção, uma vez que se trata de um grande desafio encontrar pessoas mais jovens sem nenhuma escolarização e/ou pessoas mais idosas com ensino fundamental completo, por exemplo. Em Ribeiro (2013), resolveu-se esse problema com as categorias analfabeto/semiescolarizado x escolarizado, mas, dada a sua generalidade, julgou-se mais pertinente analisar a escolaridade posteriormente à coleta em Belmiro Braga.

Como a pesquisadora não possuía nenhum conhecimento sobre a localidade, foi necessário visitar as comunidades rurais e identificar pessoas dispostas a participar da pesquisa e realizar as adequações necessárias em relação ao *corpus* de Oliveira Fortes. Foram quatro dias²¹ de visita para agendamento de entrevistas e, em virtude de a pesquisadora ser uma “estranha”, houve grande resistência, especialmente entre os homens (de todas as faixas) e entre as mulheres mais jovens (entre 15 e 25 anos) e mais idosas (acima de 60 anos). A pesquisadora visitou três comunidades distintas em busca de informantes, mas se deparou com muitas residências fechadas ou com apenas um morador que não se mostrou disponível em participar da pesquisa, mesmo quando era indicado por outra pessoa que já havia confirmado a participação.

Dessa forma, foi preciso rever a estratificação etária e realizar a opção de distribuir o levantamento em apenas duas faixas etárias (até 45 anos e acima de 45 anos), de uma maneira que fossem contempladas as duas localidades, com três informantes em cada faixa, conforme evidenciado a seguir.

²¹ As visitas foram realizadas aos sábados e domingos, durante o mês de setembro de 2015.

Tabela 7 – Estratificação dos informantes

SEXO	FAIXA ETÁRIA	INFORMANTE
Feminino	até 45 anos	01
		02
		03
	mais de 45 anos	04
		05
		06
Masculino	até 45 anos	07
		08
		09
	mais de 45 anos	10
		11
		12

Após a definição de todos os informantes, iniciou-se a realização das entrevistas em Belmiro Braga, tendo como referência a ficha social, a ficha de redes e o roteiro sociolinguisticamente orientado para a entrevista; todos utilizados em Ribeiro (2013). Os informantes assinaram o Termo de Consentimento, exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisas da Universidade Federal de Juiz de Fora.

A ficha social, também conhecida como questionário social, teve, em nossa pesquisa, o objetivo principal de traçar o perfil social do informante. Além disso, Mollica e Braga (2003, p.126) destacam que, como a ficha permite o primeiro contato com o informante antes da entrevista em si, ela serve para “quebrar o gelo” e oferece informações do informante, tornando possível conhecer seus interesses para iniciar a conversa.

A composição desta ficha incluiu: nome, sexo, estado civil, idade, data e local de nascimento, endereço, tempo de residência no município, renda, profissão, escolaridade, além de espaço para preenchimento de outras informações que foram pertinentes no momento da coleta.

A ficha de redes foi utilizada para delimitar se o informante fazia parte de uma rede social densa ou frouxa, multiplex ou uniplex, para posteriormente

discutir quais são as implicações das redes sociais no perfil sociolinguístico. Os itens questionados para a identificação do tipo de rede se referem às características dos contatos linguísticos, levando em consideração as relações interpessoais mais constantes, as práticas sociais, os deslocamentos geográficos, o acesso aos meios de comunicação e o convívio com as práticas letradas.

A entrevista sociolinguística, por sua vez, visou realizar os registros de fala. O objetivo foi obter a fala espontânea, casual, utilizada no cotidiano. Assim, a maior preocupação se concentrou na tentativa de se evitar o “paradoxo do observador” (LABOV, 1972), buscando, em outras palavras, que o informante não perdesse sua espontaneidade linguística diante da presença do pesquisador²². A situação de “entrevista” por si só já possui definições formais que tendenciam o estilo de fala monitorada e desfavorece o estilo menos monitorado. Diante disso, recorreremos à entrevista sociolinguisticamente orientada, atentando-nos para a constatação de Labov (2008 [1972]) de que relatos sobre situações de perigo, experiências marcantes e lembranças de infância servem de pretexto para um maior envolvimento do falante com o assunto e menor monitoração do seu estilo de fala. Como suporte, foi elaborado um roteiro temático para mediar a interação entre a pesquisadora e os informantes.

O roteiro continha perguntas como: *com quem você mora? O que eles fazem (estudam, trabalham)? Você se dá bem com eles? Onde moram seus parentes (perto, longe)? Qual parente você tem mais contato? Por quê? Você tem amigos? Como eles são? Por que você acha que eles são seus amigos? O que você faz com seus amigos? Eles te dão conselhos? Como? Você dá conselhos a eles? Você gosta da sua casa? Como ela é? Você gosta de sua cidade? Por quê? Você sempre morou aqui? Como era antes (a sua casa, a cidade)? O que mudou? O que você acha mais bonito onde você mora? E mais feio? Como são seus vizinhos? Qual foi o momento mais feliz da sua vida? E o mais triste? O que aconteceu? Como foi a sua infância? O que você fazia? Você*

²² Esperávamos que o fato de a pesquisadora pertencer à comunidade e ser conhecida pelos informantes favorecesse o contato e uma maior naturalidade durante a entrevista. Contudo, diante da presença do gravador, os falantes se demonstraram inibidos.

brincava de quê? Com quem? Onde? Você trabalhava na roça? O que seus pais faziam? Tem alguma história que você gostava de ouvir na escola/ dos seus pais/? Conte para mim. O que você espera do futuro? Se pudesse, mudaria alguma coisa na sua vida? O quê? Por quê? Se puder morar em outro lugar, você iria? Por quê?

Cabe ressaltar que o roteiro foi um instrumento de apoio. No momento *online* da entrevista, exigiu-se muito mais da pesquisadora. Para capturar o vernáculo, em alguns momentos, foi preciso ir além da situação da entrevista, recorrendo, por exemplo, a temas de intimidade do informante e/ou permitindo participações de terceiros na conversa.

Outro aspecto que precisou ser considerado foi o tempo. Tivemos o cuidado de não realizar entrevistas curtas demais para não prejudicar as ocorrências das variáveis pesquisadas, mas não estendemos em demasia, porque, em alguns casos, o informante demonstrava desinteresse. Como o tempo de duração variou entre os informantes, o critério foi considerar, no máximo, trinta minutos de entrevista.

As entrevistas foram realizadas individualmente, na residência de cada informante, com duração média de trinta minutos de gravação, além de quinze a trinta minutos de preenchimento das fichas. Foram realizadas, em média, três entrevistas por dia. O período das entrevistas durou dois meses (setembro e outubro de 2015), e as entrevistas foram realizadas exclusivamente pela pesquisadora autora deste trabalho. Após as gravações, as entrevistas foram transcritas de forma grafemática (ou seja, respeitando, parcialmente, as convenções da escrita, em função das alterações fônicas) por um profissional da área. Tentou-se aproximar, ao máximo, da fala, mas sem perder de vista a ortografia..

A seguir, apresenta-se o perfil de cada informante, com ênfase nas informações coletadas por meio da ficha social e de redes e nas entrevistas.

3.2.1. Informantes em Belmiro Braga

Em virtude de a pesquisadora não conhecer ninguém em Belmiro Braga, foi a partir do primeiro interessado que os demais foram procurados. Contudo, como foram visitadas comunidades distintas em Oliveira Fortes (RIBEIRO, 2013), procurou-se também encontrar informantes em comunidades diferentes de Belmiro Braga: Fortaleza (informantes 02, 05, 11 e 12), Bonfim (informantes 01 e 06), Caulim (informantes 04, 07, 08 e 09) e São Francisco (informantes 03 e 10). As localidades foram escolhidas em função de indicações sobre comunidades rurais com maior agrupamento de moradores.

Informante 01

A informante 01 é do sexo feminino, pertencente à primeira faixa etária, com 25 anos. Ela reside na comunidade rural Bonfim, em uma casa bastante isolada, onde há apenas um vizinho. Sua residência é em meio à vegetação, com as criações no terreiro (galinha, porco e cachorro), além de três cavalos no pasto.

Mora com seus pais, irmãos e filha de cinco anos e, no momento da entrevista, estava grávida de três meses. Bastante tímida, consentiu a realização da pesquisa por incentivo de sua mãe, que também participou (informante 06).

A informante 01 está concluindo o terceiro ano do ensino médio através da modalidade Educação de Jovens e Adultos, uma vez que havia interrompido os estudos durante a primeira gravidez.

Sua rede de relações pessoais é constituída por sua família e pela família de seu namorado, que é um grande amigo de seu pai.

No que se refere à mobilidade, a informante 01 se desloca diariamente para a zona urbana de Belmiro Braga, pois trabalha cuidando de um idoso e também estuda à noite. Esse deslocamento é feito por meio do transporte escolar oferecido pela prefeitura. Para atividades relacionadas à saúde (como ir ao médico) e a compras, vai a Juiz de Fora (como habitual entre os demais moradores), mas não gosta, pois necessita ir de ônibus e passa muito mal. Também não possui o hábito de viajar, lembrando que só realizou duas viagens, sendo a última em 2003, quando foi à praia no Rio de Janeiro.

Os contatos com os meios de comunicação são limitados, e a informante relatou assistir a filmes de ação em DVD, já que a antena de transmissão de sinal televisivo de sua residência está queimada há algum tempo.

Apesar das dificuldades e da falta de oportunidades profissionais em seu local de residência, a informante não deseja se mudar para a “cidade”, como mostra o trecho a seguir retirado de sua entrevista:

[...] **P: aí cê iria embora**

I: não...((riu)) acostumei cum roça...eu já acostumei morá aqui...quandu eu vô im cidadi assim...já gostu di chegá na cidadi doida pra voltá pra casa já...custumei...mais quetu né?...muitu barulhu im Juiz di Fora assim...num gostu muito... [...]
(INFORMANTE 01 – BB)

A tranquilidade da vida no campo é destacada pela informante e é perceptível o sentimento de pertencimento à zona rural e à família.

Informante 02

A informante 02 é do sexo feminino e pertencente à primeira faixa etária, com 38 anos. Foi a primeira informante a se mostrar disponível para a participação da pesquisa, e sua entrevista foi a mais demorada (uma hora e quarenta minutos, mas só foram transcritos os primeiros 30 minutos).

A informante reside na comunidade Fortaleza com o seu marido, que ocupa o cargo de vereador. Possui duas filhas que moram em Juiz de Fora, das quais fala com muito orgulho, visto que uma delas já está cursando faculdade. O incentivo das filhas motivou os pais a retomarem os estudos, e a informante com o seu marido cursaram a Educação de Jovens e Adultos, concluindo recentemente o terceiro ano do ensino médio.

Na busca de oportunidades de trabalho, a informante relata que, se necessário, moraria em Juiz de Fora; porém, gosta de morar na zona rural, especialmente na atualidade, já que as condições de vida melhoraram.

[...] **P: e você gosta de morar aqui?**

I: gostu...é tranqüilu...eu gostu di roça...daqui...dessa roça aqui eu gostu...

P: se tivesse uma oportunidade de ir embora pra cidade...você iria?

I: não...num iria não...porque eu achu pertinho...tendeu?...tem uns recursus agora...vem chegando mais coisas boas...eu gostu daqui...eu num iria não...agora não... [...] (INFORMANTE 02 – BB)

Em sua entrevista, a informante caracteriza o novo perfil dos moradores de sua comunidade, uma vez que a tendência é ir embora para a cidade devido à busca de oportunidades e depois retornar, após a aposentadoria, para viver com tranquilidade, já que é difícil “tirar o sustento” da roça.

A informante mostra-se uma pessoa “antenada” (como ela mesmo se rotula) e bastante apegada à família (seus pais e três irmãos). Sua rede de relacionamentos é ampla, especialmente por meio das atividades religiosas na igreja evangélica e pelo envolvimento político de seu marido. Sua mobilidade é facilitada pelo fato de possuir um veículo e não depender exclusivamente do transporte oferecido pela prefeitura. Assim, vai, pelo menos, uma vez por semana na zona urbana de Belmiro Braga e uma vez por mês a Juiz de Fora visitar as filhas.

De um modo geral, a informante gosta de morar na zona rural, mas não gosta do isolamento. Por isso, prefere morar no arraial a morar em fazendas. Assiste a televisão o dia todo, utiliza bastante o telefone celular e acessa a internet. Sua residência, embora localizada no espaço rural, não possui nenhuma plantação, nem mesmo horta e animais (como galinhas). O que se preserva da vida no campo, assim, é apenas a tranquilidade.

Informante 03

A informante 03 é do sexo feminino e representa a última pertencente à primeira faixa etária, com 32 anos. Recém-separada, possui dois filhos e reside na comunidade São Francisco, na casa de sua mãe (que se mudou para Juiz de Fora).

Diariamente, a informante se desloca a Juiz de Fora, onde trabalha como faxineira. Ela viaja no ônibus das 6h e retorna às 17h30. Ela vive um dilema, pois sabe que as oportunidades profissionais estão na “cidade grande”, mas a tranquilidade e o conforto para seus filhos estão, segundo ela, no campo:

[...] P: e você gosta...da vida aqui?

I: é...até qui sim...mais eu num pretendu ficá aqui pur muito tempu não...eu pensu im mi mudá pra Juiz di Fora...achu qui vai sê melhor pra mim...mais fácil pra mim trabalhá né?...ainda num fui pur causa das crianças qui eu achu qui aqui pra elis é melhor...mais sussegadu né?...

[...]

P: e você acha que aqui é melhor pros seus filhos...por quê?

I: assim...é i não é...purque aqui...assim...todu mundu conheci todus mundu...intão assim ...si acontecê alguma coisa cum elis i eu tô im Juiz di Fora...eu vô sabê...qui alguém vai mi ligá...im Juiz di Fora...us vizinhos nem si cunheci quasi né?...mais assim...questão di iscola...eu achu qui lá é melhor...eu possu pô elis numa iscola melhor...aqui num tenhu condições...tipu...deu pagá um colégium i pagá ônibus...lá é mais próximu...cê tá intendendu?...i também...vai ficá mais pertu da vó...mais issu é planus pra...pra mais pra frenti... [...] (INFORMANTE 03 – BB)

Ainda assim, ela é categórica ao afirmar que não consegue viver em locais isolados, lembrando o período em que viveu em outra comunidade rural em Belmiro Braga (Fortaleza), mais afastada:

[...] eu achu Fortaleza horrível...di lá eu num gostu não...daqui ainda gostu...mais...é purque eu fui criada aqui né?...mais Fortaleza...nossa...eu morei...uns...deiz anos...eu morei ali pertu...eu...assim qui eu mudei pra lá...eu ingordei dizesseti quilus...di istressi...cinqu quilus im um mês...achei péssimu...não cunsigui mi adaptá..acustumá...morei lá novi anos sem gostá...num gostu di lá não...tem lugá qui a genti num gosta...não adianta né?

P: por quê?...não tinha nada pra fazer...?

I: ah...achu lá horrível...lá é longi di tudu...aquela istrada di lá...quando num é puera dimais...é barru dimais...ah não...num gostu não... [...] (INFORMANTE 03 – BB)

A informante estudou até o segundo ano do ensino médio e interrompeu os estudos devido à gravidez. Hoje, apesar de ter o desejo de retornar à escola, sente-se impossibilitada pelos filhos e pela necessidade de prover o sustento da família.

Informante 04

A informante 04 é do sexo feminino e possui 48 anos, pertencendo, assim, à segunda faixa etária. Ela é casada, mãe de quatro filhos, tem ensino médio

incompleto e trabalha como auxiliar de educação em uma escola de Belmiro Braga.

Sua rotina é trabalhar em um período e cuidar da casa e dos netos no restante do dia. Possui dois filhos que já se mudaram para Juiz de Fora em busca de oportunidades de trabalho, mas sempre estão na comunidade devido à facilidade de acesso e à proximidade da estrada (ônibus diariamente). Como afirma:

[...] é muito mais fácil você entrá nu ônibus i í im Juiz di Fora...consigui rápidu as coisa...du qui Belmiru...igual...u tempu qui cê fica sentada ali na porta du Bancu du Brasil ali...im Belmiru...isperandu u bancu abrí...cê já foi im Juiz di Fora i já voltô...[...] (INFORMANTE 04 - BB)

Diante dessa mobilidade, a informante gosta de morar na comunidade e, hoje, considera que vive com conforto (possui até TV por assinatura). Como está estabilizada em seu trabalho, não vê motivos para se mudar:

[...] a pessoa tenu um impregu...a vida aqui é boa...cê fica tranqüilu...fica sussegadu...sai...vai pru sirviçu...trabalha...volta pra dentru di casa... [...] (INFORMANTE 04 - BB)

Sua rede de relacionamentos inclui os familiares que residem na comunidade, os filhos – em especial, uma filha que mora em Juiz de Fora –, mas telefona diariamente para a mãe, os colegas de trabalho na escola e os membros da igreja evangélica que frequenta.

Informante 05

A informante 05 é do sexo feminino e possui 65 anos. Residente em uma antiga fazenda em Fortaleza, a informante mora apenas com seu marido, uma vez que seus filhos se mudaram para Juiz de Fora e São Paulo. Dentre todos os informantes, é a que possui maior poder aquisitivo e administra os diversos afazeres da casa. Apesar do cansaço, gosta da vida que leva, vivendo já há mais de quarenta anos no mesmo sítio. Como ela diz:

[...] a vida na roça é issu aí minha filha...trabalhu...né?...tem muito sirviçu...tem horta...cuidu di galinha...tem porcu...tem muito sirviçu...rumá casa...[...] (INFORMANTE 05 –BB)

Embora sua mãe tenha sido professora, as condições de estudo em sua época só permitiram que cursasse o primário (até o quinto ano). Em contrapartida, investiu nos estudos de seus filhos, todos com ensino superior. Os seus filhos a visitam com frequência, mas não pensam em voltar a morar na comunidade.

Em sua entrevista, a informante é saudosa em relação à vida no campo, lembrando de sua infância sem energia elétrica, sem televisão e telefone. Hoje, usufruiu de todo o conforto, abandonando, inclusive, o fogão a lenha. Ela salienta as dificuldades em continuar morando na roça, caso seu marido venha a falecer, especialmente em relação a pessoas mais novas interessadas em atividades rurais.

Informante 06

A informante 06 é do sexo feminino e possui 55 anos. Mãe da informante 01 e de outros quatro filhos, reside na comunidade Bonfim com seu marido (agricultor), filhos e neta. Sua rotina é cuidar da casa e, às vezes, fazer faxina em uma fazenda.

A informante 06 estudou até a quarta série e considera uma “economia” morar na roça:

[...] porque im Juiz di Fora...quem mora im cidadi grandi né?...muito...nossa...gasta...tudu é dinheru...tudu caru...hoji u negóciu é difícil minina...hoji tá muito difícil...pra criá filhu...nossa sinhora...[...] (INFORMANTE 06 –BB)

Sempre que necessário, vai a Juiz de Fora – pelo menos uma vez por mês – para médicos, dentistas e compras. Essa facilidade deve-se à melhoria das estradas, já que:

[...] antigamenti minha filha...era um barreru...era ruim di saí di casa...() indu pra Belmiru...agora tem asfaltu...antigamenti...pra genti í...nossa sinhora...garrava u carru na istrada...tinha qui impurrá...a genti saía muito di carroça antigamenti...[...] (INFORMANTE 06 –BB)

O deslocamento nos dias atuais é bem mais fácil e, assim, a moradora tem sua mobilidade garantida sempre que quiser sair de sua casa e ir à zona urbana de Belmiro Braga ou a Juiz de Fora (como a maioria prefere).

Informante 07

O informante 07 é do sexo masculino e pertence à primeira faixa etária, com 16 anos. Reside na comunidade Caulim com sua avó e tia, pois sua mãe se mudou para Juiz de Fora. Interrompeu os estudos no sétimo ano, em função das diversas repetências, mas reconhece a necessidade de retomar a vida escolar. Ele indica, ainda, a existência de conflitos com os moradores da zona urbana de Belmiro Braga como uma das causas de parar de estudar (já que a escola é na zona urbana).

O informante tem sua rede de relações bastante restrita à família e aos vizinhos, especialmente os informantes 08 e 09, já que são os únicos rapazes de idade próxima na comunidade. Utiliza celular e gosta de ouvir funk e assistir a desenhos na televisão. Em relação à mobilidade, vai a Juiz de Fora em quase todos os finais de semana ver sua mãe, apesar de achar muito caro o preço da passagem (17 reais, ida e volta).

O informante relata que, apesar de ter sido criado no meio rural, não quer seguir nesse ramo, pretendendo trabalhar como segurança de banco. Segundo ele:

[...] **P: e...cê não quer ser fazendeiro não?**

I: ah não...num pretendo não...quandu eu era menó eu tinha vontade...mais depois eu fui crescenu...fui venu qui num era...qui num era bem essis negócio qui eu quiria não...fui venu qui...qui essi ladu aí num dá pra mim não...

P: por quê? o que que te levou a desistir?

I: ah num sei...achu qui...fui criadu muito nu mei dissu daí...eu fui...fui panhanu raiva...sei lá...fui...cunvivenu muito né?...aí eu falei ah não...issu daqui num dá pra mim não...

P: trabalha demais também, né?

I: é...dependenu du sirviçu aí é...dumingu a dumingu...tá doidu ué...imagina cê ralanu di dumingu a dumingu...num tem nem jeitu... [...]

us fazenderu aqui...elis compra a fazenda aí...i vem mais é fim di semana...fim di anu...aí bota...bota lá um caseru pa tomá conta da fazenda lá...i vai imbora...vem final di semana...u otu...vem mesmu pa passá final di semana...qui tem muitos fazenderu qui...qui mora na cidadi assim...já injuô da cidadi já...aí qué morá num lugá mais distanti...aí compra um lugazinhu assim...uma fazendinha...aí vem...mexi cus boi...um negóciu assim...pra distrái também...

P: mas o pessoal daqui mesmo...ser dono de um sítio é difícil, né?

I: não...daqui di dentru mesmu?...não...é difícil...mais...sempri é...aqui nunca tevi donu di sítiu aqui não...sempri é genti di fora qui vem i compra i...chama alguma pessoa pra morá na casa lá...i vira caseru lá...i vai imbora...mais daqui di dentru memu aqui num tem não...não...di Belmiru tem...Belmiru tem...mai aqui...dentru aqui num tem não...pricisanu () muita fazenda né?[...] (INFORMANTE 07 – BB)

A nova geração de jovens rurais, tal como evidenciado na fala do informante 07, procura outros tipos de trabalho na cidade. O irmão do informante, por exemplo, que já se mudou para Juiz de Fora, trabalha como pedreiro e reside em um bairro da periferia. A falta de oportunidades nos pequenos municípios e a centralização da produção agropecuária nas mãos de poucos fazem com que os jovens busquem outros caminhos.

Informante 08

O informante 08 é do sexo masculino, possui 16 anos e, assim como o informante 07, reside na comunidade Caulim, com sua mãe. Parou de estudar e sente vergonha de retomar os estudos na turma regular. Desse modo, está aguardando completar a idade para frequentar a Educação de Jovens e Adultos.

Ele se considera um viciado em celular e relembra a sua infância, quando as brincadeiras eram outras:

[...] **P: e quando não tinha celular?**

I: hum?...quandu eu era piquenu?...ah...eu brincava...quandu eu era piquenu tinha muito negu piquenu...era piqui...era bola...

P: cê acha que melhorou agora com o celular...ou antes era melhor?

I: era melhor...nóis era piquenu...nóis conheci aí tudu comu a palma da nossa mão...sabi ondi tem istrada...ondi tem trilha...

P: e agora?

I: agora () agora nói num brinca dissu mais não... [...] (INFORMANTE 08 – BB)

Dentre as transformações da vida no campo, o informante se preocupa com o uso de drogas entre os jovens ociosos e também não demonstra interesse em trabalhar com agropecuária:

Como a maior parte dos jovens, pretende se mudar para Juiz de Fora assim que completar 18 anos. Só não foi ainda morar com seus irmãos mais velhos que seguiram esse caminho porque sua mãe não permitiu, já que ela, ainda, é apegada à vida na zona rural e não gostaria que o filho caçula fosse embora.

Informante 09

O informante 09 é do sexo masculino, tem 16 anos e reside na comunidade Caulim. Mora com seus avós, já que sua mãe e seus cinco irmãos já se mudaram para Juiz de Fora. Ele afirma que não gosta muito de “cidade grande”, tendo preferido ficar com os avós.

Apesar das três repetências no sexto ano, o informante ainda estuda e cursa o oitavo ano do ensino fundamental, tendo como professores pessoas de Juiz de Fora. Sua rotina é, basicamente, ir para a escola e mexer no celular (que ganhou recentemente). Reconhece que terá que ir para Juiz de Fora para trabalhar e diz que gostaria de trabalhar em restaurante como o seu irmão, apesar de seu sonho ser se formar em engenharia civil.

Sua mobilidade é limitada a Juiz de Fora e à zona urbana de Belmiro Braga. Nunca viajou para outros lugares e suas relações pessoais são limitadas aos amigos e à família.

Informante 10

O informante 10 é do sexo masculino, tem 65 anos e, portanto, pertence à segunda faixa etária. Durante toda a sua vida trabalhou na roça, mas hoje vive de sua aposentadoria e da venda de biscoitos em sua comunidade – São Francisco. Viúvo, possui seis filhos homens, mas nenhum trilhou os caminhos da zona rural: trabalham como pedreiros e apenas um vive com o pai.

Ele recorda como a vida no campo era rentável em Belmiro Braga e, apesar do pouco estudo (apenas o primário), analisa as motivações para o êxodo rural:

[...]u qui dava muito aqui era u curral compriendeu?...tomadô di conta di fazenda...intão era bom pa dinheru qui nossu Deus...aí eu vim pra cá i num...nunca tevi meu di vortá não...di todú jeitu quandu eu quiria vortá...as veiz quiria saí du lugá...u otrú já vinha cubrí aquelas proposta du otrú i ia só...fiquei até aposentá...tá bom...graças a Deus...

[...] aqui agora tem mais não mais issu aqui...cê pricisava di vê...há...vinti i cincú anu...não...há vinti anu...vinti anu ainda tinha muita coisa aí...agora num tem mais nada...

P: por que que foi acabando?

I: porque u pessual...foi mudanu tudu pra cidadi...foi entranu nessas firmas...essis troçu...issu tudu atrapalha...intão u povu vai...fazenu...uma coisa também qui eu achu muito baratu...qui judô levá u pessual pra...pa saí da roça foi assim...leiti muito baratu...a pessoa num guenta tocá um...um curral...qui cumé qui cê vai fazê?...cê hoji gasta cinquenta li di leiti pa pagá uma pessoa...cumé qui vai fazê um homi tira aí...vamu supô...qui eu tiru duzentus li di leiti...aí eu pricisu docê i mais um...aí eu vô pagá ocêis dois eu tenhu qui tirá cem litru procêis dois...já vai sobrá cem...né?...cem litru pra...pra...dessi cem litru eu tenhu qui tirá pa pagá...pra tratá...ração pra tratá du gadu...tirá...remédiu pa currá...sal...u que vai salvá?...nada...tô mortu di fomi...u qui elis faiz?...vendi i vai imbora...aluga a fazenda...aí duma vai fazendu assim...vai acabanu...u pessual vai saínu pondé qui tem mais né?...elis já vai pra cidadi...aí lá elis já acha...quem guenta pagá cinquenta...i nissu vai inu...i u culpadu dissu tudu foi u guvernu memu...qui num feiz uma tabela direitin né?...qui si tivessi feitu uma tabela direitin di...vamu supô...si u li di leiti...é caru...num vô falá qui eli é baratu pra quem compra...mais fizessi um tipu di..di pô u valor du leiti um preçu qui dessi pa...um dia di sirviçu...mais tinha qui controlá di vinu...di..di acordu...tudu di acordu compriendeu?...saláriu direitin...cum...[...]
(INFORMANTE 10 – BB)

O informante 10, humilde e trabalhador, nunca conseguiu realizar o sonho de ter uma “boiada” e uma fazenda, ainda que fosse alugada, para trabalhar com seus filhos:

[...] ah...eu si fossi pra mim iscolhê memu...tava tudu numa fazenda...qué dizê qui eli casô...qui u meu sonhu era...era alugá compriendeu?...alugá uma...

P: umas terras, né?

I: é...uma terrinha i mexê lá...todu mundu lá juntu lá...mais...tudu qui a genti pensa num dá certu né?...mais tá bom... ...[...]
(INFORMANTE 10 – BB)

O engajamento do informante com o trabalho rural é visível e emocionante, mas reflete os paradoxos da distribuição de terras no campo e a desigualdade na zona rural de Belmiro Braga, em que as fazendas são de poucos e o pequeno produtor não sobrevive.

Informante 11

O informante 11 é do sexo masculino e possui 68 anos. É morador da comunidade Fortaleza e reside com sua esposa, também nascida na comunidade. Pai de quatro filhos, dos quais apenas um ainda mora em Belmiro Braga (na zona urbana), o informante é aposentado como funcionário público e é um líder comunitário, responsável pelas demandas da comunidade (geralmente, em relação à estrada, iluminação e saúde).

Em relação à vida no campo, ele relata que seus irmãos deram continuidade às atividades da fazenda da família, mas ele optou por ser auxiliar de serviços na prefeitura, embora continuasse residindo na comunidade (pela casa própria e tranquilidade). Apesar de sua simplicidade, possui um veículo próprio que lhe dá muita mobilidade. Ele afirma que, mesmo depois de aposentado, “inventa desculpas” para ir diariamente à zona urbana e gosta de “jogar conversa fora”. Por outro lado, faz o possível para não ir a Juiz de Fora, sempre deixando para a sua esposa esse tipo de obrigação. Assim, sua rede social é bastante local, mas influenciada pelos antigos colegas de trabalho na zona urbana.

Quanto aos meios de comunicação, ele possui, há pouco tempo, um telefone celular, mas ainda não se acostumou a utilizá-lo. Gosta de assistir aos jornais e a novelas “até o sono chegar”. Em seu quintal, possui algumas galinhas e uma horta, mas não se vê cuidando de gado como seus irmãos. Como ele mesmo afirma:

[...] nunca gostei du serviçu na roça... achu bunitu cada trabalhadô qui levanta cedu... di sol a sol... chuva a chuva... cumpri suas obrigação nu trabalhhu pesadu... eu num sirvu pra issu...nunca quis... tinha que í porque papai mandava...mais quandu fui pra prefeitura fui liberadu ((riu)) [...] (INFORMANTE 11 – BB)

O informante, assim, é engajado com a vida na comunidade, mas não com a vida no campo. Como uma boa parte da população rural de Belmiro Braga, reside no espaço rural, mas não vive da lavoura, agricultura ou pecuária. Segundo ele, mora no campo somente pela tranquilidade, uma vez que consegue ter, nos dias atuais, conforto semelhante aos que moram na zona urbana.

Informante 12

O informante 12 é do sexo masculino e tem 70 anos. Analfabeto, trabalhou a vida toda na roça, como empregado. Reside sozinho em uma casa simples de barro – pois seus filhos já se casaram e se mudaram – e sofre com “as doenças da idade”. Como ele afirma:

[...] minha...toda vida eu...fui é...trabaiei pra...assim pra fazenderu...toda vida trabaiei im fazenda...aqui...aqui...uma hora trabaiu dum ladu...outra hora eu trabaiei pru outro ladu...já andei nessis morru tudu aí trabaianu...já trabaiei na fazenda da serra...já trabaiei num sítiu ali...já trabaiei aqui nessi sítiu aqui...agora qui...qui eu parei um bucadu...negóciu di coluna...intão agora eu parei um bucadu...agora tô tratanu... [...] (INFORMANTE 12 – BB)

A entrevista do informante 12 foi a mais curta, mas também uma das mais significativas, pois mostrou nitidamente o perfil daquele que “resiste” no campo, que teme falar com um desconhecido e se encontra “cansado” de uma vida marcada por dificuldades. É, ainda assim, otimista:

[...] eu já custumei...quarquê lugá eu...eu ficu im quarqué lugá...pra mim tá bom...((riu)) [...] é...eu gostu daqui...eu...já custumei aqui...a genti acostuma nu matu...um lugazinho bom...quetinhu...sussegadu...a genti fica tranquilu...intão eu gostei muito daqui...a genti sabendu vivê...quarquê lugá é bom... [...] (INFORMANTE 12 – BB)

O informante possui uma mobilidade reduzida frente ao espaço urbano e diz que não saberia nem atravessar uma rua em Juiz de Fora:

[...] cidadi hoji...é só pra quem sabi...quem tenha istudadu pra mó di andá...a genti vai lá pra mó di...num anda nada...num sabi nem pra travessá...tá arriscadu nem travessa dum ladu pru

otru...a genti num travessa...intão...inhantes qui
aconteça...alguma coisa...sabi sabi...num sabi...fica aqui memu
né?...mei du matu ((riu)) [...] (INFORMANTE 12 – BB)

Inconscientemente, ele assume o discurso de que sua condição de analfabeto e de pobre e a sua idade já avançada fazem com que se limite a “aceitar a vida no meio do mato”, numa ideia conformista. Seus filhos buscaram um caminho diferente e, como se viu nas falas dos demais informantes, dificilmente encontram-se, em Belmiro Braga, perfis como o do informante 12 na próxima geração.

3.2.2. Informantes em Oliveira Fortes

Os informantes moradores da zona rural em Oliveira Fortes são os mesmos que compõem o *corpus* de Ribeiro (2013), como já esclarecido. Assim, a apresentação dos mesmos é semelhante à descrita na dissertação de mestrado, com alguns ajustes e detalhes. A principal diferença encontra-se na numeração dos informantes, que necessitou passar por um rearranjo em função da adaptação da estratificação após a inclusão do município de Belmiro Braga. Dentre os doze informantes de Oliveira Fortes, três comunidades rurais são contempladas: Cantarinos (informante 07), Formoso (informantes 01, 04, 05, 08, 09, 10 e 11) e São Lourenço (informantes 01, 03, 06 e 12).

Informante 01

A informante 01 da zona rural de Oliveira Fortes é do sexo feminino e pertencente à primeira faixa etária, com 19 anos. Recém-casada, a informante mudou-se para a comunidade Formoso e mora com o marido, a sogra, o sogro e a filha. Antes, morava na comunidade Cantarinos com a sua mãe e seus irmãos, ao lado da casa do informante 07, que é seu primo.

A informante parou de estudar no sexto ano do ensino fundamental para se dedicar aos afazeres domésticos, engravidou e logo se casou. Hoje, vive em função da filha, enquanto o marido trabalha na roça.

Seu círculo de amizade é muito pequeno: não tem amigos em outras localidades, apenas nos Cantarinos. Sua vida, portanto, é bem caseira, passando o dia assistindo à televisão. A informante 01 é, dentre os informantes, a que parece ser mais isolada das interações com os vizinhos e parentes. Talvez por ser bastante tímida e, até mesmo, inocente, prefere a companhia apenas da filha. Quando questionada sobre o que gosta de fazer, ela afirma:

[...] ah...que qui eu gostu di fazê?...ah...ficá pertu da NP...depois arrumá a casa...só issu...[...] (INFORMANTE 01 – OF)

A informante não anseia retomar os estudos e parece estar satisfeita com a vida doméstica que leva na zona rural.

Informante 02

A informante 02 é do sexo feminino e possui 22 anos. É moradora da comunidade Formoso e completou, recentemente, o ensino médio. É a única filha mulher de um casal idoso e tem dois irmãos mais velhos que moram fora de Oliveira Fortes-MG (um em Barbacena-MG e outro em Santos Dumont-MG). Desde que completou a escolarização básica, deseja mudar para outra cidade, como os seus irmãos, mas a obrigação de cuidar da família tem adiado tal mudança. Ela não gosta do ritmo de vida no campo:

[...] P: i cê gosta daqui...di morar aqui?

I: ah...mais ô menus né?...((riu))

P: que qui cê mais gosta daqui?

I: u qui eu mais gostu daqui?...ah...num sei...achu qui mesmu assim...u qui eu mais gostu daqui...achu qui é essi...essi ar assim...única coisa qui eu gostu...

P: ser tranquilu assim...cê gosta?

I: é...essa coisa tranquila assim...qui é...assim...pelo menus num dá aquela dor di cabeça todú dia assim né?...agora...cidadí é cansativo...é...num sei...é istressanti assim...um poquinho né?...aqui é tranquilu assim...mais aí tamém já tem uma parti ruim assim qui eu num gostu dessa tranquilidadi...agora chega final di semana num tem nada pra fazê...é aquela coisa assim...cê num podi í num barzinhu assim...qui é só homi qui tem lá...num tem uma sorveteria procê í...não tem um cinema procê í cu namorado...num tem nada pra fazê...aí é só a parte chata assim...[...] (INFORMANTE 02 – OF)

O perfil da informante 02 difere do da maioria das mulheres com a mesma faixa etária na comunidade: ela não quer casar, não quer depender de marido; quer continuar estudando. Como se observa, sua mentalidade se aproxima daquela vigente nos grandes centros urbanos. Apesar disso, mantém o seu compromisso com a família, o respeito e o ritmo de vida de uma jovem do interior. Profissionalmente, a informante também tem ambições distintas da maioria de suas conterrâneas: seu sonho é ser aeromoça.

O seu círculo de interação é bastante fechado e, embora esteja integrado à sua família e aos parentes de São Lourenço (como os informantes 03, 06 e 12), também é formado pelos amigos da escola de Paiva e Oliveira Fortes, onde estudou. Como ainda é recente a sua saída da escola e ainda mantém contato com os amigos (por telefone e até por carta), a influência da variedade aprendida na escola se faz percebida em seu vocabulário, em seu gosto pela leitura e em sua crença de mudança de vida por meio dos estudos.

Informante 03

A informante 03 é do sexo feminino e possui 34 anos. Também moradora da comunidade São Lourenço, é casada e mãe de duas filhas. Mesmo casada, continua morando com a sua mãe – professora aposentada – e cuida das filhas (uma de sete e outra de quatro anos). O marido é produtor rural e passa o dia fora de casa, trabalhando em uma fazenda que fica em outra localidade. A informante é prima da informante 02 e sobrinha dos informantes 06 e 12. Eles moram no mesmo loteamento, e o contato é frequente – especialmente com a informante 02, que a ajuda a cuidar das filhas.

Além da família em São Lourenço, a informante tem sua rede de relacionamento um pouco mais expandida pelas relações com a família do marido, que é de outra zona rural, pertencente a um município vizinho, a qual visita semanalmente.

Para passar o tempo durante a semana, assiste à televisão, ouve rádio e conversa no celular com os seus parentes. Além disso, é engajada na comunidade religiosa: é catequista e auxiliar da paróquia (que tem missa uma vez por mês).

Apesar das dificuldades de acesso à comunidade, especialmente no período da chuva, a informante afirma gostar de morar na zona rural e se entristece ao reconhecer que o caminho natural é o êxodo rural:

[...] P: si você pudessi morar im outro lugar cê mudaria?

I: ah pra mim igual a NP falô ali u casu aqui pra nós qui é difícil aqui é tempu das água... u único tempu qui eu achu difícil di morá na roça é devidu u tempu das água né qui as estrada acaba mais si fô assim pur exemplu “vão mudá?” eu mudu... quer dizê a genti senti né porque nasceu cresceu viveu aqui tá crianu a família aqui mais si fô a pontu di mudá nós muda

P: mais cê fica tristi di ver qui todú mundu tá indu imbora?

I: é foi tudu imbora num tem ninguém mais... a genti fica tristi né vendu todú mundu í imbora i a genti tá ficanu mas... vão ficanu até vê

P: i pur qui foi todú mundu imbora? pur qui você acha?

I: ah devido a... difícil né igual pur exemplu aqui num tem comu cê arrumá um sirviçu pa trabalhá ai a maió parti foi imbora arrumô sirviçu casô tá tudu isparramadú cada um pr'um ladu [...] (INFORMANTE 03 – OF)

A informante analisa as transformações na ocupação da comunidade onde vive e receia ter que se mudar em função da saúde da mãe e dos estudos das filhas.

Informante 04

A informante 04 pertence à segunda faixa etária, tem 56 anos e reside na comunidade Formoso. Casada desde os 16 anos, a informante só estudou até os treze anos de idade, na escola próxima a sua casa, na zona rural, em que tirou o quarto ano.

Sua vida é típica de uma vida na roça: cuida da casa, faz biscoitos, queijos e auxilia o marido na lida com o gado, quando necessário. Tem medo da solidão, mas gosta do ritmo de vida do campo. Suas amizades são a família: o marido, o filho, a nora e os dois netos – dentre eles, o informante 08 –, além das irmãs com quem mantém contato via telefone e visitas rotineiras, já que moram em cidades vizinhas. Geralmente, são elas quem a visitam, pois não gosta muito de deixar a casa sozinha.

Portanto, a informante 04 vive bastante isolada. É o seu marido quem sai mais. A sua companhia, geralmente, é a televisão, em que assiste ao noticiário e às novelas.

A informante se divide quando o assunto é sair da zona rural:

[...] intão eu falu cum meu maridu assim “eu vô mudá pa cidadi”...ei fala “tu num para lá nem um dia”...mai eu achu qui eu num paru memu boba...qui a minha casa tem trezi cômodu...eu tô achanu ela piquena essis dia pa ficá den dela...(riu) né?

P: na cidadi vai ser piquenininha...

I: é...ei fala “tu num para nada...vai quirê mudá pa cidadi”...() tem hora qui a genti cansa né?...[...] (INFORMANTE 04 – OF)

Apesar da curiosidade e do desejo pela mudança, ela reconhece que não irá se habituar a outro estilo de vida, já que morou a vida inteira na zona rural.

Informante 05

A informante 05 tem 73 anos e mora na comunidade Formoso. Viúva, mora com dois filhos e, devido às suas condições de saúde, possui pouca independência, mas ainda é bastante ativa nas atividades domésticas.

Através do telefone, mantém contato com seus filhos, principalmente com a filha. Na televisão, assiste à missa e ao jornal. A informante sai pouco de casa: costuma ir à zona urbana de Oliveira Fortes duas vezes por mês ao médico e a Santos Dumont-MG uma vez por mês receber o pagamento e fazer compras na companhia dos filhos.

Analfabeta, a informante relata as dificuldades de estudar quando criança e a falta que o estudo faz:

[...] **P: i a senhora não istudou pur causa di quê?**

I: puque num tinha () nós criamu feiu...criô onzi fiu...papai tevi onzi fia...i só istudô duas mais nova...qui mudô pra Barbacena...mais as otas num istudô nada...eu num sei nada...NP () ...NP...nada istudô...nada nada...

P: i não faiz falta?

I: faiz farta...hoji eu sei qui faiz farta...hoji a genti vai numa loja...qué vê u nomi lá...num intendi né?...nada...mi feiz muita falta mai naquela época nun tinha né?...eu casei cum vinti i dois anu...() agora num vô istudá mais...vô saí pra cidadi pra istudá?...num vô...aí ficô pur issu memu...i hoji tem toda possibilidadi procê istudá...hoji u ônibus vem na porta aí...leva

todu mundu...istuda...pesar di () eu tinha vontadi di aprendê...mais...[...]

(INFORMANTE 05 – OF)

O que mais lhe dá prazer é cuidar da horta, das plantas e de suas criações no terreiro, enquanto seus filhos cuidam do gado.

Informante 06

A informante 06 é moradora da comunidade São Lourenço, tem 64 anos e é casada com o informante 12, com quem tem dois filhos. Seu círculo de amizades é restrito à família. No seu dia-a-dia, gosta de assistir às novelas, aos jornais e escuta as notícias também através do rádio enquanto faz os serviços domésticos.

Estudou até a antiga quarta série na escola da comunidade (hoje, desativada). Sua infância foi marcada pelo trabalho no campo:

[...] **P: i a senhora lembra da infância da senhora... comé qui foi?**

I: ((riu)) eu lembru qui eu trabaiaiva muito na roça né? ... na roça...é... ajudava meu pai lá... fazia serviçu di homi mesmu....essas coisa assim [...]

(INFORMANTE 06 –OF)

Ela reconhece as dificuldades da vida na zona rural e gostaria de se mudar para a zona urbana do município, especialmente para cuidar da saúde, mas mostra-se dependente das vontades do marido, o qual deseja continuar na zona rural.

Informante 07

O informante 07 é do sexo masculino e possui 19 anos. Residente na comunidade Cantarinos, é trabalhador rural e retornou aos estudos recentemente, já que havia interrompido os estudos na antiga quarta série.

Em relação ao seu círculo de interação, o informante afirma que conversa mais com a família (especialmente com seu avô, com quem mora), com o seu vizinho – que também é o seu patrão – e com sua mãe. Além das conversas, o rádio é também seu companheiro, através do qual gosta de ouvir forró. O

informante diz que assiste pouco à televisão e, quando assiste, gosta das novelas. Também gosta de ir a festas nas cidades vizinhas e suas atividades cotidianas estão centradas no município: trabalho, estudo, compras, médico etc.

O informante 07 mostra-se bastante envolvido com a vida no campo e almeja continuar trabalhando com gado, pois é o que mais gosta de fazer:

[...] **P: i u que qui cê mais gosta di fazer na roça?**

I: mexê cum gadu...((riu)) qui eu mais gostu di fazê...tirá leiti...mexê cum gadu...só... [...] (INFORMANTE 07 – OF)

Como consequência do seu envolvimento, observam-se diversos traços tipicamente rurais em sua fala.

Informante 08

O informante 08 é do sexo masculino e possui 16 anos, portanto, é pertencente à primeira faixa etária. Na comunidade Formoso, o informante mora com sua mãe e seu pai, ao lado da casa de seus avós paternos. No momento da pesquisa, cursava o 1.º ano do ensino médio na escola urbana do município. Durante o dia, auxilia o pai na agricultura e, à noite, vai à “rua” estudar. Os primeiros anos de sua escolarização foram na escola rural próxima à sua residência, hoje desativada. Na trajetória escolar, repetiu o 6.º ano logo que mudou de escola.

Em função dos estudos, o informante, todos os dias, está em contato com os amigos que residem na zona urbana. Além disso, aos sábados, faz aula de informática em outro município – Santos Dumont-MG –, embora os colegas de turma também sejam de Oliveira Fortes-MG.

A sua diversão é cavalgar. Nas competições da região, o informante sempre está presente, já que seu pai leva os cavalos dos participantes e, desde cedo, aprendeu a gostar do ramo. É assim que o informante também viaja: pela região, em eventos relacionados a cavalos. Os parentes mais distantes – que moram em São Paulo, por exemplo – só são vistos quando eles vão até o município (geralmente, uma vez por ano, na festa da cidade).

Além dos cavalos, o informante gosta muito de ir à *lan house* da zona urbana jogar *vídeo game*. Também tem o hábito de acessar os sites de

relacionamento e conversa com as garotas de Santos Dumont-MG e Barbacena-MG pela internet, ampliando os seus contatos. Porém, pelo telefone, só conversa com a mãe ou com algum colega mais próximo.

Apesar dos atrativos que a zona urbana oferece, o informante gosta da vida na roça.

Informante 09

O informante 09 é do sexo masculino e possui 29 anos. Sua residência situa-se na parte conhecida como Formosinho, onde mora com sua esposa. É trabalhador rural e, no momento da entrevista, o informante voltava de seu dia de trabalho, em que havia “roçado pasto”.

Sempre residente no Formoso, o informante só estudou até os onze anos de idade, na escola próxima à sua casa. Segundo ele, era um ótimo aluno, mas, depois que concluiu a quarta série, não pode mais estudar, porque seu pai não deixou. Hoje, reconhece a falta que os estudos fazem, já que está tentando tirar carteira de habilitação e não consegue ser aprovado na parte teórica que é exigida no exame, devido à dificuldade em interpretar os textos.

Com a sua vida centrada no trabalho na roça, seus amigos são todos do Formoso, sendo que até a sua esposa já era moradora da localidade. O informante não tem contato nem mesmo com a parte urbana do município, em virtude do excesso de trabalho e da falta de meios de locomoção. Ele só vai à zona urbana uma vez por mês fazer compras e, só agora, com o incentivo do irmão, tomou coragem para tirar carteira de habilitação em Santos Dumont-MG.

Diante disso, pode-se afirmar que a única influência externa que o informante tem é a dos meios de comunicação, especificamente o rádio, que sempre foi seu companheiro, e a televisão, que tem desde os 15 anos.

A tranquilidade da vida no campo é destacada pelo informante:

[...] **P:u que qui cê mais gosta daqui?**

I: ah tranquilidadi né... na roça ocê num... na cidadi cê num tem a tranquilidadi qui cê memu qui cê tem na roça... podi andá di qualqué jeitu poca coisa né... eu gostu da roça

P:cê tem vontadi di morar na cidadi?

I: pur inquantu não... só quandu arrumá um sirviçu bão

P: i a sua esposa ela fala si quer mudar daqui?

I: não... uai si arrumá um sirviçu bão a genti até vai... fazê u qui?

((riu)) [...] (INFORMANTE 09 – OF)

Seu engajamento com a vida na zona rural é visível, mas não nega que, em caso de uma oportunidade de trabalho em outra localidade, ele iria embora para a “cidade”.

Informante 10

O informante 10 é do sexo masculino e possui 45 anos. Sua residência é na comunidade Formoso, onde mora com sua esposa e seu filho. Desde pequeno, aprendeu a trabalhar na roça:

[...] **P: desde criança cês já aprenderam a tirar leite...**

I: é...eu tinha novi anu di idadi...eu cumecei a...trabalhá im curral...aí trabalhei im curral até...vinti i novi anu di idadi...era criança...trabaiava i istudava...aí...depois eu...parei di istudá i cumecei a trabaíá im curral diretu...aí trabaiei deiz anu diretu im curral... [...] (INFORMANTE 10 – OF)

Nos últimos anos, após a conclusão do ensino fundamental, tornou-se funcionário da Prefeitura Municipal, atuando como motorista no transporte escolar, levando os alunos da zona rural para a escola da zona urbana.

Sua rede de relacionamento é bastante local: conversa com seus parentes, vizinhos e com as crianças que transporta para a escola. Sua vida é bastante integrada à comunidade: conhece todo mundo (tanto da zona urbana como da zona rural). O seu telefone é utilizado apenas profissionalmente; além disso, gosta de ouvir a rádio de Santos Dumont-MG, que inclui músicas e noticiários da região.

No período da realização da entrevista, almejava se candidatar a vereador nas eleições (e se elegeu).

Informante 11

O informante 11 é também morador da comunidade Formoso. Idoso, com 69 anos, o informante é do sexo masculino, casado (no segundo casamento) e analfabeto.

Sempre residente na zona rural, morava muito distante da escola quando era criança e não teve a oportunidade de estudar. Segundo ele, as irmãs até

conseguiram estudar, mas os homens tiveram que trabalhar. Portanto, sua vida foi de lavrador e, hoje, vive com sua aposentadoria.

Quase todos os dias, vai a Santos Dumont-MG. Lá, conversa com os colegas, faz compras, vai ao médico, ao banco etc. Quando volta, vai até a venda do Formoso e conversa com os vizinhos e, depois, vai para casa assistir ao jornal na televisão. Quando está em casa durante o dia, ouve no rádio as músicas caipiras e evita o trabalho no campo. Seu estilo de vida é tipicamente de um aposentado.

Informante 12

O informante 12 é morador da comunidade São Lourenço, tem 68 anos, é escolarizado, casado (com a informante 06) e trabalhador rural. O informante tem dois filhos que ainda residem com ele: uma com ensino superior completo e outro com ensino médio completo, o que revela o seu apreço pelos estudos.

Sempre residente no município, inclusive na mesma casa onde hoje mora com sua família, é conhecido por gostar de um bom papo e por conversar com todos de São Lourenço, principalmente com a família e com os parentes que moram próximos à sua casa. Ele recorda das dificuldades da vida no campo (como falta de energia elétrica) e enaltece sua qualidade de vida (como a água direto da mina):

[...] só qui si algum dia eu fô imbora daqui a coisa qui eu vô sinti muita falta é da água... qui mia água é di primera... ea nasci lá im cima den duma pedra... uma pedra até assim meiu aberta cê atravessa lá den da pedra di um ladu pru otu... a água nasci ali dentru i segui pra baxu... ai pra baxu um pocu a genti pega ela cum canu... é quinhentus i sessenta metru di ondi ela nasci até aqui... mais nada pisa im cima dela... criação não... nem travessá im cima eu dexu... pur causa dissu na berada é limpinha a água... quandu filtra é purque pricisa né mais podi tomá dela sem filtrá [...] (INFORMANTE 12 – OF)

Fora da zona rural em que vive, o informante frequenta a zona urbana de Oliveira Fortes-MG e de Santa Barbara do Tugúrio-MG, município próximo. Como não dirige, costuma ir a pé para a zona urbana de Oliveira Fortes-MG ou espera alguma carona. Não gosta muito de sair de casa e, para passar o tempo,

além das atividades diárias da vida na roça (como tirar leite, plantar, colher, aguar horta etc.), assiste, na televisão que tem há vinte anos, ao jornal e a jogos de futebol.

Pelo seu discurso, observa-se o seu apego à memória de seus pais e a sua forte ligação com o meio rural, embora incentive os seus filhos a trilharem outros caminhos devido às dificuldades da vida no campo.

3.3. Elementos para análise

Após a caracterização das localidades e dos informantes, obtêm-se importantes elementos para a identificação, análise e compreensão da variação linguística intra e entre as zonas rurais dos dois municípios.

Apesar de em Belmiro Braga haver um percentual de 67,7% da população residente na zona rural, grande parte dos moradores apenas “reside” no município. Os informantes mais jovens, ainda que gostem da zona rural, não atuam no campo e não sentem o desejo de serem fazendeiros ou produtores rurais. Pelo contrário, almejam profissões mais urbanas. Os mais velhos observam, saudosamente, as transformações que ocorrem nas comunidades, onde, cada vez menos, se produz: até mesmo uma horta no quintal está se tornando raro.

De acordo com a tipologia indicada por Wanderley (2009), conforme apresentado no Capítulo I, a intensidade, a complexidade e a distância da relação entre o espaço rural e urbano em Belmiro Braga determinam o perfil da população que reside na zona rural. Assim, a facilidade de locomoção e o acesso aos serviços oferecidos no meio urbano (em especial, em Juiz de Fora) tornam as comunidades semelhantes a bairros periféricos da “cidade grande”. Os 28 km que separam Belmiro Braga de Juiz de Fora são percorridos em menos de vinte minutos de carro e há transporte público, no mínimo, duas vezes ao dia, com passagem no valor de R\$ 8,50. Para as comunidades mais isoladas, há transporte escolar no período matutino e no período vespertino, também acessível a toda a população que deseja ir à zona urbana de Belmiro Braga. Portanto, é válido reafirmar que grande parte da população rural na localidade

apenas “reside” em Belmiro Braga: não vive a vida no campo e não depende dela.

Em Oliveira Fortes, por sua vez, embora se observem informantes pouco vinculados à agricultura ou à pecuária, a maior parte se envolve e depende economicamente do campo. Como constatado em Ribeiro (2013), Oliveira Fortes é uma localidade com fortes traços de ruralidade que são conservados e passados de geração em geração. Não há a centralidade de terras nas mãos de poucos: todos possuem o seu “cantinho”, ainda que seja para o próprio sustento.

Pela sua história e pela geografia, a intensidade da relação campo-cidade é menor do que em Belmiro Braga. Oliveira Fortes é bem mais distante de Juiz de Fora do que Belmiro Braga, e a mobilidade é mais restrita. Para ir a Juiz de Fora, com transporte público, é preciso ir até Santos Dumont (viagem com duração de 50 minutos), para, então, pegar outro ônibus para Juiz de Fora (mais uma hora de viagem). Assim, apenas quem tem maior disponibilidade de tempo e dinheiro costuma fazer esse trajeto com frequência. Por outro lado, não se trata de uma localidade isolada, pois suas relações com o espaço urbano são intermediadas por Santos Dumont (com 60 mil habitantes) com oferta de serviços.

Ambas as localidades, portanto, estão sujeitas às influências urbanas, mas não com a mesma intensidade. Isso, sem dúvidas, é refletido na fala de seus moradores, conforme será analisado no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

DISTRIBUIÇÃO DOS FENÔMENOS INVESTIGADOS

O presente capítulo apresenta os dados identificados no *corpus* constituído por informantes dos dois municípios investigados na Zona da Mata de Minas Gerais, isto é, Belmiro Braga e Oliveira Fortes; com o objetivo de identificar a distribuição das variantes dos fenômenos pesquisados em cada localidade e entre as duas localidades, de modo a subsidiar a discussão acerca dos traços graduais e descontínuos no espaço rural – que será desenvolvida no Capítulo V.

Embora seja um estudo respaldado na Sociolinguística Quantitativa, cuja análise pressupõe a influência de fatores condicionadores internos (linguísticos) e externos (sociais) – como já exposto no Capítulo I deste trabalho –, serão focalizados apenas os condicionadores sociais, uma vez que o foco do estudo não está no fenômeno em variação propriamente, mas no seu *valor social*, o qual permite marcar, indicar ou estereotipar (LABOV, 1982) o falar/falante rural. Além disso, busca-se entender os fenômenos analisados de modo verticalizado, apurando as motivações sociais para a seleção realizada pelos falantes em relação às variantes.

Os fenômenos variantes selecionados, como já mencionados, são de natureza fonético-fonológica e morfossintática, pautados nos estudos de Amaral (1920) e Castilho (2010). Trata-se de fenômenos sinalizados como característicos do falar caipira, sendo a maioria deles já difundida, de modo mais generalizado, no que se compreende como português brasileiro popular. Conforme já discutido no Capítulo I, alguns fenômenos acarretam maior estigma social do que outros em função do valor social. Assim, podem indicar traços graduais ou traços descontínuos (BORTONI-RICARDO, 1989, 2004, 2005), considerando sua distribuição no *continuum* rural-urbano.

Na presente análise, consideram-se como traços descontínuos os fenômenos “exclusivos” do português brasileiro popular, de acordo com o enquadramento realizado por Castilho (2010). E como traços graduais os que

foram sinalizados por Amaral (1920) como falar caipira, os quais Castilho (2010) reconhece também no português brasileiro culto.

Tendo isso em vista, foram selecionados, para análise, os seguintes fenômenos²³, utilizando a terminologia adotada por Castilho (2010):

1. Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras.
2. Perda da vogal átona inicial.
3. Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal.
4. Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais.
5. Troca de [l] por [r] em grupos consonantais.
6. Iodização da palatal /ɲ/.
7. Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal.
8. Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa.
9. Simplificação da concordância nominal.
10. Simplificação da concordância verbal.

Reconhece-se que, dentre as variantes investigadas, há aquelas que funcionam como *estereótipos*, como *indicadores* e como *marcadores*, em função da avaliação dos falantes diante das representações linguísticas. Enquanto alguns fenômenos são comumente reconhecidos como marcas do falar rural (como a troca de [l] por [r] em grupos consonantais e a iodização da palatal /ɲ/), outros já são encontrados na fala dos brasileiros, independente da zona de residência.

Por outro lado, como não há, na literatura sociolinguística, um levantamento específico de quais são os traços graduais e quais são os descontínuos, opta-se por considerar os fenômenos comuns em Amaral (1920)

²³ Inicialmente, a nasalização das átonas iniciais também seria analisada, mas o fenômeno ocorreu de forma bastante tímida no *corpus* das duas localidades. Foi identificada apenas uma ocorrência em Belmiro Braga, realizada pelo informante 07, mas com a variante não nasalada expressa na sequência: [...] *só fazêinxami*[...] *mais todumêis eu marcu um ixami* (INFORMANTE 07 – BB). Também não contemplamos, na análise, a queda das vogais átonas postônicas nas proparoxítonas (como em *pêzgu*, *cosca*, *arve*, *figo*, por *pêssego*, *cocegas*, *óculos*, *árvore* e *figado*), pois o *corpus* só apresentou três ocorrências: [...] *Só descê aqui...qui u ôns tá...lá per duasfaltu...* (INFORMANTE 01 – OF); [...] *depoi tu pôi essa caxinhapa mim lá denduôni?*... (INFORMANTE 11- OF); e [...] *eli morreu di câncer...di tu...é câncer?...é câncer...nu esofu...* (INFORMANTE 07-BB). Diante disso, conclui-se que esses fenômenos não são produtivos em ambas as localidades, mas ainda estão presentes na fala da zona rural, tornando-se necessárias outras pesquisas e/ou ampliação do *corpus* para averiguar sua distribuição.

e Castilho (2010), até mesmo para que se possa verificar se a gradação no *continuum* em função do valor social das variantes ocorre nas localidades pesquisadas.

Na organização deste capítulo, analisa-se cada um dos fenômenos e suas ocorrências nos dois municípios, destacando as semelhanças e as diferenças no perfil de cada localidade, bem como dos informantes.

É válido destacar que, assim como em Ribeiro (2013), adotam-se os termos “variante inovadora” e “variante conservadora” para tratar da distribuição das variantes. Considera-se como conservadora a variante elencada por Amaral (1920) como característica do falar rural. Portanto, é conservadora no sentido de manutenção da variante no espaço rural. Por sua vez, a variante inovadora é entendida como a variante cuja influência é urbana.

4.1. Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras

A realização do ditongo no português brasileiro, em termos estruturais, se deve à combinação de uma vogal a uma semivogal (glide) dentro de uma mesma sílaba, sendo a vogal o núcleo silábico. Em termos fonéticos, ditongos são vogais que mudam de qualidade durante sua produção, isto é, a articulação parte de um ponto da área vocálica e se dirige para outro. Nessa direção, entende-se como “ditongação” a mudança fonética que consiste na formação de um ditongo sistemático a partir de uma vogal simples.

Em contexto de sílabas travadas por sibilantes (ou seja, [s], [z], [ʃ], [ʒ]), representadas pela arquifonema /S/, a ditongação é uma característica do português brasileiro, conforme destacado por Leite de Vasconcelos (1970 [1901]). O fenômeno é observado em diversas regiões do país, com frequência e distribuição variada, sendo mais comum em sílabas tônicas finais, como observado em *paz* ~ *pa[y]s*; *três* ~ *trê[y]s*; *dez* ~ *de[y]z*; *arroz* ~ *arro[y]s*; *nós* ~ *nó[y]s*; *luz* ~ *lu[y]z*. Trata-se, assim, de um processo variante, cuja natureza é um tema bastante complexo nos estudos fonológicos.

Para Bisol (1989, 1994), o fenômeno ocorrido é um “falso ditongo”, uma vez que não altera a configuração silábica e não gera oposição fonológica (semelhante ao que ocorre com a redução do ditongo em *p[ey]Xe* ~ *p[e]Xe*).

Nessa direção, o “ditongo verdadeiro” seria aquele em que a estrutura silábica é modificada e haveria oposição fonológica, como em *p[a]ta ~ p[aw]ta*. A distinção estaria, assim, na estrutura do *tier* da rima. Bisol (1989) defende, com base na Geometria dos Traços, que, nos ditongos que se formam diante de consoante palatal, haveria um processo de assimilação, no qual os traços articulatórios de segmentos adjacentes proporcionariam o aparecimento da semivogal. Assim, o traço alto da palatal seria compartilhado pelos segmentos vizinhos. Em estudo mais recente, Bisol (2012) afirma que a formação do *glide* pode ser concretizada em /ʃ/, /ʒ/ em alguns dialetos e /s/, /z/ em outros. De acordo com a autora:

[...] atribui-se a formação do glide ao traço vocálico das consoantes palatais /ʃ, ʒ/, imanente em /S/ pós-vocálico que representa a neutralização de sonoridade e de palatalização [...] possibilitando a concretização de /ʃ, ʒ/ em alguns dialetos e /s, z/ em outros. Independentemente da opção, o glide pode emergir [...]. (BISOL, 2012, p. 57)

A existência da ditongação, no Brasil, é registrada em poesias do século XIX, as quais apresentavam rimas do tipo *azuis/luz* e *jamais/voraz*. Tal fenômeno é apontado por Leite *et al.* (2003) e também atestado por Noll (2004). Documentos históricos também registram a ditongação diante de sibilante em coda final em diferentes regiões do país (OLIVEIRA, 2003, 2008; CUNHA LACERDA, 2009).

Nos estudos dialetais, o processo de ditongação diante de /S/ também é evidenciado em diferentes regiões do país. Amaral (1920), caracterizando o dialeto caipira (São Paulo), trata da ditongação ao expor as vogais. De acordo com o autor: “as tônicas [...], quando seguidas de ciciante (s ou z), no final dos vocábulos, se ditongam pela geração de um i: rapáiz, méis, péis, nóis, lúiz” (AMARAL, 1920, p. 22).

Marroquim (1945 [1934]) também registra a existência de uma semivogal antes de /S/ final em Alagoas e Pernambuco: “quando seguido de s ou z acrescenta-se um i, ditongando-se em *rapaiz, páis, estais* (segunda pessoa do sing. do presente do ind. de estar). *Mas emais* tem uma só forma que é *mais*” (MARROQUIM, 1945 [1934], p. 47). Elia (1963) aponta que um dos traços

fonéticos gerais do português brasileiro falado pelas classes populares é a ditongação diante de /S/ final.

Os estudos geolinguísticos também atestam a ditongação em diversas regiões do Brasil. Em sílaba final, ocorrências foram identificadas no estado da Bahia (pincene**is** (pincenês; óculos) e **meis** (mês)); na região Sul (**puis** (pus)); no Paraná (inde**is** (indes), **luiz** (luz)); em São Paulo (**péis** (pés), **voiz** (voz), **luiz** (luz), **paiz** (paz), arro**iz** (arroz)); no Mato Grosso, (**paiz** (paz), **cruiz** (cruz)); no Ceará (**faiz** (faz), avó**is** (avós)). Em Minas Gerais, em especial, Zágari (1998, 2005) caracteriza o falar mineiro, dentre outros traços, pela ditongação diante de sibilante (**treis** (três), **meis** (mês), **veiz** (vez)).

Mais recentemente, Silva (2014) investigou a realização da ditongação em sílabas travadas por /S/ nas capitais brasileiras a partir de dados do Questionário Fonético- Fonológico do Projeto ALiB. A autora analisou dados de 200 informantes, distribuídos em 25 capitais e estratificados por gênero (masculino/feminino), faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e escolaridade (ensino fundamental/nível superior completo). Foram encontradas 1.906 ocorrências da ditongação, com maior número de ocorrências em Maceió e Salvador e menor número de ocorrências em Porto Alegre e Curitiba. Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, apresentou 53 ocorrências em um universo de 453 possibilidades de ditongação diante de /S/. Os resultados encontrados por Silva (2014) evidenciam, além dos aspectos sociolinguísticos, quais capitais tendem a apresentar maior realização do fenômeno da ditongação. A figura a seguir, retirada do trabalho de Silva (2014, p. 189), ilustra essa distribuição (a ditongação está identificada pela cor mais escura):

Figura 7 - Distribuição da ditongação diante de /S/ nas capitais brasileiras (SILVA, 2014, p.189)



Como se observa, a ditongação diante de sibilante em coda final no português brasileiro é um fenômeno difundido nacionalmente, podendo ser considerado um traço gradual, ou seja, não estigmatizado, por ser menos marcado. Contudo, é importante observarmos alguns fatores que podem ser condicionadores da variação.

Alguns estudos, como Mello (1994), Leria (1995), Callou *et al.* (1998), Aquino (2004), Tasca (2005), Haupt (2007), Barros e Savedra (2011) e Silva (2014), têm destacado os ambientes em que a ditongação ocorre com maior frequência (com predominância nos monossílabos, nas sílabas tônicas (palavras oxítonas), com as vogais [E], [e] e [O]). No que se refere aos condicionadores sociais, a tendência é observar a relevância da escolarização e do sexo: homens menos escolarizados tendem a usar a ditongação. Em alguns estudos, a faixa etária também se mostrou significativa, sendo os mais velhos favorecedores do fenômeno.

A hipótese do presente estudo é a de que a ditongação diante de sibilante em coda final é a variante preferida dos informantes, em ambas as localidades. Contudo, até mesmo em função de ser uma variante cujo valor social não

acarreta estigma e de ser característica da região estudada, não pode ser definida como uma variante própria da fala rural, pois já se difundiu no país. Ainda assim, por ter sido apontada por Amaral (1920), é válido analisá-la.

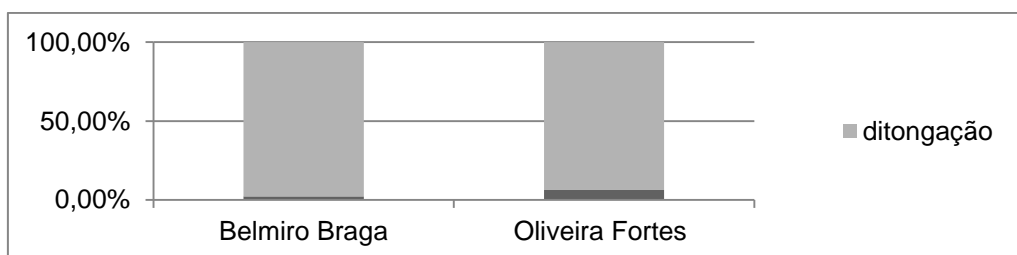
Confirmando a hipótese, os dados mostram que, nas duas localidades investigadas, a ditongação foi a variante preferida, ultrapassando 90% das ocorrências. A presença da não ditongação, portanto, foi incipiente (2,2% em Belmiro Braga e 6,3% em Oliveira Fortes), como pode ser conferido na tabela a seguir.

Tabela 8 - Distribuição das ocorrências de não ditongação diante de sibilante *versus* ditongação nas localidades

	Não ditongação		Ditongação		Total
	n.º	%	n.º	%	
Belmiro Braga	06	2,2%	263	97,8%	269
Oliveira Fortes	25	6,3%	371	93,7%	396

No gráfico a seguir, a discrepância entre as variantes fica mais nítida:

Gráfico 1 - Distribuição das ocorrências de não ditongação diante de sibilante *versus* ditongação nas localidades



Como um fenômeno geral do português brasileiro e da região da Zona da Mata Mineira – como apontado por Zágari (1998, 2005) e por Silva (2014) –, já se esperava a predominância da ditongação nos dados das duas localidades, mas a proporção foi surpreendente, pois, diferentemente dos dois fenômenos analisados anteriormente, ambas as localidades mantêm a variante conservadora. Pode-se levantar a hipótese de que isso ocorre pelo fato de ser

um fenômeno mais isento de estigma. Na sequência, explora-se a variação em cada localidade.

4.1.1 Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras em Belmiro Braga

A presença da variante ditongação diante de sibilantes em coda final em Belmiro Braga foi quase total, como já exposto anteriormente. Contudo, é importante observar que os contextos de ocorrências são considerados, de acordo com as constatações de estudos anteriores, propícios para a aplicação da regra, em especial: oxítonas e monossílabos.

Tabela 9 - Itens com ditongação e não ditongação em Belmiro Braga

	Não ditongação	Total	Ditongação	Total
Monossílabos	<i>dez, mês, luz, pus, cês²⁴</i>	06	<i>feiz, treis, veiz, faiz, meis, deiz, nós, gaiz, traiz, cruiz, pôis, luiz, ceis,</i>	340
Dissílabos	-	-	<i>rapaiz, ingleis, capaiz, produiz, talvez, atrais, voceis, oceis,</i>	18
Trissílabos	-	-	<i>portugueis, gravideiz, atraveis, aliais</i>	05
Total	06		263	

Não houve nenhum informante que utilizasse apenas a variante inovadora. Apenas três das seis mulheres a utilizaram. A tabela a seguir traz a distribuição das ocorrências por informante.

Tabela 10 - Ocorrências de não ditongação diante de sibilante *versus* ditongação por informante – Belmiro Braga

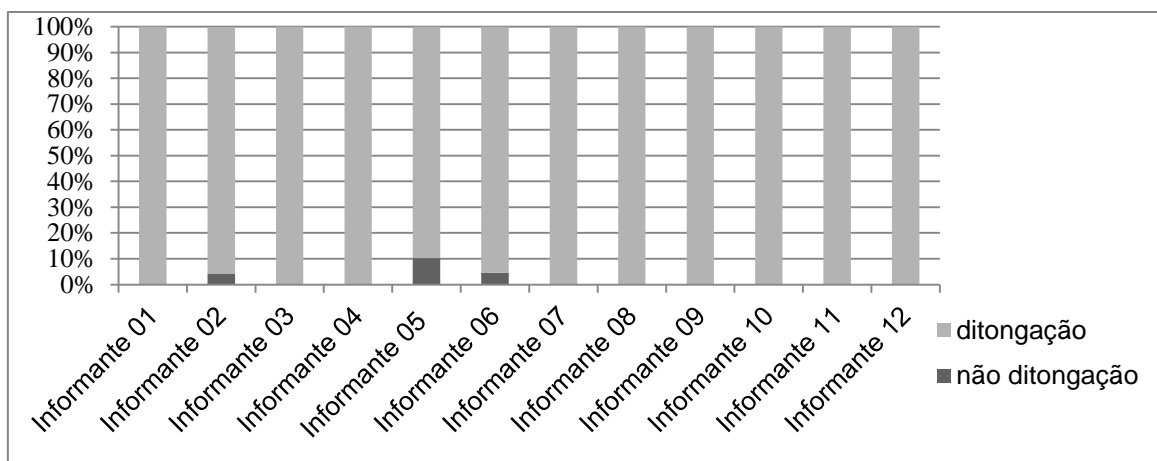
Informante	Não ditongação		Ditongação		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL

²⁴ Forma reduzida de “vocês”.

Informante 01	0	0%	23	100%	23
Informante 02	02	4,3%	44	95,6%	46
Informante 03	0	0%	06	100%	06
Informante 04	0	0%	21	100%	21
Informante 05	03	10,3%	26	89,7%	29
Informante 06	01	4,5%	21	95,5%	22
Informante 07	0	0%	07	100%	07
Informante 08	0	0%	41	100%	41
Informante 09	0	0%	21	100%	21
Informante 10	0	0%	34	100%	34
Informante 11	0	0%	10	100%	10
Informante 12	0	0%	09	100%	09
Total	06		263		269

Segue o gráfico representativo da distribuição acima.

Gráfico 2 - Ocorrências de não ditongação diante de sibilante *versus* ditongação por informante – Belmiro Braga



Relembrando o que foi detalhado no Capítulo III em relação ao perfil dos entrevistados, os informantes de número 01 a 06 são do sexo feminino, e os informantes de número 07 a 12 do sexo masculino. Em cada grupo, há duas faixas etárias: i) até 45 anos e ii) acima de 45 anos. Os informantes 01, 02 e 03 (sexo feminino) e 07, 08 e 09 (sexo masculino) pertencem à primeira faixa etária,

e os demais (04, 05, 06, 10, 11 e 12) pertencem à segunda faixa etária. Além desses critérios utilizados para a seleção dos informantes, adotam-se outros três critérios analíticos, posteriores à coleta dos dados: configuração da rede social (aberta ou fechada), sentimento de pertencimento à comunidade rural e nível de escolarização.

As informantes 02, 05 e 06 foram as únicas a utilizarem a variante com a ausência da ditongação. Apesar de ser um total pouco significativo (seis ocorrências em um universo de 269), é possível constatar que há a variabilidade da regra na fala dos entrevistados. A informante 02, por exemplo, pronuncia *dez* no início da entrevista e *deiz* na sequência.

[...] agora qui eu moru aqui...devi tê**dez**...dozi anus...pur aí...[...]
(INFORMANTE 02 BB)

[...] tem u ônibus a tardi i volta...tendeu?...a noiti...**deiz** i
meia...[...]
(INFORMANTE 02 BB)

A informante 05 utiliza a variante apenas diante da vogal fechada posterior [u]: *luz* e *pus*, contexto cuja ocorrência da variante ditongação é menos frequente, como já exposto anteriormente, uma vez que as vogais [E], [e] e [O] são mais favorecedoras da ditongação. De qualquer modo, a ditongação diante de [u] também ocorre no *corpus*, tal como em:

[...] a minha irmã deu a **luiz** ontem (INFORMANTE 08 BB)

Diante do exposto, evidencia-se que a tendência da localidade é manter a variante conservadora, o que pode ser justificado pela região em que o município se localiza e pela ausência de atribuição de valor negativo ao fenômeno.

4.1.2. Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras em Oliveira Fortes

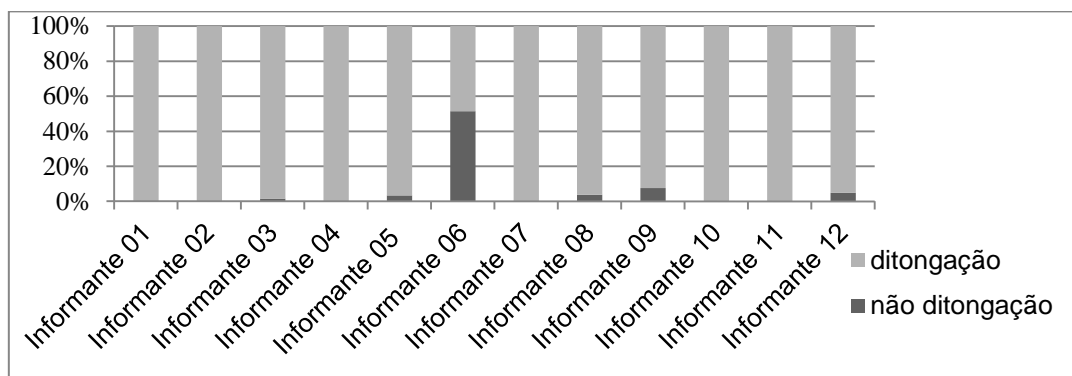
Em Oliveira Fortes, apesar de a variante ditongação ser predominante (93,7%) e recorrente nos mesmos itens lexicais que na zona rural de Belmiro Braga, a distribuição da variação entre os informantes é distinta, como pode ser verificado na tabela a seguir.

Tabela 11 - Ocorrências de não ditongação diante de sibilante *versus* ditongação por informante – Oliveira Fortes

Informante	Não ditongação		Ditongação		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Informante 01	0	0%	10	100%	10
Informante 02	0	0%	32	100%	32
Informante 03	01	1,6%	61	98,4%	62
Informante 04	0	0%	18	100%	18
Informante 05	02	3,3%	58	96,7%	60
Informante 06	18	51,4%	17	48,6%	35
Informante 07	0	0%	18	100%	18
Informante 08	01	3,8%	25	96,2%	26
Informante 09	01	7,6%	12	92,4%	13
Informante 10	0	0%	46	100%	46
Informante 11	0	0%	34	100%	34
Informante 12	02	4,8%	40	95,2%	42
Total	25		371		396

A variante inovadora foi encontrada na fala dos informantes 03, 05, 06, 08 e 09, sendo destacada no informante 06 (sexo feminino, segunda faixa etária), como pode ser observado no gráfico a seguir.

Gráfico 3 - Ocorrências de não ditongação diante de sibilante *versus* ditongação por informante – Oliveira Fortes



Com distribuição quase equivalente, a informante utiliza a ditongação em *meis* e *treis* e a não ditongação em *faz*, *fez*, *rapaz* e *luz*. Em *nós* (*nóis*) e *vez* (*veiz*), observam-se as duas variantes:

[...] depois **quinóis** ganhamu a televisão [...] (INFORMANTE 06 OF)

[...] ai **nós** ficamu lá u dia inteiro [...] (INFORMANTE 06 OF)

Também se encontra o uso da variante inovadora entre os falantes do sexo masculino (08, 09 e 12), mas de forma pouco representativa (04 ocorrências no total, contra as 81 da variante conservadora). Os itens encontrados foram: *faz*, *vez* e *luz*.

Assim como constatado em Belmiro Braga, a variante inovadora ainda não se encontra difundida em Oliveira Fortes.

4.2. Perda da vogal átona inicial

A perda da vogal inicial ou aférese é entendida como uma característica do português brasileiro popular por Castilho (2010), mas se trata de um fenômeno ainda não explorado amplamente nos estudos sociolinguísticos, sendo a maior parte dos estudos voltados à descrição de suas ocorrências.

Vieira (2012), em sua tese de doutorado, realiza uma historiografia dos métodos de estudos sobre a aférese no Brasil, em um percurso diacrônico, e defende que

[...] pensar no processo da aférese fora do contexto de fala leva a resultados imprecisos, pois esse fenômeno ocorre em função da soma de um conjunto de fatores sociais, pragmáticos e linguísticos que atuam nesse apagamento, e não somente em função de questões estruturais específicas. (VIEIRA, 2012, p.139)

Alkmim²⁵ (2002), ao pesquisar a história social do português brasileiro, especialmente em relação aos negros e escravos, sinaliza registros do fenômeno em charges de jornais e obras literárias do século XIX. Almeida (2006) também encontra, em Mendonça (1935), uma atribuição à origem africana do fenômeno, ainda que também seja encontrado na língua latina.

Amaral (1920) elenca como exemplos: *(a)parece, (i)magina, (a)rrependeu, (a) rranca, (a)lambique, (a) (l)gibera*. Já Ataliba (2010) elenca *(a)marelo e (a)sucra*.

No presente estudo, acredita-se que a perda da vogal inicial ocorra de forma pontual entre os informantes, caracterizando-se muito mais como um item lexical do que uma variação propriamente dita. Isso implica considerar que alguns informantes, especialmente os mais velhos e com maior engajamento com a vida rural, aprendem o vocábulo já sem a vogal inicial. Além disso, em função da saliência fônica ser pequena na oposição das variantes, o uso pode ser alternado entre os falantes das demais faixas etárias, nos contextos de menor monitoração estilística (como no caso das entrevistas realizadas para obtenção dos dados).

Nas localidades pesquisadas, a perda da vogal inicial foi encontrada nos seguintes vocábulos:

<i>bisoluta</i>	<i>garrô</i>	<i>rebentô</i>
<i>bulância</i>	<i>guentá</i>	<i>repndimentu</i>
<i>busei</i>	<i>inda</i>	<i>rregaladu</i>
<i>cabô</i>	<i>lagadu</i>	<i>rrematanu</i>
<i>contecê</i>	<i>mizadi</i>	<i>rrepiadu</i>

²⁵ALKMIM, Tania Maria. (2002). Estereótipos linguísticos: negros em charges do séc. XIX. In: ALKMIM, Tânia Maria. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Novos estudos. v. III. São Paulo: Humanitas. p. 383-402.

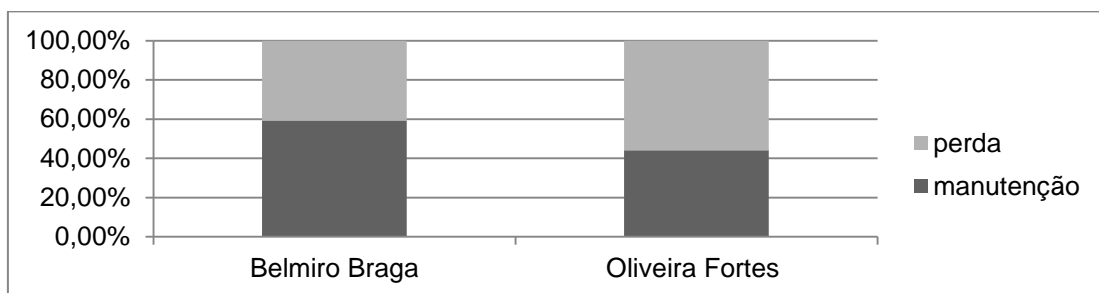
<i>cordu</i>	<i>panhô</i>	<i>rrumô</i>
<i>creditava</i>	<i>pareceu</i>	<i>sombração</i>
<i>custumei</i>	<i>pertadu</i>	<i>ssumiú</i>
<i>diantô</i>	<i>pesar</i>	<i>té</i>
<i>diquiri</i>	<i>pilidu</i>	<i>trapalhá</i>
<i>dismistradô</i>	<i>portunidadei</i>	<i>travessá</i>
<i>dolescência</i>	<i>prendi</i>	
<i>duecia.</i>	<i>pruveita</i>	
<i>garrava</i>		

Em Belmiro Braga, a aférese foi encontrada na fala de todos os informantes, totalizando 70 ocorrências (40,7%). Em Oliveira Fortes, foram identificadas 109 ocorrências (55,9%), sendo que duas informantes não a realizaram. Contrapondo os mesmos contextos de aférese nos dados, verificaram-se 102 ocorrências de manutenção da vogal inicial em Belmiro Braga (59,3%) e 86 em Oliveira Fortes (44,1%), como mostram a tabela e o gráfico a seguir.

Tabela 12 - Distribuição das ocorrências de manutenção da vogal átona inicial *versus* perda da vogal átona inicial nas localidades

	Manutenção		Perda		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º
Belmiro Braga	102	59,3%	70	40,7%	172
Oliveira Fortes	86	44,1%	109	55,9%	195

Gráfico 4 - Distribuição das ocorrências de manutenção da vogal átona inicial *versus* perda da vogal átona inicial nas localidades



Apesar da proximidade dos percentuais entre as localidades e entre as variantes, constata-se que a variante em que a vogal átona é apagada é mais recorrente em Oliveira Fortes (55,9% das ocorrências).

De um modo geral, os dados indicam que a aférese é um fenômeno presente na fala dos moradores da zona rural. Na sequência, a distribuição da aférese em cada localidade será detalhada.

4.2.1. Perda da vogal átona inicial em Belmiro Braga

Nos dados dos moradores de Belmiro Braga, observou-se que o fenômeno da perda da vogal átona inicial em determinados vocábulos ocorreu na fala de todos os informantes, ainda que a variante com a manutenção da vogal tenha sido mais produtiva.

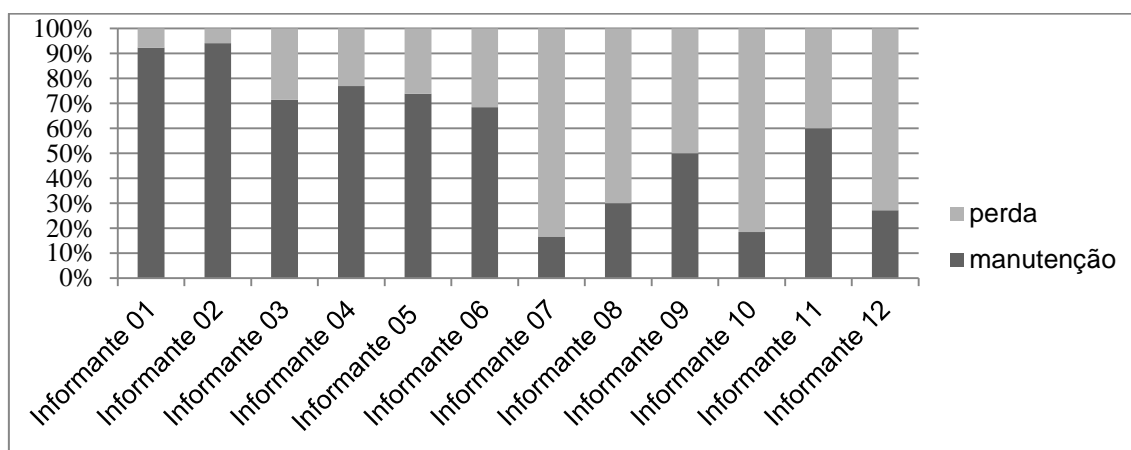
A tabela e o gráfico a seguir trazem o quantitativo e o percentual por informante.

Tabela 13 - Ocorrências de manutenção da vogal átona inicial *versus* perda da vogal átona inicial- Belmiro Braga

Informante	Manutenção		Perda		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Informante 01	12	92,3%	01	7,7%	13
Informante 02	16	94,1%	01	5,9%	17
Informante 03	15	71,4%	06	28,6%	21
Informante 04	10	76,9%	03	23,1%	13
Informante 05	17	73,9%	06	26,1%	23

Informante 06	13	68,4%	06	31,6%	19
Informante 07	01	16,6%	05	83,4%	06
Informante 08	03	30,0%	07	70,0%	10
Informante 09	01	50,0%	01	50,0%	02
Informante 10	05	18,5%	22	81,5%	27
Informante 11	06	60,0%	04	40,0%	10
Informante 12	03	27,2%	08	72,8%	11
Total	102		70		172

Gráfico 5 - Ocorrências de manutenção da vogal átona inicial versus perda da vogal átona inicial – Belmiro Braga



De um modo geral, a perda e a manutenção da vogal inicial ocorrem em concomitância na fala dos informantes, sendo possível observar as duas variantes em um mesmo trecho, conforme exemplos:

[...] motu eu **prendi** andá cum meu irmão mais velhuquitá nu Riu...aí motu eu sei andá...agora carru...meu irmão mais novu...cum dizenovi anu...foi mi insiná...eli mi colocôdenducarru...colocô u som na maior altura...“cê num qué **aprendê** a dirigi? (INFORMANTE 03 – BB)

[...] essa minina é casada...não tem filhus...e tem...vai pra dois anus qui ela tá cumigu...**rumeitrêisveizpur** semana... aí ela mi ajuda aqui...água uma planta...**ruma**uma cuzinhasabi [...] i eu gostuditrabalhá...eu gostu...já levantei...já varri a metadi...ela

pega di lá...eu pegu...já **arrumei** essa casa todinha [...] (INFORMANTE 06 – BB)

As mulheres apresentaram os maiores percentuais de manutenção da vogal inicial, enquanto os homens se mostraram mais conservadores, utilizando a variante desprestigiada, com destaque para os informantes 07 (83,4%) e 10 (81,5%), de faixas etárias distintas.

Em relação à faixa etária, verifica-se que segunda faixa etária tende à perda da vogal temática em maior proporção do que a primeira faixa entre as mulheres (04, 05 e 06).

Como a aférese apresentar pouca saliência fônica em relação à variante inovadora, observa-se o uso das duas variantes no mesmo ambiente linguístico, como, por exemplo, na fala do informante 10:

[...] us meu falaru qui num ia pra cidadi...um já foi né?... já tem um moranu lá...trabai di pedreru lá...intão qué dizê qui a genti num...si bubiá...netu...essis troçu assim inda **acaba**...até us filhu memu si bubiá inda **caba** indu [...] (INFORMANTE 10 –BB)

Por fim, pode-se afirmar que a aférese é uma variante característica da fala da comunidade, mas compete com o prestígio da variante urbana.

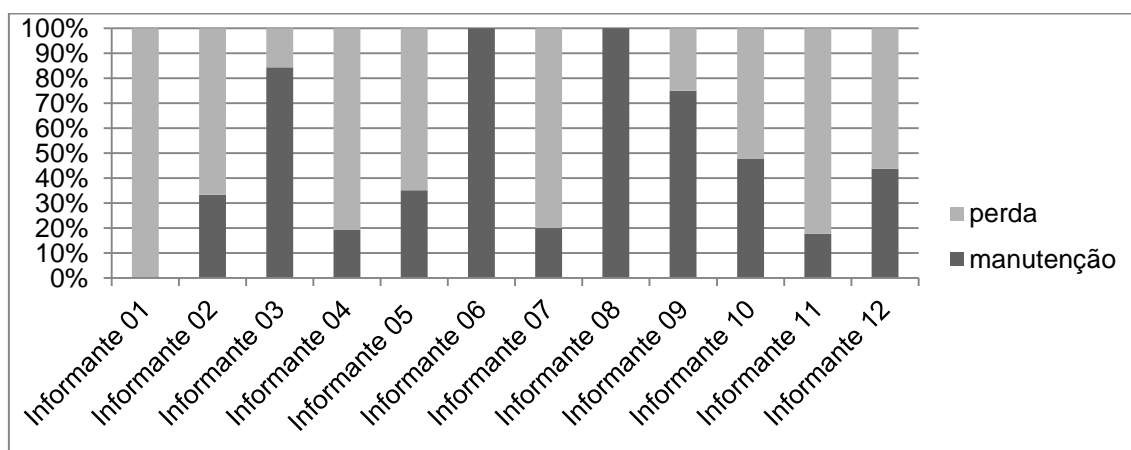
4.2.2. Perda da vogal átona inicial em Oliveira Fortes

Em Oliveira Fortes, a aférese foi percentualmente predominante na fala dos informantes. Como já mencionado, dos 195 contextos de ocorrências, a perda da vogal átona inicial se deu em 109, ou seja, 55,9% dos dados. Sua distribuição, entretanto, merece uma análise mais particularizada, pois, como se evidencia na tabela e no gráfico a seguir, há aspectos importantes a serem considerados.

Tabela 14 - Ocorrências de manutenção da vogal átona inicial *versus* perda da vogal átona inicial – Oliveira Fortes

Informante	Manutenção		Perda		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Informante 01	0	0%	02	100%	02
Informante 02	04	33,4%	08	66,6%	12
Informante 03	27	84,4%	05	15,6%	32
Informante 04	05	19,3%	21	80,7%	26
Informante 05	13	35,2%	24	64,8%	37
Informante 06	05	100%	0	0%	05
Informante 07	03	20,0%	12	80%	15
Informante 08	02	100%	0	0%	02
Informante 09	06	75,0%	02	25,0%	08
Informante 10	11	47,9%	12	52,1%	23
Informante 11	03	17,7%	14	82,3%	17
Informante 12	07	43,8%	09	56,2%	16
Total	86		109		195

Gráfico 6 - Ocorrências de manutenção da vogal átona inicial *versus* perda da vogal átona inicial – Oliveira Fortes



Os informantes 06 e 08 não fizeram o apagamento da vogal átona inicial em nenhum dos contextos de ocorrência, mas isso pode estar relacionado ao

número reduzido de possibilidades de ocorrências durante a entrevista (05 ocorrências na fala da informante 06 e 06 ocorrências na fala do informante 08). Por outro lado, a aférese foi a variante majoritária entre os informantes 01 (exclusiva), 02, 04, 05, 07, 10, 11 e 12, englobando, assim, ambas as faixas etárias e ambos os sexos.

O fenômeno está diluído em toda a comunidade, configurando-se uma variável estável. Assim como em Belmiro Braga, é possível encontrar o mesmo vocábulo com manutenção e perda da vogal átona na fala de um mesmo informante:

[...]trapaia muito...patrabaiá mi **atrapaia**[...] (INFORMANTE 05 – OF)

[...] eu puxei u NP da mãe i NP du pai... tão u NP já era...**cabô**...us meu finum tem nada di NP nem NP... eis só herdô u NP... pegaru NP qui é da mãe i u NP qui é meu qui eu já tinha nu meu nomi... intão u NP i u NP pruladu deis já **acabô**...intão ai vai... distancianu vai desaparecenu ué [...] (INFORMANTE 12 – OF)

Portanto, a aférese é uma variante em competição com a manutenção da vogal átona inicial, cuja motivação não foi possível analisar com profundidade no presente estudo, tendo em vista o seu escopo. A hipótese de que, devido à baixa saliência fônica da oposição entre as duas variantes, o seu uso tende a ser intercalado, independentemente do sexo, faixa etária, sentimento de pertencimento ou escolarização, foi confirmada.

4.3. Perda da distinção entre ditongos

A perda da distinção entre ditongos, ou monotongação, é o processo de redução do ditongo, no qual há a perda da semivogal e passa-se a uma vogal simples. Assim como a ditongação (discutida anteriormente), é entendida como um traço gradual no português brasileiro e distribuída em todo território.

O fenômeno aparece descrito em estudos dialetológicos referentes a diversas regiões do país, como Amaral (1920), Monteiro (1933), Marroquim (1934), Paes (1937), Teixeira (1944) e Nascentes (1953), bem como em estudos

sociovariacionistas (MENEZHINI, 1983; MOTA 1986; PALADINO NETO 1990; SILVA, 1997; PAIVA, 1996; CABREIRA, 1996; SILVA, 1997; MOLLICA, 1998; ARAÚJO, 2000; SILVA, 2004; AMARAL, 2005; HORA, 2007; SEARA, 2008, TOLEDO, 2011; entre outros).

Além de fatores internos, tais como o contexto seguinte ao ditongo, a tonicidade e a extensão da palavra, a maior parte dos estudos identifica o favorecimento da monotongação pelos falantes menos escolarizados. Alguns deles constataram, também, a relevância do sexo masculino e da faixa etária mais idosa.

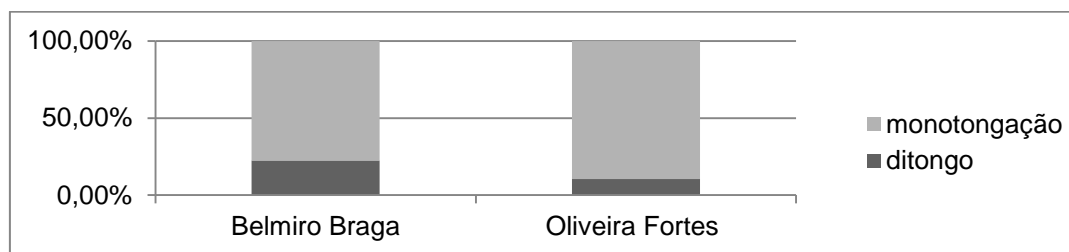
Tal como na ditongação diante de sibilante em coda final, a hipótese deste estudo é a de que a monotongação seja a variante preferida dos informantes, em ambas as localidades, uma vez que se encontra difundida entre os falantes nas diversas regiões do país, independente da zona de residência. Logo, embora tenha sido apresentada por Amaral (1920), não possui o estereótipo de fala rural.

Os dados confirmam tal hipótese. Em Belmiro Braga e Oliveira Fortes, evidencia-se que as duas variantes são utilizadas, mas a proporção da variante monotongação é muito maior (77,4% em Belmiro Braga e 89,5% em Oliveira Fortes), como mostra a tabela abaixo:

Tabela 15 - Distribuição das ocorrências de ditongo *versus* monotongação nas localidades

	Ditongo		Monotongação		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º
Belmiro Braga	92	22,6%	314	77,4%	406
Oliveira Fortes	53	10,5%	451	89,5%	504

Os dados da tabela podem ser visualizados, também, no gráfico a seguir.

Gráfico 7 - Distribuição das ocorrências de ditongo *versus* monotongação nas localidades

As ocorrências da manutenção do ditongo nas duas localidades foram comuns nas sílabas finais (como em *negóciu, infância, paciência*), as quais estão sujeitas a um maior estigma social. Em Belmiro Braga, foram 72 ocorrências nesse ambiente *versus* 20 ocorrências em sílabas intermediárias (*poucu, imbaixu, outru*), com menor estigma social. Em Oliveira Fortes, foram 26 ocorrências, sendo que, em sílabas intermediárias, destaca-se o próprio nome do município, com a variação *Oliveira/Olivera*, sendo 12 vezes pronunciado com o ditongo e 69 vezes de forma monotongada. Na sequência, aprofunda-se a análise de cada localidade.

4.3.1 Perda da distinção entre ditongos em Belmiro Braga

Entre os doze informantes da zona rural de Belmiro Braga, observa-se a presença das duas variantes: a manutenção do ditongo e a monotongação. O quantitativo de ocorrências por informante encontra-se na próxima tabela.

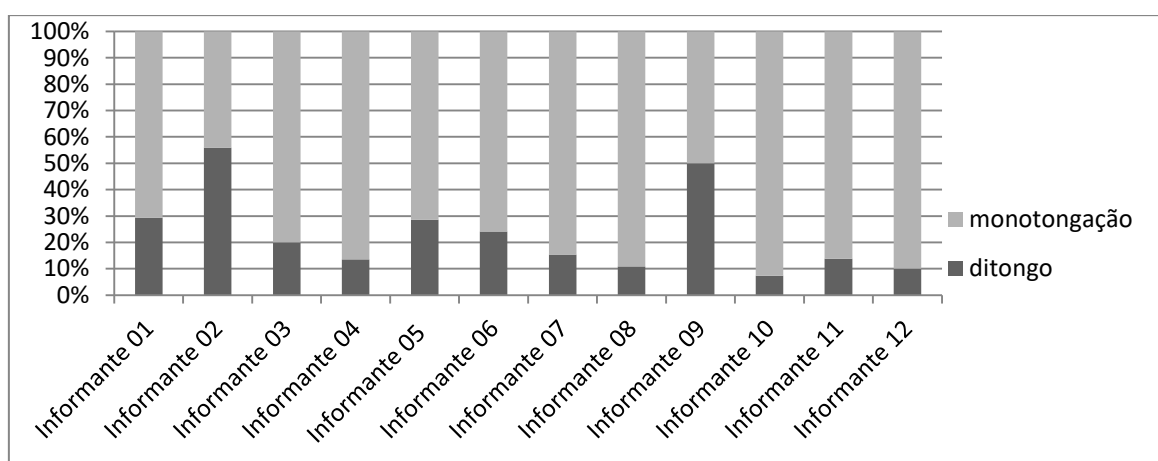
Tabela 16 - Ocorrências de ditongo *versus* monotongação por informante – Belmiro Braga

Informante	Presença de ditongo		Monotongação		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Informante 01	10	29,4%	24	70,6%	34
Informante 02	33	55,9%	34	44,1%	77
Informante 03	03	20,0%	12	80,0%	15
Informante 04	08	13,6%	51	86,4%	59

Informante 05	08	28,6%	20	71,4%	28
Informante 06	07	24,1%	22	75,9%	29
Informante 07	02	15,4%	11	84,6%	13
Informante 08	05	10,9%	41	89,1%	46
Informante 09	06	50,0%	06	50,0%	12
Informante 10	04	7,4%	50	92,6%	54
Informante 11	04	13,8%	25	86,2%	29
Informante 12	02	10,0%	18	90,0%	20
Total	92		314		406

O gráfico a seguir representa essa distribuição:

Gráfico 8 – Ocorrências de ditongo *versus* monotongação por informante – Belmiro Braga



Como se observa, a variante monotongação prevalece, mas os informantes 02 e 09 utilizam essa variante com maior frequência, quando comparados aos demais (55,9% para o informante 02 e 50% para o informante 09). Ambos os informantes pertencem à primeira faixa etária, sendo que a informante 02 concluiu os estudos recentemente, e o informante 09 ainda está frequentando a escola. O informante 09, em especial, não utilizou o ditongo em sílabas intermediárias, mas o manteve nas sílabas finais.

[...] já até decorô u **negóciu** uai [...] (INFORMANTE 09 BB)

[...] **dexa** eu vê...melhor dia da minha vida?...nem lembrou...
 [...](INFORMANTE 09 BB)

Já a informante 02, assim como os demais informantes, evidenciou a não sistematicidade da variante presença do ditongo:

[...] u **outru** mora aqui...também im sítio [...](INFORMANTE 02 BB)

[...] aí ela num tinha concluído um **otrucursu**qui ela tinha [...](INFORMANTE 02 BB)

Excetuando os dois informantes, os percentuais indicam que os homens fazem uso da variante monotongação em maior proporção do que as mulheres e, ainda, a segunda faixa etária mais que a primeira, caracterizando uma tendência no município em relação ao perfil da variação.

De um modo geral, constata-se que a monotongação em sílaba final é menos frequente do que em sílaba intermediária, o que pode ser justificado pela maior saliência entre as variantes (como em *negóciu ~ negoçu*, *paciência ~ paciença*). Por outro lado, a monotongação em sílabas intermediárias pode ser considerada como um traço gradual.

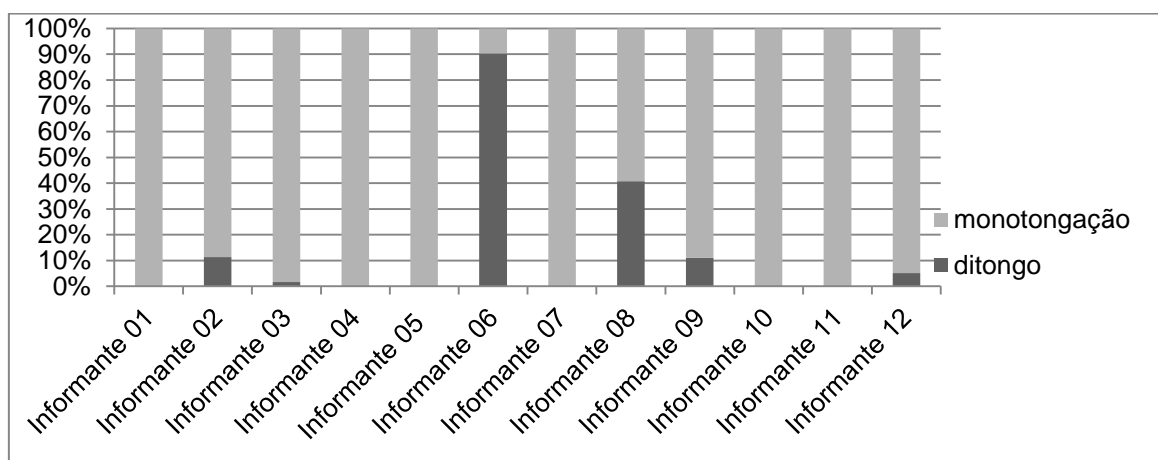
4.5.2 Perda da distinção entre ditongos em Oliveira Fortes

Em Oliveira Fortes, identificam-se padrões individuais distintos no que se refere à distribuição da variante monotongação: metade dos informantes fez a utilização exclusiva da variante monotongação, enquanto a outra metade utilizou a variante ditongação concomitantemente com a variante monotongação. Destes, apenas uma informante (informante 06) realizou maior uso da variante ditongação (90,3%), como pode ser conferido na tabela a seguir.

Tabela 17 - Ocorrências de ditongo *versus* monotongação por informante – Oliveira Fortes

Informante	Presença de ditongo		Monotongação		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Informante 01	0	0%	23	100%	23
Informante 02	07	11,3%	55	88,7%	62
Informante 03	01	1,7%	61	98,3%	62
Informante 04	0	0%	16	100%	16
Informante 05	0	0%	49	100%	49
Informante 06	28	90,3%	03	9,7%	31
Informante 07	0	0%	50	100%	50
Informante 08	11	40,8%	16	59,2%	27
Informante 09	02	11,1%	16	88,9%	18
Informante 10	0	0%	42	100%	42
Informante 11	0	0%	45	100%	45
Informante 12	04	5,1%	75	94,9%	79
Total	53		451		504

Segue o gráfico:

Gráfico 9 – Ocorrências de ditongo *versus* monotongação por informante – Oliveira Fortes

A informante 06 se destaca em virtude da opção pela variante que mantém o ditongo. A informante, do sexo feminino e da segunda faixa etária, ditongou nos seguintes contextos: *Oliveira, baixu, outro, doutor, terceiro, primeiro, carteira e negóciu*. Por outro lado, as informantes 04 e 05, também do sexo feminino e da segunda faixa etária, não ditongaram em nenhum contexto. Hipoteticamente, acredita-se que tal discrepância esteja relacionada ao fato de a informante 06 ter sua rede social muito atrelada aos seus filhos, os quais estudam, sendo que sua filha já estava cursando faculdade. A escolarização tende a ser sinalizada como condicionadora da variante ditongo e observa-se o seu uso se elevando conforme a escolarização dos informantes (como no caso dos informantes 02 e 08, com Ensino Médio). Contudo, não sobrepuja a variante monotongação, até mesmo em função de ser um traço gradual. Destaca-se, ainda, que os contextos em que a monotongação mais ocorreu foram: *otru/otu*, com 146 ocorrências *versus* 08 ocorrências de *outru*; *epocu*, com 77 ocorrências, contra apenas 02 ocorrências de *poucu*.

Como nos demais fenômenos já analisados, Oliveira Fortes tem se destacado pelo seu perfil conservador. Há, no nível individual, algumas diferenciações, as quais, entretanto, não atingem a comunidade em geral, que apresenta um percentual de 89,5% da variante monotongação.

4.4. Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais

Nos ditongos nasais finais, como em *homem, comem e falaram*, pode haver a perda da nasalidade e a monotongação, passando a *homi, comi e falaru*. Os processos estruturais que envolvem tal alteração foram explorados por Votre (1978), Guy (1981), Battisti (2002), os quais observam influências de nível segmental e suprasegmental, além de fatores geográficos (no estudo de Battisti (2002). No âmbito social, Castilho (2010) sinaliza que a variante com a perda da nasalidade e monotongação é característica do português brasileiro popular, uma vez que o português brasileiro culto tende à manutenção da nasalidade e do ditongo. Ainda assim, pode-se considerar que a distinção entre as variantes possui reduzida saliência fônica e, somente no caso do morfema de tempo, modo e pessoa (*ram ~ ru*), percebe-se a atribuição de valor social negativo. Por isso,

acredita-se, neste estudo, que os dados mais significativos de ruralidade sejam encontrados nos verbos na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo.

Nos dados da presente pesquisa, analisam-se os substantivos e os verbos na terceira pessoa do plural no pretérito perfeito do indicativo. Não são analisados os verbos no presente do indicativo, pois a redução da nasalidade se funde à simplificação da concordância de número, a qual será analisada separadamente na seção 4.9.

Entre os substantivos, só se encontrou o vocábulo homem > homi. Entre os verbos, as ocorrências foram mais produtivas, com /ã/>/u/:

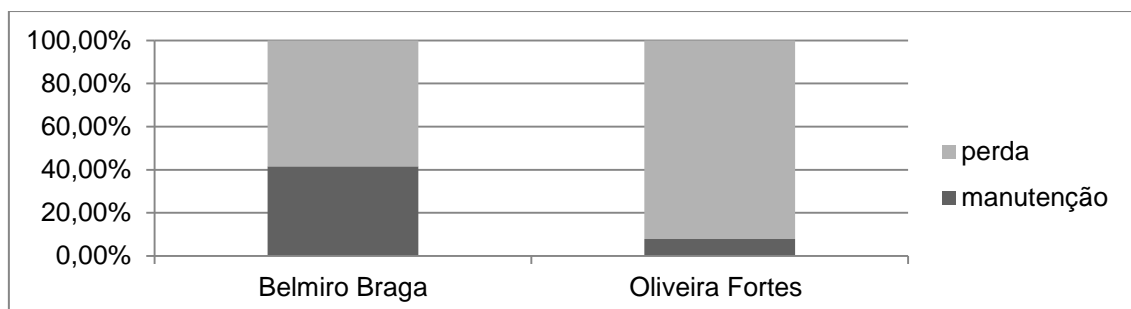
<i>aconteceru</i>	<i>fecharu</i>	<i>Passaru</i>
<i>carregarau</i>	<i>fizeru</i>	<i>pegaru,</i>
<i>casaru</i>	<i>internaru</i>	<i>tiraru</i>
<i>começarau</i>	<i>inventaru,</i>	<i>trabalharu</i>
<i>desmancharu</i>	<i>lavaru,</i>	<i>vieru</i>
<i>falaru</i>	<i>moraru,</i>	<i>morreru,</i>
		<i>nasceru</i>

O *corpus* das duas localidades apresentou 86 contextos de ocorrência, sendo a variante perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais preponderante em Belmiro Braga e em Oliveira Fortes, como mostram a tabela e o gráfico a seguir.

Tabela 18 - Distribuição da manutenção da nasalidade *versus* perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais nas localidades

	Manutenção		perda		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º
Belmiro Braga	20	41,6%	28	58,4%	48
Oliveira Fortes	03	7,9%	35	92,1%	38

Gráfico 10 - Distribuição da manutenção da nasalidade *versus* perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais nas localidades



Em Oliveira Fortes, obtêm-se 92,1% de ocorrências da variante caracterizada como própria da zona rural e, em Belmiro Braga, 58,4%, confirmando o perfil rural dos informantes, mas também permitindo a reflexão sobre o maior índice de ocorrências em Oliveira Fortes, onde se encontraram apenas três ocorrências da variante urbana. Ao que tudo indica, a variante inovadora ainda não se difundiu em Oliveira Fortes, tal como está se difundido em Belmiro Braga em função do nível de coesão da comunidade, das redes sociais dos informantes e do acesso ao meio urbano. Assim, Oliveira Fortes conserva a variante desprestigiada em maior proporção do que Belmiro Braga.

Na sequência, analisa-se a distribuição das ocorrências por informante em cada localidade.

4.4.1. Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais em Belmiro Braga

Nos 48 contextos de ocorrência do fenômeno em Belmiro Braga, verificou-se um comportamento linguístico distinto entre os informantes²⁶. Dos doze entrevistados, seis realizaram maior uso da variante perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais; sendo que, dentre eles, três a utilizaram exclusivamente (informantes 05, 08 e 10). Em contrapartida, os informantes 02, 06 e 09 fizeram uso exclusivo da variante de prestígio.

²⁶ Destaca-se que não foram encontrados contextos de ocorrência do fenômeno nas entrevistas com os informantes 07 e 12.

A regra se mostrou variável para os informantes 01, 03, 04 e 11, conforme exemplos:

[...] **elis moraru** im fazenda [...](INFORMANTE 01- BB)

[...] **elas qui mi incentivaram**[...] (INFORMANTE 01- BB)

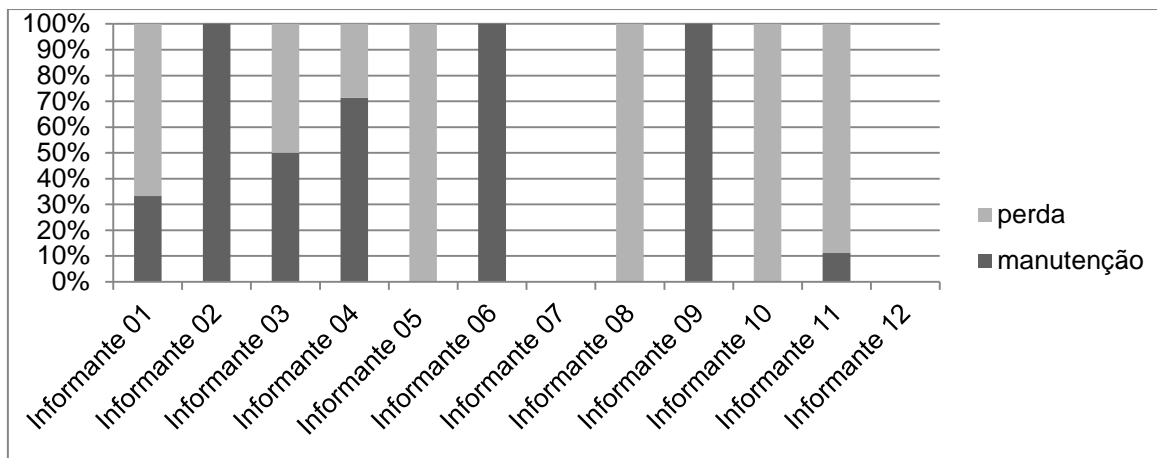
O quantitativo e o percentual por informante seguem abaixo.

Tabela 19 - Ocorrências de manutenção da nasalidade *versus* perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais por informante – Belmiro Braga

Informante	Manutenção		Perda		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Informante 01	01	33,3%	02	66,7%	03
Informante 02	03	100%	0	0%	03
Informante 03	01	50,0%	01	50,0%	02
Informante 04	05	71,4%	02	28,6%	07
Informante 05	0	0%	09	100%	09
Informante 06	06	100%	0	0%	06
Informante 07	0	-	0	-	0
Informante 08	0	0%	01	100%	01
Informante 09	03	100%	0	0%	03
Informante 10	0	0%	05	100%	05
Informante 11	01	11,1%	08	88,9%	09
Informante 12	0	-	0	-	0
Total	20		28		48

Segue o gráfico:

Gráfico 11 – Ocorrências de manutenção da nasalidade *versus* perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais por informante – Belmiro Braga



Diante dessa distribuição bastante heterogênea e em função do número reduzido de ocorrências por informante – o que não permite tecer considerações mais sólidas –, salienta-se uma forte relação entre as escolhas linguísticas e o sentimento de pertencimento à vida rural, tendo em vista que os informantes que fizeram uso apenas da variante com a manutenção da nasalidade e do ditongo são aqueles que possuem maior desejo de sair da zona rural e mudar para a “cidade grande” (no caso, Juiz de Fora). Já os informantes que não utilizaram a variante de prestígio são os que estão satisfeitos com a vida na zona rural e não almejam a mudança.

4.4.2. Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais em Oliveira Fortes

Em relação ao fenômeno da perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais, verifica-se, em Oliveira Fortes, que a variante conservadora é inquestionavelmente majoritária. Foram 35 ocorrências (92,1%) *versus* 03 ocorrências da variante prestigiada (7,9%), a qual foi encontrada apenas na fala de dois informantes (informante 02 e informante 11), conforme segue:

[...] foi uma semana qui us mininus **combinaram** di fazê paredi
[...] (INFORMANTE 02 – OF)

[...] “não...si ceisquisessi í nu circu pur que qui ceis **vieru** na
aula?”[...] (INFORMANTE 02 – OF)

[...] é só **homi** qui tem lá [...] (INFORMANTE 02 – OF)

[...] era mais **homem** Du qui mulher [...] (INFORMANTE 02 – OF)

[...] u papai i a mamãe já **morreram**[...](INFORMANTE 11 – OF)

[...] eis **fizeru** aqueli alicerci assim[...](INFORMANTE 11 – OF)

[...] eis **dismancharu** aquilu tudu[...](INFORMANTE 11 – OF)

Todos os demais fizeram uso exclusivo da variante com a perda da nasalidade e monotongação²⁷, como mostram a tabela e o gráfico a seguir.

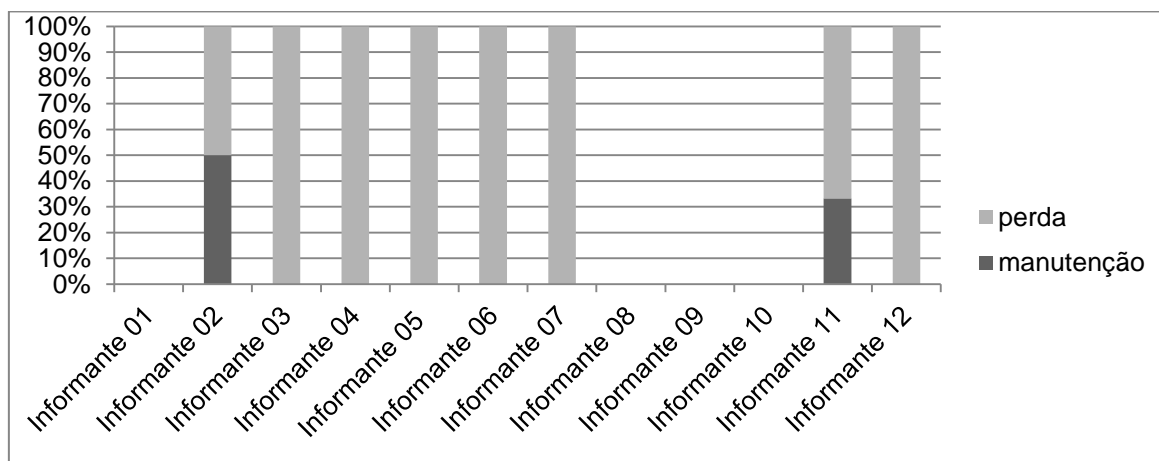
Tabela 20 - Ocorrências de manutenção da nasalidade *versus* perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais por informante – Oliveira Fortes

Informante	manutenção		Perda		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Informante 01	0	-	0	-	0
Informante 02	02	50,0%	02	50,0%	04
Informante 03	0	0%	06	100%	06
Informante 04	0	0%	02	100%	02
Informante 05	0	0%	03	100%	03
Informante 06	0	0%	04	100%	04
Informante 07	0	0%	07	100%	07
Informante 08	0	-	0	-	0
Informante 09	0	-	0	-	0
Informante 10	0	-	0	-	0
Informante 11	01	33,3%	02	66,7%	03

²⁷Destaca-se que não foram encontrados contextos de ocorrência do fenômeno nas entrevistas com os informantes 01, 08, 09 e 10.

Informante 12	0	0%	09	100%	09
Total	03		35		38

Gráfico 12 – Ocorrências de manutenção da nasalidade *versus* perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais por informante – Oliveira Fortes



Assim como constatado em Belmiro Braga, o fenômeno parece estar diretamente relacionado ao sentimento de pertencimento à vida rural, pois não se percebe influência específica dos fatores externos sexo e faixa etária e, ainda, destaca-se a distinção da informante 02 (menos engajada na comunidade) no que se refere à variante de prestígio.

4.5. Troca de [l] por [r] em grupos consonantais

O rotacismo é compreendido como um fenômeno fonológico relacionado à substituição da líquida lateral [l] por uma vibrante [r]. Essa substituição pode ocorrer tanto em sílabas complexas (com encontros consonantais) ou em coda silábica. Alguns contextos em que o rotacismo pode ocorrer são: prob__ema (*problema x probrema*), bicic__eta (*bicicleta x bicicreta*); vo__tar (*voltar x vortar*), fa__tar (*faltar x fartar*). Neste estudo, focaliza-se apenas o rotacismo nos encontros consonantais em função da maior variabilidade nos *corpora* das duas localidades.

Embora o rotacismo não seja um fenômeno recente, nem exclusivo do português brasileiro, no Brasil está relacionado às camadas populares e, conseqüentemente, ocasiona uma atribuição de valor negativo, evidenciando um estereótipo. De acordo com Câmara Junior (1972, p.41), “[...] nos grupos de líquida como segundo elemento consonântico, há nos dialetos sociais populares o rotacismo do ‘l’ que o muda em ‘r’” . E, para Bagno (2007, p.42), é um fenômeno estigmatizado:

O rotacismo participou da formação da língua portuguesa padrão, como já vimos em branco, escravo, praga, fraco etc., mas ele continua vivo e atuante no português não-padrão, como em broco, chicrete, pranta, Cráudia, porque essa variedade não-padrão deixa que as tendências normais e inerentes à língua se manifestem livremente. Assim, o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social.

Os estudos (socio)linguísticos, de uma maneira geral, identificam o fenômeno entre os menos escolarizados e com origem/influência rural. Destacam-se, assim, os estudos de Cox (2001), Lebrão (2004), Gomes e Souza (2004), Costa (2006), Castro (2006, 2006, 2011) Romano e Silva (2010), Tem (2010), Reis (2010) e Romano (2012), realizados em diversas regiões do país e com interesses específicos, sendo que a maior parte deles busca a compreensão de aspectos estruturais do fenômeno.

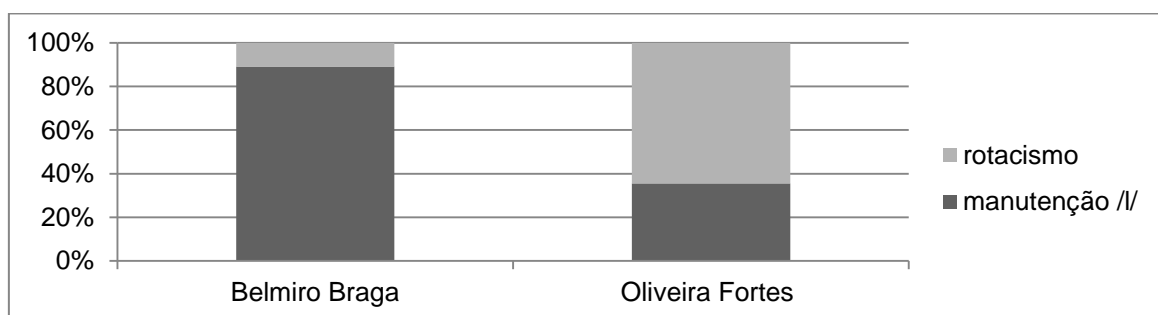
Em função do estigma social negativo que o rotacismo possui, por ser um estereótipo da fala rural, espera-se, nos dados, a predominância dessa variante nas duas localidades, por se tratarem de zonas rurais. Acredita-se, ainda, que sua distribuição esteja mais concentrada nos informantes mais velhos ou com maior engajamento com a vida rural.

Nas comunidades investigadas neste estudo, observou-se a presença do rotacismo com uma distribuição diferenciada. Em Belmiro Braga, a variante em que se mantém a líquida lateral ocorreu em 89,1% dos dados, enquanto em Oliveira Fortes ocorreu o inverso: 64,5% de ocorrências com rotacismo, como pode ser visualizado na tabela e no gráfico a seguir.

Tabela 21 - Distribuição do rotacismo nas localidades

	Manutenção //		Rotacismo		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º
Belmiro Braga	82	89,1%	10	10,9%	92
Oliveira Fortes	33	35,5%	60	64,5%	93

Gráfico 13 - Distribuição do rotacismo nas localidades



Em uma análise preliminar, pode-se supor que, em Belmiro Braga, há uma tendência de substituição do rotacismo pela manutenção da líquida. Contudo, faz-se necessário verticalizar a análise dos dados para que a compreensão do processo seja mais apurada.

4.5.1 Troca de [l] por [r] em grupos consonantais em Belmiro Braga

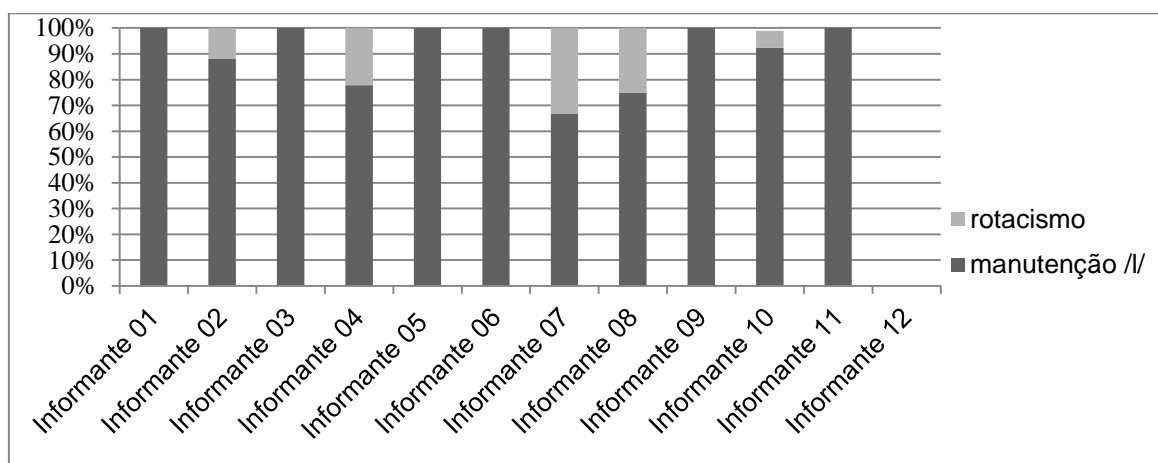
Na zona rural de Belmiro Braga, houve apenas 10 ocorrências da variante rotacismo contra 82 ocorrências com a presença da líquida //. O rotacismo ocorreu em: *pobrema*, *nubrinô*, *prantação*, *framengu*, *recreamá* e *compricadu*, sendo os dois últimos itens com três ocorrências cada. Tais ocorrências foram concentradas em cinco informantes, como consta na tabela a seguir.

Tabela 22 - Ocorrências de manutenção // versus rotacismo
por informante – Belmiro Braga

Informante	Manutenção //		Rotacismo		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Informante 01	05	100%	0	0%	05
Informante 02	22	88,0%	03	12,0%	25
Informante 03	04	100%	0	0%	04
Informante 04	14	77,8%	04	22,2%	18
Informante 05	03	100%	0	0%	03
Informante 06	12	100%	0	0%	12
Informante 07	02	66,6%	01	33,4%	03
Informante 08	03	75,0%	01	25,0%	04
Informante 09	01	100%	0	0%	01
Informante 10	12	92,3%	01	6,7%	13
Informante 11	04	100%	0	0%	04
Informante 12	0	-	0	-	0
Total	82		10		92

O gráfico a seguir ilustra a distribuição das ocorrências.

Gráfico 14 – Ocorrências de manutenção // versus rotacismo por informante – Belmiro Braga



Os informantes 01, 03, 05, 06, 09 e 12 não fizeram uso da variante rotacismo durante a entrevista. Em todos os ambientes propícios para aplicação da regra, mantiveram a líquida. Na entrevista do informante 12, não foi identificado nenhum contexto de variação desse fenômeno.

Portanto, apenas os informantes 02, 04, 07, 08 e 10 evidenciam a variabilidade da regra em suas escolhas linguísticas, mas nenhum informante fez mais uso da variante desprestigiada do que da prestigiada.

A suposição que se faz é a de que os falantes podem estar mais sensíveis ao estereótipo que o rotacismo provoca. A informante 02, por exemplo, que apresentou mais contextos de ocorrência da variação, pode ter monitorado sua fala durante a maior parte da entrevista, já que o rotacismo só apareceu na etapa final da entrevista, como no trecho a seguir:

era mais difícil pra estudá...aí era mais **compricadu**...aí depois casei...tivi as minina piquena...num dava...(INFORMANTE 02 BB)

O rotacismo, assim, se distribui de forma diversificada: entre as mulheres e entre os homens e entre as duas faixas etárias. Apesar de não conseguirmos identificar a relevância de algum fator para o favorecimento do rotacismo, reconhece-se que ele está presente na localidade e ainda resiste, diante da difusão da variante de prestígio.

4.5.2 Troca de [l] por [r] em grupos consonantais em Oliveira Fortes

As ocorrências da variante rotacismo em Oliveira Fortes foram quantitativamente superiores à variante prestigiada. Como já exposto, foram 60 ocorrências (64,5%) entre os 93 contextos de variação encontrados no *corpus*. Os exemplos identificados foram: *bicicreta*, *compricadu*, *crarianu*, *craridadi*, *craru*, *framengu*, *improra*, *ixpricação*, *prantá*, *regramá* e algumas derivações.

Analisando os informantes separadamente – excetuando a entrevista do informante 01, na qual não houve contexto possível para o fenômeno aqui investigado –, observam-se padrões distintos da variação.

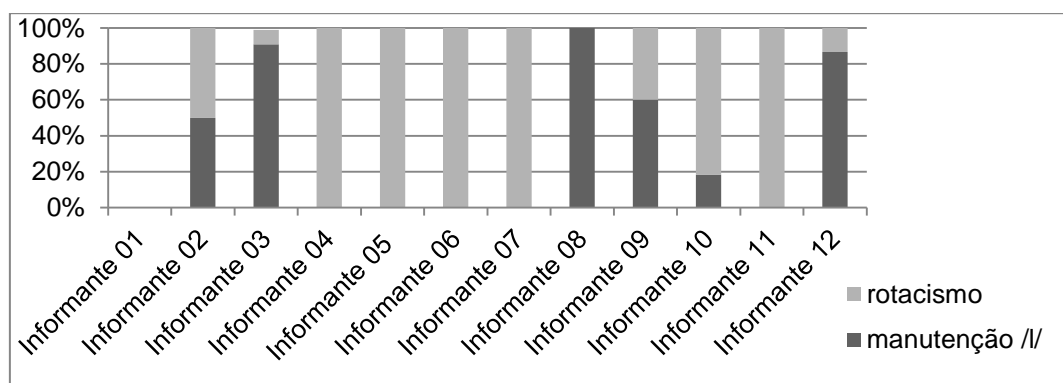
O informante 08 fez uso apenas da líquida nas três ocorrências identificadas em sua fala. Já os informantes 04, 05, 06, 07 e 11 utilizaram apenas

a variante rotacismo. Dentre aqueles que usaram as duas variantes, a informante 02 fez uso equivalente (50%); a variante prestigiada foi mais recorrente entre os informantes 03, 09 e 12; e o informante 10 utilizou, em 81,9% das ocorrências, a variante estigmatizada. O detalhamento dos dados segue na tabela e no gráfico:

Tabela 23 - Ocorrências de manutenção // versus rotacismo por informante – Oliveira Fortes

Informante	Manutenção //		Rotacismo		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Informante 01	0	-	0	-	0
Informante 02	02	50%	02	50%	04
Informante 03	10	90,9%	01	8,1%	11
Informante 04	0	0%	07	100%	07
Informante 05	0	0%	09	100%	09
Informante 06	0	0%	10	100%	10
Informante 07	0	0%	05	100%	05
Informante 08	03	100%	0	0%	03
Informante 09	03	60%	02	40%	05
Informante 10	02	18,1%	09	81,9%	11
Informante 11	0	0%	13	100%	13
Informante 12	13	86,7%	02	13,3%	15
Total	33		60		93

Gráfico 15 - Ocorrências de manutenção // versus rotacismo por informante – Oliveira Fortes



Entre as mulheres, observa-se uma forte relação entre o rotacismo e a segunda faixa etária, já que não foi identificada nenhuma ocorrência da variante líquida na fala das informantes 04, 05 e 06. Já entre as mais jovens, a variante de prestígio co-ocorre com o rotacismo, chegando a superá-lo (informante 03). O que ocorre com esse fenômeno é semelhante ao que foi identificado com a iodização (seção 4.1.2), delineando, assim, uma tendência da localidade.

Entre os homens, os informantes 07 e 11 exibem um alto grau de engajamento com a vida no ambiente rural, aliado ao reduzido nível de escolarização, e, como se observa, mantêm a fala exclusivamente marcada pela variante desprestigiada. O informante 08, além de jovem, ainda estava estudando no período da entrevista, o que pode justificar a presença exclusiva da variante de prestígio. Além disso, em toda a entrevista, somente foram observados três contextos possíveis de variação, o que, de certa forma, pode não representar o cotidiano da fala do informante.

O informante 09, também da primeira faixa etária, mostra-se sensível à variante líquida no item lexical *reclamar* (três ocorrências), mas faz uso do rotacismo em *framengu* e *probrema*, evidenciando que a variante prestigiada está competindo com a variante conservadora. É o que se percebe também com o informante 12, em que se encontram duas ocorrências de *probrema* em sua fala, mas o final da entrevista leva-nos a pensar em um possível monitoramento, já que a segunda faixa etária tende a manter a variante característica da fala rural. Isso é observado no informante 10, que, mesmo monitorando (como em *claru*), pelo fato de ser vereador, como já exposto, pronuncia: *bicicreta*, *compricadu*, *craridadie pobrema*.

Diante desta análise, atesta-se que a variante de prestígio já está difundida, mas a sua implementação não suplanta a variedade estigmatizada. Também se observa que as mulheres mais jovens tentem a liderar esse processo de implementação.

Comparando as duas localidades, observa-se uma trajetória distinta, uma vez que, em Belmiro Braga, a frequência da variante inovadora é maior e mais distribuída entre os diferentes perfis de informantes. Por outro lado, em Oliveira Fortes, a inovação não está totalmente difundida.

4.6. Iodização da palatal lateral /ʎ/

O fenômeno da iodização da palatal lateral /ʎ/, também rotulado como despalatalização, desconsonantização, semivocalização, vocalização, iotização, ieísmo ou lheísmo, de acordo com a preferência de cada autor, é uma das variantes nos contextos de realização da palatal lateral /ʎ/. Nesses ambientes, podem ocorrer as seguintes variantes: i) palatal /ʎ/ (*mulher*); ii) iodização /y/ (*muié*); iii) alveolar /l/ (*mulé*); ou iv) apagamento (*mué*). Na observação dos dados levantados para esta pesquisa, encontra-se a produtividade apenas de duas variantes, a saber: a palatal e a iodização. Houve apenas uma ocorrência da variante alveolar, a qual foi desconsiderada, e nenhuma ocorrência de apagamento.

A perda e a alteração da lateral palatal /ʎ/ sofrem estigmatização social, pois estão correlacionadas a fatores sociais que lhes conferem menor prestígio. Amaral (1920) afirma, categoricamente, que o fonema /ʎ/ não existe no dialeto caipira. Melo (1981), na mesma direção, relaciona esse processo de iodização à linguagem popular e a pessoas incultas. Portanto, há um estereótipo no que concerne à iodização.

No âmbito dos estudos fonético-fonológicos, não há consenso sobre a natureza da iodização, sendo esse fenômeno compreendido, a depender do aporte teórico, como uma alteração do ponto articulatorio, uma alteração dos traços ou, até mesmo, uma difusão lexical. Como esse debate foge do escopo do presente trabalho, não haverá detalhamento do mesmo.

No âmbito da Sociolinguística Variacionista, destacam-se alguns estudos em Minas Gerais²⁸, tais como o de Oliveira (1983), Madureira (1987, 1999) e Pinheiro (2009) com enfoque na variação em Belo Horizonte; e Castro (2006), cuja investigação se volta para a comunidade quilombola de Matição, em Jaboticatubas.

²⁸ Há o conhecimento da existência do estudo de Penha (1972), referente ao falar da zona rural da região sul de Minas Gerais, especificamente em São Domingos, mas não conseguimos acesso ao texto. Em outras regiões, destacam-se os estudos de Cagliari (1974), Aragão (2003), Almeida (2004), Castro (2006), Brandão (2007), Oliveira e Mota (2007), Machado- (2011) e Freire (2011).

Oliveira (1983), referenciado por Madureira (1987), constata que:

[...] A variante/ y/ que não apresenta a evidência do tempo aparente e, por isso não se trata de uma mudança em progresso, é estigmatizada, tem seus percentuais de realização nos grupos sócio-econômicos mais baixos e ocorre, ainda que de forma esporádica, nos grupos mais altos. Além disso, é favorecida pelo estilo informal e desfavorecida pelas mulheres, o que evidencia o seu "status" de estereótipo. (OLIVEIRA, 1983 *apud* MADUREIRA, 1987, p. 23)

Na mesma direção, Madureira (1987) identifica que a variante /y/ é característica do grupo social menos favorecido, atingindo os percentuais próximos a 50%, nesse grupo, contra o máximo de 10%, no grupo social mais favorecido. Em outro estudo, a pesquisadora reanalisa o fenômeno, considerando que,

[...] apesar de o grupo socialmente menos favorecido ser apresentado como aquele ao qual se restringe a pronúncia da variante não vocalizada da lateral palatal, o grupo socialmente mais favorecido também realiza a variante não-vocalizada da lateral palatal, apresentando, todavia, uma característica distinta do outro grupo; isto é, o fenômeno restringe-se, aí, a alguns itens em determinadas condições de enunciação. (MADUREIRA, 1999, p. 126)

Pinheiro (2009) constata, através da análise de um *corpus* constituído por 24 entrevistas em Belo Horizonte, a influência dos itens e do grupo social na realização da variante vocalizada. Para a autora, na capital mineira, a lateral palatal tende a se manter palatalizada, principalmente pelo fato de sua realização vocalizada ser estigmatizada socialmente.

Castro (2006), ao analisar uma comunidade quilombola, observa que a variante [y] é categórica entre os falantes mais velhos. Já a lateral palatal estaria sendo introduzida pelos jovens, sendo característica de uma mudança em progresso.

Nas localidades investigadas no presente estudo, a hipótese é a de que a iodização seja a variante preferida, uma vez que, tal como o rotacismo, trata-se de um estereótipo da fala rural. Contudo, em virtude do que já se observou em relação aos diferentes perfis de Belmiro Braga e Oliveira Fortes, acredita-se que

em Oliveira Fortes haja maior percentual da variante iodização do que em Belmiro Braga.

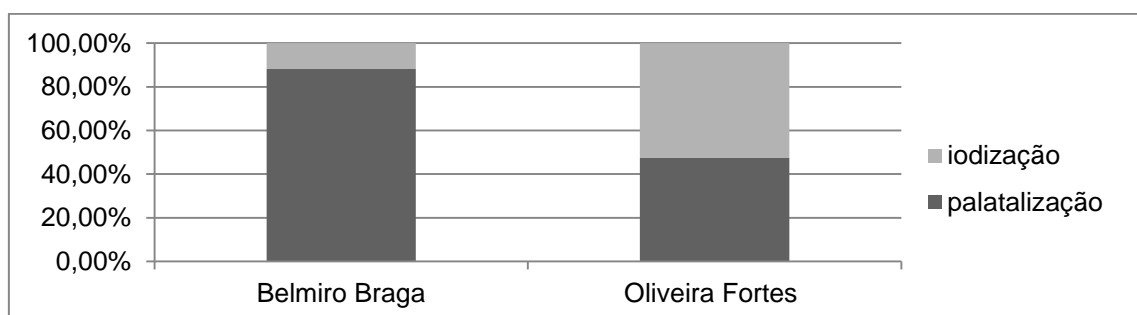
Confirmando tal hipótese, foram encontradas 414 ocorrências do fenômeno na zona rural de Belmiro Braga, sendo 368 (88,2%) com a presença da palatal e 49 (11,8%) ocorrências de iodização. Já na zona rural de Oliveira Fortes, houve 338 ocorrências, das quais 160 (47,4%) se realizaram como palatal e 178 (52,6%) como iodização, como pode ser visualizado na tabela a seguir.

Tabela 24 – Ocorrências da palatal /ʎ/ versus iodização /y/ nas localidades analisadas

	Palatalização		Iodização		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º
Belmiro Braga	368	88,2%	49	11,8%	417
Oliveira Fortes	160	47,4%	178	52,6%	338

O perfil das duas localidades em relação à distribuição das variantes é distinto. Em Belmiro Braga, a diferença entre as duas variantes é bastante significativa, predominando a variante considerada prestigiada (urbana). Já em Oliveira Fortes, ambas as variantes se aproximam quantitativamente, mas se observa a sobrepujança da variante desprestigiada e característica do falar rural. O gráfico a seguir ilustra tal distribuição.

Gráfico 16 - Distribuição da palatal /ʎ/ versus iodização /y/ nas localidades analisadas



Tendo em vista o perfil diferenciado das localidades, não apenas em relação à distribuição das ocorrências, mas também no que se refere a seus

aspectos sociais destacados no Capítulo III, cumpre-nos analisá-las separadamente.

4.6.1. Iodização da palatal lateral /ʎ/ em Belmiro Braga

As 49 ocorrências de iodização no *corpus* de Belmiro Braga foram limitadas aos seguintes itens lexicais (e suas derivações): trabalho, filho, melhor, mulher, olhar e velho.

Tabela 25 – Itens com iodização da palatal lateral /ʎ/ em Belmiro Braga

Itens	n.º	%	Itens	n.º	%
<i>trabaiá, trabaiei, trabaiava, trabaiador, trabaiu, trabaianu</i>	30	61,3%	<i>muié</i>	03	6,2%
<i>fiu, fi</i>	07	14,3%	<i>oiá</i>	02	4,0%
<i>mió, miorá</i>	05	10,2%	<i>veiu, vei</i>	02	4,0%

Os itens lexicais mais recorrentes – *trabalho*, com 30 ocorrências (61.3%), e *filho*, com 07 ocorrências (14,3%) – também foram sinalizados no estudo de Madureira (1987), levando a pesquisadora a defender a hipótese de difusão lexical em relação ao fenômeno. Não se entrará no mérito dessa discussão, até mesmo porque não é o objetivo desta investigação, mas é válido destacar que o conteúdo da entrevista favorece a recorrência de tais itens. Além disso, os mesmos itens também foram produzidos com a palatal lateral /ʎ/ no *corpus* evidenciando a variabilidade da regra.

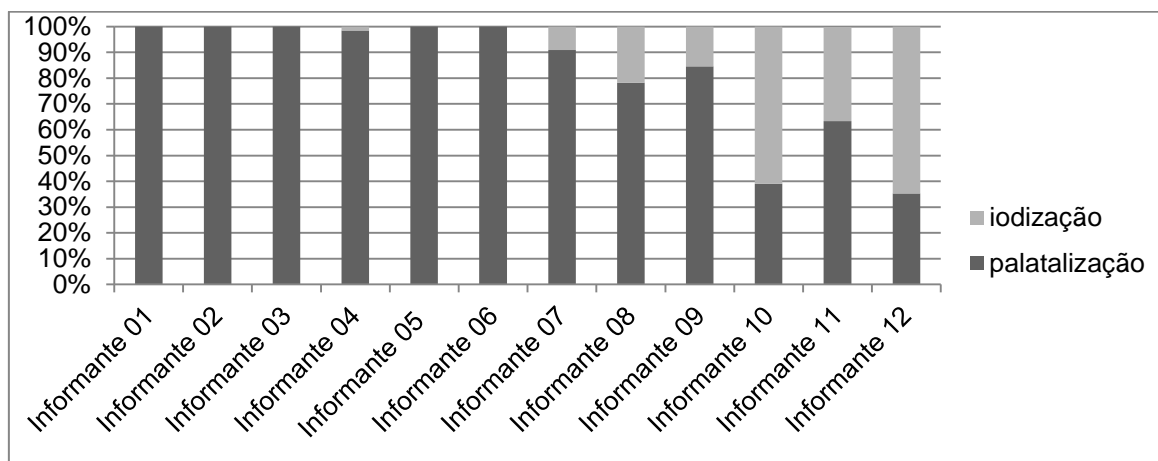
O fenômeno da iodização na zona rural de Belmiro Braga não foi produzido por todos os informantes. As ocorrências se restringiram a sete informantes, dentre os doze entrevistados, conforme distribuição a seguir.

Tabela 26 - Ocorrências da palatal /ʎ/ versus iodização /y/ por informante – Belmiro Braga

Informante	Palatalização		Iodização		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Informante 01	10	100%	0	0%	10
Informante 02	101	100%	0	0%	101
Informante 03	30	100%	0	0%	30
Informante 04	68	98,5%	01	1,5%	69
Informante 05	41	100%	0	0%	41
Informante 06	50	100%	0	0%	50
Informante 07	10	90,9%	01	9,1%	11
Informante 08	18	78,2%	05	21,8%	23
Informante 09	11	84,6%	02	15,4%	13
Informante 10	16	39,0%	25	61,0%	41
Informante 11	07	63,6%	04	36,4%	11
Informante 12	06	35,3%	11	64,7%	17
Total	368		49		417

O gráfico a seguir ilustra a distribuição das variantes entre os informantes da zona rural de Belmiro Braga.

Gráfico 17 - Ocorrências da palatal /ʎ/ versus iodização /y/ por informante – Belmiro Braga



Analisando a distribuição das ocorrências da palatal /ʎ/ versus iodização /y/ por informante em Belmiro Braga, pode-se atestar que o sexo feminino tende a ser mais inovador, utilizando a variante com a palatal. Dentre as mulheres, apenas a informante 04 fez uso da variante iodização, mas foi pouco representativa: apenas uma ocorrência no total de 71 (ou seja, 1,4%). A iodização ocorreu em *óia*, em um momento da entrevista em que ela advertiu sua neta, evidenciando maior intimidade. Durante a entrevista, o mesmo item lexical ocorreu sete vezes, e a informante utilizou a palatal /ʎ/, variante prestigiada.

Iodização:

[...] ((conversa com terceiros)) ô NP...podientrá...a
outra...**óia**...[...]

Palatalização:

[...] mais a gentimemu é qui**olhaelis** [...]

[...] vai **olháeli** [...]

[...] é você qui vai **olháeli** [...]

[...] a pessoa arregalô u **olhupru** meu ladu. [...]

[...] agora eu sei iscolhê...eu **olhu** i pensu...eu vô fazêissu
aqui...vai sê bom pra mim? [...]

[...] eli nem **olha** u dinheru [...]

[...] **olhacomu** é quieli fica [...] (INFORMANTE 04 – BB)

A regra é variável para a informante, mas, durante a entrevista, prevaleceu a palatalização. A pista que se tem é que a iodização, entre as mulheres da zona rural de Belmiro Braga, tanto da primeira faixa etária quanto da segunda, independentemente da escolarização, da configuração da rede social e do

sentimento de pertencimento, pode estar limitada a níveis maiores de intimidade. A predominância da variante palatal confirma o que Labov (1982) constatou: as mulheres tendem a ser mais sensíveis à variante de prestígio e a utilizá-las com mais frequência do que os homens.

Em relação ao sexo masculino, a iodização foi utilizada por todos, mas, entre os mais jovens, houve predominância da palatal. Isso pode ser justificado pelo fato de estarem frequentando a escola ou terem interrompido os estudos recentemente. Apesar de almejem sair da comunidade em busca de oportunidades de trabalho, especialmente em Juiz de Fora-MG, a relação com os avós (no caso dos informantes 07, 08 e 09) os mantêm fixos na zona rural. Entre os mais velhos, os informantes 10 e 12 ultrapassaram a proporção de 60% da variante /y/. Apenas o informante 11 destoou, mas é importante considerar o seu perfil de líder comunitário e a sua maior mobilidade rural-urbana em relação aos demais de sua faixa etária.

De um modo geral, observa-se que a trajetória da variação em relação à iodização na zona rural de Belmiro Braga está sensível às normas de prestígio. As mulheres já estão substituindo a variante conservadora pela palatal, e a tendência para os homens parece a ser a mesma, ainda que esteja sendo realizada de forma mais lenta.

4.6.2. Iodização da palatal lateral /N/ em Oliveira Fortes

Na zona rural de Oliveira Fortes, as 178 ocorrências de iodização foram encontradas nos seguintes itens lexicais (e suas derivações): *trabalho, filho, olhar, melhor, velho, colher, conselho, atrapalhar, mulher, barulho, orvalho, falhar, galho* e *escolher*.

Tabela 27 - Itens com iodização da palatal lateral /N/ em Oliveira Fortes

Itens	n.º	%	Itens	n.º	%
<i>trabaiá, trabaiei, trabaiava, trabaiaior, trabaiu, trabaianu, trabaidera</i>	74	41,7%	<i>atrapaia, trapaia, atrapaiadu</i>	3	1,7%
<i>fiu, fia, fi, fiote</i>	43	24,1%	<i>Muié</i>	1	1,6%

<i>oiá, oiei, oianu</i>	16	8,9%	<i>Baruiu</i>	1	1,6%
<i>mió, miorá, mioranu, miorô, miorei</i>	9	5,0%	<i>Orvaiu</i>	1	1,6%
<i>veiu, vei, véia</i>	6	3,4%	<i>Faiá</i>	1	1,6%
<i>coí, coienu, cuía</i>	5	2,8%	<i>Gaiu</i>	1	1,6%
<i>Conseiu</i>	5	2,8%	<i>Isçuia</i>	1	1,6%

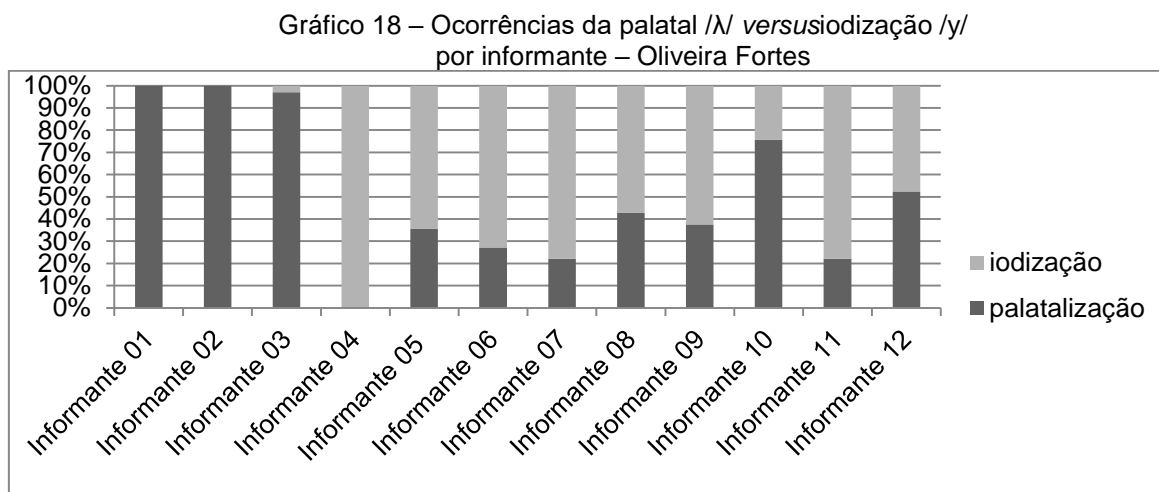
Comparativamente, Oliveira Fortes apresentou maior variedade nos itens do que Belmiro Braga, sendo que os mesmos itens do *corpus* de Belmiro Braga foram encontrados em Oliveira Fortes. A distribuição entre os informantes também foi mais diversa, pois dez dos doze entrevistados fizeram uso da variante desprestigiada.

A tabela a seguir traz a distribuição das variantes por informante.

Tabela 28 - Ocorrências da palatal /ʎ/ versus iodização /y/ por informante – Oliveira Fortes

Informante	Palatalização		Iodização		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Informante 01	14	100%	0	0%	14
Informante 02	22	100%	0	0%	22
Informante 03	31	97%	1	3%	32
Informante 04	0	0%	32	100%	32
Informante 05	20	35,7%	36	64,3%	56
Informante 06	06	27,2%	16	72,8%	22
Informante 07	08	22,2%	28	77,8%	36
Informante 08	06	42,8%	08	57,2%	14
Informante 09	06	37,5%	10	62,5%	16
Informante 10	28	75,7%	09	24,3%	37
Informante 11	08	22,2%	28	77,8%	36
Informante 12	11	52,4%	10	47,6%	21
Total	160		178		338

Para melhor visualização dessa distribuição por informante, segue o gráfico:



A iodização foi a variante predominante entre os informantes 04, 05, 06, 07, 08, 09 e 11, enquanto a palatalização ocorreu em maior proporção entre os informantes 01, 02, 03, 10 e 12.

É relevante observar que, entre os informantes do sexo feminino, em especial da primeira faixa etária, houve apenas uma ocorrência de iodização na entrevista da informante 03:

[...] eu lembro ali no patrimônio tinha um punhadudi casinha di sapê hoji CE num vê issu mais não né **miorô** bem [...] (INFORMANTE 03 -OF)

Entretanto, logo na sequência da entrevista, a mesma informante apresenta a lateral palatal no mesmo item lexical:

[...] ah deus de u tempu di criança qui eu lembro lá **melhorô** ubastanti muita coisa **melhorô**... saúdi né a saúdi lá hoji é bem **melhor** do qui uns anus atrás [...] (INFORMANTE 03 - OF)

Nas mulheres da segunda faixa etária (informantes 04, 05 e 06), os dados se invertem. A informante 04 utilizou exclusivamente a variante desprestigiada, e as informantes 05 e 06 ultrapassaram 60% e 70%, respectivamente.

Dessa forma, em relação às mulheres, pode-se constatar que a manutenção da variante considerada rural está relacionada à faixa etária, que, por sua vez, coincide com o sentimento de pertencimento à comunidade rural e

com um perfil de rede social mais fechada, restrita aos contatos com os familiares e vizinhos, sem muita mobilidade e contato com a urbanização. Além disso, estão distantes da escola há bastante tempo e tiveram baixa escolarização, em função das condições de acesso aos estudos quando mais novas.

No que se refere aos informantes do sexo masculino, em todas as faixas etárias, a iodização foi majoritária. Apenas o informante 10 utilizou a palatalização em maior proporção do que a iodização, sendo 75,7% da variante prestigiada. É importante destacar que, no período da entrevista, o informante ocupava o cargo de vereador na localidade e a função de presidente da câmara dos vereadores, o que pode ter influenciado as escolhas lexicais. Ainda assim, nos momentos de maior relaxamento e emoção, como as lembranças da infância e o relato de um susto que levou, observou-se a produtividade da iodização em variação com a palatalização:

[...] eu tinha novi anu dii dadi...eu cumecei a...**trabalhá** im curral...aí **trabalhei** im curral até...vinti i novi anu dii dadi...era criança...**trabaiava** i istudava...aí...depois eu...parei diistudá i cumecei a **trabaiá** im curral diretu...aí **trabaiei** deiz anu diretu im curral...(INFORMANTE 10 - OF)

Os informantes 07 e 11 apresentaram mais de 70% da variante /y/. Apesar de possuírem faixas etárias distintas, são semelhantes no que se refere ao baixo nível de escolarização, embora o informante 07 estivesse voltando aos estudos no período da entrevista. Ambos são bastante engajados com a vida rural: o informante 07 cria gado de leite, e o informante 11, já aposentado, trabalhou sua vida toda como retireiro.

A hipótese de uma mudança em progresso não se observa no sexo masculino. A tendência é que as duas variantes continuem convivendo, pois não há uma clara transição entre as faixas etárias, e a comunidade exibe uma tendência conservadora, dado o seu perfil de focalização dialetal (RIBEIRO, 2013).

Quanto ao fenômeno, de uma forma geral, é válido contestar a afirmação de Amaral (1920) de que a palatal /ɲ/ não existe no dialeto caipira e evidenciar a relevância de se rever a compreensão do falar rural. Como se observou, a

palatal /ʎ/ é recorrente em ambas as localidades e se distribui de forma específica e organizada, como é natural em qualquer variação linguística.

4.7. Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal

O apagamento do [d] no morfema de gerúndio é uma característica do português popular, sendo encontrado em todo o território nacional. Alguns exemplos de redução de gerúndio são: *falandu* ~ *falanu*; *comendu* ~ *comenu*; *vindo* ~ *vinu*.²⁹

No âmbito das pesquisas sociovariacionistas, alguns estudiosos investigaram o fenômeno, tais como Mollica (1989), Cristófaró Silva (1996), Honório (2005) e Martins (2006); mas destacam-se aqui as pesquisas de Mota e Nascimento (2004), Ferreira (2010), Vieira (2011), Martins e Bueno (2011) e Nascimento *et al.* (2013).

Mota e Nascimento (2004) pesquisaram o apagamento do [d] em 21 inquiridos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) e identificaram mais ocorrências no discurso semidirigido do que no questionário fonético-fonológico. A partir disso, constataram certa “[...] tensão do discurso, mostrando que há por parte do falante um relativo grau de consciência de que a forma de gerúndio utilizada no cotidiano diverge da forma admitida na norma padrão da língua portuguesa” (MOTA & NASCIMENTO, 2004, p. 7). Nos contextos de ocorrência, os homens fizeram mais uso da variante em que há a redução do [d] do que as mulheres.

Vieira (2011), em um distrito de Taboco-MS, também constatou o maior uso da variante com apagamento do [d] entre os homens (80% das ocorrências). Contudo, as mulheres a utilizaram em 70% das ocorrências, evidenciando que o fenômeno é sobrepujante em ambos os sexos. No que se refere à faixa etária, foram 75% das ocorrências com a redução do [d]. Ferreira (2010), por sua vez, realizou sua investigação em São José do Rio Preto-SP e também averiguou a relevância do sexo masculino, da faixa etária mais jovem e da menor escolarização para o apagamento do [d].

²⁹ No português brasileiro, o apagamento do [d] ocorre não apenas no gerúndio. Contudo, é mais raro quando o [d] encontra-se na raiz do item lexical (cf. FERREIRA & TENANI, 2009).

Martins e Bueno (2011) assinalam um quadro típico de forma inovadora e estigmatizada na análise do fenômeno na fala dos moradores da região de Dourados e Ponta Porã-MS, sendo recorrente na fala dos homens, dos menos escolarizados e dos mais jovens (de 7 a 35 anos).

Nascimento *et al.* (2013) analisaram a redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza-CE, com a análise de 24 entrevistas do *corpus* do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Os pesquisadores evidenciaram que o apagamento do [d] teve como fator condicionador relevante a baixa escolarização e concluíram que os homens utilizam mais a variante com a redução do que as mulheres, bem como os falantes mais velhos a utilizam mais do que os mais jovens.

Portanto, os estudos expostos acima sinalizam uma tendência clara da redução do [d] no morfema do gerúndio, atrelada ao sexo masculino e à baixa escolarização. No que se refere à faixa etária, alguns estudos encontraram a predominância entre os jovens, e outros constataram a presença do fenômeno entre os mais velhos, mas as distinções são tímidas em relação aos percentuais das ocorrências.

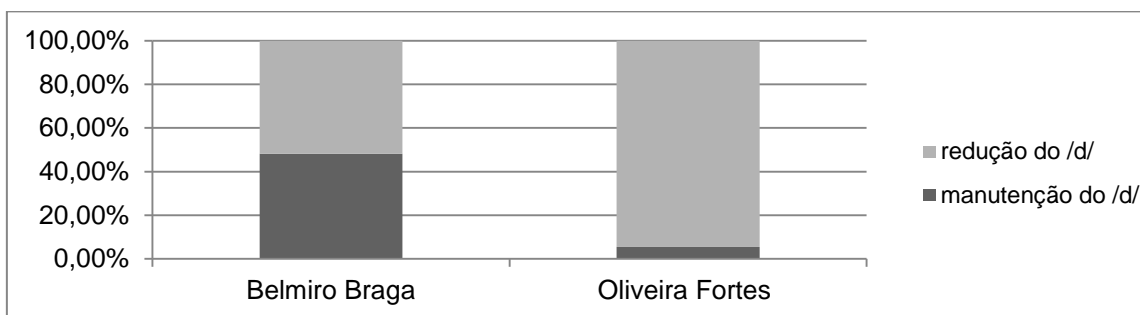
Por se tratar de um fenômeno nacional, como já exposto, esperava-se que sua distribuição fosse majoritária em ambas as localidades. Contudo, em Belmiro Braga e em Oliveira Fortes, a redução do [d] no gerúndio ocorreu em proporções bastante distintas. Enquanto em Belmiro Braga foram 51,9% das ocorrências, em Oliveira Fortes foram 94,6%, como pode ser visto a seguir.

Tabela 29 - Distribuição das ocorrências de manutenção do [d] no gerúndio *versus* redução do [d] no gerúndio nas localidades

	Manutenção do [d] no gerúndio		Redução do [d] no gerúndio		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º
Belmiro Braga	131	48,1%	141	51,9%	272
Oliveira Fortes	15	5,4%	262	94,6%	277

O gráfico ilustra a distribuição acima:

Gráfico 19 - Distribuição das ocorrências de manutenção do [d] no gerúndio *versus* redução do [d] no gerúndio nas localidades



Embora a variante com a redução do [d] seja majoritária nas duas localidades, em Oliveira Fortes, a variante inovadora ainda aparece de forma reduzida (apenas 15 ocorrências no total de 277). Por outro lado, em Belmiro Braga, as variantes co-ocorrem com percentuais semelhantes. Diante disso, cumpre-nos analisar melhor essa distinção entre os perfis da variação das duas zonas rurais em relação ao apagamento do [d] no morfema de gerúndio.

4.7.1 Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal em Belmiro Braga

Na zona rural de Belmiro Braga, como já exposto, há co-ocorrência das duas variantes, com uma leve preferência pela variante conservadora, ou seja, a redução do [d]. Entretanto, ao observar cada informante, é possível identificar que, entre as mulheres, prevalece a variante inovadora; já entre os homens, predomina a variante conservadora, como pode ser visto a seguir.

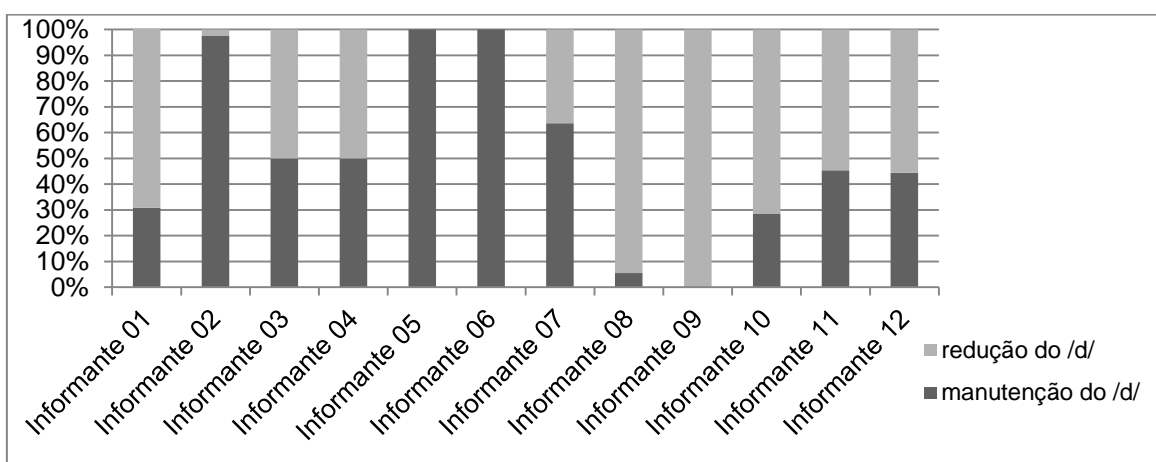
Tabela 30 - Ocorrências de manutenção do [d] no gerúndio *versus* redução do [d] no gerúndio por informante – Belmiro Braga

Informante	Manutenção do [d] no gerúndio		Redução do [d] no gerúndio		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Informante 01	08	30,8%	18	69,5%	26
Informante 02	43	97,7%	01	2,3%	44
Informante 03	10	50,0%	10	50,0%	20
Informante 04	19	50,0%	19	50,0%	38

Informante 05	03	100%	0	0%	03
Informante 06	08	100%	0	0%	08
Informante 07	07	63,6%	04	36,4%	11
Informante 08	02	5,5%	34	94,5%	36
Informante 09	0	0%	02	100%	02
Informante 10	12	28,6%	30	71,4%	42
Informante 11	15	45,4%	18	54,6%	33
Informante 12	04	44,4%	05	55,6%	09
Total	131		141		272

O gráfico representa os dados da tabela anterior.

Gráfico 20 – Ocorrências de manutenção do [d] no gerúndio *versus* redução do [d] no gerúndio por informante – Belmiro Braga



No perfil de distribuição das variantes entre os informantes, destacam-se aqueles em que uma das variantes foi categórica (100%). Entre as mulheres, as informantes 05 e 06, ambas da segunda faixa etária, optaram pela variante com a presença do [d] no morfema; entre os homens, o informante 09, da primeira faixa etária, utilizou apenas a variante com a redução do [d].

Também é importante observar que a informante 02 (sexo feminino, primeira faixa etária) e o informante 07 (sexo masculino, primeira faixa etária), de certa forma, destoam do perfil de sua faixa etária, por utilizarem mais a variante inovadora. Isso pode ser justificado pelo fato de estarem mais próximos

da influência da escolarização, já que a informante 02 havia concluído o Ensino Médio no ano anterior à realização das entrevistas, e o informante 07 ainda estava estudando. Ainda assim, encontra-se a variante conservadora na fala de ambos:

[..] inclusivi agora ali **cunversanu**...a moça falô [..]
(INFORMANTE 02 - BB)

[...]aí depois eu cheguim casa i ficu...**mexenu** nu celular[..
(INFORMANTE 07 - BB)

Na fala das informantes 03 e 04, a regra variável ficou evidente. Foram exatamente 50% para cada variante. A variante com a redução do [d] foi a mais produtiva na fala dos informantes 01, 08, 09, 10, 11 e 12, predominando, portanto, no sexo masculino, sendo a informante 01 a única pertencente ao sexo feminino e a mais engajada com a vida na zona rural (não pretende se mudar de lá), como evidencia no trecho a seguir, ao ser indagada se queria ir embora da roça:

[...] não...((riu)) acustumei cum roça...eu já acustumeimorá aqui...quandu eu vô imcidadi assim...já gostudichegá na cidadi doida pra voltá pra casa já...custumei...mais quetu né?...muitubarulhuim Juiz di Fora assim...num gostumuitu...[...]
(INFORMANTE 01 BB)

Como exposto no Capítulo III, entre os jovens de Belmiro Braga, é comum o desejo de ir embora da zona rural. Por isso, o fato de a informante não ter esse desejo pode justificar a predominância da variante conservadora em sua fala. Também parece ser o que motiva os falantes em Oliveira Fortes, conforme será discutido na próxima seção.

4.7.2 Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal em Oliveira Fortes

A redução do [d] no gerúndio na zona de rural de Oliveira Fortes ocorreu em 94,6% dos contextos possíveis. Esse percentual evidencia o perfil

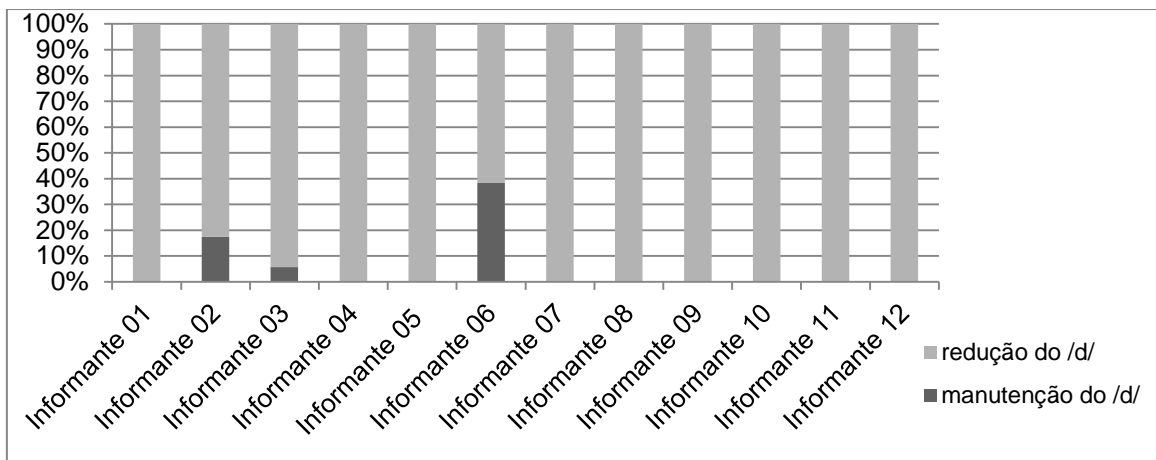
conservador da localidade, mas também sinaliza por onde a variante inovadora está sendo difundida. A tabela a seguir mostra a distribuição por informante.

Tabela 31 - Ocorrências de manutenção do [d] no gerúndio *versus* redução do [d] no gerúndio por informante – Oliveira Fortes

Informante	Manutenção do [d] no gerúndio		Redução do [d] no gerúndio		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Informante 01	0	0%	03	100%	03
Informante 02	07	17,5%	33	82,5%	40
Informante 03	03	5,7%	50	94,3%	53
Informante 04	0	0%	09	100%	09
Informante 05	0	0%	28	100%	28
Informante 06	05	38,4%	08	61,6%	13
Informante 07	0	0%	28	100%	28
Informante 08	0	0%	14	100%	14
Informante 09	0	0%	08	100%	08
Informante 10	0	0%	25	100%	25
Informante 11	0	0%	32	100%	32
Informante 12	0	0%	24	100%	24
Total	15		262		277

A manutenção do [d] no morfema de gerúndio foi uma variante pouco produtiva (15 ocorrências – 5,4%) e limitada a três informantes (02, 03 e 06), como ilustra o gráfico a seguir.

Gráfico 21 – Ocorrências de manutenção do [d] no gerúndio *versus* redução do [d] no gerúndio por informante – Oliveira Fortes



Embora as ocorrências com a presença do [d] sejam pouco representativas, é importante observar que as informantes 02 e 03 pertencem à primeira faixa etária e compartilham do desejo de sair da localidade, o que pode explicar os resultados obtidos. Já a informante 06, da segunda faixa etária, convive com seus dois filhos escolarizados (um com Ensino Médio e outra cursando o Ensino Superior), o que poderia justificar as variantes que utiliza, como constatado em relação à monotongação (seção 4.4.2).

Observa-se o predomínio da variante com o apagamento do [d] entre todos os informantes, mas, como nos demais fenômenos analisados, os homens estão liderando o processo de conservação da variante característica da fala rural. Em relação à faixa etária, tanto os mais jovens quanto os mais velhos optam pela variante redução do gerúndio, diferenciando-se apenas os que não manifestam um forte sentimento de pertencimento à vida rural.

4.8. Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa

O pronome pessoal de terceira pessoa, bem como suas variações de número e gênero (*ele, ela, eles e elas*), tende a perder o [l] na fala rural, passando a *ey, ea, eys e eas*. Tal fenômeno não se encontra sinalizado em Amaral (1920),

mas é reconhecido por Castilho (2010). Trata-se de um traço descontínuo, uma vez que não se distribui ao longo do *continuum* rural-urbano.

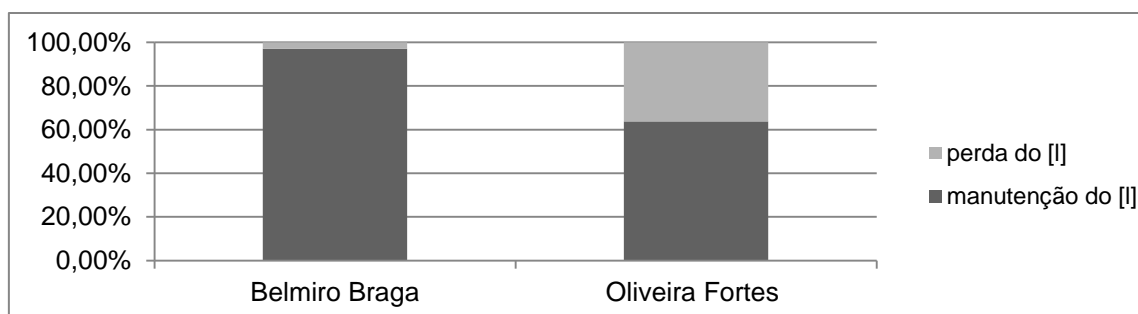
Em função dos reduzidos estudos relacionados ao fenômeno, acredita-se que se trata de uma marca do falar rural e, por isso, seria mais frequente no município de Oliveira Fortes do que em Belmiro Braga, em virtude do que já se tem constatado ao longo deste estudo na análise dos fenômenos anteriores.

Nos dados analisados³⁰, verifica-se a sobrepujança da variante inovadora, com a manutenção do [I] nos pronomes, nas duas localidades. Contudo, merece destaque a diferença percentual em relação a tal fenômeno, uma vez que, em Belmiro Braga, foram poucas ocorrências de apagamento do [I] (apenas 11, em um total de 475); e, em Oliveira Fortes, foram 207 em um total de 572 ocorrências, como mostram a tabela e o gráfico a seguir.

Tabela 32 - Ocorrências de manutenção do [I] *versus* perda do [I] da terceira pessoa nas localidades

	Manutenção do [I]		Perda do [I]		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º
Belmiro Braga	461	97,0%	11	3,0%	475
Oliveira Fortes	365	63,8%	207	36,2%	572

Gráfico 22 - Ocorrências de manutenção do [I] *versus* perda do [I] da terceira pessoa nas localidades



Na fala dos moradores de Belmiro Braga, embora se encontrem algumas ocorrências com a variante conservadora, há o predomínio da variante urbana

³⁰ Foram consideradas todas as ocorrências do pronome, tanto na posição sujeito quanto na posição objeto, sem distinção.

em 97,0% dos dados, o que reforça a característica da localidade já evidenciada nos fenômenos mais estigmatizados (como o rotacismo e a iodização). Em Oliveira Fortes, por sua vez, a perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa é bem mais produtiva, chegando a 36,2% das ocorrências. Nas próximas seções, analisa-se a distribuição por informante em cada localidade.

4.8.1. Perda do [l] no pronome pessoal da terceira pessoa em Belmiro Braga

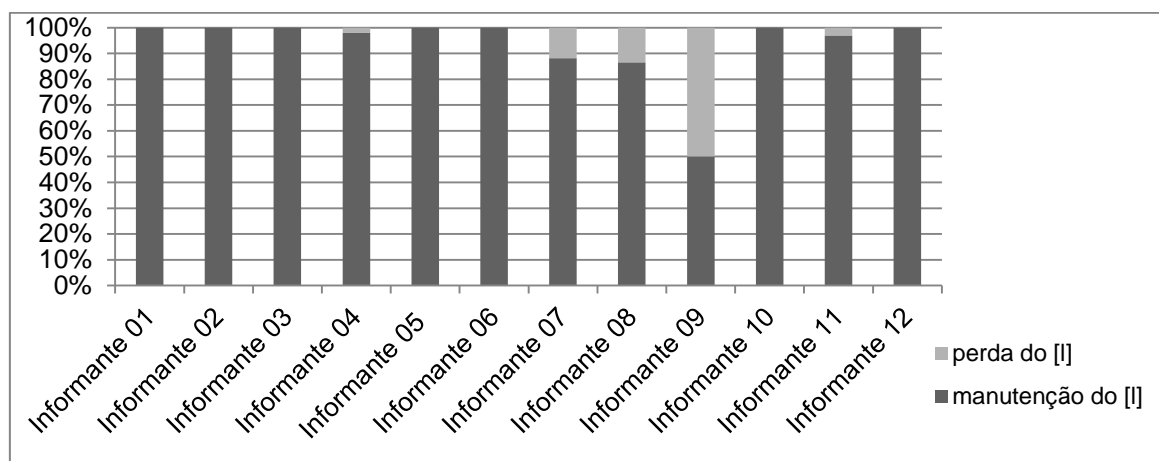
A perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa é observada na fala de apenas cinco informantes, um número bastante reduzido. Como já mencionado, foram apenas 11 ocorrências no total, sendo que a informante 04 realizou duas ocorrências; o informante 07, duas; o informante 08, cinco; o informante 09, uma; e o informante 11, uma. Os demais informantes utilizaram apenas a variante com a manutenção do [l], como indica a tabela e o gráfico a seguir.

Tabela 33 - Ocorrências de manutenção do [l] *versus* perda do [l] da terceira pessoa – Belmiro Braga

Informante	Manutenção do [l]		Perda do [l]		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Informante 01	103	100%	0	0%	103
Informante 02	21	100%	0	0%	21
Informante 03	58	100%	0	0%	58
Informante 04	106	98,1%	02	1,9%	108
Informante 05	39	100%	0	0%	39
Informante 06	51	100%	0	0%	51
Informante 07	15	88,2%	02	11,8%	17
Informante 08	32	86,5%	05	13,5%	37
Informante 09	01	50,0%	01	50,0%	02
Informante 10	03	100%	0	0%	03
Informante 11	33	97,0%	01	3,0%	34

Informante 12	02	100%	0	0%	02
Total	464		11		475

Gráfico 23 - Ocorrências de manutenção do [i] versus perda do [i] da terceira pessoa – Belmiro Braga



A maior concentração das ocorrências está entre os falantes do sexo masculino e da primeira faixa etária (informantes 07, 08 e 09), os quais possuem baixa escolarização e uma rede social bastante restrita à comunidade. Entre as mulheres, apenas a informante 04 fez tal uso, com as duas ocorrências com a forma no plural:

[...] quandu eu istudava por exemplu...a genti mal cumia aquela cumidinha da iscola...chegava im casa num tinha não...cabô...hoji im di não...hoji eis tem a melhor cumida na iscola [...] (INFORMANTE 04 – BB)

[...] eis é tudu grandi...mais ela papari co elis [...] (INFORMANTE 04 – BB)

Nesse último exemplo, é interessante observar que a informante usa as formas *eis*, *ela* e *elis* sequencialmente, o que também se verifica nos demais informantes que utilizam a variante com a perda do [i], como é o caso do informante 08:

[...] ah...num achu muito bão não né?...eis é novu pra caramba...aí eis tem cria...mai agora tá garradu...não...numé...num é um bichu di seti cabeça não...mais é...muita coisa qui elis perdi né? [...] (INFORMANTE 08 – BB)

Das 11 ocorrências com o apagamento do [I], nove são com a forma no masculino e plural (eis). Apenas o informante 07 utiliza duas formas distintas (*ei* e *ea*):

[...] ela tevi u filhu dela lá cum quinzi anu...aí u maridu dela chamô ela pra í imhora mora im Juiz di Fora...aí elis foru...aí nunca mais...aí ea voltô...depois voltô pra lá di novu [...] (INFORMANTE 07 – BB)

[...] mais ei é mais véi qui eu (INFORMANTE 07 – BB)

Diante de tais dados, pode-se afirmar que a tendência é de substituição da variante rural pela variante urbana na fala de Belmiro Braga em relação ao fenômeno da perda do [I] no pronome pessoal de terceira pessoa. Acredita-se que tal fato se deva à maior sensibilidade às normas de prestígio, dadas a proximidade e a mobilidade com meio urbano.

4.8.2. Perda do [I] no pronome pessoal de terceira pessoa em Oliveira Fortes

Em Oliveira Fortes, a variante perda do [I] no pronome pessoal de terceira pessoa foi utilizada por todos os informantes em competição com a variante em que o [I] é mantido.

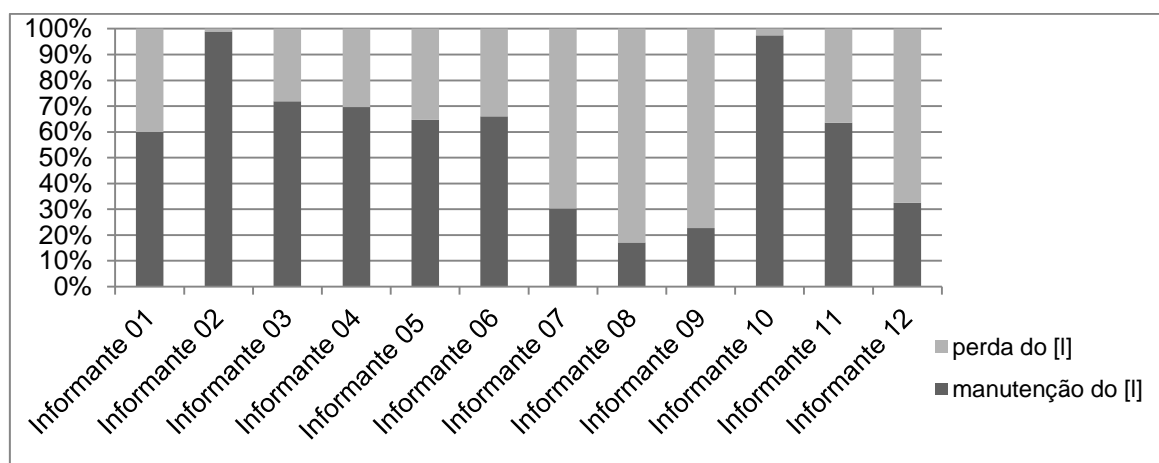
Na tabela e no gráfico a seguir, encontram-se o número de ocorrências e o percentual por informante.

Tabela 34 - Ocorrências de manutenção do [I] versus perda do [I] da terceira pessoa – Oliveira Fortes

Informante	Manutenção do [I]		Perda do [I]		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Informante 01	06	60,0%	04	40,0%	10

Informante 02	106	99,0%	01	1,0%	107
Informante 03	69	71,9%	27	28,1%	96
Informante 04	23	69,7%	10	30,3%	33
Informante 05	22	64,7%	12	35,3%	34
Informante 06	41	66,1%	21	33,9%	62
Informante 07	10	30,3%	23	69,7%	33
Informante 08	06	17,1%	29	82,9%	35
Informante 09	05	22,7%	17	77,3%	22
Informante 10	37	97,4%	01	2,6%	38
Informante 11	14	63,6%	08	36,4%	22
Informante 12	26	32,5%	54	67,5%	80
Total	365		207		572

Gráfico 24 - Ocorrências de manutenção do [l] versus perda do [l] da terceira pessoa – Oliveira Fortes



Verifica-se que os informantes 07, 08, 09 e 12 ultrapassam os 60,0% na utilização da variante com a perda do [l], confirmando, assim como em Belmiro Braga, que os homens e a primeira faixa etária, em especial, são responsáveis por tais usos na localidade. Por outro lado, em Oliveira Fortes, as 207 ocorrências, encontradas na fala de todos os moradores entrevistados, são evidências do conservadorismo na comunidade.

Interessante observar, ainda, que a perda do [I] se deu em todos os contextos previstos, ou seja, no masculino e no feminino, no singular e no plural (*ei, eis, ea e eas*):

[...] essis dia aí ei tá duenti...tem deiz dia quiei num sai di casa
[...] (INFORMANTE 04 – OF)

[...] di veiz im quandu eis vem pra cá fazê churrascu aqui [...]
(INFORMANTE 02 – OF)

[...] eis falava qui ea era braba né [...] (INFORMANTE 09 – OF)

[...] agora eas ta desaparecida né [...] (INFORMANTE 12 – OF)

Salienta-se que os informantes 02 e 10 destoaram dos demais nos percentuais da variante conservadora (com 1,0 % e 2,6%, respectivamente), ambos com apenas uma ocorrência, o que pode se justificar pelo fato de a informante 02, do sexo feminino e da primeira faixa etária, como já mencionado, ser escolarizada, com Ensino Médio completo e almejar a saída da localidade, não possuindo o sentimento de pertencimento. Já o informante 10, do sexo masculino e da segunda faixa etária, tende a utilizar a variante de prestígio especialmente em função de sua mobilidade e do contato com diversas pessoas (rede social mais aberta) e também de ser candidato a vereador.

Diante do exposto, conclui-se que a perda do [I] no pronome pessoal de terceira pessoa é um fenômeno característico da fala rural e estigmatizado, compreendido como um traço descontínuo e mais sensível à variante de prestígio em Belmiro Braga do que em Oliveira Fortes.

4.9. Simplificação da concordância nominal

A simplificação da concordância nominal, ou a ausência de marcação de número no sintagma nominal (SN), é um fenômeno morfossintático característico do português brasileiro popular identificado desde os primeiros estudos dialetológicos. Amaral (1982 [1951], p. 71) descreve o dialeto caipira, indicando que: “[...] a pluralidade dos nomes é indicada, geralmente, pelos

determinativos: *os rei, duas dama, certas hora, umas fruta, aqueles minino, minhas ermã, suas pranta* [...].

A marcação de número em todos os elementos do sintagma nominal de concordância tende a estar relacionada à escolarização do falante, principalmente quando aliada à inserção no mercado de trabalho. No que se refere a aspectos linguísticos, destacam-se a maior saliência fônica na relação singular/plural (*posição/posições; radical/radicais; mulher/mulheres*), posição linear, classe gramatical e marcas precedentes. Essa tendência foi constatada em estudos sociovariacionistas, como Braga e Scherre (1976), Braga (1977), Scherre (1978, 1988, 1994, 2001), Pontes (1979), Nina (1980), Guy (1981), Dias (1993), Lopes (2001), Andrade (2003), Santos (2010), entre outros.

No que se refere ao contraste rural-urbano, destaca-se a pesquisa de Dias (1993), a qual constatou que a procedência dos falantes (rural/urbana) é o fator social por excelência, sendo a ausência de concordância favorecida pelos falantes rurais. A pesquisadora entrevistou dez falantes moradores de zona rural e dez falantes moradores da zona urbana de Brasília-DF com até quatro anos de escolarização.

Em Ribeiro (2013), o perfil dos moradores de Oliveira Fortes-MG em relação a esse fenômeno foi investigado, considerando não apenas os residentes na zona rural, mas também os da zona urbana. Além da análise sociovariacionista, foi realizada a análise de Redes Sociais (MILROY, 1980, 1987, 2004; MILROY & MILROY, 1985; BORTONI- RICARDO, 1985, 2011). Dentre as 1407 ocorrências da variável concordância de número no sintagma nominal, houve o predomínio da variante ausência de marca explícita de número (89,6% nos SNs). Na zona rural, 87,9% das ocorrências não exibiram marcação da concordância de número no SN e, na zona urbana, o índice foi de 92%, evidenciando certa homogeneidade em relação ao fenômeno, dadas as características da localidade investigada com perfil essencialmente rural e conservador.

Neste estudo, novamente analisa-se o fenômeno em Oliveira Fortes-MG, mas se consideram apenas os dados dos falantes residentes na zona rural, de modo a contrastar com os dados dos falantes da zona rural de Belmiro Braga. Assim, espera-se encontrar a ausência de marcação de plural em ambas as localidades, na fala de todos os informantes, uma vez que tal variante tende a

servir de evidência para a identificação da fala rural (embora também atrelada à ausência de escolarização).

Na análise, observa-se que a variante ausência de concordância é a preferida pelos moradores da zona rural nas duas localidades, mas há uma nítida diferença entre Belmiro Braga e Oliveira Fortes. Em Belmiro Braga, das 509 ocorrências, 291 (57,2%) são da variante desprestigiada (ausência de concordância de número no SN); já em Oliveira Fortes, das 702 ocorrências, 617 (87,9%) não apresentam a marca explícita de plural em todos os elementos do SN, como se observa na tabela a seguir.

Tabela 35 - Ocorrências de presença (SN) *versus* ausência de concordância de número no sintagma nominal (SN) nas localidades

	Presença (SN)		Ausência (SN)		Total
	n.º	%	n.º	%	
Belmiro Braga	218	42,8%	291	57,2%	509
Oliveira Fortes	85	12,1%	617	87,9%	702

Em Belmiro Braga, as variantes presença e ausência de concordância no SN co-ocorrem em percentuais bem mais próximos do que em Oliveira Fortes, que tende a ser mais conservadora em seu perfil, como já discutido ao longo deste trabalho, especialmente no Capítulo III.

Gráfico 25 - Distribuição das ocorrências de presença (SN) *versus* ausência de número no sintagma nominal (SN) nas localidades



Diante dessa distinção, é importante observar os perfis dos falantes de cada localidade em relação ao uso da variante ausência de concordância.

4.9.1 Simplificação da concordância nominal em Belmiro Braga

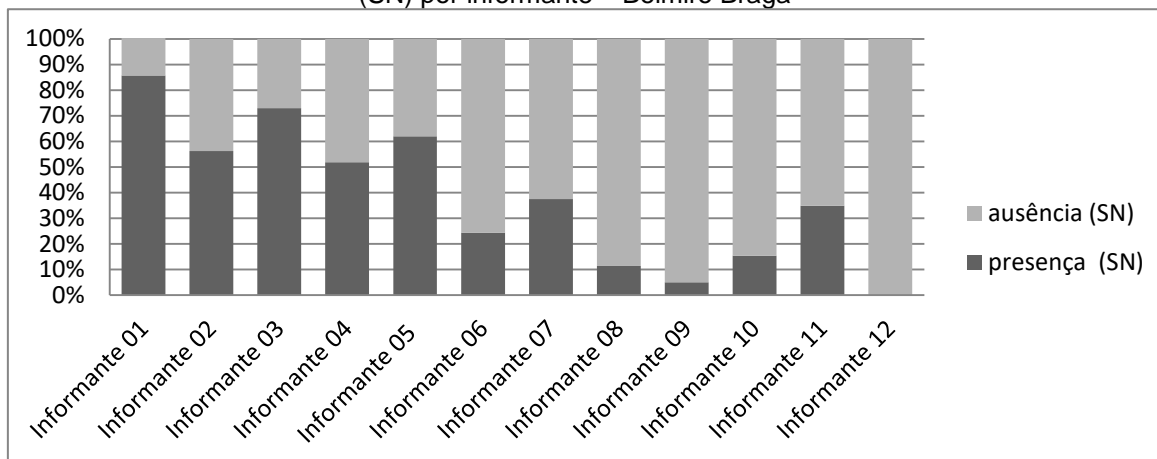
Na fala dos doze informantes que compõem o *corpus* da zona rural de Belmiro Braga, foram identificadas ocorrências da variante ausência de concordância de número no SN, evidenciando que tal variante é produtiva na comunidade, confirmando a evidência de que é característica da fala rural. Contudo, sua distribuição é distinta em relação ao sexo dos falantes: os homens tendem a utilizá-la em maior proporção do que as mulheres. Além disso, a segunda faixa etária também se mostra relevante para o seu favorecimento, como se observa nos dados da tabela a seguir, com o quantitativo e percentual de ocorrências por informante.

Tabela 36 – Ocorrências de presença (SN) *versus* ausência de concordância de número no sintagma nominal (SN) por informante – Belmiro Braga

Informante	Presença de concordância (SN)		Ausência de concordância (SN)		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º
Informante 01	24	85,7%	04	14,6%	28
Informante 02	45	56,2%	35	43,8%	80
Informante 03	38	73,0%	14	27,0%	52
Informante 04	27	51,9%	25	48,1%	52
Informante 05	36	62,0%	22	38,0%	58
Informante 06	10	24,4%	31	75,6%	41
Informante 07	06	37,5%	10	62,5%	16
Informante 08	05	11,4%	39	88,6%	44
Informante 09	01	5,0%	19	95,0%	20
Informante 10	10	15,4%	55	84,6%	65
Informante 11	16	34,8%	30	65,2%	46
Informante 12	0	0%	07	100%	07
Total	218		291		509

O gráfico a seguir ilustra tal distribuição, com maior concentração da variante presença de concordância de número no SN entre as informantes 01, 02, 03, 04 e 05 (superior a 50% das ocorrências).

Gráfico 26 – Ocorrências de presença (SN) *versus* ausência de número no sintagma nominal (SN) por informante – Belmiro Braga



Entre os homens, destaca-se o informante 12, em que a variante desprestigiada ocorre em 100% dos dados. Esse informante congrega todos os fatores favorecedores da regra, constatados em estudos anteriores: sexo masculino, idoso (70 anos) e analfabeto. Além disso, tem sua mobilidade e círculo de relações pessoais limitados à comunidade e apresenta forte engajamento com o trabalho rural, como relata:

[...] mais eu fui criadu aqui na roça memu aqui...criadu na meidumatu...nem imcidadi eu num entru...eu num vô não...num aprendi lê...num aprendi nada...

P: mas não quis ou...a vida não deixou...?

ah...naquelitempu...u...u negóciu...criança...criada era pa mó dimarrá vaca...candiá boi...pa ará terra...criava...num tinha istudu...num tinha nada...[...] (INFORMANTE 12 BB)

Esse dado parece confirmar que a variante presença de concordância é “aprendida” e tem entrado na comunidade por meio da escolarização e pelo contato com o meio urbano. Assim, quanto maior a escolarização e o não pertencimento à comunidade, mais produtiva se faz a variante inovadora. Não

obstante, confirma-se, mais uma vez, a tendência de que as mulheres são mais sensíveis à variante de prestígio do que os homens.

Contudo, é importante ressaltar que, no âmbito da comunidade em geral, a variante ausência de concordância de número no SN é, ainda, mais produtiva do que a variante prestigiada. O fragmento retirado da entrevista da informante 02 confirma essa variabilidade, diante do mesmo contexto:

[...] é que sai **cincu horas** u ônibus di Belmiru....**cincu hora** eli descí...só retorna meia noiti...é bem qui...devi sê bem cansativu...(INFORMANTE 02 BB)

Passa-se, a seguir, à análise do fenômeno em Oliveira Fortes.

4.9.2 Simplificação da concordância nominal em Oliveira Fortes

A variante ausência de concordância de número no sintagma nominal em Oliveira Fortes é uma regra praticamente categórica, como minuciosamente discutido em Ribeiro (2013). Na zona rural, o percentual de ocorrências é de 87,9%, sendo que o perfil dos informantes interfere qualitativa e quantitativamente na variação.

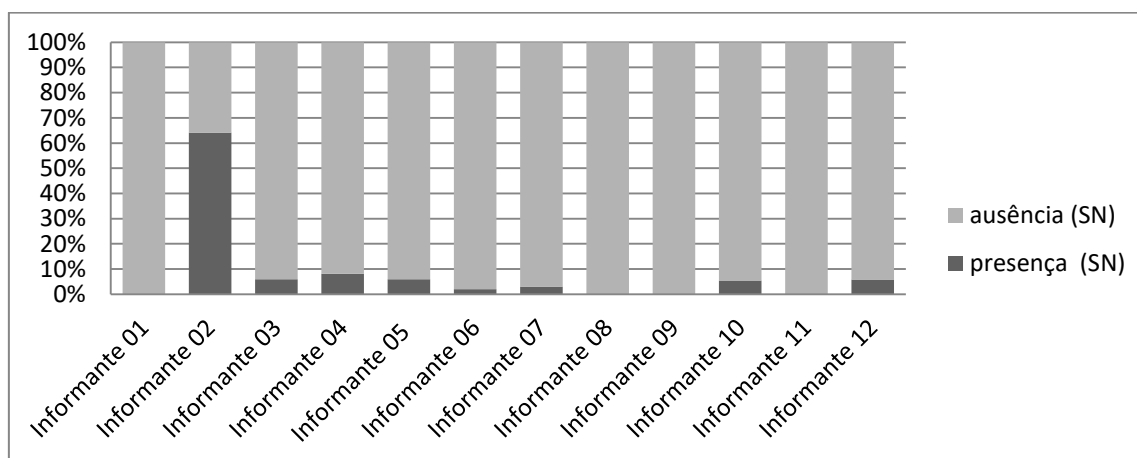
Enquanto em Belmiro Braga todos os informantes (com exceção do informante 12) utilizam a variante inovadora, em Oliveira Fortes quatro informantes utilizam exclusivamente a variante conservadora (desprestigiada). Em Belmiro Braga, as informantes do sexo feminino apresentam o percentual superior a 50% de ocorrências da variante presença de concordância de número no SN; já em Oliveira Fortes, há apenas uma informante (informante 02) que ultrapassa esse resultado (64,1%), sendo que todos os demais não ultrapassam 9,0%, como pode ser visto na tabela e no gráfico a seguir.

Tabela 37 - Ocorrências de presença padrão (SN) *versus* ausência de número no sintagma nominal (SN) por informante – Oliveira Fortes

Informante	Presença e concordância (SN)		Ausência de concordância (SN)		Total n.º
	n.º	%	n.º	%	
Informante 01	0	0%	16	100%	16
Informante 02	59	64,1%	33	35,9%	92
Informante 03	03	5,9%	48	94,1%	51
Informante 04	08	8,1%	79	91,9%	87
Informante 05	05	6,0%	79	94,0%	84
Informante 06	01	2,0%	50	98,0%	51
Informante 07	2	3,0%	63	97,0%	65
Informante 08	0	0%	38	100%	38
Informante 09	0	0%	30	100%	30
Informante 10	2	5,4%	35	94,6%	37
Informante 11	0	0%	64	100%	64
Informante 12	5	5,8%	82	94,2%	87
Total	85		617		702

Segue o gráfico referente aos dados da tabela acima.

Gráfico 27 - Ocorrências de presença (SN) *versus* ausência de número no sintagma nominal (SN) por informante – Oliveira Fortes



A informante 02³¹ é considerada um “ponto fora da curva” em relação ao perfil dos moradores de Oliveira Fortes. Como exposto em Ribeiro (2013, p.164),

[...] o perfil da informante difere do da maioria das mulheres com a mesma faixa etária na comunidade: ela não quer casar, não quer depender de marido; quer continuar estudando. Como se observa, sua mentalidade se aproxima daquela vigente nos grandes centros urbanos. Apesar disso, mantém o seu compromisso com a família, o respeito e o ritmo de vida de uma jovem do interior. Profissionalmente, a informante também tem ambições distintas da maioria de suas conterrâneas: seu sonho é ser aeromoça. [...] A influência da escolarização é bastante evidente na vida da informante e, talvez por isso, o seu perfil sociolinguístico destoe tanto do restante da comunidade [...].

Nessa direção, dentre todos os informantes, a que menos exhibe um sentimento de pertencimento à vida rural em Oliveira Fortes é a informante 02 e, talvez por isso, a força da escolarização seja tão forte.

Nos informantes 03, 04, 05, 06, 07, 10 e 12, apesar de a variante presença de concordância ocorrer, predomina, nitidamente, a variante característica da fala rural. A variante inovadora está presente na comunidade, mas não a ponto de sobrepujar a variante ausência de concordância de número no SN (categórica para os informantes 01, 08, 09 e 11).

Como nos demais fenômenos estigmatizados, Oliveira Fortes se mostra mais conservadora, mais “rural” do que Belmiro Braga. É a dinâmica social (mobilidade, redes sociais e engajamento com a vida rural) influenciando as escolhas linguísticas.

4.10. Simplificação da concordância verbal

Assim como a simplificação da concordância nominal, a simplificação da concordância verbal, ou a ausência de concordância de número no sintagma verbal (SV), é avaliada socialmente como um estigma e como uma característica de falantes rurais ou populares, como discutido no Capítulo I. A escolarização tende a ser um fator relevante para que a variante presença de concordância

³¹ A informante 02 é tratada como informante 08 em Ribeiro (2013). A inversão se deve ao fato de se iniciar a anotação pelo sexo feminino. Assim, todos os informantes tiveram sua numeração alterada.

ocorra, mas pode-se dizer que a variante desprestigiada encontra-se difundida em todo o território nacional.

Dentre os estudos sociovariacionistas sobre a concordância verbal, o trabalho pioneiro foi o de Lemle e Naro (1977). Posteriormente, diversos estudos foram realizados, dentre os quais destacam-se: Naro (1981), Nicolau (1984), Bortoni-Ricardo (1985), Rodrigues (1987), Graciosa (1991), Scherre e Naro (1992, 1993, 1998, 2000, 2006), Naro e Scherre (1991, 1993, 1999, 2007), Vieira (1995), Anjos (1999), Monguilhot (2001), Lopes (2001), Vogt Barden (2004), Monte (2007), Gonçalves (2007), Faria (2008), entre outros.

No que se refere aos fatores linguísticos, a aplicação do princípio do paralelismo linguístico é uma evidência importante, ou seja, “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (POPLACK, 1980; NARO & SCHERRE, 1991, 1993; SCHERRE, 1988, 1994, 1998). Além disso, a menor saliência fônica da oposição singular/plural da forma verbal (*fala/falam; falava/falavam; come/comem* etc.) tende a favorecer a ausência de concordância; bem como a posição do sujeito posposto ao verbo. Para Lemle e Naro (1977), a presença de concordância é favorecida pelas mulheres e pela faixa etária mais elevada, enquanto a classe menos favorecida socioeconomicamente é a que mais apresenta ausência de concordância. Em Naro (1981), o autor defende que a variação na concordância verbal de número no português brasileiro se configura como um processo lento de mudança linguística, caminhando em direção a um sistema sem marcas, ou seja, de ausência de concordância, comparando com o português europeu.

Bortoni-Ricardo (1985), por sua vez, ao analisar migrantes rural-urbano em Brasilândia, constata que “à medida que os migrantes rurais se envolvem mais com a cultura dominante, tendem a exibir melhor controle da regra da concordância” (BORTONI-RICARDO, 2011 [1985], p.234). Isso vai depender, portanto, do envolvimento com a cultura urbana (dominante), pois há falantes que, mesmo no espaço urbano, continuam fazendo uso da variante tipicamente rural (GONÇALVES, 2007).

Em Ribeiro (2013), também foi analisada a ausência de concordância de número no sintagma verbal entre os moradores de Oliveira Fortes. A variante ausência de concordância se mostrou muito mais recorrente do que a variante

presença de concordância: 80,6% das 810 ocorrências, considerando os falantes moradores da zona rural e da zona urbana.

Na presente análise, realiza-se a separação entre duas variantes: presença de concordância verbal (*elas nasceram ou elas nasceru*) e ausência de concordância verbal (*elas nasceu*), considerando esta última como variante caracterizada como rural. Espera-se, tal como em relação à concordância nominal, que haja predomínio da ausência de marcação de plural em ambas as localidades.

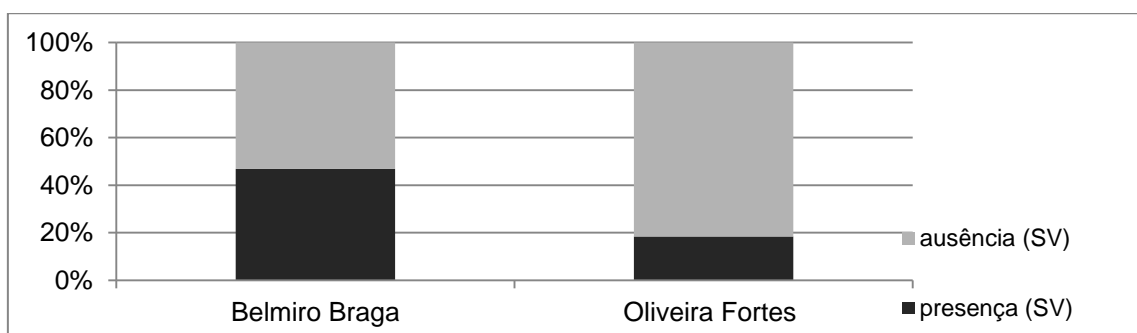
Na análise dos dados de Belmiro Braga e Oliveira Fortes, foram encontrados os seguintes resultados, mostrados na tabela a seguir.

Tabela 38 - Ocorrências de presença (SV) *versus* ausência de número no sintagma verbal (SV) nas localidades

	Presença (SV)		Ausência (SV)		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º
Belmiro Braga	125	46,8%	142	53,2%	267
Oliveira Fortes	78	18,2%	329	80,8%	407

Assim como observado na análise da variação na concordância de número no sintagma nominal, nas duas localidades a variante ausência de concordância foi mais produtiva, mas a diferença entre Belmiro Braga e Oliveira Fortes foi grande. Enquanto em Oliveira Fortes o percentual da variante rural é 80,8%, em Belmiro Braga é 53,2%.

Gráfico 28 - Distribuição de presença (SV) *versus* ausência de número no sintagma verbal (SV) por localidade



A variante de prestígio, portanto, ainda que não suplante as variantes conservadoras nas duas localidades, é mais presente em Belmiro Braga. Analisa-se, adiante, cada uma das localidades.

4.10.1 Simplificação da concordância verbal em Belmiro Braga

Na distribuição da variante ausência de concordância de número no sintagma verbal associada à variante presença não padrão em Belmiro Braga, foi identificado um padrão semelhante ao do fenômeno no sintagma nominal: sua produtividade é maior no sexo masculino. Os informantes 08, 09 e 12 não fizeram nenhum uso da variante de prestígio, como pode ser visualizado na tabela a seguir.

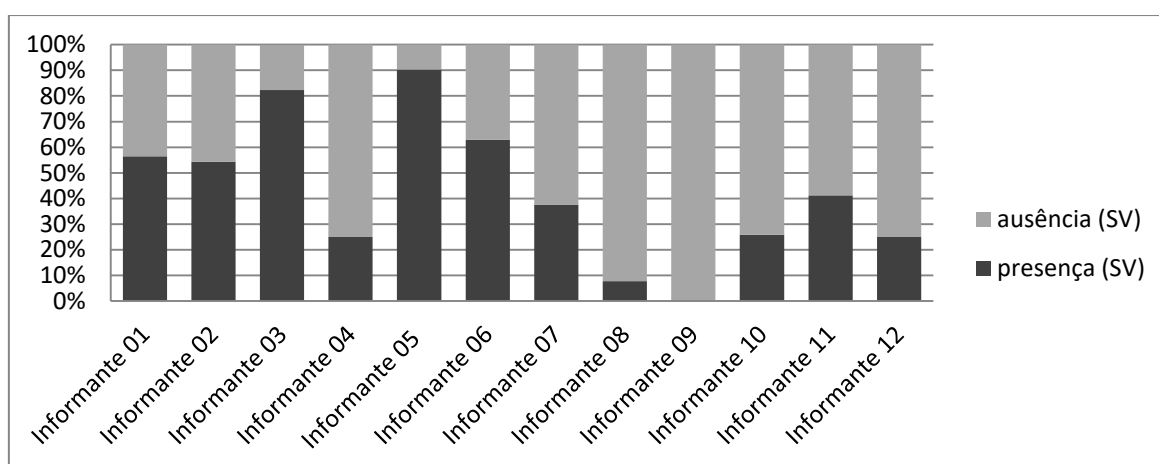
Tabela 39 - Ocorrências de presença padrão (SV) *versus* presença não padrão (SV) *versus* ausência de número no sintagma verbal (SV) por informante – Belmiro Braga

Informante	Presença (SV)		ausência (SV)		
	n.º	%	n.º	%	n.º
Informante 01	13	56,5%	10	43,5%	23
Informante 02	25	54,3%	21	45,7%	46
Informante 03	14	82,3%	03	17,6%	17
Informante 04	08	25,0%	24	75,0%	32
Informante 05	28	90,3%	03	9,7%	31
Informante 06	17	63,0%	10	37,0%	27
Informante 07	03	37,5%	05	62,5%	08
Informante 08	02	7,7%	24	92,3%	26
Informante 09	0	0%	09	100%	09
Informante 10	07	25,9%	20	74,1%	27

Informante 11	07	41,2%	10	58,8%	17
Informante 12	01	25,0%	03	75,0%	04
Total		125		142	267

O gráfico a seguir ilustra a distribuição das variantes entre os informantes da zona rural de Belmiro Braga.

Gráfico 29 - Ocorrências de presença (SV) *versus* ausência de número no sintagma verbal (SV) por informante – Belmiro Braga



A variante presença padrão de concordância de número no SV ultrapassa os 50% de ocorrências com as informantes 03 e 05, de faixas etárias distintas. A informante 05 tem seu perfil influenciado especialmente pelo fato de ter tido pouca escolarização, embora seja filha de professora e tenha filhos com Ensino Superior e residentes em Juiz de Fora e São Paulo (como já detalhado no Capítulo III). Ainda assim, a regra é variável e observam-se a presença não padrão e a ausência de concordância.

[...] **moravam** aqui...**istudavam** im Belmiru Braga...né NP?
Fizeram ginásiu im Belmiru Braga...((participação de terceiros))
aí depois **foram** imhora...cada um...foi...foi saindu...trabalhá i
istudá...elis **trabalhavam** i **istudavam** à noiti ... foi um atrás
duotru...foi a minina...a NP...morô cum a minha irmã...depois
nóis alugamu uma quitineti pra elis...né NP?

[...] antigamenti...tinha as pessoas qui **rachava** lenha...agora
CE num acha mais quem racha lenha uai...todu mundu é fu...é a
gáis...aqui tem dois caminhão di gáis qui **passa** aí [...]
(INFORMANTE 05 – BB)

A informante 03, por sua vez, rejeita a vida na zona rural, trabalha em Juiz de Fora e almeja se mudar para a “cidade grande”. Em sua fala, houve, em momentos de menor monitoração estilística, a variante ausência de concordância.

[...] us dois **vieram** di inxiridus...purque ninhum foi planejadu[...]
 [...] eu isperu qui us meus filhus **cresçam**...cum saúdi...né?...qui sejam muito felizis[...]
 [...] quando minha mãe i meu pai si **separô**...foi muito tristi pra mim...é até hoji... (INFORMANTE 03 – BB)

Dentre os homens, favorecedores das variantes conservadoras, os informantes 07, 10 e 11 apresentam alguns usos da variante de prestígio, mas evidenciam que, embora a conheçam, a regra que prevalece é a ausência de concordância:

[...] mais elis **fala** qui é pra mim ficá morandu cum a minha mãe né? mais eu gostu mais daqui...[...]
 [...] purque elis **acham** melhor né? [...] (INFORMANTE 07 – BB)

Diante dos dados, pode-se afirmar que, em Belmiro Braga, de um modo geral, a variação entre inovação e conservadorismo ocorre com uma distribuição bastante específica, sendo as mulheres mais responsáveis pela inovação, especialmente as da primeira faixa etária, mais sensíveis à escolarização.

4.10.2. Simplificação da concordância verbal em Oliveira Fortes

Em Oliveira Fortes, o percentual de 80,8% da variante ausência de concordância de número no SV já reflete a característica conservadora da localidade, como já exposto. Contudo, o percentual de 19,2% da variante inovadora sinaliza as particularidades de cada falante, frente à coesão da comunidade.

Nessa direção, tal como ocorre em relação à concordância de número no SN, a informante 02 se destaca com 31,5% de presença padrão nos dados de

sua entrevista. Os informantes 04, 05, 08, 10, 11 e 12 também fazem uso da variante presença, evidenciando que sua distribuição não está restrita ao sexo e à faixa etária.

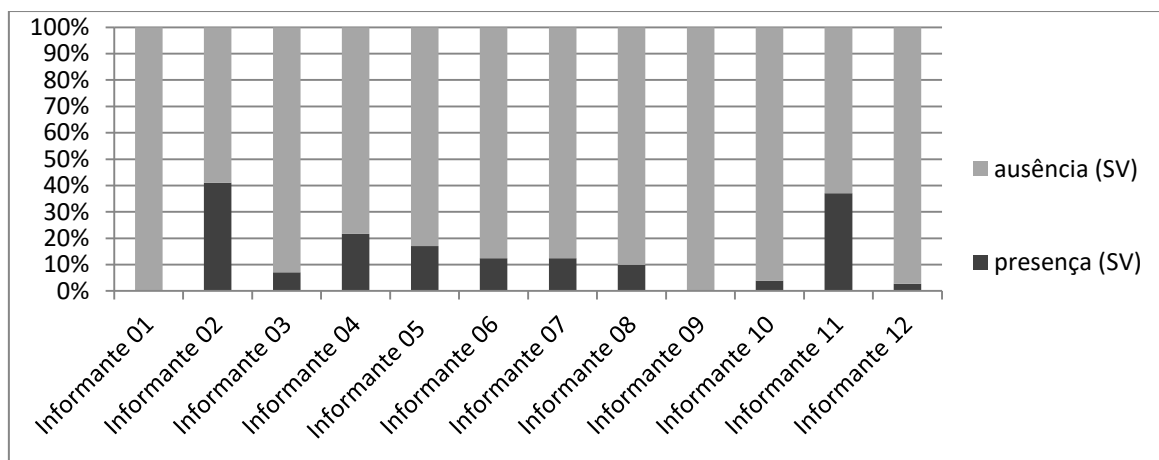
Ainda assim, as variantes conservadoras são percentualmente majoritárias em todos os informantes, conforme os dados a seguir.

Tabela 40 - Ocorrências de presença padrão (SV) *versus* presença não padrão (SV) *versus* ausência de número no sintagma verbal (SV) por informante – Oliveira Fortes

Informante	Presença (SV)		Ausência (SV)		
	n.º	%	n.º	%	n.º
Informante 01	0	0%	08	100%	08
Informante 02	30	41,1%	43	58,9%	73
Informante 03	01	7,1%	13	92,9%	14
Informante 04	15	21,7%	54	78,3%	69
Informante 05	08	17,0%	39	83,0%	47
Informante 06	04	12,5%	28	87,5%	32
Informante 07	03	12,5%	21	87,5%	24
Informante 08	02	9,9%	20	90,1%	22
Informante 09	0	0%	20	100%	20
Informante 10	01	3,9%	25	96,1%	26
Informante 11	13	37,1%	22	62,9%	35
Informante 12	01	2,7%	36	97,3%	37
Total	78		329		407

A variante prestigiada não ocorre na fala dos informantes 01, 03, 06, 07 e 09, sendo a variante ausência de concordância de número no SV categórica na fala dos informantes 01 e 09. A distribuição das ocorrências por informante pode ser visualizada no gráfico a seguir.

Gráfico 30 - Ocorrências de presença (SV) *versus* ausência de número no sintagma verbal (SV) por informante – Oliveira Fortes



As variantes ocorrem na fala dos informantes 02, 04, 05 e 11, conforme exemplo encontrado na entrevista do informante 11:

[...] não...u papai i a mamãe já **morreram**[...]
 [...] eu alembro da...das pedraqui eis **carregô** nu tempu da
 iscravidão...pedra dessitamanhu assim...eis **fizeru** aquela alicerci
 assim[...]
 [...] di veiz im quandu nóis **tava** im Santus Dumon batenu papu
 lá ué [...] (INFORMANTE 11 – OF)

Comparando os resultados de Oliveira Fortes com os de Belmiro Braga, vê-se que a distribuição da variação é mais homogênea em Oliveira Fortes, com a predominância das variantes tipicamente rurais entre todos os informantes. Isso, possivelmente, está associado ao nível de integração da comunidade, como já defendido em Ribeiro (2013).

4.11. Conclusões

Na busca da caracterização da variação na fala rural em duas localidades situadas na microrregião de Juiz de Fora, na região da Zona da Mata de Minas Gerais, foram selecionados dez fenômenos variáveis, a partir dos estudos de Amaral (1920) e Castilho (2010). Assim, analisaram-se as variações em relação a: i) ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras; ii) perda da vogal átona inicial; iii) perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal; iv) perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais

finais; v) troca de [l] por [r] em grupos consonantais; vi) iodização da palatal /λ/; vii) perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal; viii) perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa; ix) simplificação da concordância nominal; e x) simplificação da concordância verbal.

Objetivou-se, através da análise, fornecer informações para melhor compreensão do falar rural na região estudada e no país, de modo a problematizar o delineamento sociolinguístico dos espaços rurais no contexto atual brasileiro.

Ao contrastar as localidades, já foi possível identificar um perfil diferenciado em relação ao uso do espaço rural e ao modo de vida na zona rural, como descrito no Capítulo III. Belmiro Braga, apesar de ter 67,7% da população residente na zona rural, não é uma localidade cujos moradores vivem da agricultura ou pecuária. As fazendas, os sítios e as plantações são concentrados nas mãos de grandes fazendeiros (oriundos de outros municípios), e a maior parte da população apenas “reside” no espaço rural, sem ao menos plantar a própria horta. Pela proximidade com Juiz de Fora, a dinâmica social na zona rural em Belmiro Braga é bastante ligada à vida em bairros periféricos da “cidade grande”. Assim, as características prototípicas da zona rural se mesclam com as da zona urbana. Trata-se de uma urbanização do espaço rural, como sinaliza Wanderley (1994, 1998, 2009) e conforme discutido no Capítulo I.

Já Oliveira Fortes, mais distante de Juiz de Fora e, por muitos anos, isolada pela estrada não pavimentada de outras localidades, ainda conserva o seu perfil rural. A economia do município ainda é concentrada nas mãos de agricultores familiares, e os moradores, em sua maioria, são engajados com a vida no campo. A comunidade, assim, é mais coesa e os laços sociais são mais densos, o que contribui para focalização dialetal, como defendido em Ribeiro (2013).

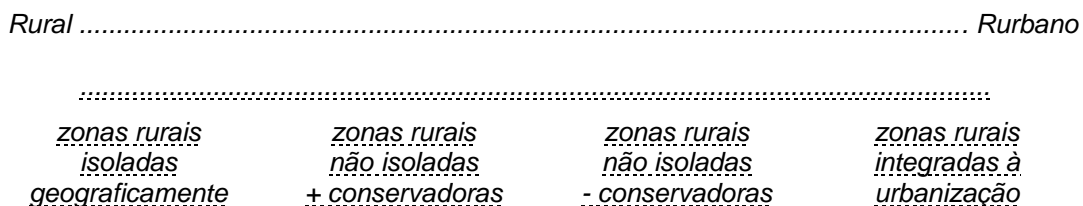
As diferenças sociais na configuração da zona rural dos dois municípios, como esperado, são refletidas na língua. A tabela abaixo sintetiza os resultados dos dez fenômenos analisados, agrupando-os a partir das variantes inovadoras (prestigiadas, urbanas) e das variantes conservadoras (desprestigiadas, rurais).

Tabela 41 - Síntese da variação nas duas localidades, considerando os dez fenômenos analisados

	Inovadora		Conservadora		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º
Belmiro Braga	1576	53,7%	1357	46,3%	2933
Oliveira Fortes	864	24,5%	2658	75,5%	3522

Ao considerar as escolhas linguísticas dos falantes que compõem o *corpus* desta pesquisa, constata-se que Belmiro Braga apresenta uma tendência à inovação, enquanto Oliveira Fortes se mantém conservadora. As duas localidades apresentam variantes tipicamente rurais, confirmando a essência rural do espaço social e do perfil sociolinguístico, mas, de igual modo, mostram-se sensíveis às variantes urbanas.

A discrepância nos percentuais das variantes conservadoras entre Belmiro Braga e Oliveira Fortes (46,3% e 75,5%, respectivamente) revela que a fala no espaço rural não é a mesma em todo lugar, como defendia Melo (1971), problematizado no Capítulo I. Parece haver uma gradação entre as zonas rurais, já que uma tende a ser mais rural do que a outra. Nessa direção de gradação, é possível retomar o *continuum* de urbanização proposto por Bortoni-Ricardo (2004, 2005) – exposto no Capítulo I – e pensar em um *continuum* de ruralidade. Esse *continuum* iria do extremo rural, com comunidades rurais isoladas geograficamente, cujo contato com meio urbano é precário devido ao acesso, e passaria por comunidades não isoladas, ou seja, com fácil acesso a zonas urbanas, mas em que as redes sociais são isoladas, tendendo ao maior conservadorismo linguístico; em seguida, haveria as comunidades não isoladas, com as redes sociais também não isoladas, facilitando a entrada de influências externas, tornando-se, assim, menos conservadoras linguisticamente; e, por fim, aquelas zonas rurais já integradas ao espaço urbano, semelhantes a bairros, mas que ainda são categorizadas como zona rural por critérios político-econômicos. A seguir, ilustra-se a proposta para um *continuum* de ruralidade:

Figura 8 - *Continuum* de ruralidade

O critério de categorização merece ser discutido em estudos posteriores, pois com apenas duas localidades não se consegue obter nenhum tipo de generalização, mas nos parece pertinente associar a análise linguística à relação que a comunidade possui com a vida no campo, ou seja, o nível de engajamento dos moradores com a zona rural, especialmente no que se refere às relações pessoais, à mobilidade, ao trabalho e à educação. Tal como propõe Bortoni-Ricardo (1989, 2011), a análise contrastiva é a mais adequada para situar-se no *continuum*.

No próximo capítulo, aprofunda-se a discussão acerca dos delineamentos da fala rural e das gradações de ruralidade dentro do *continuum*.

CAPÍTULO V

DELINEAMENTOS DA FALA RURAL: gradações da ruralidade

Na busca por definições acerca da fala dos moradores da zona rural na contemporaneidade, reconhece-se – e os dados explorados nos capítulos anteriores reforçam – que os critérios sociogeográficos e o nível de escolarização não são suficientes para rotular um falante como “rural” ou “urbano”. Por sua vez, as diferenças linguísticas não são quantitativamente expressivas, embora suficientes para abrir margem para preconceitos e estigmatização dos falantes, como já explorado no Capítulo I. Trata-se de um cenário sociolinguístico complexo quando se investiga a fala nas zonas rurais, como defendido ao longo deste trabalho.

Entre a obra “O dialeto caipira”, de Amadeu Amaral (1920), até a atualidade, já se passou quase um século. E é válido, após a análise empreendida neste estudo com os dados de dois municípios, contemplando vinte e quatro informantes, avaliar o processo de variação e mudança linguística que atinge a(s) fala(s) rural(is). Nessa avaliação, é pertinente retomar o conceito de traços graduais e traços descontínuos, trazidos para a sociolinguística brasileira por meio de Bortoni-Ricardo (2005, 2011, 1989), inspirada em Wolfram e Fasold (1974).

No delineamento da fala rural observado no Capítulo IV, é possível averiguar que, dentro do *continuum* de ruralidade, a distribuição dos fenômenos entre os informantes das duas localidades apresenta convergências e divergências, quando se considera o percentual das variantes mais conservadoras. Portanto, atesta-se que há “descontinuidades” e “gradações” na fala rural.

Com o intuito de explorar tais traços, o presente capítulo apresenta, na primeira seção, a distribuição das variantes rurais nos dez fenômenos analisados no Capítulo IV, de modo a sinalizar os traços graduais e os traços descontínuos entre as localidades, por meio de uma síntese dos dados explorados anteriormente. Isso se justifica pela necessidade de uma maior definição no que

se refere ao extremo rural em direção ao urbano, pois, como já constatado, as localidades apresentam perfis diferenciados e situam-se em diferentes pontos do *continuum*, sendo Oliveira Fortes mais conservadora ao ser contrastada a Belmiro Braga.

A segunda seção detém-se na gradação dos informantes dentro do *continuum* de ruralidade, observando, também, a heterogeneidade dos perfis dos informantes, de modo a apurar a análise qualitativa em um sentido micro, e relacionando as especificidades dos informantes a seus usos linguísticos. Assim, são exploradas algumas variáveis sociais, tais como a configuração das redes sociais, a mobilidade, a escolarização e, especialmente, o sentimento de pertencimento (ou não) à vida rural, evidenciado no discurso de cada um dos informantes, conforme descrito no Capítulo III.

Na terceira seção, são feitas algumas considerações para um delineamento da fala rural, considerando os aspectos sociais mais significativos da análise.

5.1. Convergências e divergências na frequência das variantes nas localidades

As duas localidades investigadas neste estudo podem ser situadas em pontos distintos dentro do *continuum* de ruralidade, uma vez que Belmiro Braga apresenta uma tendência à inovação, enquanto Oliveira Fortes se mantém mais conservadora quando se observam os percentuais gerais – como explorado no Capítulo IV. Em contrapartida, não se pode, simplesmente, deslocar-se no *continuum* sem antes observar, de modo mais aprofundado, os elementos que as diferem. Considerando que ambas as localidades são rurais, quais regras/traços são compartilhados? Quais são diferentes?

Para Bortoni-Ricardo (2005), dentro da proposta do *continuum* de urbanização, há dois tipos de regras variáveis:

[...] regras que definem uma estratificação “descontínua” e que caracterizam as variedades regionais e sociais mais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, e regras graduais, que definem uma estratificação contínua e estão presentes no repertório de praticamente todos os brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidade que eles conferem à própria fala (BORTONI-RICARDO, 2005, p.40)

Adaptando sua definição para o *continuum* de ruralidade, pode-se postular que os traços rurais graduais são aqueles encontrados de forma mais frequente nas zonas rurais e cuja distribuição se dá de modo mais uniforme entre os informantes. Já os traços rurais descontínuos são limitados a determinados falantes e constituem o estereótipo do falar rural.

Os percentuais das variantes conservadoras nas localidades, apresentados na tabela a seguir, permitem tecer algumas considerações a respeito de tais traços.

Tabela 42 - Percentual das variantes conservadoras nas localidades

FENÔMENOS	% Variante Conservadora (Rural)	
	Belmiro Braga	Oliveira Fortes
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	97,0%	93,70%
Perda da vogal átona inicial	40,70%	55,90%
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	77,0%	89%
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	58,0%	92%
Troca de [l] por [r] em grupos consonantais	10,90%	64,50%
Iodização da palatal /ʎ/	11,80%	52,60%
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	51,90%	94,60%
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	3,0%	36,20%
Simplificação da concordância nominal	57,20%	87,90%
Simplificação da concordância verbal	53,2%	80,80%

Nos dez fenômenos analisados, os percentuais da variante conservadora nas localidades se aproximam na: i) ditongação das vogais tônicas seguidas de

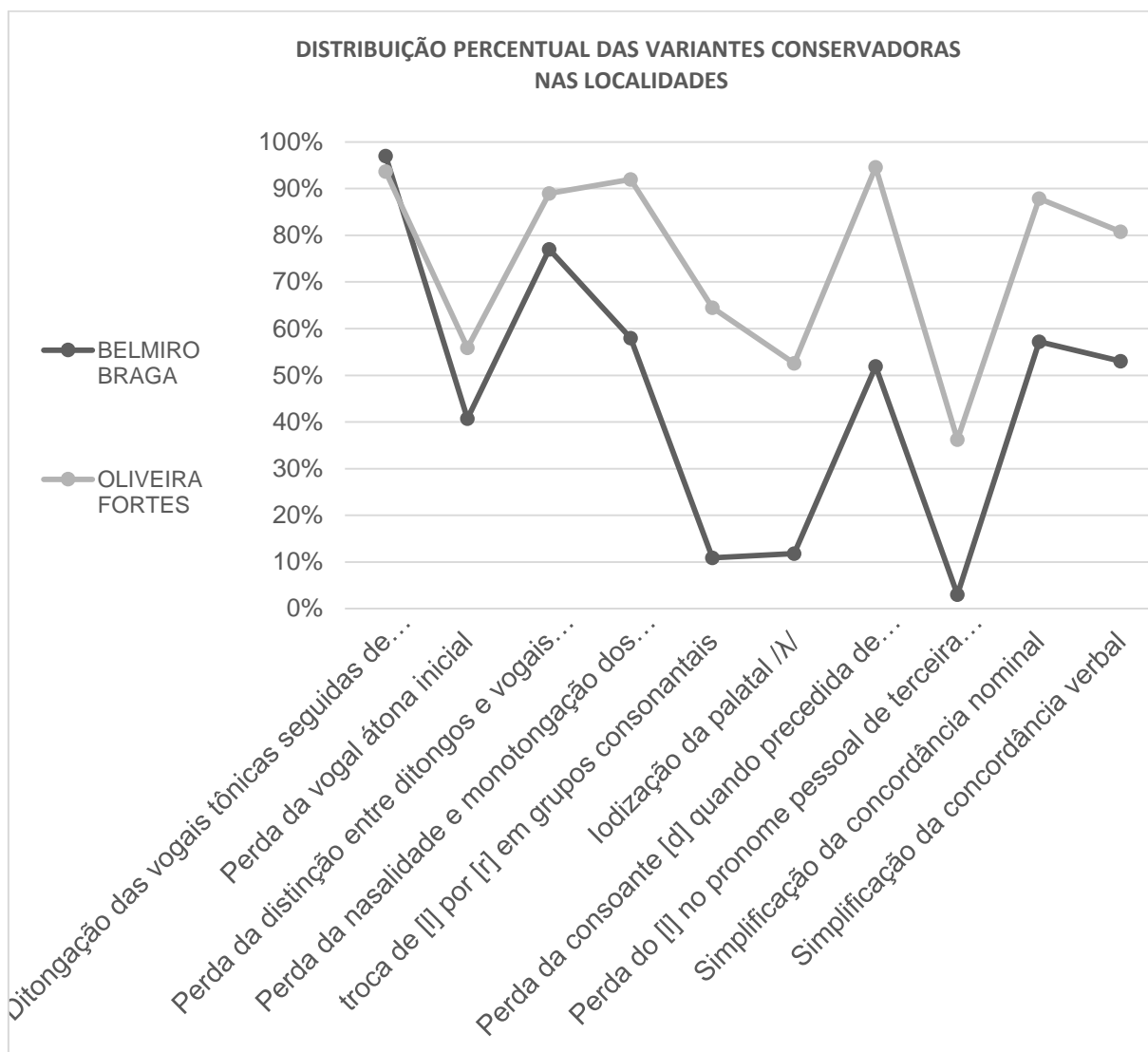
sibilante no final das palavras; e ii) perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal. Em uma análise inicial, pode-se afirmar que são traços graduais nas zonas rurais (e também na zona urbana), pois não acarretam atribuição de juízo de valor negativo.

Outros fenômenos ocorrem de forma mais variável, com uma distribuição percentual distinta, mas com tendência à manutenção da variante rural. É o que ocorre com a: i) perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais; ii) perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal; iii) simplificação da concordância nominal; e iv) simplificação da concordância verbal. Todos esses fenômenos estão distribuídos em ambas as localidades, em maior ou menor proporção, e são traços rurais graduais. A exceção ocorre com a perda da vogal átona inicial, que tende à variação mais estável com a variante urbana, especialmente em Belmiro Braga.

A discrepância entre Belmiro Braga e Oliveira Fortes é nítida em relação à: i) troca de [l] por [r] em grupos consonantais; ii) lodização da palatal /λ/; e iii) perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa, o que permite: i) compreendê-los como traços descontínuos ao contrastar as duas localidades; ii) e, mais ainda, considerá-los fenômenos atrelados ao estereótipo rural.

O gráfico a seguir permite visualizar a movimentação dos percentuais das variantes conservadoras.

Gráfico 31 - Percentuais das variantes conservadoras nas localidades



Através do gráfico, constata-se que há um movimento semelhante em relação à maioria das variantes analisadas no que se refere ao conservadorismo, reforçando a evidência dos traços graduais em sete dos dez fenômenos analisados. A ruptura maior ocorre diante das variantes mais estereotipadas, ou seja: o rotacismo (a troca de [l] por [r] em grupos consonantais); a iodização da palatal /ɲ/; e a perda do [l] no pronome de terceira pessoa do singular.

Assim, diante das convergências e divergências entre as localidades, ressalta-se a importância do valor social das variantes em relação às diferenças entre Belmiro Braga e Oliveira Fortes, pois se verifica que os traços rurais descontínuos ocorrem de modo mais tímido em Belmiro Braga. Enquanto em Belmiro Braga foram obtidas apenas 11,8% de ocorrências de iodização da

palatal e 10,9% de ocorrências de rotacismo, Oliveira Fortes apresentou percentuais de 52,6% e 74,5%, respectivamente. Além disso, a distribuição das variantes entre os falantes foi mais homogênea em Olivera Fortes – apenas dois informantes não utilizaram a iodização, e um informante não fez uso da variante rotacismo. Por outro lado, em Belmiro Braga, cinco informantes não usaram a variante iodização da palatal, e seis informantes não utilizaram a variante rotacismo. Na mesma direção, a perda do [l] no pronome pessoa de terceira pessoa apresentou-se como um fenômeno em decadência em ambas as localidades, mas com uma nítida distinção em relação à sua produtividade em Oliveira Fortes, uma vez que ocorreu em apenas 3,0% das ocorrências em Belmiro Braga e em 36,2% em Oliveira Fortes, evidenciando que a manutenção da variante rural é mais característica nessa localidade.

Já em relação aos traços aqui considerados como graduais na zona rural, a redução do [d] no gerúndio também apresentou percentuais bastante distintos nas duas localidades. Em Oliveira Fortes, foram 94,6% dos usos, com ocorrências na fala de todos os informantes; por sua vez, em Belmiro Braga, foram apenas 51,9%, sendo que dois informantes não fizeram tal uso. Na mesma direção, a perda da nasalidade e a monotongação dos ditongos nasais finais foi mais produtiva em Oliveira Fortes (92,1%) do que em Belmiro Braga (58,4%), o que permite afirmar que esses dois fenômenos são traços menos marcados em contraste com a variante de prestígio.

Com uma sutil diferença, esse perfil também foi confirmando em relação ao fenômeno da perda da vogal átona inicial: foram 55,9% da variante conservadora em Oliveira Fortes contra 40,7% em Belmiro Braga.

Em relação à ditongação diante de sibilante e à monontongação dos ditongos, as duas localidades apresentaram a preferência pela variante característica da fala rural, mas é importante destacar que esses fenômenos já são compreendidos como fenômenos gerais do português brasileiro falado, não sendo tão estigmatizados. Nos termos de Bortoni-Ricardo (2010), seriam traços graduais dentro do *continuum* de urbanização, como já mencionado, e, portanto, passam “desapercebidos” frente aos julgamentos de valor. Isso foi possível ser constatado porque todos os informantes das duas localidades utilizaram, quase exclusivamente, a ditongação diante de sibilante e a monontongação. Quanto à ditongação diante de sibilante, em especial, convém destacar que se trata de

uma característica da microrregião de Juiz de Fora, diferentemente da capital mineira, como sinaliza Zágari (1998, 2005).

No que se refere à marcação de concordância de número nos sintagmas nominais e verbais, a variante conservadora prevaleceu nas duas localidades, com ocorrências na fala dos vinte e quatro informantes. Assim, evidenciou-se, tal como em Ribeiro (2013), que a marcação de plural em todos os elementos é a variante inovadora, ocorrendo na zona rural por influência da urbanização e/ou da escolarização. Entretanto, convém destacar as diferenças percentuais entre as duas localidades, pois, em Oliveira Fortes, os percentuais ultrapassam 80,0% (87,9% no SN e 80,8% no SV), mas, em Belmiro Braga, não chegam a 60,0% (57,2% no SN e 53,2% no SV).

Observadas as diferenças e as semelhanças entre as duas localidades, analisa-se, a seguir, a gradação da ruralidade entre os informantes.

5.2 A gradação da ruralidade entre os informantes

A variação percentual das variantes mais conservadoras entre os informantes de Belmiro Braga e Oliveira Fortes possibilita averiguar que há falantes mais rurais do que outros, considerando a frequência de uso das variantes rurais. Para realizar a gradação, é possível considerar dois critérios pautados em dados linguísticos: i) o percentual geral das variantes conservadoras considerando os dez fenômenos; e ii) o percentual dos traços descontínuos nas localidades, uma vez que, como já discutido na seção anterior, eles atuam como estereótipo do falar rural.

Em virtude de o presente estudo ser uma pesquisa que visa a descrever e a explorar o delineamento da fala rural, questiona-se se o resultado de cada um dos critérios alteram a gradação de forma significativa ou se qualquer uma das estratégias adotadas resultam de forma equivalente. Para tanto, são realizadas as duas análises e, por fim, busca-se uma correlação entre os dados linguísticos e as variáveis sociais dos informantes.

5.2.1. A gradação da ruralidade baseada nos dez fenômenos analisados

Ao agrupar os dez fenômenos por informante, considerando as variantes inovadoras (urbanas) e as variantes conservadoras (rurais) (APÊNDICE A), constata-se seguinte distribuição geral das variantes conservadoras:

Tabela 43 – Percentual das variantes conservadoras por informante

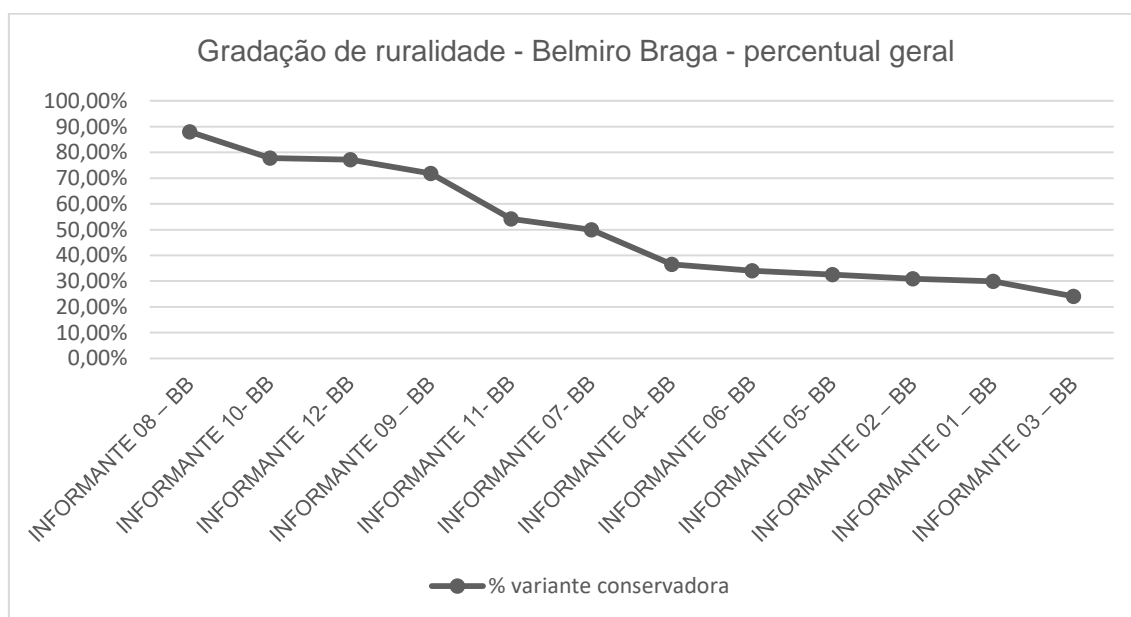
BELMIRO BRAGA	% variante conservadora	OLIVEIRA FORTES	% variante conservadora
INFORMANTE 01 – BB	29,9%	INFORMANTE 01 - OF	76,8%
INFORMANTE 02 – BB	30,9%	INFORMANTE 02 - OF	46,7%
INFORMANTE 03 – BB	24,1%	INFORMANTE 03 - OF	65,2%
INFORMANTE 04- BB	36,5%	INFORMANTE 04 - OF	83,0%
INFORMANTE 05- BB	32,6%	INFORMANTE 05 - OF	82,8%
INFORMANTE 06- BB	34,0%	INFORMANTE 06 - OF	59,3%
INFORMANTE 07- BB	50,0%	INFORMANTE 07 - OF	90,8%
INFORMANTE 08 – BB	88,0%	INFORMANTE 08 - OF	82,9%
INFORMANTE 09 – BB	71,8%	INFORMANTE 09 - OF	83,6%
INFORMANTE 10- BB	77,8%	INFORMANTE 10 - OF	71,6%

INFORMANTE 11- BB	54,2%	INFORMANTE 11 - OF	87,0%
INFORMANTE 12- BB	77,2%	INFORMANTE 12 - OF	83,2%

Dentre os dados da tabela anterior, provenientes do percentual total calculado no Apêndice A, destaca-se que o padrão de distribuição das variantes entre os informantes é bastante peculiar. Dos vinte e quatro informantes, apenas sete fazem maior uso da variante inovadora (urbana), ou seja, a variante conservadora ocorreu em menor percentual na fala de todas as informantes do sexo feminino em Belmiro Braga, ou seja, as informantes 01 (29,9%), 02 (30,9%), 03 (24,1%), 04 (36,5%), 05 (32,6%) e 06 (34,0%); e, em Oliveira Fortes, na fala da informante 02 (46,7%).

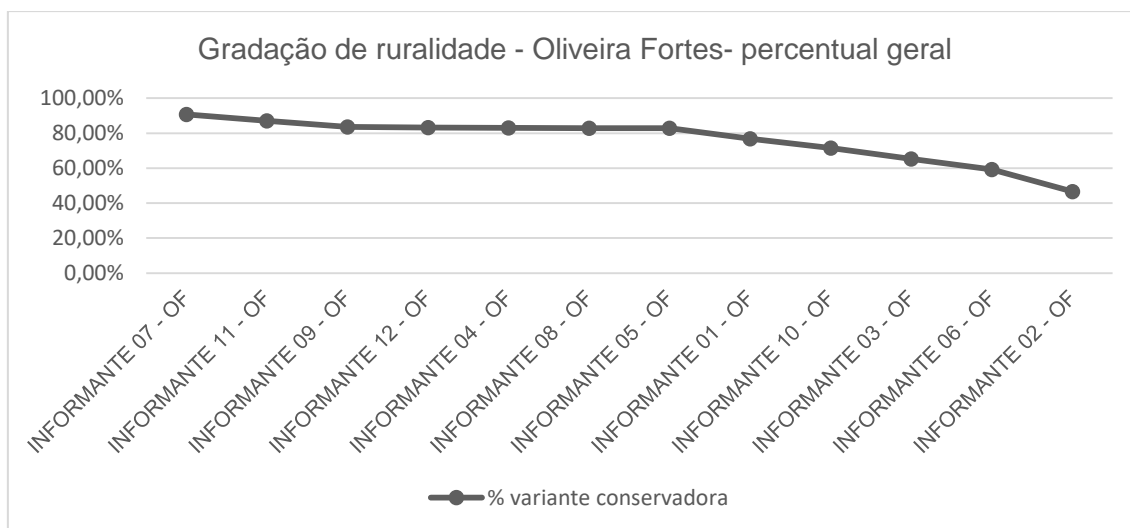
A partir dos dados indicados na tabela anterior, pode-se propor uma gradação de ruralidade, organizando os informantes em ordem decrescente conforme os percentuais das variantes conservadoras, incluindo todos os dez fenômenos. Tal gradação é ilustrada nos gráficos a seguir.

Gráfico 32 - Gradação de ruralidade em Belmiro Braga (percentual geral)



Sob essa ótica (percentual geral), os informantes mais rurais em Belmiro Braga seriam os situados à direita do gráfico (08, 10, 12 e 09) em contraste com os mais rurbanos (04, 06, 05, 02, 01 e 03). O informante 07, com 50%, ficaria no centro do *continuum*, com percentual de 50%.

Gráfico 33 - Gradação de ruralidade em Oliveira Fortes (percentual geral)



Considerando o percentual geral, Oliveira Fortes teria uma graduação de ruralidade mais próxima do extremo rural na seguinte sequência de informantes: 07, 11, 09, 12, 04, 08, 05, 01, 10, 03, 06 e, por fim, a informante 02, mais próxima do extremo rurano.

5.2.2. A gradação da ruralidade baseada nos traços descontínuos

Na sequência, apresenta-se o percentual de cada informante, considerando apenas os três fenômenos mais estigmatizados: o rotacismo (a troca de [l] por [r] em grupos consonantais), a iodização da palatal /λ/ e a perda do [l] no pronome de terceira pessoa do singular. O cálculo foi realizado por meio das tabelas do Apêndice A, somando o total de ocorrências dos três fenômenos e obtendo a porcentagem da variante conservadora em relação ao total geral.

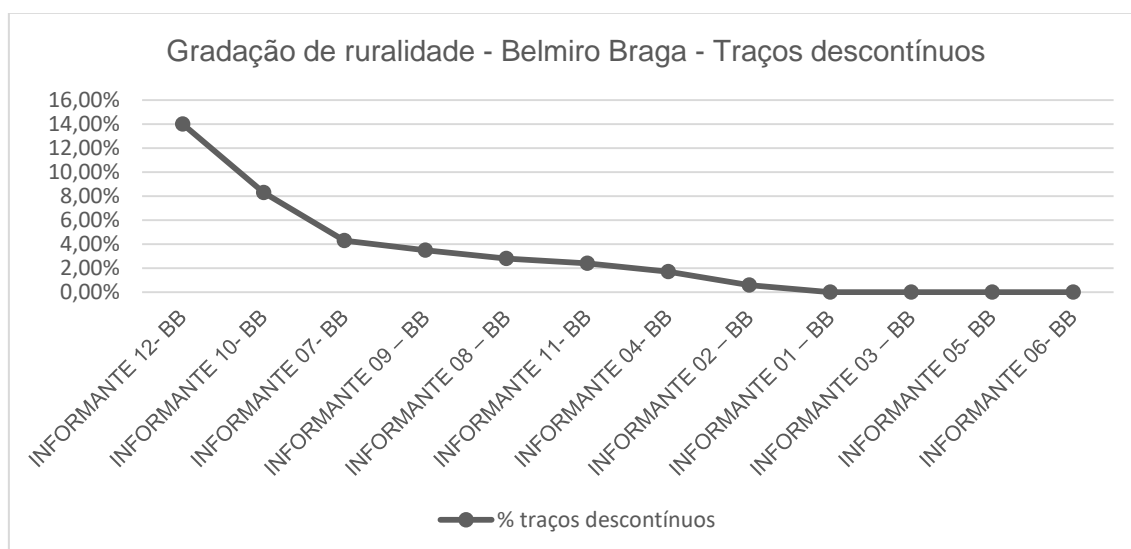
Tabela 44 - Percentual de traços descontínuos/informante

BELMIRO BRAGA	% traços descontínuos	OLIVEIRA FORTES	% traços descontínuos
INFORMANTE 01 – BB	0%	INFORMANTE 01 - OF	4,6%
INFORMANTE 02 – BB	0,6%	INFORMANTE 02 - OF	0,6%
INFORMANTE 03 – BB	0%	INFORMANTE 03 - OF	6,9%
INFORMANTE 04- BB	1,7%	INFORMANTE 04 - OF	16,4%
INFORMANTE 05- BB	0%	INFORMANTE 05 - OF	14,0%
INFORMANTE 06- BB	0%	INFORMANTE 06 - OF	17,7%
INFORMANTE 07- BB	4,3%	INFORMANTE 07 - OF	19,9%
INFORMANTE 08 – BB	2,8%	INFORMANTE 08 - OF	20,4%

INFORMANTE 09 – BB	3,5%	INFORMANTE 09 - OF	20,7%
INFORMANTE 10- BB	8,3%	INFORMANTE 10 - OF	6,7%
INFORMANTE 11- BB	2,4%	INFORMANTE 11 - OF	16,3%
INFORMANTE 12- BB	14,0%	INFORMANTE 12 - OF	16,0%

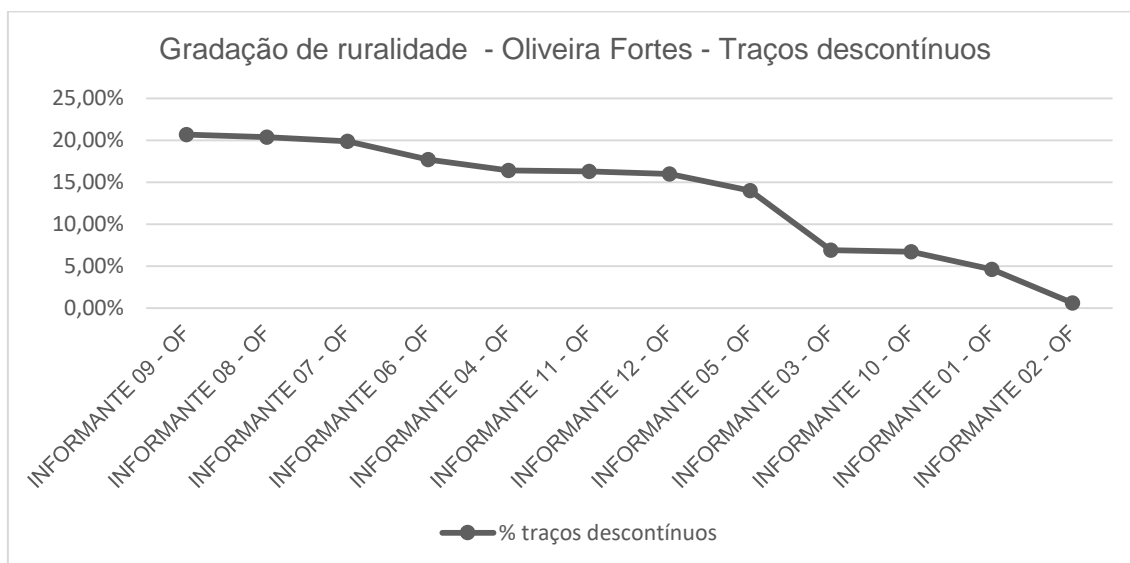
Ao organizar os percentuais acima em ordem decrescente, observa-se a distribuição apresentada nos gráficos que se seguem:

Gráfico 34 - Gradação de ruralidade em Belmiro Braga (traços descontínuos)



Em Belmiro Braga, destacam-se os informantes 12 e 10, que apresentam mais traços descontínuos. Os informantes 07, 09, 08, 11, 04 e 02 aparecem na seqüência com percentual menor, mas ainda conservando as variantes estereotipadas em suas falas. Já os informantes 01, 03, 05 e 06 não realizam nenhum uso da variante desprestigiada em relação ao rotacismo, à iodização da palatal /ʎ/ e à perda do [l] no pronome de terceira pessoa do singular.

Gráfico 35 - Gradação de ruralidade em Oliveira Fortes (traços descontínuos)



Em Oliveira Fortes, os informantes que lideram o uso dos traços descontínuos são os informantes 09, 08 e 07, seguidos pelos informantes 06, 04, 11, 12 e 05. Observa-se um distanciamento do extremo da ruralidade nos informantes 03, 10 e 01. Nesse caso, vale ressaltar que a informante 02 é a mais distante, com apenas 0,6% de traços descontínuos em sua fala.

Ao contrastar as duas maneiras de realizar a gradação entre os informantes, atesta-se que, embora o agrupamento dos informantes não se difira muito em relação ao enquadramento nos gráficos, a análise que considera apenas a distribuição dos traços descontínuos torna-se mais significativa, pois elucida quais falantes seriam mais rurais do que os demais e possibilita o cruzamento com as variáveis sociais, reforçando a relação entre os fatores internos e externos, conforme a perspectiva sociolinguística que ancora o presente estudo.

Na próxima seção, serão explorados os perfis dos informantes e a relação com os dados analisados.

5.2.3. Falantes mais e menos rurais: aspectos sociais

Diante das gradações no *continuum* de ruralidade, evidencia-se que tanto as localidades rurais podem ser enquadradas como mais ou menos rurais quanto os informantes que residem nas localidades.

Para explicar a gradação de ruralidade dos informantes³², é necessário recorrer a determinadas variáveis sociais que auxiliam na caracterização do perfil dos indivíduos. Nesse sentido, busca-se realizar uma síntese do perfil dos informantes – explorado no Capítulo III – de forma correlacionada com os dados.

Tal estratégia se assemelha à adotada por Gal (1979), em seu estudo em Oberwärt, na Áustria. A pesquisadora criou, por meio de indicadores de engajamento dos falantes com as atividades no campo, uma escala com “grau de ruralidade”, bem como verificou como era o perfil de suas redes sociais. Assim, constatou que a ruralidade da rede dos falantes estava diretamente atrelada aos usos das variantes (no caso, alemão e húngaro).

Também é necessário recorrer a outras categorias, pois, como destaca Santos (2003, p.54),

[...] no âmbito mais lato da sociolinguística, a especificidade da sociolinguística rural decorre não tanto dos seus instrumentos operatórios ou do quadro teórico em que se move, mas da singularidade do seu universo de estudo, durante algum tempo pertença exclusiva da dialectologia. Se o objetivo dos sociolinguistas é encontrar “measures of social variation to which they can relate the kinds of linguistic variation they observe”, esses factores não podem ser detectados desconsiderando as coordenadas que definem cada comunidade. É, então, necessário averiguar com precisão qual o número e a importância relativa de cada um desses factores em cada grupo humano a estudar e é exactamente na sua conjugação que o ambiente rural se revela específico.

Dentro dessas singularidades, as três categorias trazidas por Wanderley (2009) no que se refere à configuração dos espaços rurais, conforme já detalhado no Capítulo III, são fundamentais, isto é, intensidade, complexidade e distância na relação rural-urbano, considerando a zona de residência dos

³² Ressalta-se que não será utilizado nenhum escore ou medida quantitativa. Far-se-á uma análise interpretativa, considerando os dados da ficha social e da ficha de redes, bem como informações obtidas durante a entrevista.

informantes. Nessa direção, considera-se a mobilidade rural-urbana do informante em três níveis: alto (com frequência maior do que uma vez na semana); médio (com frequência maior do que uma vez por mês); e baixo (com frequência menor do que uma vez no mês).

Também se analisa a configuração das redes sociais dos falantes, pois, como já exposto no Capítulo II, a tessitura da rede interfere diretamente no perfil sociolinguístico. Desta vez, retoma-se a função social das redes sociais em uma análise mais empírica, considerando que as diferenças nas redes sociais dos indivíduos podem justificar seus comportamentos linguísticos, uma vez que as normas de uso da língua são parcialmente sociais (GAL, 1979; BORTONI-RICARDO, 1989; 2011). Assim, classificam-se as redes como isoladas ou integradas, levando-se em consideração os critérios analíticos propostos por Bortoni-Ricardo (2011), segundo a qual as redes que possuem um limite territorial demarcado, restrito à família e a vizinhos, são consideradas isoladas, cujas relações são densas e multiplex. Por outro lado, naquelas em que não há um limite territorial definido, ou seja, em que as pessoas se relacionam em variados contextos sociais, as redes tendem a ser maiores e mais heterogêneas, tornando-se integradas, com relações frouxas e uniplex.

Além disso, no presente estudo, particularmente, observa-se nitidamente a distinção referente ao sentimento de pertencimento em relação à comunidade, a qual também será considerada. Tal sentimento tende a condicionar a identificação com o grupo local ou com o grupo de prestígio, refletindo-se na identidade linguístico-social do falante – conforme discutido no Capítulo I. Assim, avalia-se o nível de pertencimento em alto, médio e baixo, por meio do discurso do informante em relação aos questionamentos: Você gosta de morar aqui? Se pudesse, mudaria para a zona urbana?

Outras variáveis consideradas foram: ocupação, estrato socioeconômico, sexo, idade, grau de instrução e acesso aos meios de comunicação. Tais variáveis foram fundamentadas em Santos (2003), que as considera como importantes para a Sociolinguística Rural e que também ressalta que elas são igualmente exploradas, de modo amplo, em estudos cujo escopo é de influência laboviana.

A seguir, é apresentado o quadro com a síntese das variáveis sociais dos informantes de Belmiro Braga e Oliveira Fortes.

Quadro 2 - Variáveis sociais dos informantes – Belmiro Braga

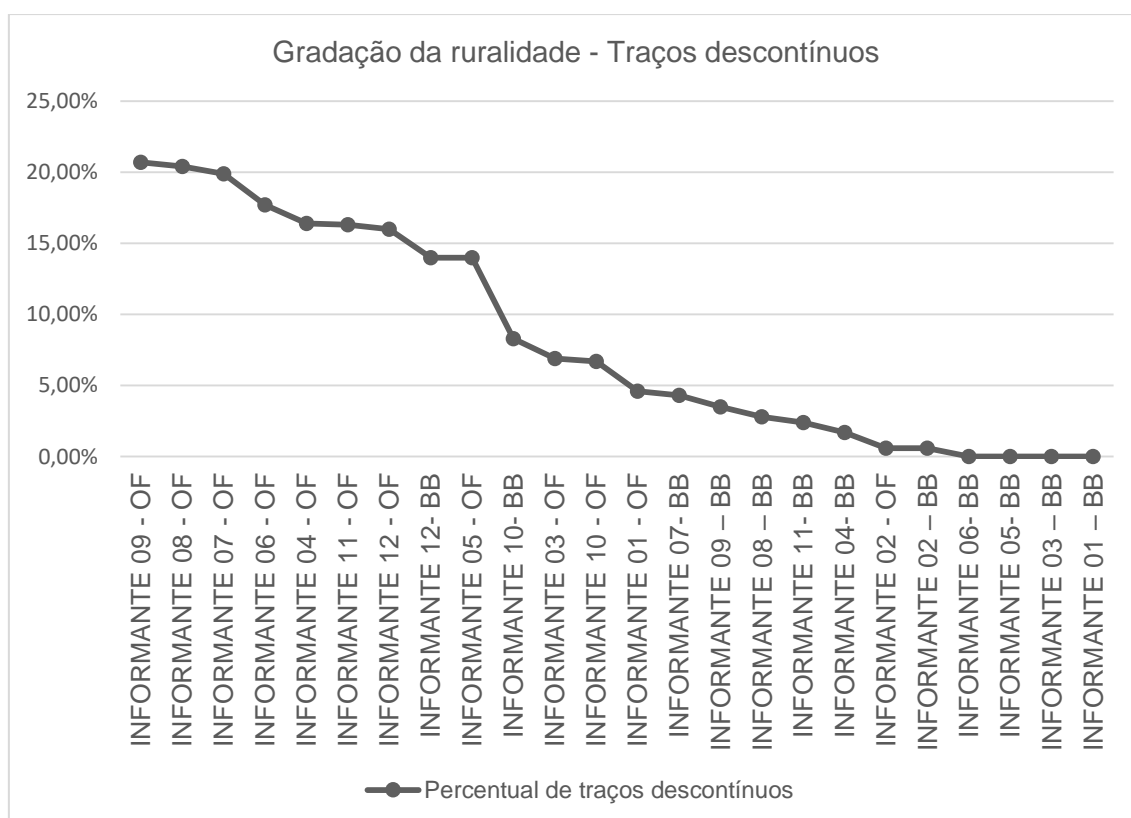
INFORMANTE	Intensidade, complexidade e distância	Configuração das redes sociais	Sentimento de pertencimento	Grau de instrução	Ocupação	Estrato sócio-econômico	Sexo	Idade	Acesso aos meios de comunicação
INFORMANTE 01 – BB	Médio	Isolada	Alto	ensino médio incompleto	acompanhante de idosos	baixo	F	25	baixo
INFORMANTE 02 – BB	Alto	Isolada	Alto	ensino médio completo	do lar	médio	F	38	alto
INFORMANTE 03 – BB	Alto	Isolada	Baixo	ensino médio incompleto	faxineira	baixo	F	32	alto
INFORMANTE 04 - BB	Alto	Integrada	Alto	ensino fundamental completo	auxiliar de educação	médio	F	52	alto
INFORMANTE 05 - BB	Alto	Isolada	Baixo	ensino fundamental incompleto	do lar	Alto	F	65	médio
INFORMANTE 06 - BB	Médio	Isolada	Alto	ensino fundamental incompleto	doméstica	baixo	F	55	baixo
INFORMANTE 07 - BB	Médio	Isolada	Médio	ensino fundamental incompleto	estudante	baixo	M	16	médio
INFORMANTE 08 - BB	Médio	Isolada	Médio	ensino fundamental incompleto	não possui	baixo	M	16	baixo
INFORMANTE 09 - BB	Médio	Isolada	Alto	ensino fundamental incompleto	estudante	baixo	M	16	baixo
INFORMANTE 10 - BB	Médio	Isolada	Alto	ensino fundamental incompleto	aposentado	médio	M	65	baixo
INFORMANTE 11 - BB	Alto	Integrada	Médio	ensino médio completo	aposentado	médio	M	68	médio
INFORMANTE 12 – BB	Baixo	Isolada	Alto	analfabeto	aposentado	baixo	M	70	baixo

Quadro 3 - Variáveis sociais dos informantes – Oliveira Fortes

INFORMANTE	Intensidade, complexidade e distância	Configuração das redes sociais	Sentimento de pertencimento	Grau de instrução	Ocupação	Estrato socioeconômico	Sexo	Idade	Acesso aos meios de comunicação
INFORMANTE 01 - OF	Médio	Isolada	Médio	ensino fundamental incompleto	do lar	baixo	F	19	Baixo
INFORMANTE 02 - OF	Médio	Isolada	Baixo	ensino médio completo	do lar	médio	F	22	Médio
INFORMANTE 03 - OF	Alto	Isolada	Médio	ensino médio completo	do lar	médio	F	34	Médio
INFORMANTE 04 - OF	Médio	Isolada	Alto	ensino médio completo	do lar	Alto	F	56	Baixo
INFORMANTE 05 - OF	Médio	Isolada	Alto	analfabeta	aposentado	Alto	F	73	baixo
INFORMANTE 06 - OF	Médio	Isolada	Alto	ensino fundamental completo	do lar	médio	F	64	médio
INFORMANTE 07 - OF	Médio	Isolada	Alto	ensino fundamental incompleto	retireiro	baixo	M	19	baixo
INFORMANTE 08 - OF	Alto	Isolada	Alto	ensino médio incompleto	estudante	Alto	M	16	alto
INFORMANTE 09 - OF	Baixo	Isolada	Alto	ensino fundamental incompleto	retireiro	baixo	M	29	baixo
INFORMANTE 10 - OF	Alto	Integrada	Alto	ensino fundamental completo	motorista	médio	M	45	médio
INFORMANTE 11 - OF	Médio	Isolada	Alto	analfabeto	aposentado	baixo	M	69	baixo
INFORMANTE 12 - OF	Médio	Isolada	Alto	ensino fundamental incompleto	produtor rural	médio	M	68	baixo

Apesar do perfil diferenciado das localidades, agrupam-se todos os informantes neste momento da análise, de tal modo que seja possível observar padrões semelhantes de falantes, mesmo em zonas rurais distintas. A seguir, é apresentada, a partir dos traços descontínuos, a consolidação dos dados que permitiram a composição do gráfico a seguir.

Gráfico 36 - Gradação da ruralidade – Traços descontínuos



No intervalo apresentado no gráfico acima, evidencia-se que os informantes 09 (OF), 08(OF), 07(OF), todos de Oliveira Fortes, podem ser considerados como falantes mais rurais do que os demais. Dentre os aspectos sociais que os aproximam, destacam-se a configuração da rede como isolada, o alto sentimento de pertencimento e a ocupação, uma vez que os informantes 07 e 09 são retireiros, lidando diretamente com a vida no campo, e o informante 08, embora ainda seja estudante, tem forte ligação com o trabalho de seu pai (produtor rural). Também se destacam a faixa etária e o sexo, pois os três informantes pertencem à primeira faixa etária e são do sexo masculino. Em contrapartida, diferenciam-se em relação à

mobilidade e ao contato com o meio urbano, ao estrato socioeconômico e ao acesso aos meios de comunicação.

Na continuação da gradação, encontram-se os informantes 06 (OF), 04 (OF), 11(OF), 12(OF), 12 (BB) e 05(OF), os quais apresentam entre 18% a 14% de traços descontínuos em suas falas. Tais percentuais são representativos e os aproximam da margem de ruralidade dentro do *continuum*. Os elementos principais que unem esses seis informantes são: a rede isolada; o alto grau de sentimento de pertencimento à zona rural; a mobilidade e o acesso aos meios de comunicação no nível médio ou baixo; e o pertencimento à segunda faixa-etária. Em relação ao sexo, observa-se um padrão diferenciado, sendo três informantes do sexo masculino e três do sexo feminino. De igual modo, a ocupação varia, sendo os informantes do sexo masculino aposentados, mas com relação com a produção rural, e os do sexo feminino são “do lar”. A escolarização é variada, havendo informantes analfabetos (05 (OF), 11 (OF) e 12 (OF), com Ensino Fundamental incompleto (06 (OF)), com Ensino Fundamental completo (12 (OF)) e Ensino Médio completo (04 (OF)).

Já no centro do *continuum*, há os informantes que apresentam menos de 9% de ocorrências das variantes mais estigmatizadas, São os informantes 10 (BB), 03 (OF), 10 (OF), 01 (OF), 07 (BB), 09 (BB), 08 (BB), 11 (BB), 04 (BB), 02 (OF) e 02 (BB). Tais informantes são mais heterogêneos em seus perfis, mas possuem aspectos em comum em relação ao contato com o meio urbano (intensidade, complexidade e distância), obtendo mobilidade classificada como média ou alta. Em relação ao sentimento de pertencimento, apenas a informante 02 (OF) não se sente pertencente à zona rural; os demais estão no nível médio ou alto de engajamento com a vida no campo. Na configuração das redes, a maioria dos falantes possui rede isolada, com exceção dos informantes 04 (BB), 11 (BB) e 10 (OF), os quais apresentam redes integradas, em função da ocupação e das funções desempenhadas: auxiliar de educação, aposentado como funcionário público e motorista, respectivamente. Destaca-se, ainda, que todos os informantes são escolarizados, possuindo, pelo menos, o Ensino Fundamental incompleto, em geral até o sétimo ano. Em relação ao estrato socioeconômico, nenhum deles pertence à classe social mais alta, situando-se entre média e baixa. Em relação ao sexo e faixa-etária, há todos os perfis neste intervalo.

Os informantes mais distantes da ruralidade, com 0% de traços descontínuos são: 06 (BB), 05 (BB), 03 (BB) e 01 (BB). Além de serem da mesma localidade, ou

seja, Belmiro Braga, todos os informantes pertencem ao sexo feminino, possuem redes isoladas e ocupações próximas a serviços domésticos (acompanhante de idosos, faxineira, do lar e doméstica). As quatro informantes são escolarizadas, com Ensino Fundamental incompleto ou Ensino Médio incompleto. As informantes diferem em relação à faixa etária (duas pertencem à primeira faixa, e duas à segunda faixa-etária), ao estrato socioeconômico (a informante 05 pertence à classe alta) e ao acesso aos meios de comunicação.

É válido destacar que as informantes 06 e 01 são mãe e filha, o que pode explicar as semelhanças em seus perfis, uma vez que, embora apresentem um alto grau de sentimento de pertencimento, não apresentam marcas linguísticas que a estereotipam como falantes rurais. No caso das informantes 03 e 05, esse sentimento já é reduzido, tendendo ao não engajamento com a vida na comunidade e ao anseio para se deslocar para a zona urbana. Além disso, o que parece justificar a ausência de ocorrências das variantes estereotipadas como rurais é a relação com o meio urbano, em grau médio (01 (BB) e 06 (BB)) e alto (03 (BB) e 05 (BB)).

Diante do que foi descrito nesta seção, sistematizam-se, a seguir, as principais constatações acerca dos achados.

5.3. Algumas definições

O questionamento principal que norteia a presente pesquisa está atrelado ao delineamento sociolinguístico nas zonas rurais no contexto atual, tendo em vista o processo de variação e mudança linguística a que toda e qualquer variedade linguística está sujeita. Neste capítulo final, discute-se uma possibilidade de delineamento da fala rural, pautado em um *continuum* de ruralidade (já exposto no Capítulo IV) e em suas gradações, situando não apenas as localidades, mas também os informantes dentro desse *continuum*.

Por se tratar de um tema pouco explorado na literatura sociolinguística, o direcionamento seguido foi baseado nas tendências dos estudos que contrastam variedades linguísticas. A principal referência nessa direção é Bortoni-Ricardo (2005), com a proposta do *continuum* de urbanização – que permite analisar a variação linguística sob a ótica da movimentação rural-urbana. Aqui, propõe-se o *continuum* de ruralidade não como uma novidade, mas apenas como um detalhamento dentro do

intervalo entre os extremos rural e urbano, considerando o critério sociogeográfico de “zona rural”, o qual ainda tem sido pouco investigado no âmbito da sociolinguística.

A partir do *continuum* de ruralidade, surgem outros questionamentos a respeito dos critérios de enquadramento dos falantes. São eles: o que leva um falante a ser considerado como falante rural?; como situar um morador da zona rural dentro do *continuum*?; que aspectos linguísticos devem ser considerados?; que aspectos sociais devem ser observados?; é possível obter um delineamento a respeito da fala rural?

Ainda que os questionamentos não se esgotem – e a cada instante, surjam novos –, a análise realizada neste Capítulo elucidará alguns pontos importantes para este e para futuros estudos sobre a variação linguística em zonas rurais:

- 1) Amaral (1920) mapeou o falar caipira com base em traços gerais. Dentre os fenômenos aqui analisados, todos se encontram presentes nas zonas rurais, mas não de forma categórica. Há normas diferentes dentro das zonas rurais. Há zonas rurais mais ou menos conservadoras. Por isso, ao se dizer que, “na zona rural, fala-se assim e que, na zona urbana, fala-se assim” – como, por exemplo, “na zona rural, fala-se *probrema, muié, andanu; us meninu; nós va*” e, “na zona urbana, fala-se *problema, mulher, andando; os meninos; nós vamos*” –, é necessário relativizar, pois as variantes conservadoras e inovadoras convivem, em maior ou menor grau, em ambos os espaços.
- 2) Embora o nível de isolamento de uma comunidade rural não seja passível de ser mensurado de modo quantitativo, é possível recorrer às categorias de intensidade, complexidade e distância em relação ao espaço urbano (WANDERLEY, 2009), baseadas na Sociologia Rural. No que se refere aos falantes, a perspectiva das Redes Sociais (MILROY, 1980, 1987, 2004; MILROY & MILROY, 1985; BORTONI-RICARDO, 1985, 2011) mostra-se de fundamental importância para atestar a difusão e a focalização dialetal por meio dos contatos linguísticos.
- 3) O conceito de traços graduais e descontínuos são essenciais quando se contrasta o rural e urbano (BORTONI-RICARDO, 2005), bem como quando se

contrasta o “mais” rural com o “menos” rural, ou seja, quando se detém na análise das zonas rurais.

- 4) Mesmo sem testes de avaliação das variantes (os quais seriam ideais, mas não foram realizados no presente estudo), é possível atestar os traços descontínuos por meio da análise linguística nas comunidades, contrapondo-os aos graduais. Para tanto, é necessário contemplar diversos fenômenos e verificar quais possuem uma distribuição mais homogênea na comunidade e quais são mais específicos.
- 5) A frequência dos traços rurais graduais auxilia na definição de uma zona rural como mais conservadora do que a outra. Tais traços ainda precisam ser mais explorados, contrapondo as localidades, principalmente em relação aos fenômenos cujos percentuais representaram cerca de 50% das ocorrências em Belmiro Braga e mais de 80% em Oliveira Fortes, como: i) perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais; ii) perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal; iii) simplificação da concordância nominal e iv) simplificação da concordância verbal. É necessário que os dados aqui encontrados sejam contrapostos a dados do intervalo urbano-urbano, comparando sua distribuição, de modo a atestar sua gradualidade ao longo do *continuum* de urbanização.
- 6) A ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras é um fenômeno recorrente nas duas localidades, o que pode se justificar pelo fato de ser uma característica da região estudada (ZÁGARI, 1998, 2005).
- 7) Dentre os moradores das zonas rurais, há gradações de ruralidade. Nessa gradação, influem aspectos linguísticos e sociais. No que se refere aos aspectos linguísticos, um caminho metodológico é computar os percentuais de uso das variantes mais estigmatizadas, estereotipadas como falar rural – neste estudo, o rotacismo, a iodização da palatal /ʎ/ e a perda do [j] no pronome de terceira pessoa do singular – e contrapor os informantes. No que se refere aos aspectos sociais, mais do que a escolarização, o acesso aos meios de comunicação e a configuração das redes sociais dos falantes, o sentimento de

pertencimento em relação à comunidade é condição preponderante para localizar o falante dentro da gradação de ruralidade. Contudo, é válido enfatizar que apenas o sentimento de pertencimento não é suficiente, pois é necessário conjugar outros aspectos sociais e analisar as particularidades de cada localidade e grupo de falantes.

- 8) Os falantes mais rurais no presente estudo não possuem as mesmas características do “falante ideal” para a Dialetologia, isto é, sexo masculino, analfabeto e idoso. Embora pertençam ao sexo masculino, são escolarizados (Ensino Fundamental incompleto ou em andamento) e possuem entre 16 e 29 anos). Entre os analfabetos, há usos característicos da fala rural estereotipada, mas não na mesma proporção dos falantes mais rurais.
- 9) Os moradores da zona rural que se distanciam das variantes mais estigmatizadas, por sua vez, pertencem ao sexo feminino, reforçando a constatação de Labov (1982) em relação à sensibilidade das mulheres diante da norma de prestígio. A hipótese, referente às informantes deste estudo, é a de que essa sensibilidade é “aguçada” em função do frequente contato com o meio urbano (no caso, Juiz Fora).
- 10) As variáveis sociais investigadas (intensidade, complexidade e distância em relação ao meio urbano, configuração das redes sociais, sentimento de pertencimento, grau de instrução, ocupação, estrato socioeconômico, sexo, idade e acesso aos meios de comunicação) se correlacionam no delineamento da fala rural³³.

A análise dos dados dos vinte e quatro informantes nos dois municípios investigados não permite generalizações sobre a fala rural, mas elucida a necessidade e a importância de se atentar para esse objeto de estudo nas pesquisas sociovariacionistas.

Por meio deste estudo, constata-se que o espaço rural é um território linguístico heterogêneo e importante de ser investigado, para que não se caia na generalidade e

³³Como não foi realizada uma análise quantitativa a partir da utilização do programa estatístico GoldVarb/Varbrul, não foram obtidos o peso relativo e a relevância de cada uma das variáveis sociais. A análise foi qualitativa, por meio da interpretação dos achados.

não deixem de ser contempladas as especificidades de cada comunidade de fala. Em contrapartida, a tendência em afirmar que são os falantes da zona rural que estão caminhando rumo à urbanização apenas contribui para a negação do rural em nossa sociedade, como bem discutido nos pressupostos da Sociologia Rural (ABRAMOVAY, 2000; WANDERLEY, 1994, 1998, 2009). A zona rural não passa a ser urbana por apresentar características linguísticas inovadoras. O falante não deixa de ser rural por apresentar, em sua fala, marcas de urbanização.

Assim, continua sendo necessário alcançar um espaço de discussão sobre a variação no espaço rural para que se observem as tendências linguísticas e haja uma reflexão sobre tomadas de atitudes para que a diversidade linguística presente nas zonas rurais brasileiras seja respeitada, valorizada e, antes de tudo, conhecida e compreendida por meio de investigações sociolinguísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo visou a ampliar a compreensão da variação linguística na fala dos moradores da zona rural dentro de um recorte específico, tendo em vista a carência encontrada no âmbito da Sociolinguística Variacionista no Brasil.

Em um primeiro momento, evidenciou-se a importância de se eleger a zona rural brasileira como foco de investigação e esclareceu-se, com base em argumentos de estudiosos da sociohistória do português brasileiro, a complexidade da análise linguística diante da polarização rural-urbana. Posteriormente, foi realizada a revisão de literatura, elencando estudos sobre a fala rural no Brasil, especialmente no que se refere ao dialeto caipira (AMARAL, 1920) e à descrição do português popular (CASTILHO, 2010). A partir desses estudos, foram selecionados dez fenômenos variáveis, os quais foram analisados no *corpus* organizado com 12 informantes da zona rural de Belmiro Braga e 12 informantes da zona rural de Oliveira Fortes.

Os dez fenômenos pesquisados, os quais contabilizaram 6.455 ocorrências analisadas, permitiram obter um panorama sobre quais variantes continuam sendo produtivas no espaço rural em comparação com o que foi descrito por Amaral (1920) e quais já se difundiram no português brasileiro, independente da zona de residência dos falantes. Assim, foi possível atestar, quantitativamente, no contraste entre as duas localidades, quais variantes podem ser consideradas como descontínuas e quais seriam graduais.

Após a análise dos dados, constataram-se diferenças entre as localidades e entre os moradores, permitindo a proposição analítica de um *continuum* de ruralidade, conforme a frequência dos traços descontínuos. Trata-se de um desdobramento do *continuum* rural-urbano explorado por Bortoni-Ricardo (2004, 2005), o qual pode servir como um importante instrumento para a compreensão da variação linguística no espaço rural, mediante análises contrastivas dos fenômenos em variação.

Ao longo da pesquisa, cada aspecto elucidado abriu um leque de questionamentos; todavia, chega-se ao final da pesquisa com a certeza de que há, ainda, muito a ser explorado no que concerne à variação linguística nas zonas rurais. As duas localidades aqui analisadas permitem, apenas, iluminar o caminho de uma agenda da Sociolinguística Rural no Brasil, cujo foco esteja voltado para a

investigação intrínseca às comunidades rurais ao redor do país a partir da proposição de uma unidade teórico-metodológica e analítica que permita obter um panorama da variação e mudança linguística nesses cenários.

A definição de tais critérios precisa ser discutida e ampliada, mas, diante deste estudo, verifica-se a necessidade de se considerarem, além das variáveis externas clássicas da Sociolinguística Variacionista (sexo, faixa etária, escolarização), a configuração das redes sociais, o engajamento com o modo de vida rural, a mobilidade e a relação com o espaço urbano (intensidade, complexidade e proximidade). Também é importante explorar fenômenos em variação nos níveis fonético-fonológico, morfossintático, semântico e pragmático, além de se aplicarem testes de crenças e atitudes linguísticas entre os próprios falantes moradores da zona rural.

Espera-se, desse modo, que este estudo fomente o debate sobre a diversidade linguística nas zonas rurais e aguce o interesse de novos pesquisadores para a área da Sociolinguística Rural no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. *Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo*. Texto para Discussão nº 702 – IPEA – Rio de Janeiro, 2000.

ALMEIDA, J. E. de. *A influência da urbanização na fala de informantes rurais*. Tese de Doutorado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2005.

ALMEIDA, N. L. F. *Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades rurais do interior da Bahia*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2005.

ALMEIDA, N.L.F de; CARNEIRO, Z.O.N. O NELPRU (Núcleo de estudos de língua portuguesa rural: apresentação de alguns resultados. Feira de Santana: *Stientibus*, n.29. p.119-132. 2003.

AMARAL, A.. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1920.

_____. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL/MEC, 1982.

ANDRADE, A. L. V. S. *A variação de 'você', 'cé' e 'ocê' no português brasileiro falado*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

ANDRADE, L. M.. *Rupturas e contínuos da Concordância Nominal de número em textos orais de Informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)*. Dissertação de Mestrado. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

ANJOS, S. E. dos A. Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala pessoense. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1999.

AQUINO, M. F. S. Uso variável do ditongo em contexto de sibilante. In: HORA, D. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Pallotti, 2004. p.45-54

ARAÚJO; F. A. V; SOARES, B. R. A relação urbano-rural no distrito de Amanhece/Araguari (MG): Algumas considerações. In: *Anais do V Encontro de Grupos de Pesquisa: Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Socioespaciais*, Santa Maria, 2009. p. 1-19.

ASSIS VEADO, R. M. *Comportamento linguístico do dialeto rural*. Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1982.

BAGNO, M. *A língua de Eulália* (novela sociolinguística). São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, M. (V.N.VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1929/2006.

BARROS, D. S. C.; SAVEDRA, M. M. G. Trirriense: carioca ou mineiro? Um estudo sobre a realização do /s/ final. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 14, 2011. p. 33-44

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *DELTA*, v.5, n.2. São Paulo, 1989. p.185-224

_____. Ditongos derivados. *DELTA*, São Paulo, v.10, n.esp., 1994. p.123-140.

_____. Ditongos derivados: um adendo. In: LEE-S-H. (org.) *Vogais além de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2012. p.57-65

BORTONI-RICARDO, S. M. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

_____. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. *Nós chegemu na escola, e agora? sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Trad. Stella Maris Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola, 2011.

BORDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas*. Trad. Paulo Montero. In: ORTIZ, R. Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1994. (Original: *Langue Française*, 34, maio 1977).

_____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.1983.

BRAGA, L. M. *Ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala marianiense: uma análise paramétrica*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia,. 2012.

BRAGA, M. L. *A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1977.

BRAGA, M. L. & SCHERRE, M. M. P. *A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro*. In: Anais do 1.º Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro: PUC, 1976. p. 464-77.

BRITO, J. F. A. *O objeto direto (ana)fórico no falar rural baiano: um estudo sociolinguístico*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

CALLOU, D. et al. O Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *DELTA*, v.14, n. Especial. São Paulo, 1998. p. 61- 72.

CALLOU, D.; BARBOSA, A.; LOPES, C. O português do Brasil: polarização sociolinguística. In: MOTA, J.; CARDOSO, S.; MATTOS E SILVA, R. V. (org.). *Quinhentos anos da história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 257-291.

CALVET, L-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JR. J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1972.

CÂNDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

CARNEIRO, D. R.; MAGALHÃES, J. S. DE. O sistema vocálico pretônico nas zonas rural e urbana do município de Araguari. *Horizonte científico*. Uberlândia, Vol 2, nº 1, out 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/articl>. Acesso em: 15 nov. 2015.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CASTRO, V. S. *A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros*. 285f. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.

COELHO, M. do S. V. *Uma abordagem variacionista do uso de formas de tratamento no norte de Minas*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

COSTA, L. T. *Estudo do Rotacismo: variação entre as consoantes líquidas*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

COX, I. M. I. P. Crique aqui: um signo mestiço. *Revista Signum: Estudos da linguagem* n. 4. Londrina, 2001. p.81-94.

CRISTÓFARO SILVA, T. Fonologia: por uma análise integrada à morfologia e à sintaxe. In: *Cadernos do Departamento de Letras Vernáculas*. Anais da 2ª. Semana de Estudos Portugueses. v. 2. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1996. p. 56-65.

CUNHA, P. F. A. *A língua portuguesa em Juiz de Fora no século XIX: uma investigação sócio-histórica do falar da Zona da Mata Mineira*. Relatório de Pós-doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

DIAS, M. C. A. C.. *A variação na concordância nominal: um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

ELIA, S. *A unidade linguística do Brasil: condicionamentos geoeconômicos*. Rio de Janeiro: Padrão, 1963.

_____. *Ensaio de Filologia e Linguística*. 3 ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FARIA, N. V. M. *A concordância verbal no português de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: PUC/MG, 2008.

FERREIRA, J. S. *O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto*. Dissertação de Mestrado. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2010.

GAL, S. *Language shift: Social determinants of language change in bilingual Austria*. New York: Academic Press, 1979.

GARCIA, R. R. Para o Estudo de Formação e Expansão do Dialeto Caipira em Capivari. In: *I Congresso Internacional de Linguística Histórica*, Salvador, 2009.

GOMES, C. A.; SOUZA, C. N. R. de. Variáveis Fonológicas. In MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: O tratamento da Variação*. 2 ed.. São Paulo: Contexto, 2004, p. 3-80.

GONÇALVES, V. F.. *A ausência de concordância verbal no Vale do Rio Doce - MG*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

GRACIOSA, D. M. D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

GUEDES, R. J. da C. *Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará*. Mestrado em Letras. Belém do Pará, Universidade Federal do Pará, 2012.

GUY, G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. PhD Dissertation. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981.

HAUPT, C. *Sibilantes coronais - o processo de ditongação e palatalização em sílabas travadas na fala de florianopolitanos nativos: uma análise baseada na Fonologia de Geometria de Traços*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

HONÓRIO, D. de S. *As alterações de escrita em textos de alunos do ensino médio: consequências da oralidade e de convenções ortográficas*. Dissertação de Mestrado. Unisinos, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário regional na Amazônia Acreana. *ALFA*, v. 42 (n.esp.). São Paulo, , 1998. p. 93-107.

JEROSLOW, E. H. M. *Rural Cearense Portuguese: a study of one variety of nonstandard Brazilian speech*. Cornell University dissertation. 1974.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno; Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. *Principles of linguistic change – social factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 2001.

_____. *Principles of linguistic change – internal factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 1994.

_____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.

LEBRÃO, S. M. M. Comunidade de Pouso Alto: um estudo sociolinguístico. *Revista Signótica*. v. 16, n. 2. Goiânia, UFGO, 2004. p. 243-256.

LEITE DE VASCONCELOS, J. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Lisboa: Centro de Estudios Filológicos, 1970.

LEITE, Y.; CALLOU, D.; MORAES, J. Processos em curso no português do Brasil: a ditongação. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. (org.). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Universitária, 2003. p.232-250

LEMLE, M. & NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.

LEIRIA, L. L. *A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /s/*. 74f. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

LEVADO, R. F. *Um estudo sobre o dialeto caipira em Tietê: um comparativo com a obra de Amadeu Amaral sobre a variante linguística da troca do // pelo /r/ ou rotacismo*. Universidade de São Paulo: 2006. Disponível em: <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/23.pdf>. Acesso em nov. 2015.

LOBO, T.C.F; OLIVEIRA, K. A História Social linguística do Brasil no âmbito do "Projeto para a História do Português Brasileiro. IN: CASTILHO, A. T.(org.) *Historiando o Português Brasileiro: história das línguas: variedades, gramaticalização, discursos*. Universität Tübingen Blaubeuren, 2003. p. 80-173

LOPES, N. da S. *Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade*. Tese de Doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2001.

LUCCHESI, D. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, 1994. p. 17-28.

_____. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizado: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROBE, S. & ZIMMERMANN, K. (eds.). *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am main: TFM, 1998. p. 73-100.

_____. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 17, n. 1. São Paulo, 2001. p. 97-130.

_____. Norma linguística e realidade social. In.: BAGNO, M. (Org.). *A linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 63-92.

_____. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 272-284.

_____. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1/2, 2006. p. 83-112

_____. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

_____; BAXTER, A; RIBEIRO, I. (org). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MADUREIRA, E. J. A. A. M. do E. *Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português*. 1987. 107f. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1987.

_____. Reanálise de alguns aspectos da vocalização da lateral palatal no português. *Rev. Est. Ling.*, v. 8, n. 1. Belo Horizonte, 1999. p. 125- 145.

MAIA, F. P. S. *Investigando as formas reduzidas de 'a gente' no dialeto mineiro*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

MARROQUIM, M. *A língua do nordeste: Alagoas e Pernambuco*. São Paulo: Nacional, 1945 [1934]).

MARSHALL, J. Testing Social Network Theory in a rural setting. In: *Reading Working Papers in Linguistics*. v.4, 2000. p. 123 -174.

MARTINS, E. F.. Atlas linguístico do Estado de Minas Gerais: o princípio da uniformidade da mudança linguística nas características fonéticas do português mineiro. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Ano 4, n. 7, 2006.

MARTINS, I. da S.; BUENO, E. S. da S. (2011). Estudo do gerúndio – a transformação de [nd] em [n] no Português falado na região de fronteira . v. 1, n. 4. UEMS/Campo Grande: *Sociodialeto* (online). Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br/edições/9/28092011064716.pdf>. Acesso em nov/2015. p. 1-24

MATTOS E SILVA, R. V. . De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, R. V. (org.). *Para a história do português brasileiro*. Primeiros estudos. v. 2. t. 2. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2001. p. 275-301.

_____. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. In: ALKMIM, T. M. (org.). *Para a história do português brasileiro*. v. 1. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002. p. 443-464.

_____. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola. 2004.

MELLO, V. H. D. de. *Formação de ditongo em sílaba travada por /S/ na fala coloquial gaúcha*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

MELO, G. C. *Língua do Brasil*. Rio de Janeiro. Padrão Livraria Editora. 1981.

_____. *Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

MENDES, A. A. *A ausência ou a presença de artigo definido diante de nomes próprios na fala dos moradores da zona rural de Abre Campo e Matipó – M.G.* Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K.. TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. (eds.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004. p. 549-572.

_____. *Linguistic variation and change*. On the historical sociolinguistics of English. GB: Brasil Blackwell, 1992.

_____. *Language and networks*. GB: Brasil Blackwell, 1987.

_____. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1980.

MILROY, L.; MILROY, J. Linguistic change, social network and speaker innovation. In: *Journal of Linguistics*, vol. 21, Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 339-384.

_____. Belfast: change and variation in an urban vernacular. In: TRUDGILL, P. (ed.). *Sociolinguistic Patterns in British English*. London: Edward Arnold, 1978. p. 19-36.

MOLLICA, M. C. M. A regência variável do verbo ir de movimento. In: SILVA, G. M. S.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p.147-167.

MOLLICA, C., BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística*. São Paulo: Cortez, 2003.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

MONTE, A. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos*. Dissertação de Mestrado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2007.

MOTA, M. A. *A variação dos pronomes “tu” e “você no português oral de São João da Ponte (MG)*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MOTA, J; NASCIMENTO, L. A ausência do ‘d’ no gerúndio: com base em inquéritos experimentais do projeto ALIB: *Hyperion Letras: Revista Científica Semestral do Instituto de Letras da UFBA*. Salvador, s/v, n.7, 2004. Disponível em: http://www.hyperion.ufba.br/revista_7_04.htm. Acesso em: nov. 2015.

MUSSA, A. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

NARO, A. J. The Social and the Structural Dimensions of a Syntactic Change. *Language*, n. 57, 1981. p.63-98.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. A influência de variáveis escalares na concordância verbal. A cor das letras. *Revista do Departamento de Letras e Artes*. n. III. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1999. p. 17-34.

_____. Sobre as origens do português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 9, 1993. p. 437-454.

_____. Variação e Mudança Linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In: *Cadernos Estudos Linguísticos Campinas* (20) Jan/Jun, 1991. p. 9-16.

NASCIMENTO, K. R. S. do; ARAÚJO, A. A. de; CARVALHO, W. J. de A. A redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista. *Veredas*, v. 2. Juiz de Fora: UFJF. 2013. p. 398-413. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/04/21%C2%BA-ARTIGO.pdf>. Acesso em nov/2015.

NEGREIROS, M. F. de C. D. *A vogal átona final no falar dos picoenses: uma investigação sociolinguística*. Dissertação de Mestrado. Piauí: Universidade Federal do Piauí, 2012.

NICOLAU, E. M. das D. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1984.

NINA, T. de J. C. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC, 1980.

NOLL, V. A formação do Português do Brasil. In: DIETRICH, W. e NOLL, V. *O Português do Brasil*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt-am-Main: Vervuert, 2004.

OLIVEIRA, A. J. de. *'Comendo o final das palavras': análise variacionista da haplogogia, elisão e apócope em Itaúna/MG*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

OLIVEIRA, K. *Textos escritos por africanos e afro-descendentes na Bahia do século XIX: fontes do nosso 'latim vulgar'?* Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2003.

_____. O verso e o reverso: redução de ditongos e ditongação em textos escritos por negros no Brasil Oitocentista. *SIGNUM: Estud. Ling.*, n.11/2. Londrina, 2008. p. 155-175

OLIVEIRA, M. A. *Variation and change in brazilian portuguese: the case of the liquids*, Tese de Doutorado. Universidade da Pensilvânia, 1983.

PENHA, J. A. P. *Português rural de Minas numa visão tridimensional: na fala, nos textos regionais, nos escritores antigos*. Franca: Unesp.1997.

PERES, E. P.. *O uso de "você", "ocê" e "cê" em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

PRETI, D. (org.). *O discurso oral culto*. São Paulo, Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997.

PINHEIRO, N. L. de A. *O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

PONTES, V. M. L. *A concordância nominal de uma comunidade de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC, 1979.

POPLACK, S. Delection and disambiguation in Puerto Rican Spanish. *Language*, Baltimore, v. 56, n. 2, 1980. p.371-385.

REIS, G. F. M. dos. Cravícula ou Carcanhá: a incidência do rotacismo no falar maranhense. *Revista Littera*, v. 1, nº 1, jan-jul, p.33-40, 2010.

RIBEIRO, G. A. O vocabulário rural de Passos/Minas Gerais: um estudo linguístico nos sertões do Jacuhy. In: *Anais do Encontro sobre a diversidade linguística de Minas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 194-201.

RIBEIRO, P. R. O. *O perfil sociolinguístico do município de Oliveira Fortes - MG: a concordância nominal e verbal*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

RODRIGUES, A. N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.

RODRIGUES, A. C. de S. A concordância verbal no português popular em São Paulo. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1987.

RODRIGUES, E. P. *A concordância nominal de gênero em sintagmas nominais: um estudo contrastivo entre comunidades rurais baianas e Luanda-Angola*. Dissertação de Mestrado. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana. 2012.

SANTOS, I, A. *Variação Linguística Em Espaço Rural: A Vogal (ü) Numa Comunidade Do Baixo Mondego*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

SANTOS, L. L. O uso do modo imperativo no português rural do estado da Bahia. Comunicação apresentada no *VIII Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA*. Salvador, 2007.

SANTOS, K. B. *Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

SANTOS, L. S. M. *Sobre a ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo - MG: uma abordagem variacionista*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

SANTOS, T. F. R. Falares rurais goianos. *Revista da UFG*, v. 7, n. 1, 2004.

_____. *A mudança Adjetivo/Nome > Nome/Adjetivo e o conservadorismo da fala rural goiana*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte-MG, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

SCHERRE, M. M. P. Phrase level parallelism effect on noun phrase number agreement. *Language Variation and Change*. n. 13. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 91-107.

_____. Paralelismo Linguístico. *Revista de estudos da linguagem*. v. 7, n. 2. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998. p. 29-59.

_____. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (org.). *Padrões sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) – Norma e Variação do Português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa, 1994. p. 37 – 49.

_____. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

_____. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1978.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *SCRIPTA*. v. 9, n. 18. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p.109-131.

_____. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas sujeito simples. In: GROBE, S. & ZIMMERMANN, K. (eds). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. vol. 17. Frankfurt AM Main: TFM, 2000.

_____. *Sobre a concordância de número no português falado do Brasil*. In: RUFFINO, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tubingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 509-523.

_____. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. *DELTA*, vol. 9, n. 1. São Paulo: EDUC, 1993. p. 1- 14.

_____. The serial effect on internal and external variables. *Language Variation and Change*. Cambridge: Cambridge University Press, v. 4, n. 1, 1992. p. 1-13.

SILVA, A. dos R. *A ditongação em sílabas fechadas por /S/ nas trilhas das capitais brasileiras*. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2014.

SILVA, D. A. *As cláusulas adverbiais e as redes sociais em Mariana (MG): um estudo a partir de uma abordagem funcionalista*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 2009.

SILVA, F. S. *O processo de monotongação em João Pessoa*. 1997. 120f. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1997.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa*. 5.ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: MEC - Instituto Nacional do Livro, 1986.

_____. *A língua portuguesa no Brasil – Problemas*. Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica, 1960.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

TASCA, Maria. A inserção do glide em sílaba travada por /S/. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.40, n.3, 2005. p.137-162.

TRINDADE, D.; FIGUEIREDO, C. O uso do mais no português rural afro-brasileiro. *Letrônica*, v. 6, n. 1, Porto Alegre, 2013. p. 269-287.

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction*. Great Britain: Penguin Books, 1974.

VALDEMARIN, V. T. *O liberalismo demiurgo: estudo sobre a reforma educacional projetada nos pareceres de Rui Barbosa*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000.

VIEIRA, S. R. *Concordância verbal: variação em dialetos populares do Norte Fluminense*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

VIEIRA, M.S. Apagamento de /d/: abordagem sociolinguística sob a perspectiva do gênero sexual. *Sociodialecto (online)*. v.1, n.4, p. 1 – 27). Campo Grande: UEMS, 2011.

VOGT BARDEN, L. T. *A variação na concordância verbal na terceira pessoa do plural*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

WANDERLEY, M. N. B. *Uma categoria rural esquecida; os desafios permanentes da sociologia rural brasileira*. Uma homenagem a Maria Isaura Pereira de Queiroz. V Jornada de Ciências Sociais Maria Isaura Pereira de Queiroz. Marília: UNESP, 1994.

_____. *O “lugar” dos rurais: estudo sobre a ruralidade no Brasil – Projeto de Pesquisa*, 1998.

_____. *Urbanização e ruralidade*. Relações entre a pequena cidade e o mundo rural e estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. Recife, 2001.

_____. *O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade* Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

WEINRIECH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WOLFRAM, W; FASOLD, R. W. Foundations of Sociolinguistics. In: _____. *The study of social dialects in American English*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1974.

YOHANA, M. L. *Effects of Social Networks on Livelihoods in Exile and Return: The Case of Southern Sudanese Refugees in Kenya*. University of Nairobi, Institute of Development Studies, 2009.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros. In: AGUILERA, V. A. *A Geografia Linguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998.

_____. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V.A. (org.). *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005. p. 45-72.

APENDICE A

Informante 01 - BB	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	0	0%	23	100%	23
Perda da vogal átona inicial	12	92,3%	01	7,7%	13
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	10	29,4%	24	70,6%	34
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	03	100%	0	0%	03
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	05	100%	0	0%	05
lodzição da palatal /ʎ/	10	100%	0	0%	10
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	08	30,8%	18	69,5%	26
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	103	100%	0	0%	103
Simplificação da concordância nominal	24	85,7%	04	14,6%	28
Simplificação da concordância verbal	13	56,5%	10	43,5%	23
TOTAL	188	70,1%	80	29,9%	268

Informante 02 - BB	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	02	4,3%	44	95,6%	46
Perda da vogal átona inicial	16	94,1%	01	5,9%	17
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	33	55,9%	34	44,1%	67
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	03	100%	0	0%	03
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	22	88,0%	03	12,0%	25
Iodização da palatal /ʎ/	101	100%	0	0%	101
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	43	97,7%	01	2,3%	44
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	21	100%	0	0%	21
Simplificação da concordância nominal	45	56,2%	35	43,8%	80
Simplificação da concordância verbal	25	54,3%	21	45,7%	46
TOTAL	311	69,1%	139	30,9%	450

Informante 03 - BB	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	0	0%	06	100%	06
Perda da vogal átona inicial	15	71,4%	06	28,6%	21
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	03	20,0%	12	80,0%	15
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	01	50,0%	01	50,0%	02
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	04	100%	0	0%	04
Iodização da palatal /ɲ/	30	100%	0	0%	30
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	10	50,0%	10	50,0%	20
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	58	100%	0	0%	58
Simplificação da concordância nominal	38	73,0%	14	27,0%	52
Simplificação da concordância verbal	14	82,3%	03	17,6%	17
TOTAL	173	76,9%	52	24,1%	225

Informante 04 - BB	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	0	0%	21	100%	21
Perda da vogal átona inicial	10	76,9%	03	23,1%	13
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	08	13,6%	51	86,4%	59
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	05	71,4%	02	28,6%	07
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	14	77,8%	04	22,2%	18
Iodização da palatal /ʎ/	68	98,5%	01	1,5%	69
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	19	50,0%	19	50,0%	38
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	106	98,1%	02	1,9%	108
Simplificação da concordância nominal	27	51,9%	25	48,1%	52
Simplificação da concordância verbal	08	25,0%	24	75,0%	32
TOTAL	265	63,5%	152	36,5%	417

Informante 05- BB	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	03	10,3%	26	89,7%	29
Perda da vogal átona inicial	17	73,9%	06	26,1%	23
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	08	28,6%	20	71,4%	28
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	0	0%	09	100%	09
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	03	100%	0	0%	03
Iodização da palatal /ʎ/	41	100%	0	0%	41
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	03	100%	0	0%	03
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	39	100%	0	0%	39
Simplificação da concordância nominal	36	62,0%	22	38,0%	58
Simplificação da concordância verbal	28	90,3%	03	9,7%	31
TOTAL	178	67,4%	86	32,6%	264

Informante 06 - BB	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	01	4,5%	21	95,5%	22
Perda da vogal átona inicial	13	68,4%	06	31,6%	19
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	07	24,1%	22	75,9%	29
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	06	100%	0	0%	06
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	12	100%	0	0%	12
Iodização da palatal /ʎ/	50	100%	0	0%	50
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	08	100%	0	0%	08
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	51	100%	0	0%	51
Simplificação da concordância nominal	10	24,4%	31	75,6%	41
Simplificação da concordância verbal	17	63,0%	10	37,0%	27
TOTAL	175	66,0%	90	34,0%	265

Informante 07 - BB	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	0	0%	07	100%	07
Perda da vogal átona inicial	01	16,6%	05	83,4%	06
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	02	15,4%	11	84,6%	13
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	0	-	0	-	0
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	02	66,6%	01	33,4%	03
Iodização da palatal /ɲ/	10	90,9%	01	9,1%	11
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	07	63,6%	04	36,4%	11
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	15	88,2%	02	11,8%	17
Simplificação da concordância nominal	06	37,5%	10	62,5%	16
Simplificação da concordância verbal	03	37,5%	05	62,5%	08
TOTAL	46	50,0%	46	50,0%	92

Informante 08 - BB	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	0	0%	41	100%	41
Perda da vogal átona inicial	03	30,0%	07	70,0%	10
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	05	10,9%	41	89,1%	46
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	0	0%	01	100%	01
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	03	75,0%	01	25,0%	04
Iodização da palatal /ʎ/	03	75,0%	01	25,0%	04
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	02	5,5%	34	94,5%	36
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	32	86,5%	05	13,5%	37
Simplificação da concordância nominal	05	11,4%	39	88,6%	44
Simplificação da concordância verbal	02	7,7%	24	92,3%	26
TOTAL	55	22,0%	194	88,0%	249

Informante 09 - BB	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	0	0%	21	100%	21
Perda da vogal átona inicial	01	50,0%	01	50,0%	02
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	06	50,0%	06	50,0%	12
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	03	100%	0	0%	03
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	01	100%	0	0%	01
Iodização da palatal /ʎ/	11	84,6%	02	15,4%	13
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	0	0%	02	100%	02
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	01	50,0%	01	50,0%	02
Simplificação da concordância nominal	01	5,0%	19	95,0%	20
Simplificação da concordância verbal	0	0%	09	100%	09
TOTAL	24	28,2%	61	71,8%	85

Informante 10 - BB	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	0	0%	34	100%	34
Perda da vogal átona inicial	05	18,5%	22	81,5%	27
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	04	7,4%	50	92,6%	54
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	0	0%	05	100%	05
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	12	92,3%	01	6,7%	13
Iodização da palatal /ʎ/	16	39,0%	25	61,0%	41
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	12	28,6%	30	71,4%	42
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	03	100%	0	0%	03
Simplificação da concordância nominal	10	15,4%	55	84,6%	65
Simplificação da concordância verbal	07	25,9%	20	74,1%	27
TOTAL	69	22,2%	242	77,8%	311

Informante 11- BB	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	0	0%	10	100%	10
Perda da vogal átona inicial	06	60,0%	04	40,0%	10
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	04	13,8%	25	86,2%	29
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	01	11,1%	08	88,9%	09
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	04	100%	0	0%	04
Iodização da palatal /ʎ/	07	63,6%	04	36,4%	11
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	15	45,4%	18	54,6%	33
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	33	97,0%	01	3,0%	34
Simplificação da concordância nominal	16	34,8%	30	65,2%	46
Simplificação da concordância verbal	07	41,2%	10	58,8%	17
TOTAL	93	45,8%	110	54,2%	203

Informante 12- BB	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	0	0%	09	100%	09
Perda da vogal átona inicial	03	27,2%	08	72,8%	11
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	02	10,0%	18	90,0%	20
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	0	-	0	-	0
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	0	-	0	-	0
Iodização da palatal /ʎ/	06	35,3%	11	64,7%	17
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	04	44,4%	05	55,6%	09
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	02	100%	0	0%	02
Simplificação da concordância nominal	0	0%	07	100%	07
Simplificação da concordância verbal	01	25,0%	03	75,0%	04
TOTAL	18	22,8%	61	77,2%	79

Informante 01 - OF	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	0	0%	10	100%	10
Perda da vogal átona inicial	0	0%	02	100%	02
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	0	0%	23	100%	23
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	0	-	0	-	0
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	0	-	0	-	0
Iodização da palatal /ʎ/	14	100%	0	0%	14
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	0	0%	03	100%	03
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	06	60,0%	04	40,0%	10
Simplificação da concordância nominal	0	0%	16	100%	16
Simplificação da concordância verbal	0	0%	08	100%	08
TOTAL	20	23,2%	66	76,8%	86

Informante 02 - OF	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	0	0%	32	100%	32
Perda da vogal átona inicial	04	33,4%	08	66,6%	12
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	07	11,3%	55	88,7%	62
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	02	50,0%	02	50,0%	04
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	02	50%	02	50%	04
Iodização da palatal /ʎ/	22	100%	0	0%	22
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	07	17,5%	33	82,5%	40
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	106	99,0%	01	1,0%	107
Simplificação da concordância nominal	59	64,1%	33	35,9%	92
Simplificação da concordância verbal	30	41,1%	43	58,9%	73
TOTAL	239	53,3%	209	46,7%	448

Informante 03 - OF	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	01	1,6%	61	98,4%	62
Perda da vogal átona inicial	27	84,4%	05	15,6%	32
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	01	1,7%	61	98,3%	62
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	0	0%	06	100%	06
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	10	90,9%	01	8,1%	11
Iodização da palatal /ʎ/	31	97%	1	3%	32
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	03	5,7%	50	94,3%	53
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	69	71,9%	27	28,1%	96
Simplificação da concordância nominal	03	5,9%	48	94,1%	51
Simplificação da concordância verbal	01	7,1%	13	92,9%	14
TOTAL	146	34,8%	273	65,2%	419

Informante 04 - OF	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	0	0%	18	100%	18
Perda da vogal átona inicial	05	19,3%	21	80,7%	26
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	0	0%	16	100%	16
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	0	0%	02	100%	02
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	0	0%	07	100%	07
lodzição da palatal /ʎ/	0	0%	32	100%	32
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	0	0%	09	100%	09
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	23	69,7%	10	30,3%	33
Simplificação da concordância nominal	08	8,1%	79	91,9%	87
Simplificação da concordância verbal	15	21,7%	54	78,3%	69
TOTAL	51	17,0%	248	83,0%	299

Informante 05 - OF	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	02	3,3%	58	96,7%	60
Perda da vogal átona inicial	13	35,2%	24	64,8%	37
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	0	0%	49	100%	49
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	0	0%	03	100%	03
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	0	0%	09	100%	09
Iodização da palatal /ʎ/	20	35,7%	36	64,3%	56
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	0	0%	28	100%	28
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	22	64,7%	12	35,3%	34
Simplificação da concordância nominal	05	6,0%	79	94,0%	84
Simplificação da concordância verbal	08	17,0%	39	83,0%	47
TOTAL	70	17,2%	337	82,8%	407

Informante 06 - OF	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	18	51,4%	17	48,6%	35
Perda da vogal átona inicial	05	100%	0	0%	05
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	28	90,3%	03	9,7%	31
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	0	0%	04	100%	04
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	0	0%	10	100%	10
lodzição da palatal /ʎ/	06	27,2%	16	72,8%	22
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	05	38,4%	08	61,6%	13
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	41	66,1%	21	33,9%	62
Simplificação da concordância nominal	01	2,0%	50	98,0%	51
Simplificação da concordância verbal	04	12,5%	28	87,5%	32
TOTAL	108	40,7%	157	59,3%	265

Informante 07 - OF	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	0	0%	18	100%	18
Perda da vogal átona inicial	03	20,0%	12	80%	15
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	0	0%	50	100%	50
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	0	0%	07	100%	07
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	0	0%	05	100%	05
lódização da palatal /ʎ/	08	22,2%	28	77,8%	36
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	0	0%	28	100%	28
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	10	30,3%	23	69,7%	33
Simplificação da concordância nominal	2	3,0%	63	97,0%	65
Simplificação da concordância verbal	03	12,5%	21	87,5%	24
TOTAL	26	9,2%	255	90,8%	281

Informante 08 - OF	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	01	3,8%	25	96,2%	26
Perda da vogal átona inicial	02	100%	0	0%	02
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	11	40,8%	16	59,2%	27
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	0	-	0	-	0
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	03	100%	0	0%	03
Iodização da palatal /ʎ/	06	42,8%	08	57,2%	14
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	0	0%	14	100%	14
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	06	17,1%	29	82,9%	35
Simplificação da concordância nominal	0	0%	38	100%	38
Simplificação da concordância verbal	02	9,9%	20	90,1%	22
TOTAL	31	17,1%	150	82,9%	181

Informante 09 - OF	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	01	7,6%	12	92,4%	13
Perda da vogal átona inicial	06	75,0%	02	25,0%	08
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	02	11,1%	16	88,9%	18
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	0	-	0	-	0
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	03	60%	02	40%	05
Iodização da palatal /ʎ/	06	37,5%	10	62,5%	16
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	0	0%	08	100%	08
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	05	22,7%	17	77,3%	22
Simplificação da concordância nominal	0	0%	30	100%	30
Simplificação da concordância verbal	0	0%	20	100%	20
TOTAL	23	16,4%	117	83,6%	140

Informante 10 - OF	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	0	0%	46	100%	46
Perda da vogal átona inicial	11	47,9%	12	52,1%	23
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	0	0%	42	100%	42
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	0	-	0	-	0
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	02	18,1%	09	81,9%	11
Iodização da palatal /ʎ/	28	75,7%	09	24,3%	37
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	0	0%	25	100%	25
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	37	97,4%	01	2,6%	38
Simplificação da concordância nominal	2	5,4%	35	94,6%	37
Simplificação da concordância verbal	01	3,9%	25	96,1%	26
TOTAL	81	28,4%	204	71,6%	285

Informante 11 - OF	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	0	0%	34	100%	34
Perda da vogal átona inicial	03	17,7%	14	82,3%	17
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	0	0%	45	100%	45
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	01	33,3%	02	66,7%	03
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	0	0%	13	100%	13
Iodização da palatal /ʎ/	08	22,2%	28	77,8%	36
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	0	0%	32	100%	32
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	14	63,6%	08	36,4%	22
Simplificação da concordância nominal	0	0%	64	100%	64
Simplificação da concordância verbal	13	37,1%	22	62,9%	35
TOTAL	39	13,0%	262	87,0%	301

Informante 12 - OF	variante inovadora (urbana)		variante conservadora (rural)		
	n.º	%	n.º	%	TOTAL
Ditongação das vogais tônicas seguidas de sibilante no final das palavras	02	4,8%	40	95,2%	42
Perda da vogal átona inicial	07	43,8%	09	56,2%	16
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal	04	5,1%	75	94,9%	79
Perda da nasalidade e monotongação dos ditongos nasais finais	0	0%	09	100%	09
Troca de [l] por [r] em final de sílaba	13	86,7%	02	13,3%	15
Iodização da palatal /ʎ/	11	52,4%	10	47,6%	21
Perda da consoante [d] quando precedida de vogal nasal	0	0%	24	100%	24
Perda do [l] no pronome pessoal de terceira pessoa	26	32,5%	54	67,5%	
Simplificação da concordância nominal	5	5,8%	82	94,2%	87
Simplificação da concordância verbal	01	2,7%	36	97,3%	37
TOTAL	69	16,8%	341	83,2%	410